

ELLAINE MARTINS OLIVEIRA DA ROCHA



CASA GRANDE DOS DIAS DA SILVA

ESTUDOS PARA REABILITAÇÃO E IMPLANTAÇÃO
DO MUSEU DA CIDADE DE PARNAÍBA, PIAUÍ

ELLAINE MARTINS OLIVEIRA DA ROCHA



CASA GRANDE DOS DIAS DA SILVA

ESTUDOS PARA REABILITAÇÃO E IMPLANTAÇÃO
DO MUSEU DA CIDADE DE PARNAÍBA, PIAUÍ

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
SETORIAL PROF. CÂNDIDO ATHAYDE – CAMPUS PARNAÍBA

R672c Rocha, Ellaine Martins Oliveira da Rocha.
Casa grande dos Dias da Silva: estudos para reabilitação e
implantação do Museu da Cidade de Parnaíba, Piauí [manuscrito]
/ Ellaine Martins Oliveira da Rocha. – 2018.
v.1 266f. : il.

Impresso por computador (printout).
Dissertação (Mestardo Profissional em Artes, Patrimônio e
Museologia) – Universidade Federal do Piauí, 2018.
Orientação: Profª. Drª. Áurea da Paz.

1. Museologia. 2. Casa grande dos Dias da Silva. 3. Museu. 4.
Museu- Cidade de Parnaíba. 5. Patrimônio Cultural.. I. Título.

CDD: 069

© Copyright 2018

Ellaine Martins Oliveira da Rocha

CASA GRANDE DOS DIAS DA SILVA: estudos para reabilitação e implantação do Museu da Cidade de Parnaíba, Piauí

Créditos

Esta dissertação é parte dos resultados da pesquisa-ação sob o título “CASA GRANDE DOS DIAS DA SILVA: estudos para reabilitação e implantação do Museu da Cidade de Parnaíba, Piauí”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, Mestrado Profissional da Universidade Federal do Piauí.

Universidade Federal do Piauí

Reitor

Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

Vice-reitora

Prof. Drª. Nadir do Nascimento Nogueira

Pró-reitor de Ensino de Pós-graduação

Prof. Dr. Helder Nunes da Cunha

Diretor do Campus Ministro Reis Veloso

Prof. Dr. Alexandre Marinho Oliveira

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

Prof. Drª. Áurea Paz Pinheiro

Orientadora

Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro | UFPI | Brasil

Coorientadora

Arquiteta Ceres Magali Maggi Storchi | Brasil

Banca Examinadora

Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro | UFPI | Brasil

Prof. Dr. Idelmar Gomes Cavalcante Junior | UESPI | Brasil

Arquiteto Régis de Athayde Couto | Brasil

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica

Rosa Karina Carvalho Cavalcante

Revisão

Áurea da Paz Pinheiro

Desenho capa | Fotos de chamada

Ellaine Martins Oliveira da Rocha (Com arte de Rosa Karina Carvalho Cavalcante) | Web e Ellaine Martins

Editora

VOX MUSEI arte e patrimônio

ELLAINE MARTINS OLIVEIRA DA ROCHA

CASA GRANDE DOS

DIAS DA SILVA:

ESTUDOS PARA REABILITAÇÃO E IMPLANTAÇÃO
DO MUSEU DA CIDADE DE PARNAÍBA, PIAUÍ



Trabalho Final apresentado ao Programa de Pós-graduação
em Artes, Patrimônio e Museologia, como requisito para
obtenção do grau de Mestre.
Edital nº 01/2015
2ª Turma | 2016-2018
Orientadora Prof.ª Dr.ª Áurea da Paz Pinheiro

Trabalho apresentado e aprovado em 15 de agosto de 2018

BANCA EXAMINADORA

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Áurea da Paz Pinheiro'.

Prof.ª Dr.ª Áurea da Paz Pinheiro
(Orientadora | Universidade Federal do Piauí- UFPI)

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Idelmar Gomes Cavalcante Junior'.

Prof. Dr. Idelmar Gomes Cavalcante Junior
(Avaliador 1 | Universidade Estadual do Piauí)

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Régis de Athayde Couto'.

Arquiteto Régis de Athayde Couto
(Avaliador 2)

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Ellaine Martins Oliveira da Rocha, declaro que este projeto trabalho, sob o título, CASA GRANDE DOS DIAS DA SILVA: estudos para reabilitação e implantação do Museu da Cidade de Parnaíba, Piauí, é o resultado da minha investigação, cujo conteúdo é original e todas as fontes consultadas e citadas estão devidamente referenciadas.

Parnaíba (PI), 15 de agosto de 2018.

Ellaine Martins Oliveira da Rocha
Ellaine Martins Oliveira da Rocha





À minha mãe, Eliane, com muito amor!



AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha família, meus pais, Eliane e Dilson, aos meus irmãos, Elloá e Ranmsés, que foram minha fortaleza em todos os momentos, principalmente minha amada mãe, Eliane. E não posso esquecer minha cunhada, Carol, que também esteve comigo neste período.

Ao meu par, Saulus, que sempre me deu apoio para buscar meus sonhos e esteve presente quando necessário.

Aos professores e amigos que encontrei nesta jornada, principalmente minha orientadora, Prof^a Dr^a Áurea da Paz Pinheiro, que colaborou na construção da trilha, na cartografia do caminho que levou ao crescimento pessoal e profissional.

Às minhas colegas de mestrado, meu muito obrigada por toda troca de conhecimento e sorrisos que me proporcionaram, principalmente a Anik Assunção, que foi meu par nessa dupla dinâmica desde o início do curso.

À arquiteta Ceres Storchi, coorientadora deste trabalho, pelas contribuições sábias e oportunidade de melhorar o conteúdo e desenvolvimento da pesquisa, auxiliando no modo de pensar o projeto e a arquitetura.

Aos professores, Luiz Antônio Carvalho da Rocha e Marina Furtado, pelas valiosas contribuições na qualificação deste trabalho.

A Deus e a Maria Santíssima, a quem eu procurava a fim de orientar meus passos nesta jornada.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para este trabalho, o meu muito obrigada!





LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 01** | Mapa do Projeto Matriz “Parnaíba: Patrimônio Vivo, Cidade Viva” | 38-39
- Figura 02** | Localização da cidade de Parnaíba, espaço de intervenção deste trabalho | 42
- Figura 03** | Delta do Parnaíba | 42
- Figura 04** | APA Delta do Parnaíba | 46
- Figura 05** | Cartografia da Vila São João de Parnaíba em 1809 | 50
- Figura 06** | Imagem da Casa Grande dos Dias da Silva | 50
- Figura 07** | Ponto de Vista da Rua Grande, hoje Avenida Getúlio Vargas, primeira metade do século XX | 52
- Figura 08** | Foto da Maria Fumaça ao fundo a Casa Grande | 52
- Figura 09** | Mapa da Localização Geográfica da Casa Grande no Centro Histórico | 53
- Figura 10** | Mapa do Conjunto histórico e Paisagístico de Parnaíba tombado em 2008 | 56-57
- Figura 11** | Diagrama Volumétrico da Casa Grande e descrição do primeiro pavimento | 62
- Figura 12** | Diagrama Volumétrico da Casa Grande e descrição do segundo pavimento | 63
- Figura 13** | Diagrama Volumétrico da Casa Grande e descrição do segundo pavimento | 64
- Figura 14** | Foto da Casa Grande antes da restauração | 66
- Figura 15** | Planta do Primeiro Pavimento- Térreo | 66
- Figura 16** | Poço de Iluminação | 66
- Figura 17** | Vista do Acesso a Escada | 68
- Figura 18** | Planta Baixa do Segundo Pavimento | 68
- Figura 19** | Vista de Sala do Segundo Pavimento. | 68
- Figura 20** | Planta Baixa do Terceiro Pavimento | 70
- Figura 21** | Vista da estrutura da Cobertura | 71
- Figura 22** | Pinturas referentes à maçonaria | 71
- Figura 23** | Vão Emparedado | Terceiro Pavimento | 71
- Figura 24** | Pintura e Esquadria Deterioradas | 72

Figura 25	Esquadria e Vegetação no Poço 72	Figura 47	Sala do Terceiro Pavimento da Casa Grande, atualmente 98
Figura 26	Planta de Demolição e Construção do Primeiro Pavimento- Térreo 74-75	Figura 48	Banheiros do Primeiro Pavimento- Térreo 99
Figura 27	Planta de Demolição e Construção do Segundo Pavimento 76-77	Figura 49	Banheiros do Terceiro Pavimento 100
Figura 28	Planta de Demolição e Construção do Terceiro Pavimento 78-79	Figura 50	Infiltrações e umidade nas paredes do Primeiro Pavimento 101
Figura 29	Planta Baixa do Primeiro Pavimento- Térreo 82-83	Figura 51	Presença de Microorganismos 102
Figura 30	Planta Baixa do Segundo Pavimento 84-85	Figura 52	Desgaste do acabamento da parede 102
Figura 31	Planta Baixa do Terceiro Pavimento 86-87	Figura 53	Umidade em paredes externas e desgaste na pintura de esquadrias 103
Figura 32	Planta de Circulação Projeto Museológico Museu Sobrado Simplício Dias 88	Figura 54	Área técnica de condensadores 104
Figura 33	Assinatura do Termo de Cooperação Técnica, científico e Cultural entre a UFPI e a Prefeitura de Parnaíba, durante a I Feira do Patrimônio 90	Figura 55	Luminárias danificadas 104
Figura 34	Exposição de Humberto de Campos 90	Figura 56	Esquadria com fechadura arrancada 105
Figura 35	Sala do Terceiro Pavimento, sem uso 90	Figura 57	Esquadrias com fechaduras danificadas 105
Figura 36	Sala do Terceiro Pavimento após instalação do Mestrado Profissional e durante visita do atual prefeito de Parnaíba 90	Figura 58	Piso Cerâmico descolado 106
Figura 37	Sala do Primeiro Pavimento da Casa Grande, atualmente 94	Figura 59	Patologias externas: desgaste de pintura, infiltrações e umidade 107
Figura 38	Sala do Primeiro Pavimento da Casa Grande, atualmente 94	Figura 60	Calçada da Casa Grande 108
Figura 39	Sala do Primeiro Pavimento da Casa Grande, atualmente 95	Figura 61	Antena: Novo elemento “acrescentado” à fachada 108
Figura 40	Sala do Primeiro Pavimento da Casa Grande, atualmente 95	Figura 62	Oratório de esquina, em cantaria portuguesa 109
Figura 41	Sala do Segundo Pavimento da Casa Grande, atualmente 96	Figura 63	Fachada do ano de 2016 e 2017 109
Figura 42	Sala do Segundo Pavimento da Casa Grande, atualmente 96	Figura 64	Corte e Fachada propostas para o museu por Jacques Durand 116
Figura 43	Plataforma de acesso no Terceiro Pavimento 97	Figura 65	Planta proposta para o museu por Jacques Durand 116
Figura 44	Memorial de Humberto de Campos 97	Figura 66	Projeto do Centro Histórico-Cultural Santa Casa 126
Figura 45	Memorial de Humberto de Campos 98	Figura 67	Foto com Vista para a Sala de Exposição de Longa Duração 130
Figura 46	Memorial de Humberto de Campos 98	Figura 68	Planta Baixa em Acrílico 130
		Figura 69	Placas de Sinalização Interna 130
		Figura 70	Planta Baixa Casa dos Contos 133

Figura 71	Sala de Exposição da Casa dos Contos 133	Figura 95	Estruturas acrescentadas para reabilitação 172
Figura 72	Sala de Exposição Paço do Frevo 135	Figura 96	Cortes do Museu da Cidade de Parnaíba 174
Figura 73	Planta Baixa Paço do Frevo 136	Figura 97	Planta Baixa do Primeiro Pavimento Proposta 175
Figura 74	Planta Baixa Paço do Frevo 137	Figura 98	Sala de Exposição de Curta Duração Proposta 176
Figura 75	Projeto da Exposição Itinerante 146	Figura 99	Sala de Múltiplos usos- Exposição Proposta 177
Figura 76	Exposição sobre a Casa Grande de Simplício Dias na Praça Mandu Ladino 146	Figura 100	Sala de Múltiplos usos- Educacional Proposta 178
Figura 77	Exposição sobre a Casa Grande de Simplício Dias na Praça Mandu Ladino 147	Figura 101	Café da Casa Proposta 179
Figura 78	Exposição – Uso de monóculos 147	Figura 102	Recepção Proposta 180
Figura 79	Exposição sobre à Casa Grande de Simplício Dias no Parnaíba Shopping 149	Figura 103	Planta Baixa do Segundo Pavimento Proposta 182
Figura 80	Exposição sobre à Casa Grande de Simplício Dias no Parnaíba Shopping 149	Figura 104	Exposição “Os Dias da Silva e a Casa Grande de Parnaíba” Proposta 184
Figura 81	Vista da Exposição 150	Figura 105	Exposição “Parnaíba: Da Vila São João da Parnaíba até os Dias Atuais” Proposta 185
Figura 82	Vista da Exposição 151	Figura 106	Figura 106 - Exposição de Parnaíba com foco em expositores inspirados na carnaúba e no casco da canoa 186
Figura 83	Vista da Exposição 152	Figura 107	Exposição “Humberto de Campos: Vida e Obra” Proposta 187
Figura 84	Roda de Conversa “Casa Grande Simplício Dias: Rendilhar o passado, construir o futuro” 152	Figura 108	Planta Baixa do Terceiro Pavimento Proposta 190
Figura 85	Roda de Conversa “Casa Grande Simplício Dias- Rendilhar o passado, construir o futuro” 153	Figura 109	Escritório Colaborativo Proposta 191
Figura 86	Programa de Necessidades de Museu – Neufert 162	Figura 110	Escritório do IPHAN Proposta 192
Figura 87	Fluxograma 162	Figura 111	Laboratório de Conservação Preventiva Proposta 193
Figura 88	Zoneamento do Museu da Cidade de Parnaíba 163	Figura 112	Reserva Técnica Proposta 194
Figura 89	Planta de Acessos 165	Figura 113	Laboratório de História Oral Proposta 195
Figura 90	Estudo de Fluxo Primeiro Pavimento 166	Figura 114	Foto do Sobrado de Simplício Dias Atualmente 197
Figura 91	Estudo de Fluxo Segundo Pavimento 168	Figura 115	Croqui na Casa Grande feito por Barbara Freire 197
Figura 92	Detalhe Paineis Primeiro Pavimento- Térreo 170	Figura 116	Logotipo do Museu da Cidade de Parnaíba 198
Figura 93	Detalhe Paineis Segundo Pavimento 170		
Figura 94	Detalhe Paineis 171		

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 | Características da Edificação | Casa Grande de Simplício Dias. | 65

Quadro 02 | Programa de Necessidades do Museu da Cidade de Parnaíba | 160



LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 01** | Parnaíba como patrimônio cultural | 155
- Gráfico 02** | Conhecimento sobre a Casa Grande dos Dias da Silva | 155
- Gráfico 03** | Conhecimento sobre o que funciona na Casa Grande atualmente | 156
- Gráfico 04** | Atividades a ser realizadas na Casa Grande | 156
- Gráfico 05** | Percepção sobre a realização de atividades sociais, educacionais e culturais no Sobrado de Simplício Dias | 157
- Gráfico 06** | Memórias relacionadas à Casa Grande dos Dias da Silva | 157
- Gráfico 07** | Possibilidade de colaborar com a preservação do patrimônio da Cidade de Parnaíba | 158
- Gráfico 08** | Como colaborar com a preservação do patrimônio da Cidade de Parnaíba | 158



LISTA DE SIGLAS

APA	Área de Proteção Ambiental
CAU	Conselho de Arquitetura e Urbanismo
CEDOP	Centro de Documentação e Pesquisa
CREA	Conselho Regional de Engenharia e Agronomia
CONSPAC	Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Cultural e Natural de Parnaíba
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
ICOM	Internacional Council of Museums
IESVAP	Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MINC	Ministério da Cultura
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PIB	Produto Interno Bruto
PI	Piauí
PMP	Prefeitura Municipal de Parnaíba
PPGAPM	Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia
RESEX	Reservas Extrativistas
SESC	Serviço Social do Comércio
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UC	Unidade de Conservação
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UFPI	Universidade Federal do Piauí



RESUMO

Neste documento apresenta-se o Trabalho Final de Mestrado sob o título “CASA GRANDE DOS DIAS DA SILVA: estudos para reabilitação e implantação do Museu da Cidade de Parnaíba, Piauí”, projeto associado ao Projeto Matriz sob o título “PARNAÍBA: PATRIMÔNIO VIVO, CIDADE VIVA”, coordenado pelo Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, PPGAPM, Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Reis Veloso, na cidade de Parnaíba. O objetivo geral foi elaborar um projeto de reabilitação do imóvel “Casa Grande dos Dias da Silva”, para implantação a médio ou a longo prazo, do Museu da Cidade de Parnaíba, Piauí. Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre edificações históricas e estudos de casos de intervenções do tipo reabilitação de espaços em museus, com ênfase nos diálogos entre arquitetura e patrimônio. Posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo, que permitiu a imersão na cidade contato com a população residente, com objetivo de conhecer e divulgar o espaço da Casa Grande Simplício Dias, colher junto à população o uso que gostariam que fosse dado à antiga residência dos Dias da Silva. Os dados foram levantados a partir de três etapas: 1. Pesquisa de opinião, com uso da ferramenta do Google via on-line (Google Formulários); 2. Exposição Itinerante, com tema “Casa Grande dos Dias da Silva: Rendilhar o Passado, Construir o Futuro” com ênfase nos temas museu, patrimônio, preservação; momento no qual foi possível solicitar o posicionamento dos visitantes sobre o uso da Casa Grande; e 3. Roda de conversa sobre a Casa Grande dos Dias da Silva, para a qual foram convidados membros de entidades governamentais e não governamentais e cidadãos de Parnaíba para discutir o uso da Casa Grande e o projeto de Museu. Observaram-se opiniões diversas quanto ao uso da edificação, porém a que prevaleceu foi o desejo de que a mesma se transforme em um museu da cidade. Assim, a partir dos resultados observados, discussões realizadas e análise de campo, apresentaram-se sugestões práticas e objetivas para a reabilitação do espaço de forma a lhe oferecer uso social, levando em conta o fato de tratar-se de imóvel construído no século XVIII para habitação familiar. Como produto final de Mestrado foi elaborado o projeto de reabilitação, um espaço social e cultural, um equipamento museológico, que contempla uma recepção, café, salas de exposições de curta e longa duração, escritório colaborativo, sala multiuso (para serviços de educação e ação cultural, reuniões, palestras, rodas de conversa, oficinas etc.), um laboratório de conservação preventiva de bens móveis e uma reserva técnica. Dentro do que foi idealizado para o espaço estão exposições sobre a cidade de Parnaíba, com foco na história da própria edificação, e uma sala de exposição para o acervo de Humberto de Campos (1886-1934), que está em uma das salas da Casa Grande, sob a responsabilidade da Superintendência de Cultura do Município de Parnaíba.

Palavras-Chave: Reabilitação. Museu da Cidade de Parnaíba. Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

In this document we present the Technical-Scientific Report under the title “CASA GRANDE DOS DIAS DA SILVA: studies for rehabilitation and implantation of the Museum of the City of Parnaíba, Mid-North of Brazil”, subproject associated to the Matrix Project under the title “PARNAÍBA: PATRIMÔNIO VIVO, CIDADE VIVA “, coordinated by the Postgraduate Program in Arts, Heritage and Museology (PPGAPM), Professional Master’s Degree, Federal University of Piauí, Campus Ministro Reis Veloso in the City of Parnaíba. Its main objective is to develop a project for the rehabilitation of the “Casa Grande dos Dias da Silva” property, for the medium or long term implantation of the City Museum of Parnaíba, Piauí. Initially, a diversified bibliographical research was carried out on historical buildings and case studies of rehabilitation interventions of museum spaces, with emphasis on the dialogues between architecture and museology. Subsequently, a field survey was carried out, which allowed the immersion in the city and contact with the resident population, with the purpose of knowing and divulging the space of the Casa Grande Simplício Dias and raising the opinion of the population about the knowledge and the use that they would like was given to the former residence of Dias da Silva. The data were collected from three stages: 1. Opinion survey using the Google tool via online (Google Forms), 2. Itinerant Exhibition with theme “Casa Grande dos Dias da Silva: Rendilhar o Past, Construir o Futuro” in which, subjects such as museum, heritage, preservation and opinion about the use of Casarão were approached with the society, and 3. Wheel of conversation about Casa Grande dos Dias da Silva, in which were invited, members of governmental entities and not governmental organizations and citizens of Parnaíba to discuss the use of the Casarão and Museum project. There were diverse opinions regarding the use of the Casa Grande, but the one that prevailed among the majority was the desire that it become a museum. Thus, from the observed results, discussions, and field analysis, practical and objective suggestions were presented for qualification and revitalization of the space in order to offer it social use, to consider that it is a property built in the eighteenth century for housing family. The final product was the rehabilitation project, which consists of a social and cultural space, which includes a reception, cafe, short and long term exhibition rooms, collaborative office, multipurpose room (for cultural education and action services, meetings , lectures, canning wheels, workshops, etc.), a preventive conservation laboratory for movable property and a technical reserve. Among what was conceived for the space are exhibitions on the city of Parnaíba from the history of the building itself, and a showroom is also proposed for Humberto de Campos (1886-1934), since his collection is now in the mansion , and under the responsibility of the Superintendence of Culture of the Municipality of Parnaíba.

Keywords: Rehabilitation. Museum of the City of Parnaíba. Cultural heritage.

Guardar...Guardar...Guardar
Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la
Em cofre não se guarda nada
Em cofre perde-se a coisa à vista
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la
Isto é, iluminá-la e ser por ela iluminado
Estar acordado por ela
Estar por ela ou ser por ela.

(Antônio Cícero)



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO | 37

1.1 A cidade de Parnaíba e os Dias da Silva | 41

1.2 Casa Grande dos Dias da Silva | 49

1.3 Justificativa | 54

1.4 Público alvo | 58

1.5 Objetivos | 59

1.5.1 Objetivo geral | 59

1.5.2 Objetivos específicos | 59

2. ESTUDO DO CONTEXTO | 61

2.1 A Casa Grande antes da reforma coordenada pelo IPHAN Piauí | 61

2.2 A Casa Grande e o restauro pelo IPHAN | 73

2.3 Análise-diagnóstico da situação atual da Casa Grande | 89

3 REVISÃO DA LITERATURA | 111

3.1 Museu, Museologia e Arquitetura de Museu | 111

3.2 Intervenção em Edificações Históricas: conceitos e evolução | 119

3.3 Patrimônio e reabilitação de espaços tombados: definições e aspectos legais | 122

4 BOAS PRÁTICAS DE REQUALIFICAÇÃO | 125

4.1 Centro Histórico-Cultural Santa Casa | Porto Alegre | 125

4.2 Casa dos Contos | Ouro Preto | 132

4.3 Paço do Frevo | Recife | 134

5 MÉTODOS E TÉCNICAS | 138

5.1 Etapas de coleta e análise de dados | 138

5.1.1 Descrição das etapas de Coleta e análise de Dados | 140

5.2 Considerações Éticas | 143

6 MEMÓRIA DESCRITIVA | RESULTADOS | 144

6.1 Exposição Itinerante “Casa Grande Simplício Dias: Rendilhar o passado, construir o futuro” | 144

6.2 Pesquisa de opinião sobre conhecimento e uso da “Casa Grande Simplício Dias” | 154

6.3 Museu da Cidade de Parnaíba: Estudos Iniciais e Projeto de Reabilitação | 159

6.3.1 Elaboração do programa de necessidades, fluxograma e zoneamento | 159

6.3.2 Estudo de Acessos e Fluxos | 161

6.3.3 Projeto de Reabilitação | 167

6.3.3.1 Diretrizes de Intervenção | 167

6.3.3.2 Primeiro Pavimento | Térreo- Acesso ao Museu | 173

6.3.3.3 Segundo Pavimento- Exposições | 181

6.3.3.4 Terceiro Pavimento- Setor Administrativo e de Serviço | 188

6.4 Identidade Visual | 196

7 PARCEIROS | COLABORADORES | 199

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 201

REFERÊNCIAS | 203

APÊNDICES | 211

ANEXOS | 245





1 INTRODUÇÃO

Neste documento apresentamos o Trabalho Final de Mestrado sob título “CASA GRANDE DOS DIAS DA SILVA: estudos para reabilitação e implantação do Museu da Cidade de Parnaíba, Piauí”, subprojeto associado ao Projeto Matriz sob o título “PARNAÍBA: PATRIMÔNIO VIVO, CIDADE VIVA”, coordenado pelo Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM) Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Reis Veloso na Cidade Parnaíba.

O Projeto “Parnaíba: Patrimônio Vivo, Cidade Viva” tem por objetivo proporcionar formação de múltiplos profissionais associada à construção de projetos técnicos e sensíveis para o território, com a participação dos residentes, a considerar que os patrimônios devem ser entendidos como basilares na fixação das populações, instrumentos de educação, cultura, geradores de emprego e renda. Os espaços de estudos e intervenções do Projeto Matriz estão diretamente ligados ao Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba, tombado em 2008 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. A coordenadora do Projeto Matriz sugeriu que alguns mestrados, como é possível visualizar na Figura 01 (ANEXO 01), escolhessem edificações no sítio tombado para realizarem seus estudos e intervenções, projetos que permitissem a requalificação, reabilitação e uso social das edificações.

Os estudos e intervenções nos revelaram a importância do Projeto Matriz para o tombamento, a considerar a ausência de políticas públicas efetivas dos órgãos de proteção do patrimônio cultural. Professores e alunos do mestrado têm cobrado a defesa do patrimônio cultural, a exemplo a aplicação da Lei Municipal nº 1.908, de 11 de março de 2003, que instituiu o tombamento municipal e criou o Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Cultural e Natural de Parnaíba (CONSPAC). O Plano Diretor, aprovado em 05 de janeiro de 2007, prevê a recuperação e valorização do patrimônio arquitetônico, urbanístico e ambiental, particularmente aqueles do Centro Histórico da Cidade de Parnaíba, mas não é aplicado. O Mestrado, por meio do Projeto Matriz, tem trabalhado na formação de recursos humanos, realizado estudos, intervenções e termos de cooperação técnica, com o fito de criar um grupo de trabalho em defesa do patrimônio cultural do sítio tombado, para que se aplique o que determina a legislação nos diversos níveis de poder federal, estadual, municipal; um grupo formado por agentes públicos e privados em prol da gestão do patrimônio tombado, em benefício do interesse coletivo. Um grupo que possa compatibilizar e distribuir os ônus e os benefícios dos processos de revitalização do sítio tombado.

Dessa forma, por meio do Projeto Matriz, a Coordenação do Mestrado indica possibilidades de uso dos espaços, orienta na consulta e estudos de boas práticas, reconhecidas em cidades brasileiras e estrangeiras, introduz o conceito de centro como lugar de moradia, educação, cultura, geração de emprego e renda, propõe mudar a atual situação de vulnerabilidade das populações que habitam o Conjunto Histórico e Paisagístico Tombado, instiga a consideração às pessoas como patrimônio vivo, com histórias e memórias não conhecidas, e, portanto, não reconhecidos e valorizados pelos habitantes de Parnaíba e entorno.

MAPA DO PROJETO MATRIZ "PARNAÍBA: PATRIMÔNIO VIVO, CIDADE VIVA"
 MESTRADO EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

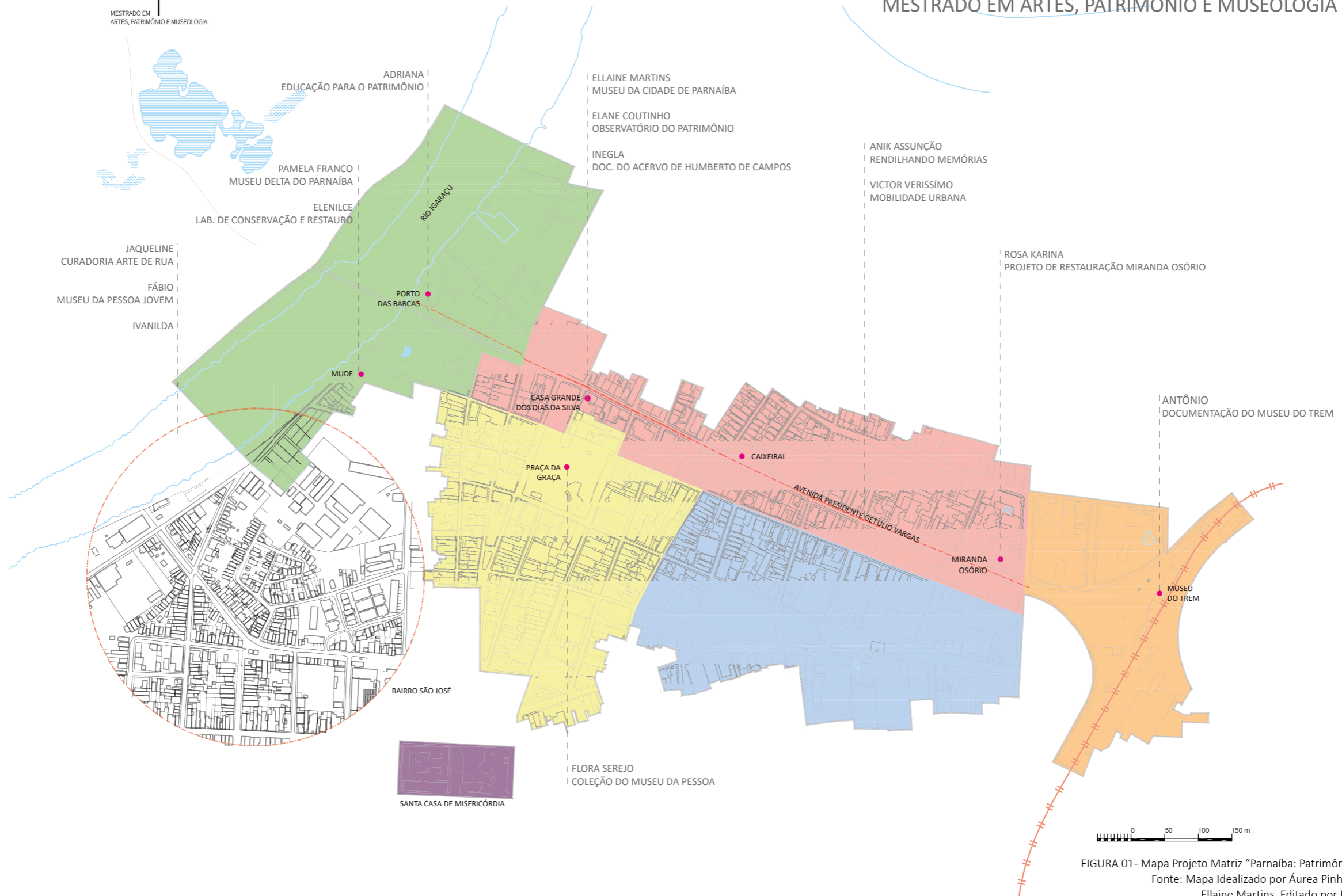


FIGURA 01- Mapa Projeto Matriz "Parnaíba: Patrimônio Vivo, Cidade Viva".
 Fonte: Mapa Idealizado por Áurea Pinheiro, Anik Assunção e Ellaine Martins. Editado por Ellaine Martins, 2018.

Professores e alunos do Mestrado têm indicado mudanças no que refere à preservação do patrimônio cultural, à melhoria da qualidade de vida das pessoas que residem ou poderão residir, trabalhar e se divertir no sítio tombado, hoje, um espaço marcado pela insegurança e vulnerabilidade. Varine (2013, p. 207) nos permite refletir sobre esse mal-estar e buscar soluções, quando afirma que: “[...] o patrimônio é uma riqueza que traz em si mesma seus próprios meios, que é preciso fazer frutificar” Sendo assim, o ‘Patrimônio Vivo’ torna uma “Cidade Viva” e agradável para se viver e visitar. Uma cidade que não serve a seus residentes, não serve aos turistas.

Este Trabalho Final de Mestrado está associado ao conceito do Projeto Matriz do Mestrado Profissional da UFPI, por entendermos que é urgente revitalizar os espaços públicos da cidade, preservar o patrimônio edificado, investir em sensibilização e formação de públicos, para que conheçam, reconheçam, valorizem, apoiem e divulguem a cidade por meio de uma intervenção urbana que preserve o patrimônio cultural.

Compreende-se como fundamental nos projetos do Mestrado a inclusão e a sustentabilidade do território para que o município não fique à margem dos processos históricos mais modernos de civilidade. É preciso sensibilizar as pessoas e as instituições para os riscos da perda do patrimônio cultural edificado, que pode ruir por processos de uso e construção desordenada, demolições e reconstruções, que descaracterizam a cidade patrimônio nacional, indicar mudanças no que refere à preservação do patrimônio cultural, proporcionar qualidade de vida às pessoas que residem ou poderão residir, trabalhar e se divertir no sítio tombado, hoje, um espaço marcado pela insegurança e vulnerabilidade.

No caso deste trabalho “Casa Grande dos Dias da Silva: estudos para reabilitação e implantação do Museu da Cidade de Parnaíba, Piauí”, viabilizamos formas de conhecer o patrimônio cultural da cidade, de sensibilizar os residentes para uso e apropriação da edificação associada à paisagem cultural, de modo a modificar também o olhar que têm sobre a cidade, seu patrimônio cultural, sobretudo da cidade. Este trabalho se materializa em um projeto de reabilitação para novo uso da “Casa Grande em Museu da Cidade de Parnaíba”, estudos e intervenção direta, de forma a permitir melhores condições de vida aos residentes, por meio da valorização da cidade como Patrimônio Nacional.

1.1 A cidade de Parnaíba e os Dias da Silva

O lugar eleito para estudos e intervenções foi o município de Parnaíba (Figura 02), localizado no litoral norte do estado do Piauí, Nordeste do Brasil. A cidade abriga um rico e complexo Conjunto Histórico e Paisagístico, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2008, que a credencia a ser “um museu a céu aberto”, com casarios datados de meados do século XVIII, com modos de saber-fazer, lugares, celebrações, formas de expressão, que constituem a paisagem cultural da cidade e entorno (PINHEIRO; MOURA, 2010).

O Estado do Piauí é uma das 27 unidades federativas do Brasil e localiza-se na Região Nordeste, limitando-se com cinco estados: Ceará e Pernambuco (Leste), Bahia (ao Sul e Sudeste), Tocantins (a Sudoeste) e Maranhão (a Oeste). Delimitado pelo Oceano Atlântico ao Norte, o Piauí tem o menor litoral do Brasil, com 66 km, sendo Parnaíba um dos seus quatro municípios litorâneos. Tem população estimada de 150.547 pessoas (IBGE, 2016).

Parnaíba está situada a 330 quilômetros da capital Teresina, é o segundo município mais populoso do Piauí. O nome do município, na língua tupi guarani, significa “rio de águas barrentas”, sem alusão ao Rio Parnaíba que passa pela cidade. A cidade também é conhecida como a “Capital do Delta”, uma vez que é a porta de entrada para quem deseja conhecer o único delta a desaguar em mar aberto das Américas: o Delta do Parnaíba. Além das belezas naturais, Parnaíba apresenta um grande valor histórico para o Piauí, exibindo, principalmente nas proximidades do Porto das Barcas, inúmeros imóveis históricos (PIAUI, [s.d.]).

A localização geográfica privilegiada do litoral piauiense, que integra em sua paisagem um delta a desaguar em mar aberto (Figura 03), teria motivado navegadores e exploradores como Nicolau Resende (1571), Gabriel Soares de Sousa (1587), Pero Coelho de Sousa (1602), Martin Soares de Sousa (1631) e Vital Maciel Parente (1614) e Padres Jesuítas a realizarem incursões na região (IPHAN, [s.d.]), abrindo o ciclo da colonização portuguesa no território, além de ter sido elemento que influenciou o comércio por rio e mar.

Desde o século XVII, Portugal procurava meios de assegurar a posse pela ocupação de territórios em sua Colônia - o Brasil, visto que os exploradores controlavam as terras no interior. Dessa maneira, em 1701, com o intuito de manter a autoridade da corte portuguesa e facilitar a ligação entre unidades administrativas, foi necessária a criação de um local para atracar embarcações, além de entreposto para guardar animais e mercadorias de troca às margens do Rio Igarçu, que banha a cidade de Parnaíba (MELO, 2012).

Neste contexto se deu a origem da cidade de Parnaíba, inicialmente Vila de São João da Parnaíba, fundada em 1762 pelo Governador da Capitania de São José do Piauí, João Pereira Caldas, em obediência à Carta Régia de 1761, que determinava a criação em território piauiense de sete vilas a partir de povoações já existentes, além da transformação da Vila da Mocha em sede da Capitania, com o nome de Oeiras (FIGUEIREDO, 2001). A cidade surgiu a partir de dois núcleos formadores, Testa Branca (localizada próximo

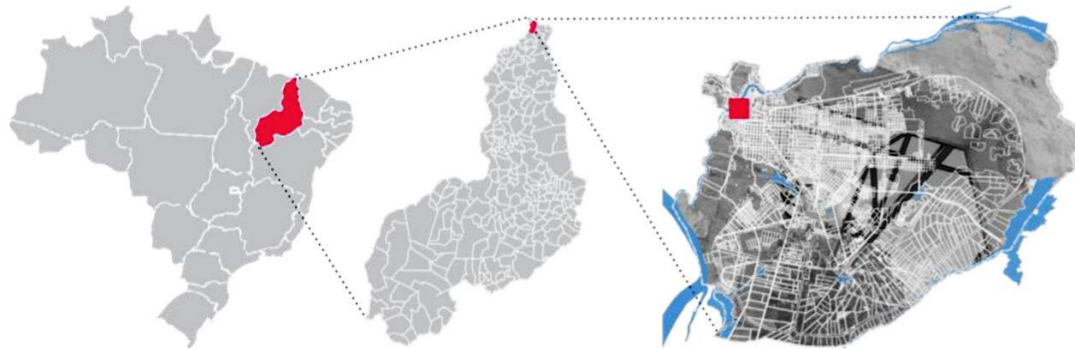


FIGURA 02 - Localização da cidade de Parnaíba, espaço de intervenção deste trabalho. Fonte: FRANCO, Pamela. "Ecomuseu Delta do Parnaíba (MUDE): Um instrumento de valorização de uma rica e complexa Paisagem Cultural no Meio Norte do Brasil". Trabalho Final. Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, UFPI, 2017, p.43.



FIGURA 03- Delta do Parnaíba. Fonte: FRANCO, Pamela. "Ecomuseu Delta do Parnaíba (MUDE): Um instrumento de valorização de uma rica e complexa Paisagem Cultural no Meio Norte do Brasil". Trabalho Final. Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, UFPI, 2017, p.19.

ao atual aeroporto, no caminho de acesso ao atual município de Luís Correia) e Porto das Barcas. O primeiro foi escolhido inicialmente como sede da Vila pelas autoridades por ser o local mais salubre, entretanto o Porto das Barcas possuía uma importância econômica, além de ser mais desenvolvido no quesito residencial e comercial, como descreve Figueiredo:

Testa Branca era uma localidade de somente quatro fogos, oito moradores livres e onze escravos. Enquanto isso, o Porto das Barcas era mais povoado, apresentava estabelecimentos comerciais, armazéns e casas para oficinas, embora também o inconveniente da insalubridade provocada pelo preparo da carne e do processamento da sola, localizada muito próximo da povoação (FIGUEIREDO, 2001, p. 27).

O antigo Porto Salgado, hoje Porto das Barcas, às margens do Igarauçu, um dos braços do Rio Parnaíba, recebia um importante fluxo de embarcações, cujo comércio estava ligado às charqueadas, produção e comércio do charque (carne desidratada pelo sol e vento), do couro e à exportação desses produtos para outros estados brasileiros e para Europa (IPHAN, 2008), portanto, uma feitoria com próspero comércio.

O Porto das Barcas tem a sua história associada a Domingos Dias da Silva, português que se instalou na região em meados do século XVIII, aproximadamente em 1758. Oriundo do Rio Grande do Sul, era possuidor de grande fortuna em ouro e prata. Estimulou o comércio, foi um líder político local e dominou a cena econômica do Piauí (MELO, 2012).

Em meados do século XVIII, procedente do sul da colônia, o mesmo instalou-se na Vila de São João da Parnaíba e conquistou grande patrimônio tornando-se notável fazendeiro e respeitado comerciante. Como era um homem de grande visão, investiu no comércio direto com outras capitanias e com a Europa para exportar o que produzia e importar o que carecia (FIGUEIREDO, 2001).

A segunda metade do século XVIII marcou o início do desenvolvimento econômico aos moldes europeus, associado diretamente à economia do charque trazida pelo comerciante português Domingos Dias da Silva, fundador do Porto das Barcas, antigo Porto Salgado, ancoradouro de embarcações que levavam e traziam produtos internos, nacionais e estrangeiros. Os Dias da Silva foram exploradores pioneiros da região às margens do rio Igarauçu, sobretudo nos ramos comercial e agrícola (IPHAN, 2008). Domingos Dias da Silva é uma referência na história da cidade.

O comerciante construiu um sobrado em estilo português para servir como residência da família Dias da Silva, o que atraiu para sua vizinhança outras construções, como a Igreja de Nossa Senhora Mãe da Divina Graça, construída pela linhagem dos Dias da Silva, hoje, edificação parte de uma das áreas do Conjunto Histórico e Paisagístico Tombado em nível Federal. Após a sua morte, em 1793, os filhos Raimundo e Simplício Dias da Silva, herdaram o patrimônio familiar (SILVA, 1987).

Posteriormente, seu filho, Simplício Dias da Silva, se tornou rico fazendeiro e dominou a cena política e econômica da antiga Vila de São João da Parnaíba. Chegou a Presidente da Província do Piauí e se destacou como maçom. Era proprietário de terras e de escravos, construiu um complexo patrimônio, com destaque para um Sobrado em estilo português, onde residiu com a família (PINHEIRO; MOURA, 2010).

A vila de São João da Parnaíba se desenvolveu economicamente acompanhada de uma efervescência cultural, abrigou uma elite intelectual que participou e interveio na política local e nacional, a exemplo dos movimentos de independência do Brasil em relação a Portugal. E Simplício Dias da Silva, no dia 19 de outubro de 1822, proclamou a adesão da Vila à independência da Colônia em relação à Metrópole, Portugal. Em 14 de agosto de 1844, a Vila foi elevada à condição de cidade pela Lei nº 166, promulgada pelo governador José Idelfonso de Souza Ramos.

Parnaíba já era no século XIX um dos principais polos econômicos do Piauí e com o tempo novos processos de implantações comerciais e industriais foram surgindo, como a construção, em 1849, da Casa Inglesa por comerciantes ingleses, os Clarks. Anos depois, também chegaram ao litoral piauiense os franceses, a família Jacob, que também percebeu o potencial comercial da região. As exportações tomaram grandes proporções com o charque e com produtos como algodão, fumo, couro, extração vegetal, que incluiu o comércio de carnaúba no cenário internacional (MELO, 2012).

Nos séculos XIX e XX, a movimentação comercial e exportação foram a engrenagem na economia do litoral piauiense, e continuava a garantir o mercado com outras regiões brasileiras e países, além de trazer para Parnaíba a essência da vida e cultura europeias. De acordo com Rego, três eram os exportadores que mais se destacavam:

Provavelmente, em volume de dívidas de exportação, seja correto dizer, que nas décadas de 1930-1950, os três maiores exportadores em Parnaíba eram Roland Jacob, a Casa Inglesa dos Clark e o estabelecimento dos Moraes Correia – mas os empreendimentos de cada um deles eram muito diferentes (REGO, 2010, p. 218).

Para o maior desenvolvimento dessas atividades, fazia-se necessário a criação de um porto em Amarração (anteriormente região de Parnaíba e que atualmente integra o município de Luís Correia), porém tal fato nunca chegou a se concretizar. A ferrovia surgiu também como uma nova alternativa de transporte, hoje em ruínas, esquecida. O apogeu comercial da cidade de Parnaíba foi interrompido quando da evolução industrial, momento no qual o rio, os portos e a ferrovia deram espaço às rodovias (REGO, 2010).

Na segunda metade do século XX, Parnaíba entrou em declínio e estagnação econômica. Neste período destaca-se a importância de algumas famílias e comerciantes para a formação do patrimônio cultural lá

existente. Dentre eles, o da família dos Dias da Silva, que firmou laços comerciais, econômicos, sociais e familiares na cidade, além de ter edificações da família consideradas relevantes e parte dos imóveis tombados, parte do Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba.

O desenvolvimento econômico da Cidade contribuiu para o convívio de europeus e brasileiros interessados em produtos comerciais, o que permitiu o crescimento populacional e dinâmicas culturais, facilmente percebidos nos dias atuais nas fachadas de edifícios públicos e residenciais. Mesmo com a perda do dinamismo econômico, há na cidade um rico e complexo patrimônio cultural edificado, preservação, exemplares arquitetônicos marcas da dinâmica urbana presentes no núcleo original da cidade.

Em meados dos anos 1950, houve a desvalorização de produtos outrora exportados, o que refletiu na sociedade local, acarretou grandes falências e migrações. A economia local, porém, nos últimos anos, iniciou um “renascimento”, caracterizado pela presença de novos negócios e oportunidades que começaram a surgir, principalmente no setor de serviços e áreas ligadas ao desenvolvimento da cidade no campo educacional, turismo e comércio. Foram realizadas obras estruturantes, o que inclui a instalação de usinas eólicas na Praia da Pedra do Sal (município de Parnaíba) com produção energética limpa. No setor privado, os investimentos aumentaram, a cidade ganhou redes de supermercados, franquias nacionais e dois Shopping Centers.

Houve também incremento turístico e educacional, com a exploração do Delta do Parnaíba e implantação de instituições de ensino superior em Parnaíba, como o aumento da demanda por esses serviços. Destacam-se as Universidades públicas UFPI (Universidade Federal do Piauí), UESPI (Universidade Estadual do Piauí) e Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), seguidas de Faculdades privadas como a IEVASP (Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba), Faculdade Maurício de Nassau, Faculdade Internacional do Delta. O município é um polo educacional, que recebe estudantes de cidades do entorno e estados brasileiros. Esse fato estimula a fixação de novos residentes e retorno daqueles que deixaram a cidade em busca de melhores condições de vida.

O município é o maior centro urbano do Norte do Estado e a segunda mais importante cidade do Piauí, com Produto Interno Bruto (PIB) inferior apenas ao da capital – Teresina. Parnaíba tem uma área de 434,229 Km² e 150.547 habitantes, sendo constituída de grande área rural e 40 bairros (IBGE, 2017). O tombamento de 2008, atinge 800 imóveis, dentre eles a Casa Grande dos Dias da Silva (1764). A urbe possui cerca de 2.564 imóveis monitorados. A cidade:

[...] possui um conjunto arquitetônico com variados estilos de construção, que remetem a diferentes momentos da sua evolução urbana, evidenciando a marca de vários períodos de desenvolvimento econômico e sua importância no fluxo de riqueza da região durante o período final de colonização e posterior (KISHIMOTO, 2012, p. 65).

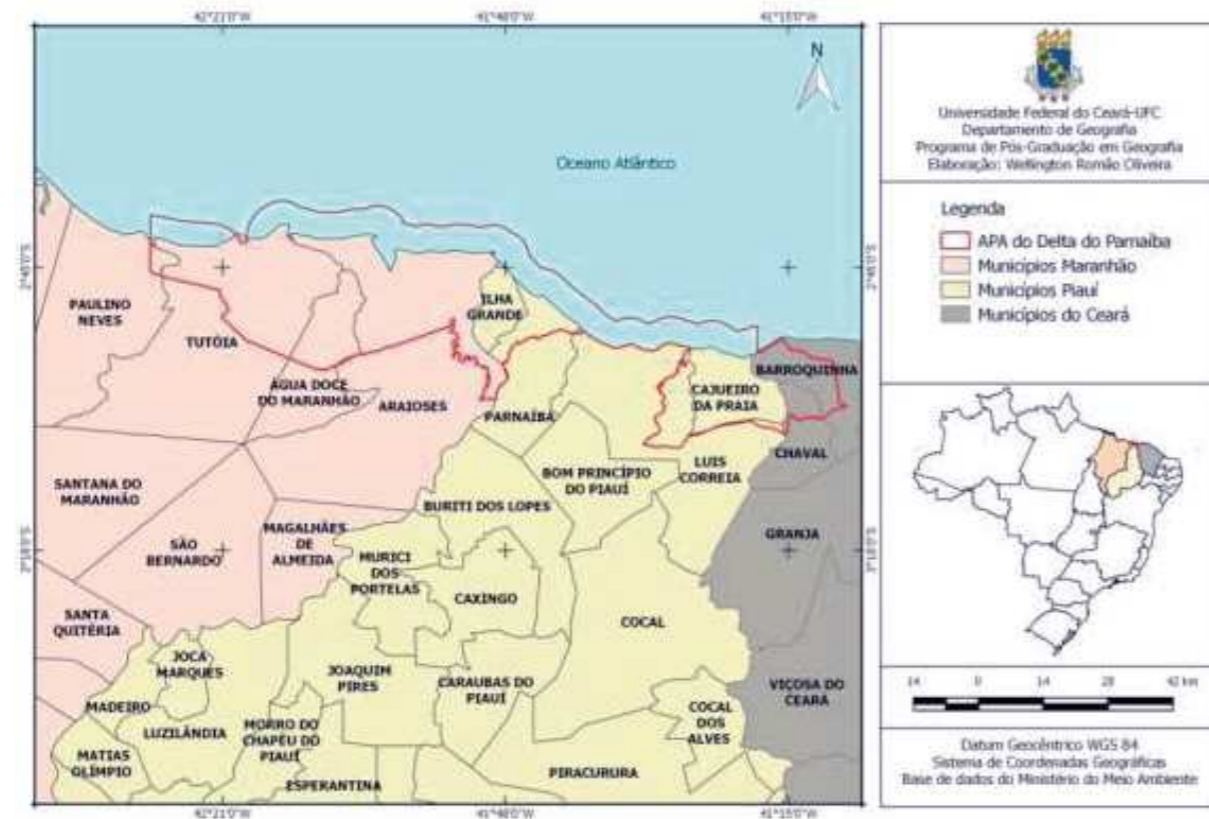


FIGURA 04- APA Delta do Parnaíba.

Fonte: OLIVEIRA, Wellington Romão; SILVA, Vicente Edson - Geografia e Educação ambiental na prática do turismo sustentável: A APA do Delta do Parnaíba, 2016.

A bela paisagem ribeirinha, florestas de carnaúbas e atividades de educação, comércio, turismo e pequenas indústrias, servem de apoio a turistas que procuram o Delta do Parnaíba (Figura 02), um dos 65 destinos indutores do turismo no Brasil. O Delta também faz parte da “Rota das Emoções” com os Lençóis Maranhenses- MA e Jericoacoara- CE; considerado o melhor roteiro turístico integrado pelo Ministério do Turismo.

A paisagem cultural da região permitiu que o território fosse reconhecido em 1996 como Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Parnaíba, uma Unidade de Conservação (UC) sob a gestão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), instituindo-se, assim, normas de uso sustentável, sujeitas à observação e à proteção. Internamente às áreas de proteção ambiental ainda podem existir Reservas Extrativistas (RESEX), assim como diversas unidades de conservação em cooperação com espaços urbanos, o que possibilita o uso e ocupação adequados para o desenvolvimento sustentável desses ambientes (OLIVEIRA; SILVA, 2016).

A APA do Delta do Parnaíba (Figura 04) é formada pelo Parque Nacional de Jericoacoara, Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses e o Delta do Parnaíba. A cidade de Parnaíba é a porta de entrada para visitantes e ecoturistas que procuram o Delta, que escolhem diversos roteiros, como a Ilha das Canárias, o Igarapé dos Periquitos, o Igarapé dos Poldros, a Baía do Feijão Bravo, a Caiçara, a Ilha do Caju, a Melancieira e Tutóia, dentre outros.

O Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba é formado por construções que remetem a diferentes épocas e estilos arquitetônicos, cuja constituição urbana evidencia a marca de períodos de desenvolvimento econômico e fluxo de riqueza do território ao longo do período final da colonização portuguesa até os dias atuais. O tombamento ocorreu após análise do Dossiê “Cidades do Piauí, Testemunhas da ocupação do interior do país nos séculos XVIII e XIX”, apresentado pela Superintendência do IPHAN do Piauí. O documento foi analisado, discutido e recebeu parecer favorável em 2008. A proteção federal existe, mas não há uma nova postura diante do conceito de cidade patrimônio nacional, com bens que devem ser preservados. Diante dessa realidade, é preciso criar instrumentos efetivos e sistemáticos para lidar com a proteção, preservação e revitalização das áreas tombadas. Dentre essas construções destacamos a “Casa Grande dos Dias da Silva”, edificação que, embora esteja situada em uma área comercial de Parnaíba e de grande fluxo, se tornou um espaço sem uso, sem vida, o que contraria a dinâmica nacional e internacional de uso social, econômico, educacional, cultural, turístico do patrimônio cultural. Outro importante espaço, requalificado, exemplo de boa prática de uso de edificação tombada, é o Centro Cultural Ministro Reis Veloso, Centro Cultural Sesc Caixeiral, sob a gestão do Serviço Social do Comércio (SESC) do Piauí. Na edificação funcionou a União Caixeiral, criada há 100 anos, por comerciantes locais para a formação contábil.

Kanitz e Ribeiro (2014), ao entrevistarem cidadãos parnaibanos no entorno da Casa Grande, indagaram sobre a Casa Grande dos Dias da Silva. Após análise dos dados, nos informam que 41% dos entrevistados afirmam que conhecem a edificação e 58% afirmaram que não a conheciam. Ao serem informados sobre as características da edificação, 12,5% dos entrevistados se lembraram da Casa Grande. Dentre os 82% que afirmaram não conhecer o edifício, 31% afirmaram não saber da possibilidade de visitarem o local. A partir dessa constatação, percebemos que parte da população da cidade nem mesmo conhece a Casa Grande, mas se sentem atraídos por conhecê-la, a visitá-la e usufruir dela como espaço.

O contato com essa realidade estimulou nossos estudos e intervenções, o que justifica termos eleito a Casa Grande para estudos e intervenções neste presente trabalho, a considerar a sua importância não só pela preservação do patrimônio cultural de forma integrada, mas também pela relevância ambiental, para um desenvolvimento sustentável, para além da sua importância para o turismo no litoral do Piauí. Não temos dúvidas da importância desta proposta para o processo de reabilitação, de valorização e promoção do patrimônio cultural do Brasil e do Piauí em particular.

Estamos convictos da importância de propor um uso social para a Casa Grande. Dentre os diversos argumentos que podemos empreender, destacamos o fato da agenda cultural da cidade ser frágil, não há museus e são poucos os equipamentos culturais com opções de cinema e teatro, o que revela a necessidade de ampliar espaços dessa natureza de forma a permitir o conhecimento e reconhecimento, uso sustentável da cidade e de seu patrimônio cultural e ambiental.

Em 2012, quando foi finalizada a obra de seu restauro, a Casa Grande passou a abrigar o Escritório Técnico do IPHAN e a Superintendência de Cultura e de Turismo do Município, que permanecem até os dias atuais. Porém apesar da realização de atividades culturais, fato que permitiu oferecer maior visibilidade do espaço aos públicos, a edificação nunca chegou a ser utilizada para o fim que foi reformada, que de acordo com o processo de restauro no acervo do IPHAN Piauí, está claro que o local deveria abrigar um museu com o nome “Sobrado do Museu Simplício Dias” (IPHAN, 2012). Hoje o que se percebe é a falta de manutenção predial, conservação preventiva, provocando, gradativamente, a degradação da Casa Grande.

1.2 Casa Grande dos Dias da Silva

A edificação está nomeada no Inventário realizado pelo IPHAN como “Casa Grande Simplício Dias”, conhecida pelos habitantes da cidade como “Casarão Simplício Dias” ou simplesmente “Casa Grande” ou “Casarão dos Dias da Silva”. Neste trabalho, usaremos “Casa Grande dos Dias da Silva”.

É uma edificação em estilo colonial, datada do século XVIII, considerada uma das edificações mais antigas da cidade, pois já estava presente na cartografia de 1809 (Figura 05) e devido à sua imponência é possível presumir que sua localização tenha sido fundamental no direcionamento do crescimento urbano e afirmação da Av. Getúlio Vargas como eixo estruturador da cidade de Parnaíba (IPHAN, 2008).

A Casa Grande dos Dias da Silva é um edifício de três pavimentos (Figura 06) localizado na atual Avenida Getúlio Vargas, antiga Rua Grande, é referência, ponto de partida para a constituição urbana de Parnaíba. A Casa Grande se encontra nesse município e possui uma grande importância na história local, não apenas pela inserção socioeconômica e política de seus primeiros proprietários no período colonial e imperial, mas pelo caráter emblemático dos aspectos construtivos da edificação e pelos sentidos e significados atribuídos pelos residentes da cidade tombada. Domingos Dias da Silva e seus filhos, principalmente Simplício Dias, tornaram-se símbolo de uma Parnaíba viável economicamente, referência sociocultural. A família tinha contato direto com a corte portuguesa devido ao comércio de charque, como confirma Renato Castelo Branco, ao falar da Casa Grande dos Dias da Silva:

A Casa-grande era o símbolo da grandeza histórica de Parnaíba. Construída por Domingos Dias da Silva, no século XVIII, fora o centro de toda a vida da Província, com seu fausto, sua grandeza, sua imponência. A cidade crescera, praticamente em torno dela, à sombra de seu poder incontestável. Com suas paredes enormes, de um metro de largura, erguia-se imponente, dominando tudo, testemunha da onipotência dos Dias da Silva, cujas imensas charqueadas eram uma inesgotável fonte de ouro. Domingos Dias exportava seus produtos diretamente para Lisboa e Porto, ou para o resto do Brasil, em navios próprios (BRANCO, 1981, p. 20).

Símbolo da arquitetura colonial, a Casa Grande dos Dias da Silva, no pavimento térreo abrigava o comércio e os dois andares superiores eram de uso familiar. Era composta inicialmente por dois sobrados contíguos (Figura 07). A edificação e sua configuração espacial de uso reafirma a importância da linhagem dos Dias da Silva. Um edifício com dois ou três pavimentos, na época colonial e imperial, era símbolo de riqueza e poder familiar, épocas nas quais as casas térreas e os sobrados representavam famílias abastadas, que possuíam escravos, que habitavam a edificação e faziam todo o transporte de alimentos e demais produtos para a residência e muitos outros serviços domésticos (DEBARBA et al., 2010).

As diferenças sociais eram visíveis nas fachadas dos edifícios, apesar de existir a tipologia de portas e janelas, que se repetiam igualmente nos andares, os elementos decorativos existentes nesta importante



FIGURA 05 - Cartografia da Vila São João de Parnaíba em 1809.
Fonte: REIS FILHO (apud FIGUEIREDO, 2001).



FIGURA 06 – Imagem da Casa Grande dos Dias da Silva.
Fonte: CARVALHO, Elmar. Onde fica a Casa Grande de Parnaíba, 2011. Disponível em <<http://poetaelmar.blogspot.com.br/2011/04/onde-fica-casa-grande-da-parnaiba.html>>.

parte da casa também demonstravam o poderio das famílias (PECLY; ARAÚJO, 2014). No caso dos Dias da Silva, no encontro das duas fachadas, observamos um oratório público construído sobre pedra de Lioz, trazido de Portugal, dedicado à Nossa Senhora da Conceição. Além disso, a Casa Grande mantinha uma ligação direta, por meio de galerias com acesso exclusivo, à Igreja Matriz e à Catedral de Nossa Senhora da Divina Graça, cujos benfeitores e donatários da capela do santíssimo eram a própria família de Simplício Dias (GANDARA, 2008), com uma simbologia tanto relacionada com a história da cidade como com a memória dos Dias da Silva.

A localização da Casa Grande, entre o Conjunto do Porto das Barcas, os Galpões Portuários e o Conjunto da Avenida Getúlio Vargas (Figuras 07 e 08), informa uma localização geográfica (Figura 09) privilegiada para a época. Essas áreas foram definidas em função das características arquitetônicas e urbanísticas, sendo possível perceber três séculos de arquitetura, em que as edificações mais próximas ao rio possuem traços coloniais e à medida que vai se afastando do ponto inicial da avenida se encontram as edificações ecléticas (PINHEIRO; MOURA, 2010).

A Casa Grande dos Dias da Silva é reconhecida por sua importância, elemento emblemático na memória social da cidade, apesar de não ter sido tombada individualmente em nível federal, mas é protegida por estar em um conjunto tombado pelo IPHAN, o que se justifica sobretudo pela singularidade e relevância, e elevado estado de conservação.

Em nível Municipal, a edificação é reconhecida como “objeto de processo de tombamento” de acordo com Lei nº 1908, de 11 de março de 2003 (que institui o sistema de tombamento do patrimônio histórico, artístico e natural do município de Parnaíba) no art. 37. Em nível estadual, a Casa Grande está na lista de bens tombados e registrados, com o nome de Casa de Simplício Dias (FUNDAC, 2012).



FIGURA 07 – Ponto de vista da Rua Grande, hoje Avenida Presidente Getúlio Vargas, na primeira metade do século XX.
Fonte: DIDEROT, Mavignier. A Casa Grande da Parnaíba. Disponível em: <<http://www.portalcostonorte.com/a-casa-grande-da-parnaiba/>>.



FIGURA 08 – Foto da Maria Fumaça ao fundo a Casa Grande.
Fonte: Arquivo Pessoal de Carlos José Candeira. Disponível em: <<http://www.phbemnota.com/2014/03/maria-fumaca-fazendo-o-percurso-para-o.html>>.

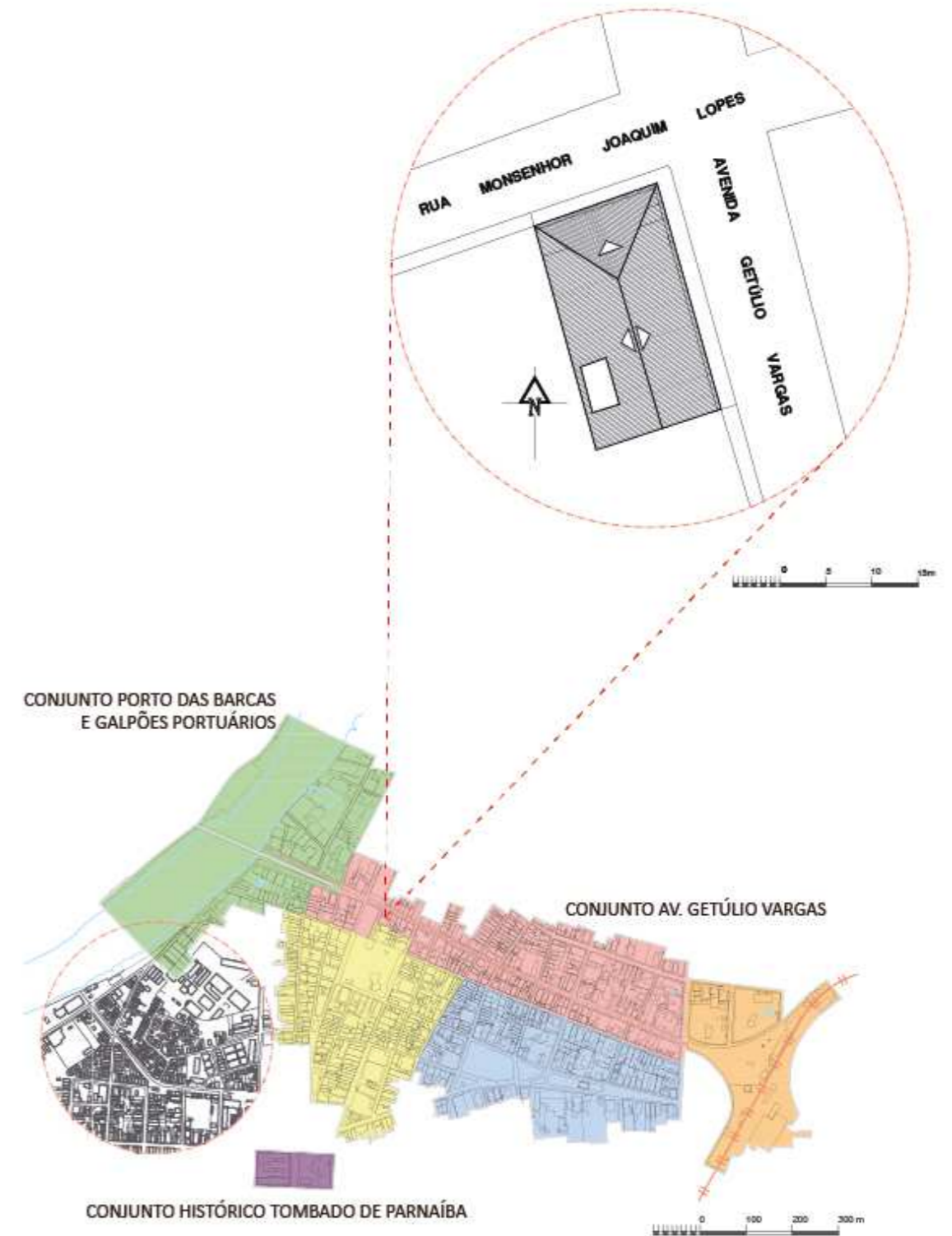


FIGURA 09- Mapa da Localização Geográfica da Casa Grande no Centro Histórico.
Fonte: Mapa Iphan editado por Ellaine Martins, 2018.

1.3 Justificativa

Ao iniciarmos o Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí, fomos orientados a educar o nosso olhar para observar o Centro Histórico da Cidade de Parnaíba, perceber, sentir o lugar, para então escolher um espaço para estudos e intervenções, a considerar que um dos lugares de investigação e intervenção do Projeto Matriz do Programa é o Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba tombado em nível federal em 2008. Fomos orientados a diagnosticar os usos das edificações: concluímos que a Casa Grande é um espaço subutilizado, não tem uma função social e cultural, não é um equipamento cultural, que justificou a sua conservação e restauro, concluídos em 2012, não é um espaço que ofereça serviços educativos e culturais à população.

Fomos orientados, então, a realizar estudos e a sugerir intervenções na Casa Grande de Simplício Dias, um imóvel tombado e restaurado com recursos federais (2010-2012), por meio de convênio firmado entre o IPHAN, Ministério da Cultura (MinC) e Prefeitura Municipal de Parnaíba (PMP), com recursos do Plano de Aceleração do Crescimento- Cidades Históricas (PACH), e entregues à gestão da Prefeitura Municipal de Parnaíba em 2013, que deveria realizar a gestão do imóvel. Atualmente, a Casa Grande é usada como sede da Superintendência de Cultura do Município de Parnaíba e Escritório Técnico da Superintendência do IPHAN no Piauí para funcionar como “Sobrado do Museu Simplício Dias”.

O Conjunto Histórico e Paisagístico tombado em 2008 abriga a Casa Grande, que mesmo sem uma função social de uso, atrai residentes e turistas, o que revela a peculiaridade da edificação, mesmo com inúmeras modificações na arquitetura e urbanismo da cidade, que abriga centro administrativo, comercial e residencial do município, com edificações em estado de abandono e degradação. O Tombamento abrange 07 (sete) áreas de características arquitetônicas distintas (Figura 10): (1) Conjunto do Porto das Barcas e Galpões Portuários; (2) Conjunto da Praça Santo Antônio; (3) Conjunto da Avenida Getúlio Vargas; (4) Conjunto da Estação Ferroviária; (5) Conjunto da Praça da Graça; (6) Arquitetura tradicional popular e (7) Área de Entorno (IPHAN, 2008).

A Casa Grande, por estar localizada no Centro Histórico da cidade, ser uma edificação histórica, secular, encontra-se num espaço emblemático da vida urbana, de relevância histórica, tem condições de abrigar o museu da cidade; tem condições de receber exposições sobre a vida cotidiana dos residentes, sobre a história da cidade. Sua posição geográfica permite o fluxo turístico, uso sustentável, geração de emprego e renda, criação de uma cultura de museus e movimentação da vida cultural da cidade. A Casa Grande é um lugar que poderá ser símbolo da dinâmica cultural da cidade, de conhecimento, convívio social e cultural, pesquisa, conservação e comunicação das histórias e memórias da cidade – o Museu de Parnaíba.

A agenda cultural da cidade de Parnaíba é frágil, não há museus e é pouca outra natureza de equipamentos culturais. A população, na sua maioria, não conhece os sentidos e significados do tombamento,

falta uma política efetiva e sistemática de educação, que permita o conhecimento e o reconhecimento das pessoas sobre o tombamento, o que inclui a Casa Grande. O Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia, desde 2015, desenvolve projetos e ações de sensibilização, de educação e interpretação patrimonial, apresentando um repertório de possibilidade de uso social para as áreas tombadas, o que inclui criar a efetivação de desejos, visto que, desde a sua restauração, foi manifestado o desejo de transformar o local em museu com o nome “Sobrado do Museu Simplício Dias”, como apresentado no portal do IPHAN. Em 2012, quando foi finalizada a obra de restauro da Casa Grande, o espaço passou a abrigar o Escritório Técnico do IPHAN e a Superintendência de Cultura do Município, que realizou uma série de atividades culturais, dentre elas o projeto Portas Abertas, que permitiu dar visibilidade ao espaço e iniciar atividades de educação patrimonial com o público escolar.

Temos convicção das potencialidades da reabilitação da Casa Grande, considerando as alterações já sofridas, mas ainda possui um alto nível de conservação, que se consolidará com a revitalização e uso social à edificação, a considerar que se trata de imóvel construído para habitação familiar no século XVIII, portanto, equipamento residencial antigo e de grande simbologia para a cidade e para o patrimônio cultural.

Revitalizar a Casa Grande dos Dias da Silva é permitir a criação de um equipamento cultural desejado pelos residentes, é potencializar o turismo cultural. É afirmar a política do Mestrado de formação de gestores do patrimônio cultural, gerir de forma sustentável e empreendedora equipamentos culturais¹.

¹ Parnaíba é uma cidade com um complexo e rico patrimônio, porém este potencial precisa ser gerenciado. A comunidade deve se sentir responsável pela defesa do patrimônio cultural, o que justifica o trabalho desenvolvido pelo Mestrado da UFPI, materializado em ações de educação patrimonial, de aproximação das pessoas que vivem nas áreas tombadas e entorno; pessoas que se motivadas podem ser parceiras da preservação não apenas de suas propriedades, mas do conjunto. O Museu da Cidade pode vir a ser um elo de aproximação da comunidade com seu patrimônio cultural.

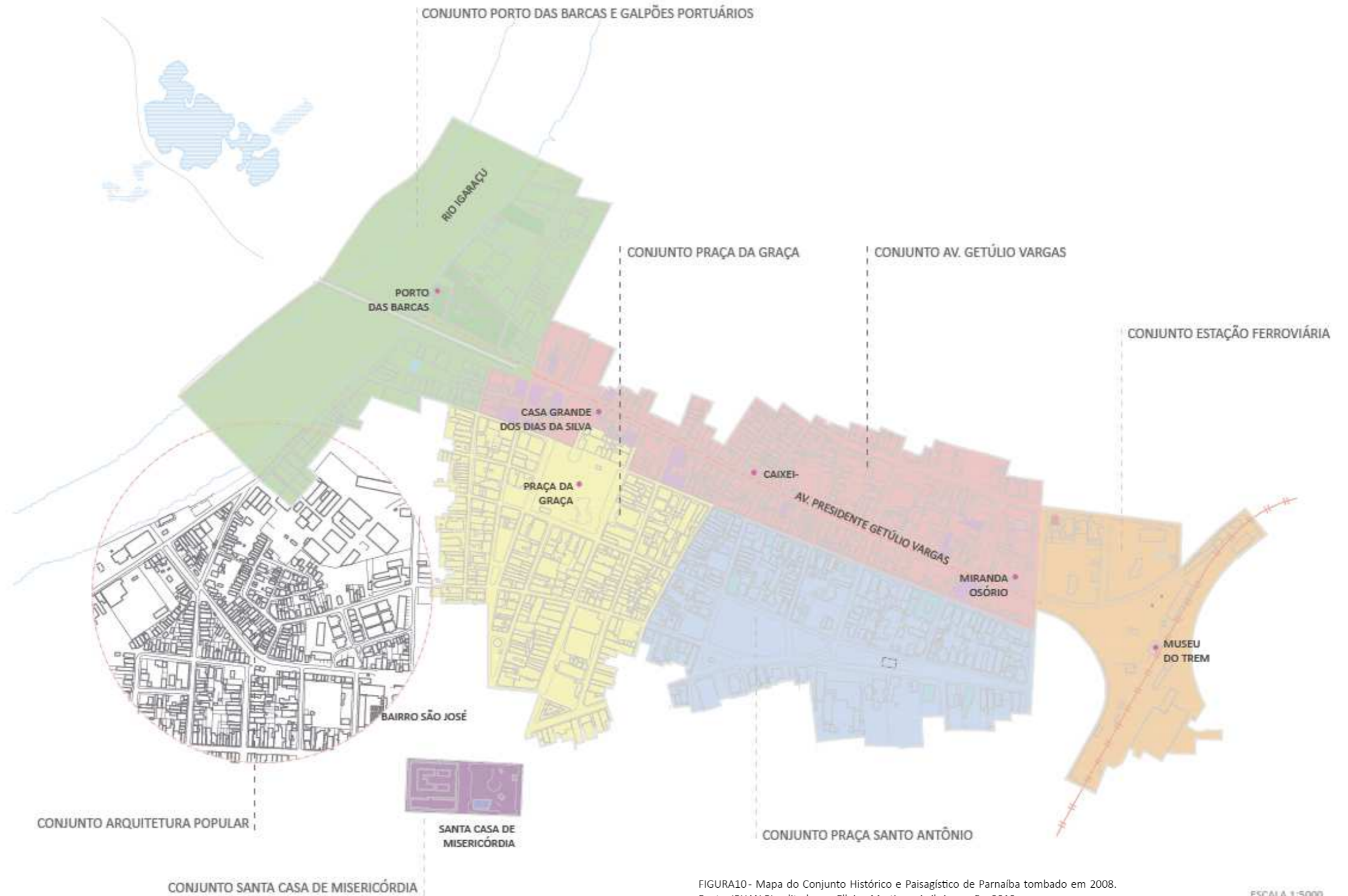


FIGURA10- Mapa do Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba tombado em 2008. Fonte: IPHAN PI, editado por Ellaine Martins e Anik Assunção, 2018.

ESCALA 1:5000

1.4 Público alvo

A considerar que parte da população de Parnaíba não conhece a Casa Grande, definimos como público alvo deste trabalho os residentes da cidade e visitantes, nomeadamente a comunidade do entorno, residentes, comerciantes, pessoas que têm um contato direto e relações de trabalho e afeto com a edificação.

O público alvo foi a população sazonal e residente das áreas tombadas, principalmente aquela que habita as áreas do Porto das Barcas e Galpões Portuários, Avenida Getúlio Vargas, Praça da Graça, Estação Ferroviária e Arquitetura Tradicional Popular, que constituem a cercania da Casa Grande.

O público escolar de vários níveis de ensino e instituições do Estado e da cidade em particular; público que visitou as exposições que realizamos ao longo da pesquisa-ação, foram motivados a participar de ações educação museal e interpretação do patrimônio que realizamos, em um ambiente de educação não formal, com atividades diversas, agregando valor do ensino, integradas ao contexto da cidade e ao meio ambiente.

1.5 Objetivos

1.5.1 Objetivo Geral

- Elaborar um projeto de reabilitação em nível de anteprojeto da Casa Grande dos Dias da Silva em condições para abrigar o Museu da Cidade de Parnaíba.

1.5.2 Objetivos Específicos

- Propor um plano de uso para a Casa Grande, materializado em um anteprojeto arquitetônico de reabilitação, qualificando a edificação para Museu da Cidade;
- Realizar exposições itinerantes e aplicar questionários com os residentes e visitantes de Parnaíba, com intuito de conhecer a opinião dos mesmos sobre uso da Casa Grande e perceber os desejos e necessidades associados para estimular uma construção participativa do projeto de requalificação;
- Investigar temas associados à arquitetura e museus, reabilitação de edificações históricas para uso cultural e social, e boas práticas de requalificação;
- Estimular, através do projeto de reabilitação, o processo de criação do Museu da Cidade de Parnaíba, como espaço de integração social e educacional, além de um ambiente propício para interpretação patrimonial.



2 ESTUDO DO CONTEXTO

Nesta seção, apresentamos os estudos e intervenções realizados na Casa Grande dos Dias da Silva iniciados em 2016, coordenado pela Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro, que envolveu os mestrados da segunda turma do Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia, que incluiu, dentre outras atividades, o diagnóstico da edificação, trabalho que concluímos em dezembro 2017.

Iniciamos com a descrição da Casa Grande, dos ambientes físicos e estrutura existente, e diálogos entre pessoas que usam ou que têm interesse na requalificação do imóvel. Posteriormente, apontamos a situação da edificação no período da restauração realizada sob a coordenação do IPHAN Piauí em 2010, após o restauro em 2012, e, por último, apresentamos diagnóstico finalizado em 2017 sobre a edificação.

Para melhor compreender o estado atual da edificação, dividimos a narrativa em três etapas: na primeira, “A Casa Grande antes da reforma coordenada pelo IPHAN Piauí”, o trabalho teve como base a ficha de cadastro da edificação realizada pelo órgão de proteção federal; na segunda, “A Casa Grande e o restauro IPHAN”, projeto e o uso previsto com a restauração, e por fim, na terceira etapa, “Análise diagnóstica e da situação atual da Casa Grande”, apresentamos não só as visitas realizadas à edificação, mas também dois meses de uso efetivo da edificação, com atividades educativas e culturais, exposições, oficinas, aulas do mestrado e atividades coordenadas pelo Mestrado Profissional.

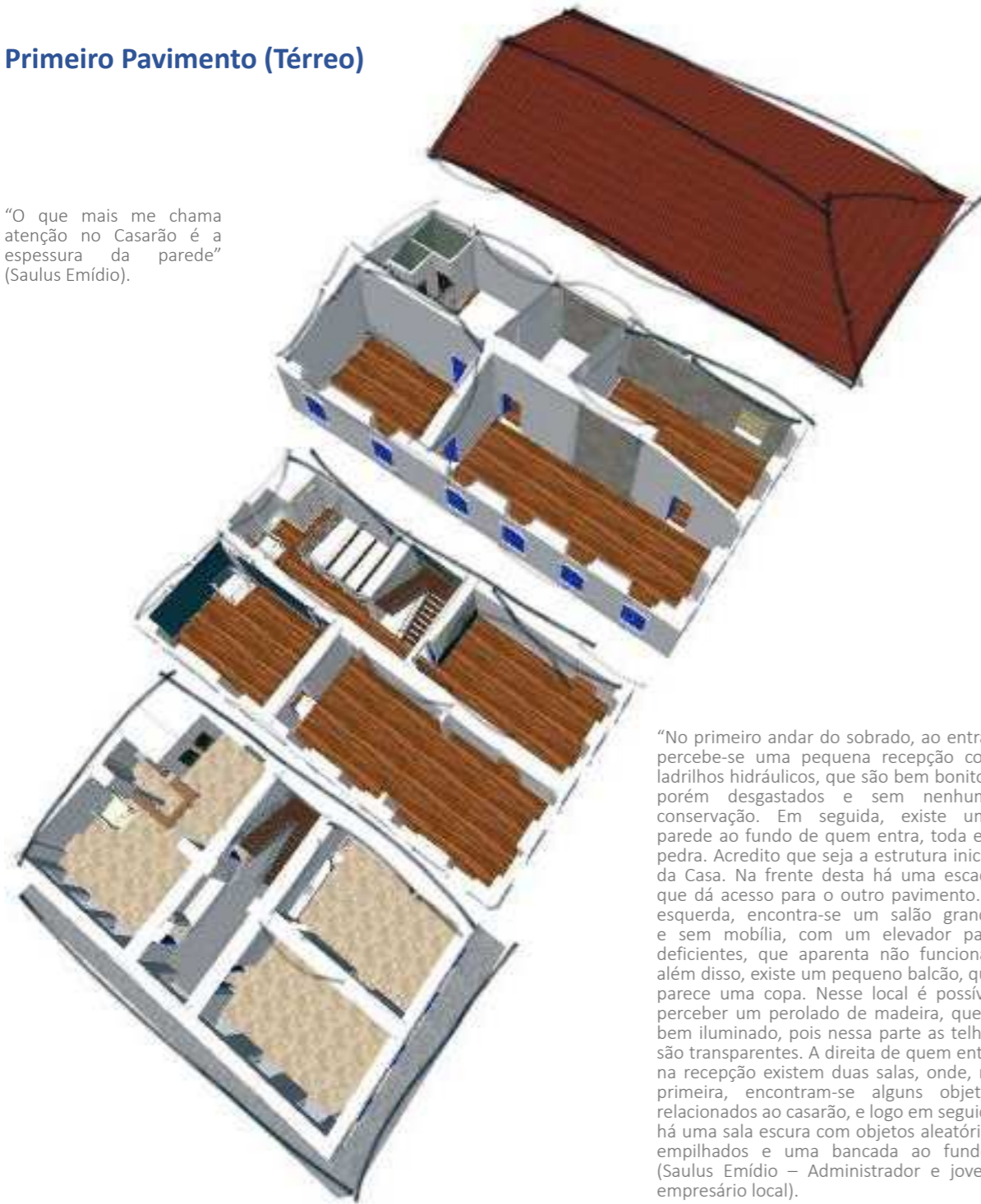
2.1 A Casa Grande antes da reforma coordenada pelo IPHAN Piauí

Para compreendermos o contexto no qual se insere a Casa Grande, precisamos apresentar a edificação de maneira geral, o que inclui ambientes e estrutura existentes atualmente. As figuras 11, 12 e 13 mostram um diagrama tridimensional do imóvel, de acordo com levantamento realizado pela mestranda em 2016/2017.

Para que a edificação não fosse apresentada apenas sob nosso ponto de vista, escolhemos, de forma aleatória, duas pessoas, que residem em Parnaíba, uma historiadora e um empresário, que conhecessem o espaço. Solicitamos que o descrevessem de forma breve e sucinta, para conhecermos as suas percepções espaciais e compararmos com a nossa compreensão pós-diagnósticos e com o projeto que propomos para a Casa Grande dos Dias da Silva.

Primeiro Pavimento (Térreo)

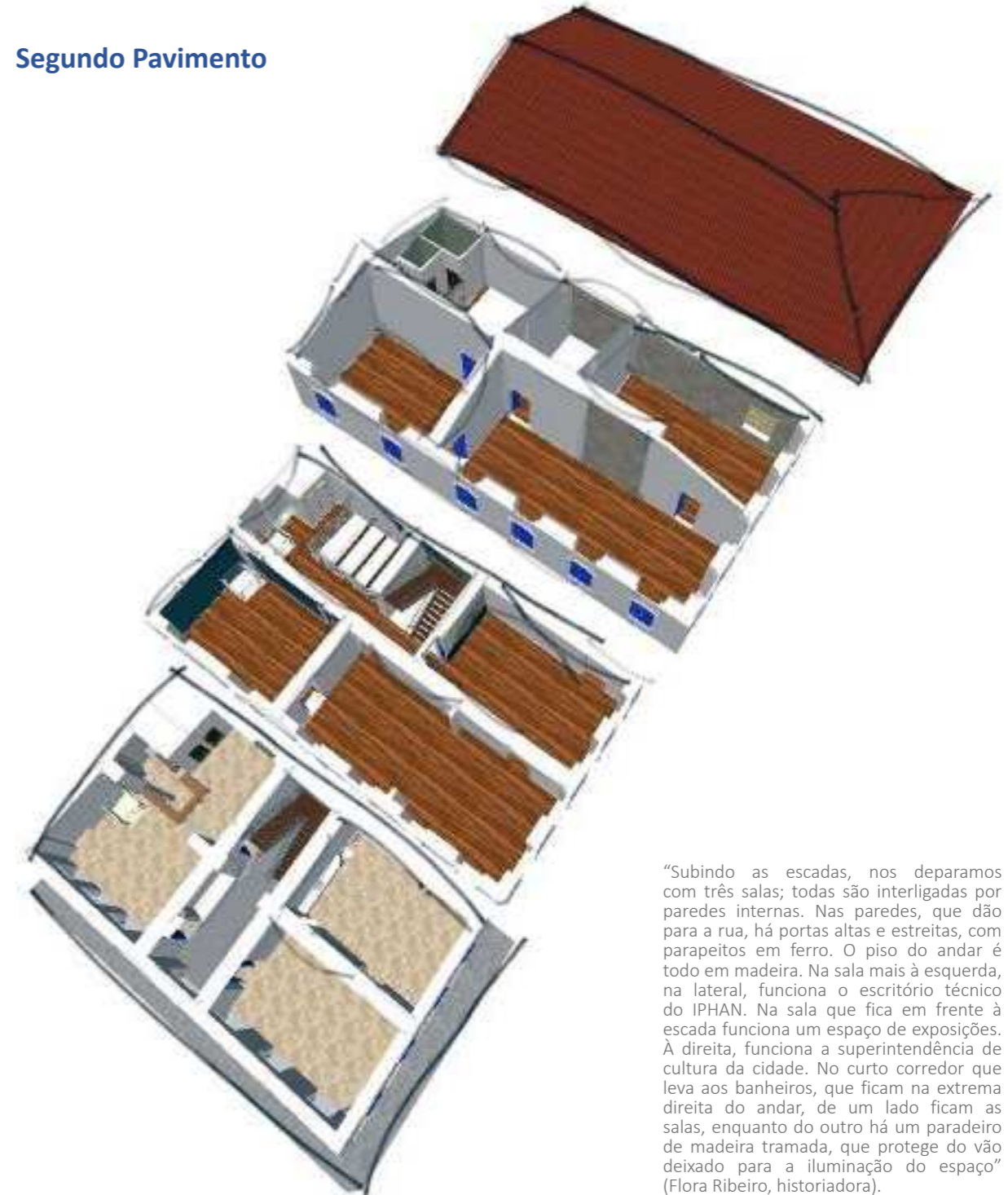
“O que mais me chama atenção no Casarão é a espessura da parede” (Saulus Emídio).



“No primeiro andar do sobrado, ao entrar, percebe-se uma pequena recepção com ladrilhos hidráulicos, que são bem bonitos, porém desgastados e sem nenhuma conservação. Em seguida, existe uma parede ao fundo de quem entra, toda em pedra. Acredito que seja a estrutura inicial da Casa. Na frente desta há uma escada que dá acesso para o outro pavimento. À esquerda, encontra-se um salão grande e sem mobília, com um elevador para deficientes, que aparenta não funcionar, além disso, existe um pequeno balcão, que parece uma copa. Nesse local é possível perceber um perolado de madeira, que é bem iluminado, pois nessa parte as telhas são transparentes. À direita de quem entra na recepção existem duas salas, onde, na primeira, encontram-se alguns objetos relacionados ao casarão, e logo em seguida há uma sala escura com objetos aleatórios empilhados e uma bancada ao fundo” (Saulus Emídio – Administrador e jovem empresário local).

FIGURA 11- Diagrama Volumétrico da Casa Grande e descrição do primeiro pavimento (térreo). Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

Segundo Pavimento

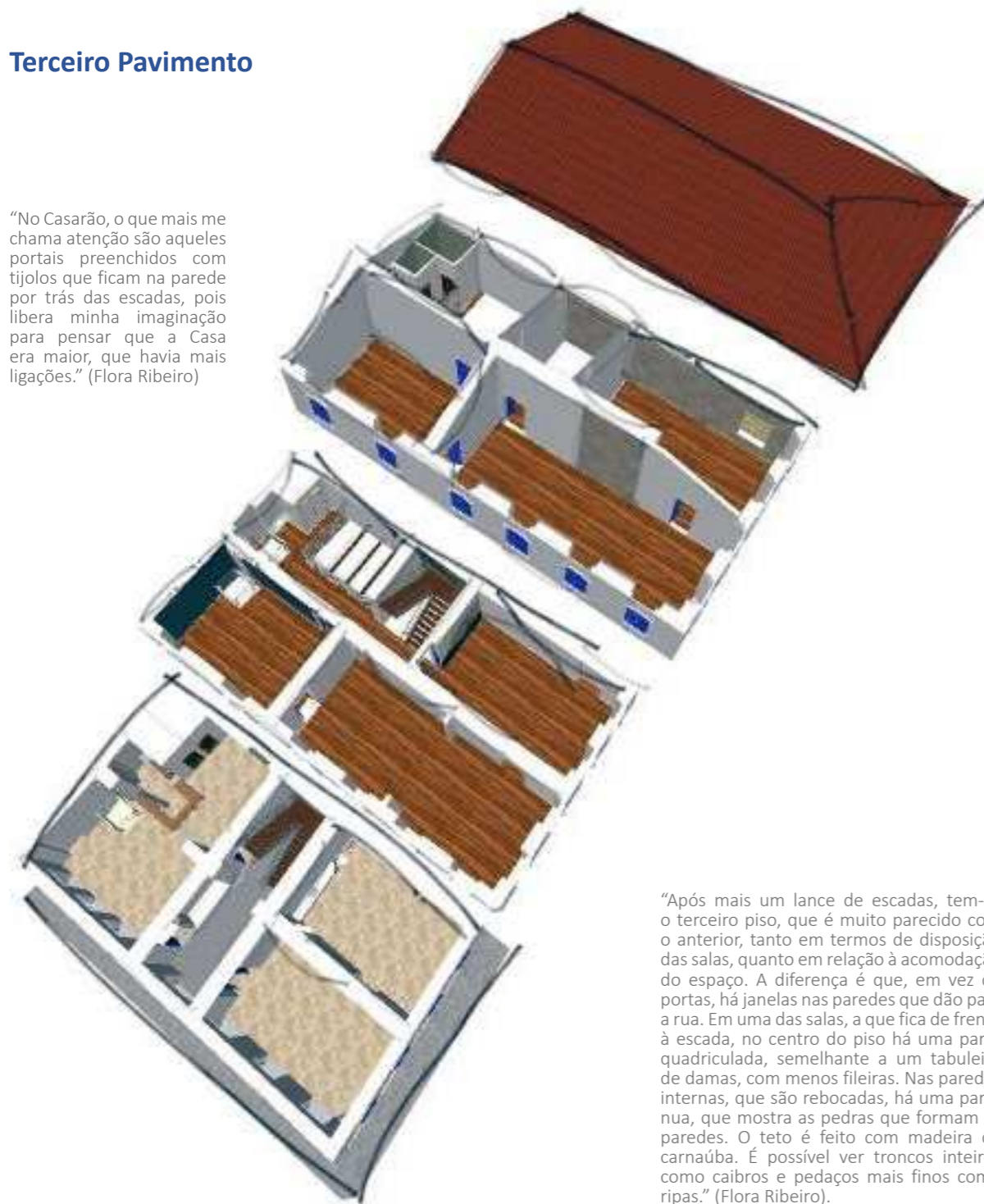


“Subindo as escadas, nos deparamos com três salas; todas são interligadas por paredes internas. Nas paredes, que dão para a rua, há portas altas e estreitas, com parapeitos em ferro. O piso do andar é todo em madeira. Na sala mais à esquerda, na lateral, funciona o escritório técnico do IPHAN. Na sala que fica em frente à escada funciona um espaço de exposições. À direita, funciona a superintendência de cultura da cidade. No curto corredor que leva aos banheiros, que ficam na extrema direita do andar, de um lado ficam as salas, enquanto do outro há um parapeiro de madeira tramada, que protege do vão deixado para a iluminação do espaço” (Flora Ribeiro, historiadora).

FIGURA 12- Diagrama Volumétrico da Casa Grande e descrição do segundo pavimento. Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

Terceiro Pavimento

“No Casarão, o que mais me chama atenção são aqueles portais preenchidos com tijolos que ficam na parede por trás das escadas, pois libera minha imaginação para pensar que a Casa era maior, que havia mais ligações.” (Flora Ribeiro)



“Após mais um lance de escadas, tem-se o terceiro piso, que é muito parecido com o anterior, tanto em termos de disposição das salas, quanto em relação à acomodação do espaço. A diferença é que, em vez de portas, há janelas nas paredes que dão para a rua. Em uma das salas, a que fica de frente à escada, no centro do piso há uma parte quadriculada, semelhante a um tabuleiro de damas, com menos fileiras. Nas paredes internas, que são rebocadas, há uma parte nua, que mostra as pedras que formam as paredes. O teto é feito com madeira de carnaúba. É possível ver troncos inteiros como caibros e pedaços mais finos como ripas.” (Flora Ribeiro).

FIGURA 13 - Diagrama Volumétrico da Casa Grande e descrição do terceiro pavimento.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

Em 2010, foi iniciada a restauração do imóvel. A documentação fotográfica consultada no acervo do IPHAN Piauí, permite-nos visualizar que o primeiro pavimento da Casa Grande de Simplício Dias era o mais conservado dentre os demais e o único que era usado quando a Casa foi comprada pela Prefeitura de Parnaíba. Com a restauração, o pavimento térreo sofreu muitas alterações, o que se justifica pelo uso. Já os demais pavimentos, encontravam-se fora de uso e sem manutenção, o que provocou grandes desgastes à edificação (Figura 14).

Na documentação do IPHAN Piauí, ficha de cadastro de arquitetura, arquivada no Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (2009), encontramos mais informações sobre a arquitetura da Casa Grande de Simplício Dias, como apresentamos no Quadro 01.

QUADRO 01- Características da Edificação | Casa Grande de Simplício Dias

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS DA CASA GRANDE DE SIMPLÍCIO DIAS		
Paredes Externas		
Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos		Paredes de alvenaria de adobe e pedras, rebocadas e pintadas, com adornos de massa nas cercaduras, cornija, frisos e cunhais.
Cobertura		
Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos		A cobertura é de telhas cerâmicas, tipo canal, sobre estrutura de madeira, com cumeeira no sentido longitudinal da edificação e beirais aparentes sobre cornijas de massa. O acabamento em uma das arestas é do tipo “peito de pombo”.
Aberturas e elementos integrados		
Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos		Os vãos dos três pavimentos são ritmados e simétricos na fachada voltada para a Rua Joaquim Lopes. Os voltados para a Av. Getúlio Vargas apresentam simetria nos pavimentos superiores. Deve ter havido modificações no pavimento térreo. Na esquina da edificação há um oratório em cantaria, com refinados detalhes de acabamento em sua base e frontão. Os vãos do térreo apresentam vergas retas, com cercaduras em arco abatido, exceto o vão de acesso aos pavimentos superiores, em arco abatido e maiores dimensões. Todos têm esquadrias em fichas de madeira. Os vãos do 1º pavimento são balcões, em arco abatido, com cercaduras em massa e guarda corpos de ferro e esquadrias em fichas de madeira. Os do 2º pavimento são janelas em arco abatido, com cercaduras e esquadrias em fichas de madeira.

Fonte: IPHAN. Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão. 2009.

FIGURA 14 - Foto Casa Grande antes da restauração. Fonte: Jornal Impresso e on-line – Jornal da Parnaíba. Piauí, 2010. “Iphan e Prefeitura de Parnaíba assinam ordem de serviço para restauração da Casa Grande de Simplício Dias”. Disponível em: <http://www.jornaldaparnaiba.com/2010_09_05_archive.html>.

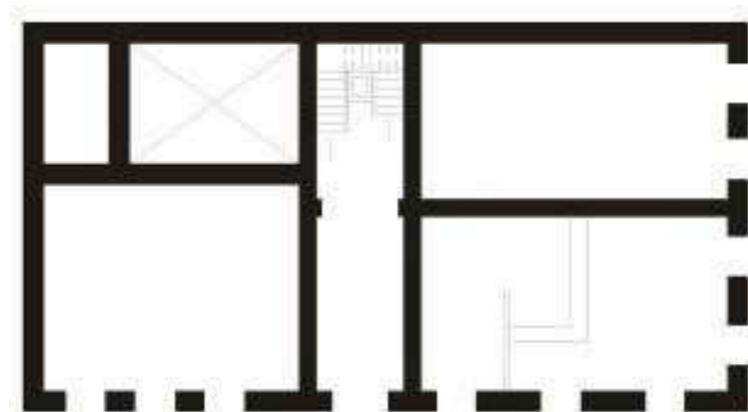


FIGURA 15 - Planta do Primeiro Pavimento | Térreo. Fonte: IPHAN, 2009.



Posição provável para esta foto

FIGURA 16 – Poço de Iluminação. Fonte: IPHAN, 2009. Editado por Ellaine Martins.

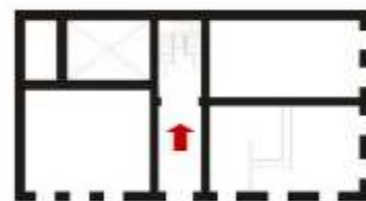
Além das características do imóvel, há informações materializadas em fotos e planta baixa, que mostram o estado de conservação da Casa em 2009. Na Planta Baixa, o Pavimento Térreo indicava o maior número de intervenções (Figura 15). No ambiente indicado com o número 1, estava localizado o bar, que funcionava na Casa Grande. É possível visualizar que os outros espaços estavam todos isolados, diferente do que acontece hoje após a restauração. Os cômodos indicados com o número 3 encontravam-se sem acesso e isolados, com apenas a entrada pela fachada. A área identificada com o número 2 refere-se ao poço de ventilação e iluminação, que atualmente ainda existe, e na ocasião estava emparedado e com crescente vegetação em suas paredes (Figura 16).

Ao centro, indicado com o número 04, havia a entrada principal para os outros pavimentos da Casa Grande, que estava completamente sem acesso pelas laterais. Na ficha cadastral da edificação, destaca-se ainda, a escada de madeira com guarda-corpos e corrimão em madeira (Figura 17), que foi retirada durante a intervenção e hoje deu espaço para uma escada com estrutura metálica e patamares dos degraus em madeira. Outro elemento que se destaca no pavimento térreo é o forro todo em madeira, que permanece, porém com algumas intervenções, devido ao estado de conservação no qual se encontrava antes da restauração (IPHAN, 2009).

No segundo pavimento (Figura 18), apenas os itens 2 e 3 pareciam ter elementos que caracterizavam algum tipo de uso, porém não era possível definir a finalidade. Apesar da constante degradação da edificação, neste pavimento é possível perceber melhor as características arquitetônicas, vãos em arco abatido e esquadrias em madeira pintadas em tom de azul e vidro dos quais se encontram apenas os vãos (Figura 19). Ainda na Figura 19 é perceptível o forro e o piso tabuado com comprimentos e larguras variadas, pintados na cor branca e visivelmente pouco conservados e sem algumas peças (IPHAN, 2009). Além da falta de uso e manutenção, a deterioração das janelas externas são fatores agravantes para patologias existentes e que deixavam a parte interna à mercê das intempéries.

O terceiro pavimento (Figura 20) é indicado como sem utilização, possui a mesma compartimentação espacial do segundo pavimento (Figura 18). É um andar muito rico em detalhes, visto que não tem forro e é possível visualizar a estrutura do telhado feito com ripas de madeira, caibros e torras de carnaúba (Figura 21), bastante presentes nas edificações da região, já que a carnaúba é uma árvore comum no estado, além de significativa, considerada recentemente o símbolo do Piauí. Um detalhe existente neste pavimento é a pintura com símbolos da maçonaria (Figura 22), grupo de que Simplício Dias da Silva fazia parte.

No último pavimento, de acordo com o relatório de cadastro da edificação, ficava visível a existência de vãos emparedados como é perceptível na Figura 23, a linha do arco que existia anteriormente indicava a existência de uma porta ou abertura livre. Na Figura 24, visualizamos nas paredes a pintura deteriorada à



Posição provável para esta foto

FIGURA 17- Vista do Acesso à Escada.
Fonte: IPHAN, 2009. Editado por Ellaine Martins.

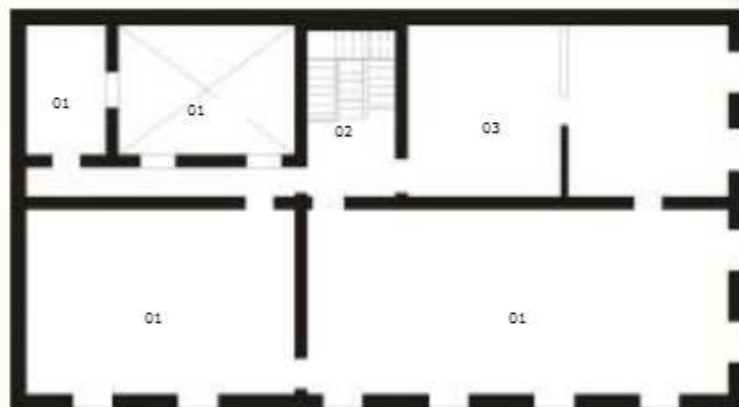
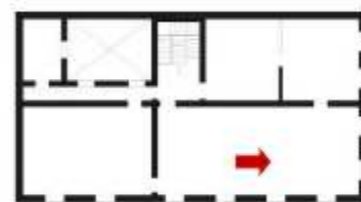


FIGURA 18- Planta Baixa do Segundo Pavimento.
Fonte: IPHAN, 2009.



Posição provável para esta foto

FIGURA 19- Vista de Sala do Segundo Pavimento.
Fonte: IPHAN, 2009. Editado por Ellaine Martins.

mostra o reboco e a esquadria completamente comprometidos, visto que havia brechas, desgaste estrutural e da coloração.

Na estrutura da Casa Grande havia esquadrias que atualmente foram emparedadas após a restauração (Figura 25), porém não há uma indicação no documento analisado do acesso oriundo dessa abertura. Restam as memórias dos residentes, para supor onde essas esquadrias ou passagens tinham por destino. É comum ouvirmos entre os moradores que havia uma passagem da Casa Grande para a Igreja de Nossa Senhora da Divina Graça, catedral de Parnaíba, construída pela família Dias da Silva, ou ainda que a edificação tinha uma estrutura maior que a existente nos dias atuais. O que faz supor que poderia haver uma construção entre a Casa Grande e a Igreja, como parte da estrutura original da Casa Grande. Apesar de não termos encontrado documentos que comprovem nenhuma das duas hipóteses, é possível que tenha existido uma passagem entre a Casa Grande e a Igreja, nesse caso, os vãos emparedados reforçam essas hipóteses. Na Figura 25 ainda observamos a permanência de vegetação em todos os pavimentos, o que reitera que o pavimento estava completamente sem uso e sem acesso.

A edificação recebeu algumas alterações durante os anos e adaptações para receber os usos ali existentes, porém a maior parte da sua estrutura mantinha-se original, apesar do desgaste generalizado. Em contrapartida possuía o entorno bastante transformado principalmente por edificações modernas. A Casa Grande, apesar de não ser tombada individualmente em nível federal, apenas municipal e estadual, é protegida por ser um imóvel de relevante interesse e que deve ser preservado externamente e internamente, sem acréscimos ou supressões de planta baixa e fachada. De acordo com relatórios do Setor de Planejamento no Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão do IPHAN (2009), as recomendações gerais para a quadra 68 do conjunto da Avenida Getúlio Vargas, localização da Casa Grande) são:

Proibição de desmembramentos e remembramentos; Proibição de uso industrial; Preservação das características essenciais do conjunto quanto à forma, gabarito, implantação, materiais e forma de cobertura, materiais e forma de vedação e revestimento; Para reformas: Manutenção das características originais do imóvel quanto à implantação no lote, área construída, gabarito, materiais de revestimento, adornos, materiais e forma da cobertura, forma e materiais de vedação dos vãos; Restauração, requalificação e/ou conservação de edificações isoladas ou em conjunto; Restauração da Casa Grande de Simplicio Dias e atribuição de uso socioeconômico ou cultural de acordo com carência municipal; Normatização de placas e pinturas comerciais e de publicidade; Incentivos fiscais para restauração, conservação e requalificação dos imóveis de destaque no conjunto; Entende-se como reforma quaisquer alterações promovidas no lote já edificado (IPHAN, 2009. p.01).

No documento, o órgão de preservação destaca a necessidade de restauração da Casa de Simplicio Dias, enfatiza que a edificação deveria ter um novo uso social, econômico e cultural, definidos a partir das

demandas e carências locais.

O mesmo documento contém um diagnóstico da edificação antes da restauração, que informa um estado ruim, precário de conservação, com as seguintes patologias: presença de umidade, manchas, excrementos de morcegos, vegetação nas paredes, pintura completamente deteriorada e estrutura com fissuras, principalmente no terceiro pavimento. Havia ainda goteiras, que danificavam o piso, forros e rebocos, além da estrutura da cobertura, que estava comprometida, com algumas peças apodrecidas.

As esquadrias estavam mais deterioradas, com perdas de dobradiças e fechaduras de origem. As instalações hidro sanitárias estavam danificadas, funcionavam apenas as existentes no bar e de forma adaptada. Dessa maneira, é possível afirmar que o estado da edificação antes da restauração era periclitante e, de acordo com a situação descrita no relatório do IPHAN Piauí, a situação se justificava pela falta de manutenção e mau uso da edificação, uma vez que havia menos prejuízo causado pelas intempéries, e mais pelo uso inadequado para funcionamento de um bar, que causou grandes modificações e desgastes na estrutura de origem da Casa Grande.

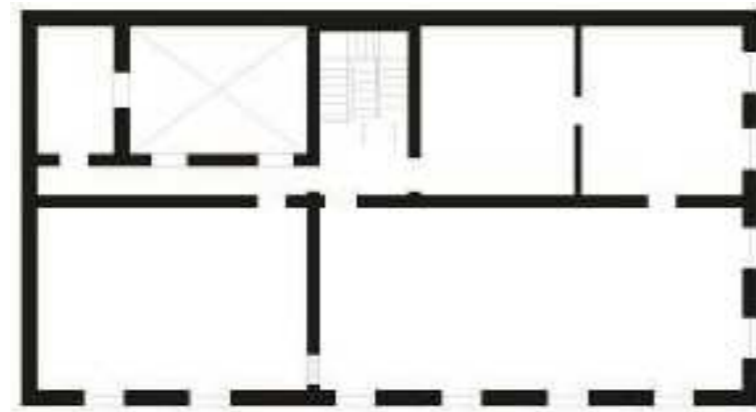
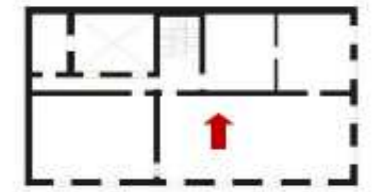


FIGURA 20 - Planta Baixa do Terceiro Pavimento
Fonte: IPHAN, 2009.



FIGURA 21 - Vista da estrutura da Cobertura.
Fonte: IPHAN, 2009.



Posição provável para esta foto

FIGURA 22 - Pinturas referentes à maçonaria. Fonte: IPHAN, 2009. Editado por Ellaine Martins.

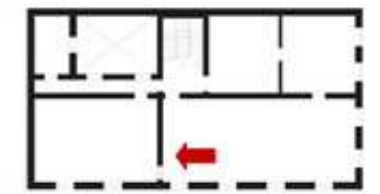
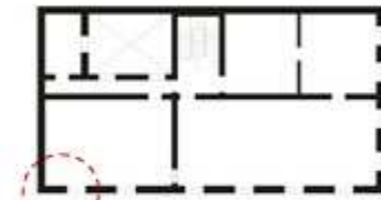


FIGURA 23 - Vão Emparedado | Terceiro Pavimento. Fonte: IPHAN, 2009. Editado por Ellaine Martins.

Posição provável para esta foto



Posição provável para esta foto

FIGURA 24 - Pintura e Esquadria Deterioradas. Fonte: IPHAN, 2009. Editado por Ellaine Martins.



FIGURA 25 - Esquadria e Vegetação no Poço. Fonte: IPHAN, 2009.

2.2 A Casa Grande e o restauro pelo IPHAN

O relatório do projeto de restauração do IPHAN e o site do órgão de proteção, produzidos no contexto do Plano de Aceleração do Crescimento- PAC cidades históricas, informam que a Casa Grande dos Dias da Silva foi restaurada e entregue à sociedade de Parnaíba, por meio da Prefeitura Municipal, em 2012, para abrigar o “Museu Sobrado Simplício Dias e Arquivo Público”.

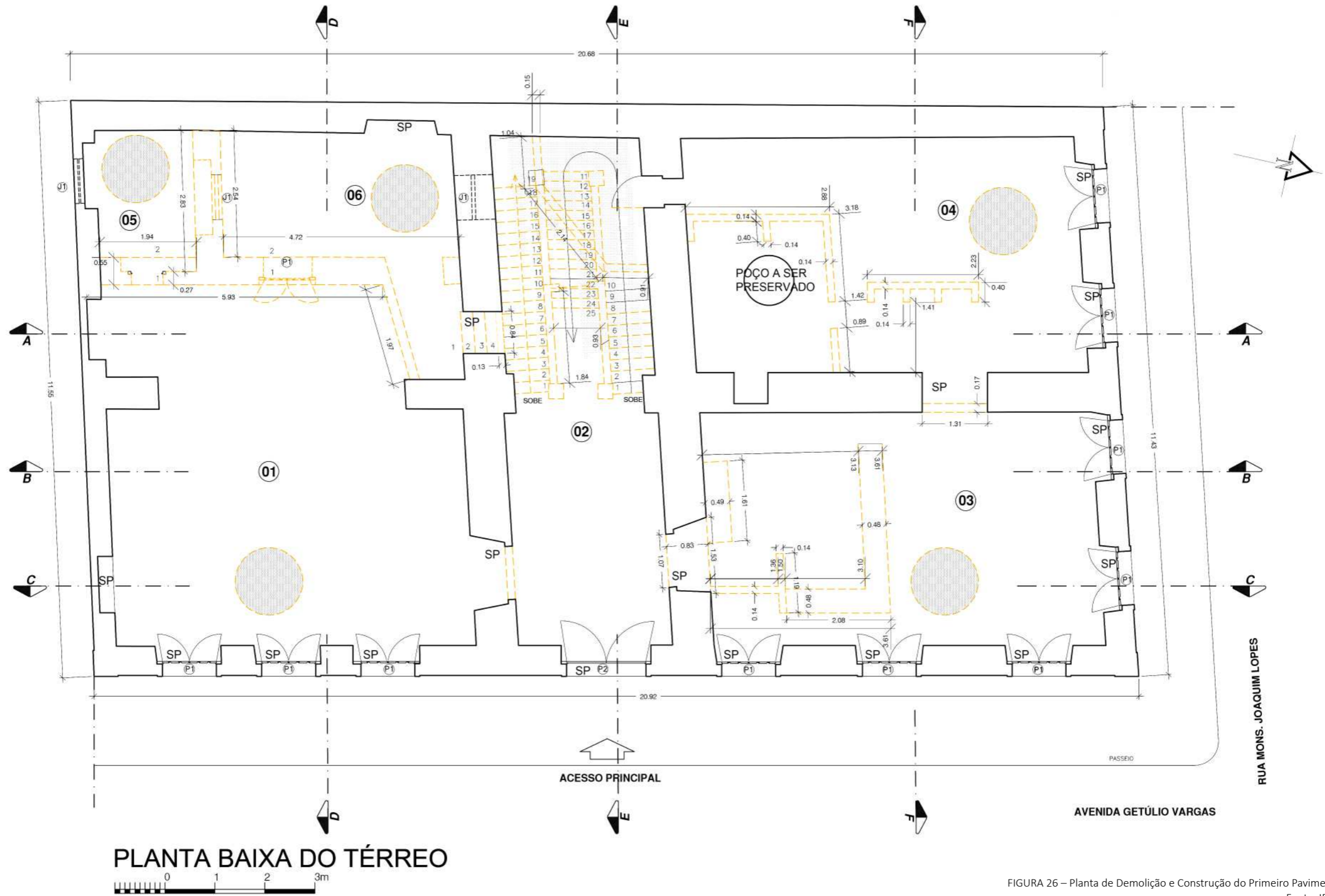
Para compreendermos o que foi planejado para o novo uso da edificação, analisamos o projeto de restauração e o relatório do IPHAN, que nos permitiram identificar a planta baixa da proposta, o que foi planejado para a edificação, para entendermos a disposição de alguns elementos que existem atualmente na edificação.

Nessa análise, visualizamos a estrutura atual da Casa Grande, as plantas de demolição e construção nos informam sobre elementos da edificação na época do projeto. As Figuras 26, 27 e 28 são, respectivamente, as plantas do térreo, segundo e terceiro pavimentos (Planta completa no anexo 01 deste trabalho), nas quais o primeiro piso é apresentado como aquele que teve o maior número de intervenções, com a abertura de novos vãos, que criaram uma estrutura unificada.

No segundo e terceiro pavimentos, as maiores intervenções foram causadas pela abertura de vãos e retirada das paredes que contornavam o poço de iluminação. Além disso, foi aberto espaço para as plataformas de deficientes em ambos os andares e também estruturas hidráulicas e elétricas. Outro elemento arquitetônico que foi retirado durante a restauração foi a antiga escada toda em madeira, como percebemos nas plantas das figuras 26, 27 e 28, que indicam uma nova estrutura, provavelmente devido aos desgastes.

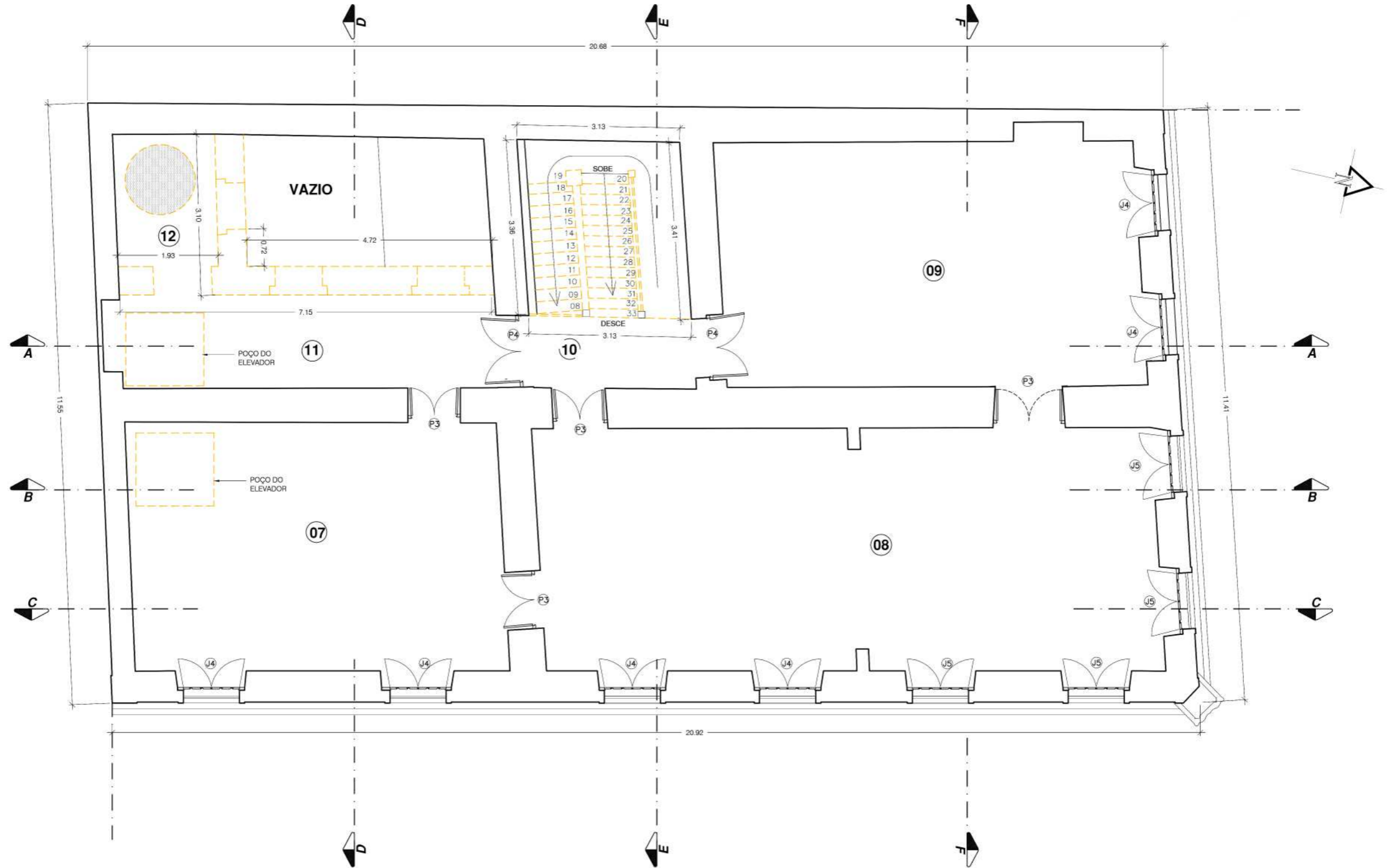
Na planta baixa da proposta de restauração está visível a distribuição pensada preliminarmente pelos técnicos responsáveis. Na figura 29, pavimento térreo, as duas salas da direita foram planejadas para servir de uso a um Bar ou Café, o que justificaria a existência hoje de uma bancada com uma pia. No acesso principal foi previsto um vestíbulo, que equivale a um hall de entrada, já no lado esquerdo da edificação, que só possui acesso frontal, foi recomendado funcionar como um espaço para diretoria, recepção e secretaria, além de uma copa e instalações sanitárias acessíveis.

Na planta baixa do segundo pavimento, figura 30, há indicações de uso do espaço para atividades educacionais e administrativas, onde funcionaria a diretoria e secretaria do arquivo público, o próprio arquivo e uma sala para palestras. É possível notar que assim como no primeiro pavimento, a plataforma de acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida estaria próximo à parte administrativa de um órgão público, o que funcionalmente poderia não ser a forma mais adequada de disposição dos ambientes; já no terceiro pavimento, o elevador está posicionado no hall de circulação, próximo ao poço de ventilação e iluminação, não interferindo, portanto, nos fluxos ou atividades (Figura 31).



PLANTA BAIXA DO TÉRREO

FIGURA 26 – Planta de Demolição e Construção do Primeiro Pavimento- Térreo.
Fonte: IPHAN, 2009.



PLANTA BAIXA DO 2º PAVIMENTO



FIGURA 27 – Planta de Demolição e Construção do Segundo Pavimento.
Fonte: IPHAN, 2009.

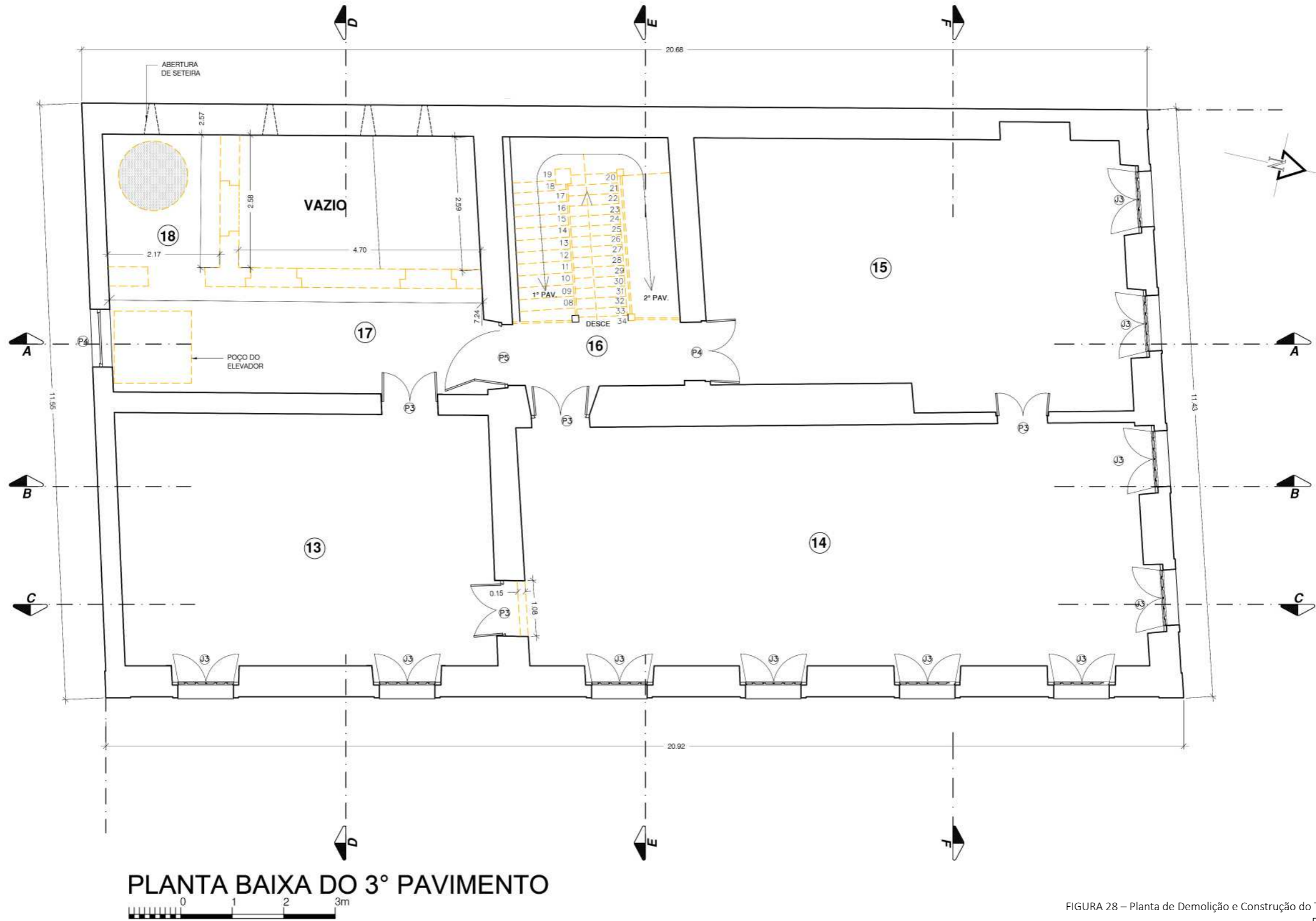


FIGURA 28 – Planta de Demolição e Construção do Terceiro Pavimento. Fonte: IPHAN, 2009.

Como nos pavimentos anteriores, os banheiros estão em locais de fácil acesso e isolados dos outros espaços de uso para outras atividades; há preocupação com lavatórios para pessoas com mobilidade reduzida.

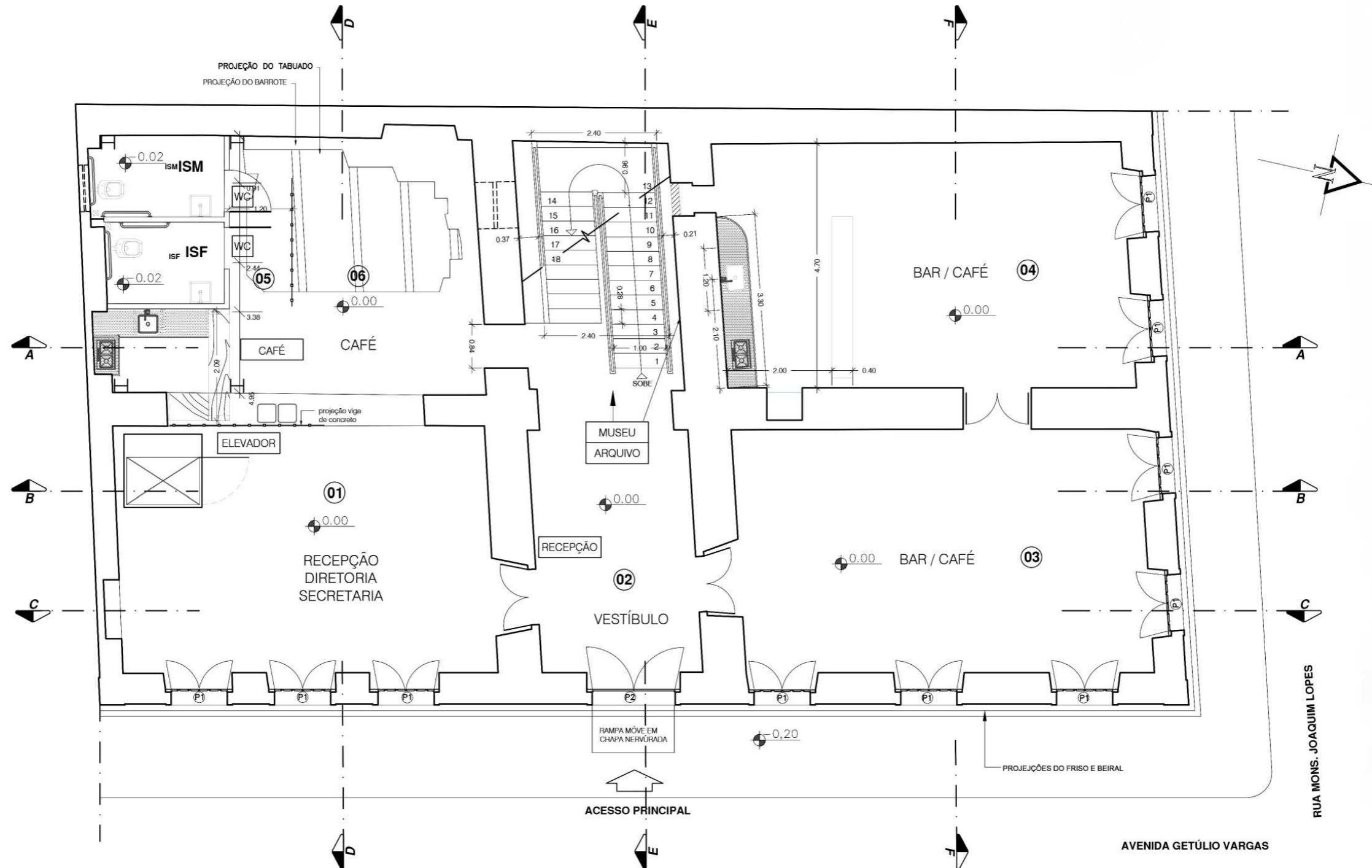
Ainda no último e terceiro pavimento, previsto para ser o espaço do museu, foram pensado três ambientes como salas de exposições, a primeira para apresentar a história de Simplício Dias, a segunda, o Porto das Barcas e a terceira, abrigaria, além de um espaço de trabalho de equipe interna ao Museu, uma exposição sobre a arquitetura e o urbanismo da cidade de Parnaíba. Ao analisarmos a distribuição desses espaços, novamente o espaço para uso administrativo é dividido com espaço de atividades abertas ao público.

Apesar de existir um fluxo adequado (Figura 32), a edificação não foi bem planejada para considerar o plano de necessidade de instituições como museu e arquivo: o museu tem salas de administração no primeiro pavimento e salas expositivas no último pavimento, o que inviabiliza o trabalho de instituições dessa natureza. Além disso, o arquivo público e o espaço para palestras se encontram no segundo pavimento e a área expositiva, que deve estar aberta aos públicos está no pavimento mais distante, o que em um primeiro momento comprometeria o acesso e visitação do público.

O estudo do projeto de restauração foi fundamental para o nosso trabalho, dentre os vários aspectos, destacamos a importância de identificarmos no planejamento de reabilitação da Casa Grande para novo uso a indicação de criação de um museu para a cidade. Além disso, o estudo sobre a restauração nos permitiu aprofundar conhecimentos sobre a estrutura atual da Casa Grande. Atualmente, a Casa Grande tem uma estrutura mista, que consiste em alvenaria de pedra (original); alvenaria de tijolo, em virtude dos fechamentos de vãos; concreto em lajes e vigas e dry-wall em gesso acartonado (banheiros) e por fim, pilares em estrutura metálica. Os nichos de janelas e vãos abertos foram fechados e rebocados, estão aparentes para demonstrar a intervenção. As paredes internas e externas são caiadas de branco e as esquadrias de madeira receberam o acabamento esmalte na cor Azul Mar-Universo.

O telhado é de ripas e caibros de carnaúba, formando a estrutura da cobertura com linhas em madeira serrada, o que torna a Casa Grande uma edificação com armação bem regional. Na claraboia existente, onde se encontrava o poço de iluminação, as telhas são do tipo canal e de vidro, assim estão os elementos finais da constituição da cobertura da edificação. O piso em barro cozido e trecho em pedra, no pavimento térreo, os pavimentos seguintes, em tabuado corrido de tamanhos diversos combinados com o forro e também em tabuado tipo saia-e-camisa (forro de madeira com tábuas que se encaixam, formando reentrâncias e saliências), tornam a Casa Grande um espaço especial, que permite aos visitantes olhar e apreciar os detalhes. A escada em madeira, foi substituída por uma estrutura de perfis de ferro e pisos, patamares e corrimãos em madeira, compondo um elemento que não colidiu com o entorno da Casa Grande, mas fica evidente que foi um acréscimo ao original.

A restauração da Casa Grande sem dúvidas foi um benefício para a cidade, propôs o órgão de proteção, Iphan, que tivesse uso cultural e educacional, que desse uma função social à edificação, mas percebemos que na equipe do projeto faltaram profissionais de museologia e arquivologia, que não teriam permitido que um espaço como a Casa Grande abrigasse um museu e um arquivo público; a inexistência desses profissionais comprometeu o projeto, não foi considerado o plano de necessidades para esses equipamentos culturais. Hoje, a Casa Grande não abriga nem museu, nem arquivo público, mas seções administrativas públicas municipal e federal, comprometendo o uso social da edificação. O mais grave é que desde 2012, quando a edificação foi entregue para a gestão da Prefeitura Municipal de Parnaíba, não há manutenção predial, não há conservação preventiva, o que justifica uma solicitação de intervenção do ministério público, que deveria ser feita pela Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Reis Veloso, com a orientação do Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia, instruída por este Trabalho Final de Mestrado.



PLANTA BAIXA DO TÉRREO

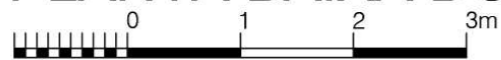
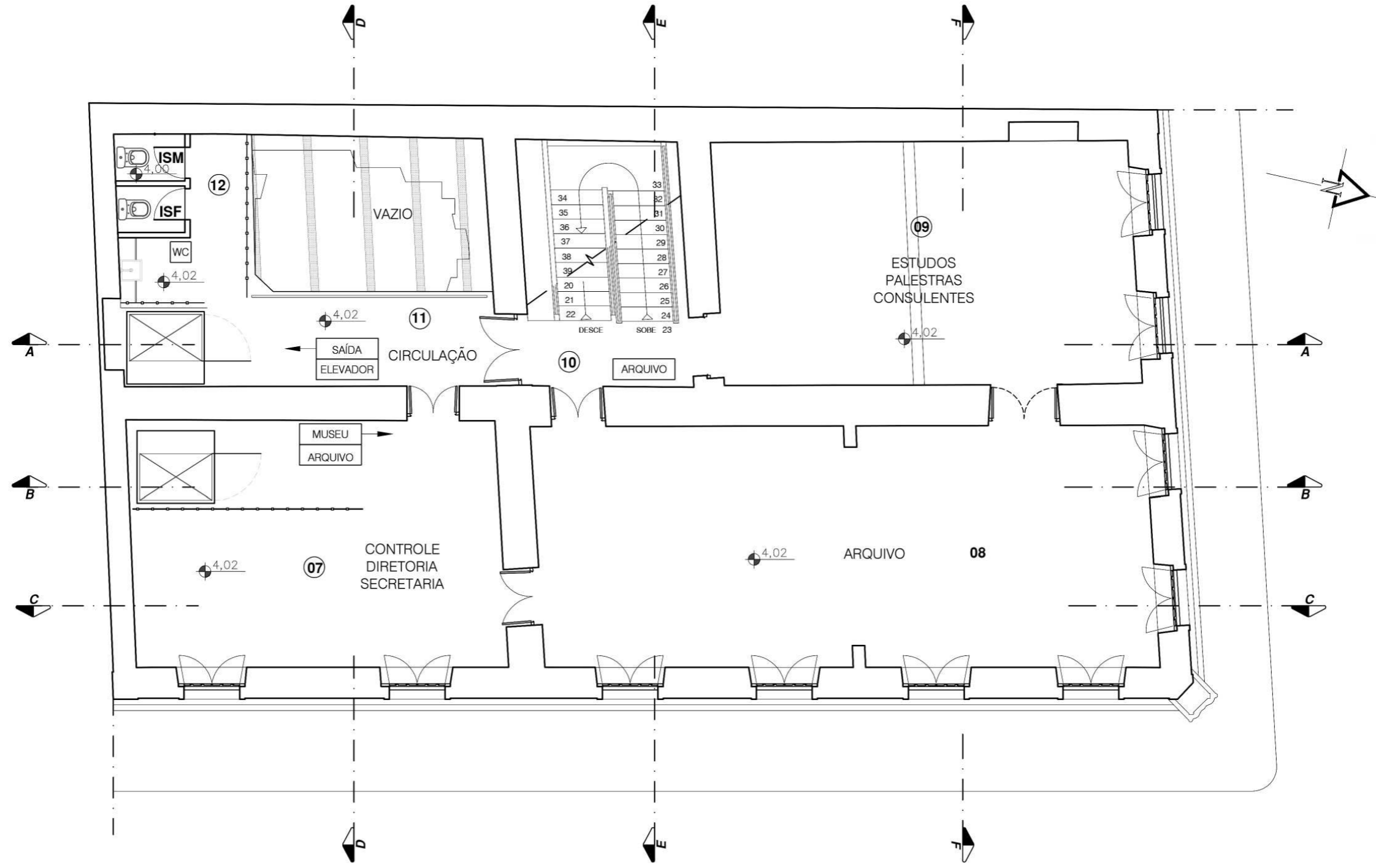


FIGURA 29- Planta Baixa do Primeiro Pavimento- Térreo. Fonte: IPHAN, 2009.



PLANTA BAIXA DO 2º PAVIMENTO

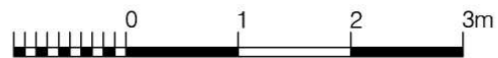
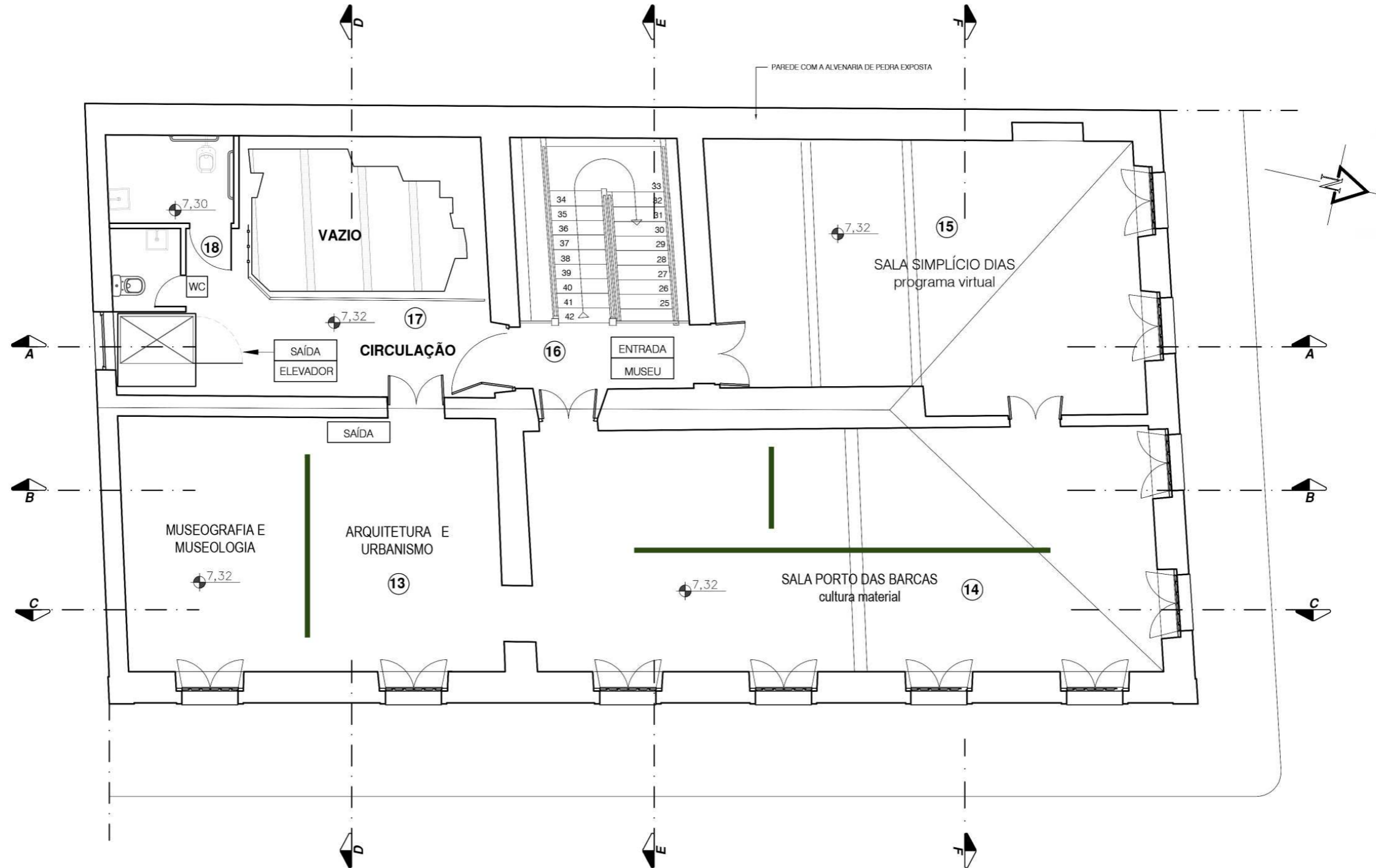


FIGURA 30- Planta Baixa do Segundo Pavimento. Fonte: IPHAN, 2009.



PLANTA BAIXA DO 3º PAVIMENTO

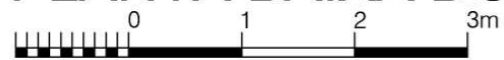


FIGURA 30- Planta Baixa do Terceiro Pavimento. Fonte: IPHAN, 2009.

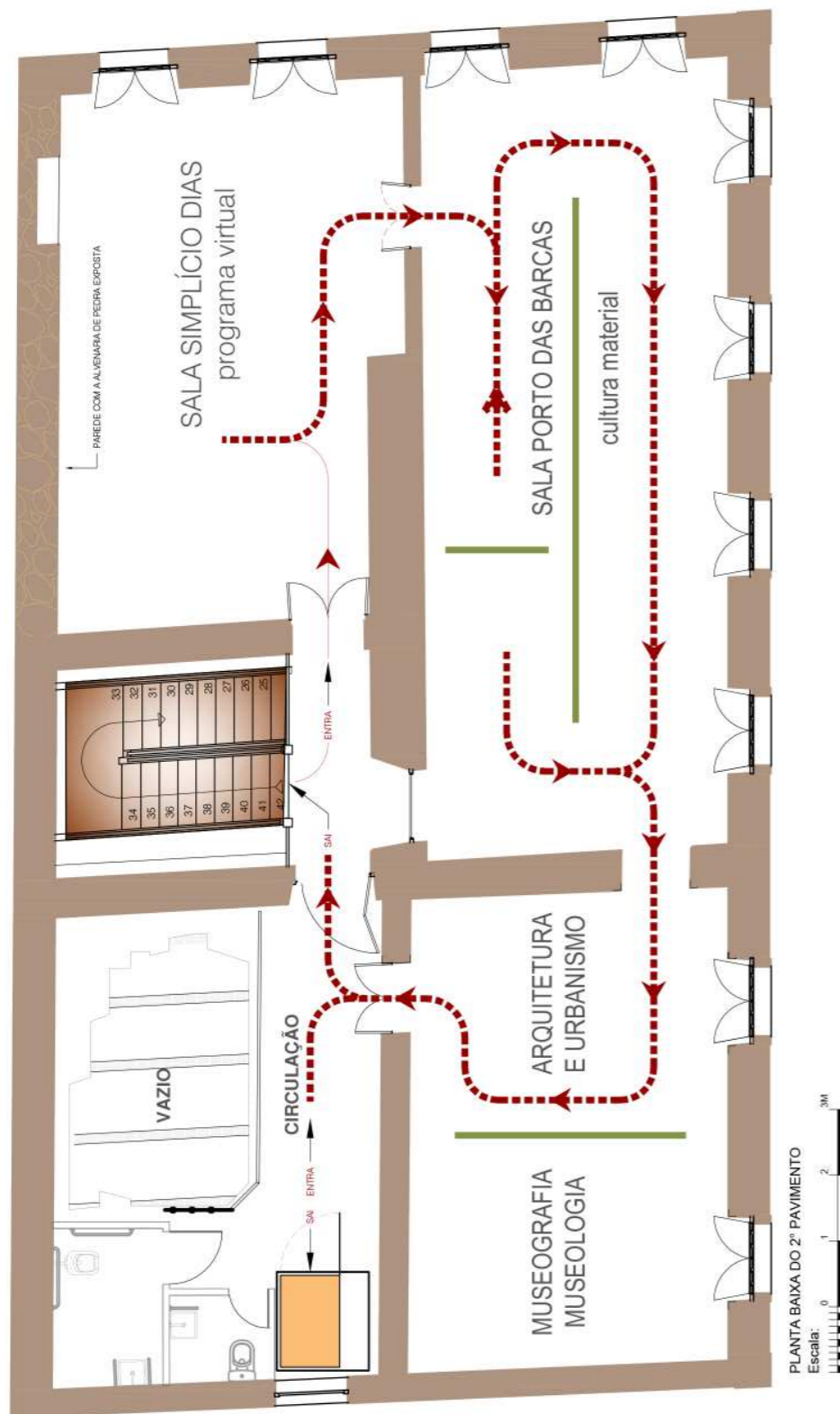


FIGURA 32- Planta de Circulação | Projeto Museológico Museu Sobrado Simplício Dias. Fonte: IPHAN, 2009.

2.3 Análise-diagnóstico da situação atual da Casa Grande

Desde o início deste trabalho, monitoramos o estado de conservação da Casa Grande. Iniciamos em maio de 2016, ano no qual foi assinado um termo de cooperação técnica, científica e cultural (Anexo 04) entre a Universidade Federal do Piauí (UFPI), através do Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia, com a Prefeitura Municipal de Parnaíba, através da Superintendência de Cultura (Figura 33), para instalação de um escritório colaborativo, de forma a aproximar as instituições, o que incluía o Iphan, para estudos e intervenções colaborativas com a sociedade local para uso social efetivo da Casa Grande. Os trabalhos foram iniciados pelo Mestrado e Superintendência de Cultura, foi elaborado um projeto para constituição de um equipamento cultural – o Centro Cultural Casa Grande que, posteriormente, a depender das demandas dos residentes da cidade, poderia vir a ser o Museu da Cidade.

No primeiro semestre de 2016, quando realizamos uma primeira visita à Casa Grande, percebemos que a maioria dos espaços da edificação não eram usados; no segundo pavimento havia uma sala de exposição com o acervo de Humberto de Campos (1886-1934), literato e político maranhense, com passagem e representatividade na cidade de Parnaíba (Figura 34), além do escritório técnico do IPHAN e a Superintendência de Cultura, já o terceiro pavimento permanecia sem uso (Figura 35); no pavimento térreo, duas das salas eram usadas para exposições, no contexto de um projeto da Superintendência de Cultura nomeado “Portas Abertas”.

Após uma primeira visita, o Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, com a Superintendência de Cultura, elaboraram um plano de trabalho para uso efetivo dos espaços e atribuição de uso social à Casa Grande. A equipe do Mestrado da qual fazemos parte, com a equipe da Superintendência de Cultura, iniciaram as ações para transformar o espaço, inicialmente, em Centro Cultural Casa Grande. Dentre as ações do plano de trabalho estavam diálogos com os residentes de Parnaíba, nomeadamente com as pessoas que vivem no Conjunto Histórico e Paisagístico, a fim de sensibilizá-las para os sentidos e significados do tombamento e do uso social da Casa Grande, que poderia vir a ser o Museu da Cidade de Parnaíba.

No segundo semestre de 2016 foi instalado no terceiro pavimento da Casa Grande o escritório colaborativo, Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia e Superintendência de Cultura iniciaram estudos e atividades de ocupação e requalificação da edificação. Na Figura 36 é possível visualizar o terceiro pavimento completamente ocupado com uso efetivo, para pesquisa e planejamento, após uma higienização de todo o edifício, realizada por alunos, professores e funcionários da Universidade Federal do Piauí e Prefeitura de Parnaíba.

No segundo semestre de 2017, com a presença da nova gestão da Prefeitura de Parnaíba, realizamos um primeiro diagnóstico, constatamos que no primeiro pavimento o acesso principal continuava pela recepção e as duas outras três salas estavam sem uso definido, em uma delas apenas um expositor e uma mesa com

FIGURA 33 – Assinatura do Termo de Cooperação Técnica, Científica e Cultural entre a UFPI e Prefeitura de Parnaíba, durante a I Feira do Patrimônio. Fonte: PIAUÍ, maio de 2016. Disponível em: <<http://parnaiba.pi.gov.br/phb/superintendencia-de-cultura-e-universidade-federal-piaui-firmam-acordo-de-cooperacao-tecnica/>>.



FIGURA 34 - Exposição de Humberto de Campos. Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2016.



FIGURA 35 – Sala do Terceiro Pavimento, sem uso. Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2016.



FIGURA 36 - Sala do Terceiro Pavimento após instalação do Mestrado Profissional e durante visita do atual Prefeito de Parnaíba. Fonte: Gleitowney Miranda, 2016. Disponível em: <<http://www.phbemnota.com/2016/10/em-visita-ao-casarao-simplicio-dias-mao.html>>.



cadeira dispostos de forma aleatória (Figura 37), em outra sala, junto à fachada lateral da edificação, havia objetos dispostos a semelhança de um depósito mal cuidado (Figura 38 e 39).

Na terceira sala, ainda no primeiro pavimento (Figura 40), na esquina da Casa Grande, há objetos dispostos de forma aleatória, sem quaisquer referências que possam ser comparadas como uma sala de exposição. Para esta sala, quando estávamos a realizar estudos e intervenções na edificação, no segundo semestre de 2016, planejamos uma exposição de longa duração sobre a Casa Grande, tínhamos como objetos uma maquete da edificação, uma tela com pintura a óleo da antiga Vila de São João da Parnaíba e um expositor com material arqueológico recolhido durante os trabalhos de restauração da Casa Grande. No espaço tivemos que solucionar a falta de iluminação artificial. Fizemos a reposição de lâmpadas, não só neste pavimento, mas em todos os pavimentos. Ao retornarmos, no segundo semestre de 2017, verificamos que continuava a existir a falta de conservação e manutenção do edifício.

No segundo pavimento, uma das salas, atualmente, está à disposição da Superintendência de Turismo (Figura 41), com mobília, sem funcionário trabalhando. Quando visitamos o local havia um estagiário que afirmou que a Superintendência funcionava de forma efetiva no Prédio da Prefeitura de Parnaíba. Na Figura 42, visualizamos outra sala do mesmo pavimento, ao fundo a plataforma de acesso para pessoas com mobilidade reduzida, acesso do primeiro para o segundo pavimento, acesso direto à sala administrativa (Figura 42), o que limita o acesso do público para o qual fora criada, um problema do projeto arquitetônico como já nos referimos neste trabalho.

No mesmo pavimento, está instalado, desde 2012, o escritório técnico do Iphan Piauí. Há ainda uma sala com exposição de objetos pessoais de Humberto de Campos, adquiridos pela Prefeitura de Parnaíba em 2008, sob a responsabilidade da Superintendência de Cultura (Art. 3º da Lei Municipal nº 2.457 de 10/12/2008).

Comprovamos a falta de gestão do espaço, com expositores colocados de forma aleatória (Figura 44), salas sem iluminação artificial, falta de reposição de lâmpadas (Figura 45), quadros do acervo largados no chão (Figura 34), marcas de móveis no piso de madeira (Figura 46), o que revela a falta de conhecimento dos cuidados necessários com o uso e manutenção desta natureza de edificação.

No terceiro pavimento, onde instalamos em 2016 o escritório colaborativo, funciona, atualmente, a Superintendência de Cultura; uma das salas está fechada sem permissão de acesso, segundo informação da estagiária serve de espaço para ensaios da orquestra da Prefeitura de Parnaíba; a outra sala, com acesso direto pela sala da Superintendência de Cultura, serve de depósito de materiais (Figura 47). Nas salas deste pavimento há falta de iluminação artificial, as fechaduras das janelas estão danificadas, impedindo que sejam abertas.

As instalações sanitárias de todos os pavimentos da Casa Grande estão comprometidas, de forma mais grave no primeiro e terceiro pavimentos (Figuras 48 e 49); louças sanitárias amareladas (Figura 48), provavelmente pela falta de limpeza sistemática, infiltrações nas paredes, placas de sinalização de saída de emergência usadas como placas de comunicação interna (Figura 48), falta de iluminação, ausência de lâmpadas (Figura 49). Louças e torneiras (Figura 49) em mau estado de conservação, com vazamento de água, baldes plásticos usados para remediar os problemas.

Na Figura 48 visualizamos a presença de cupins, um risco por se tratar de uma edificação como forro e piso de madeira, além de outros itens como madeiramento da cobertura e guarda corpos. Os desgastes na edificação são visíveis e devastadores, como por exemplo, infiltrações (Figura 50), presença de microrganismos (Figura 51), pintura craquelada (Figura 52 e 53). O mau uso da Casa Grande torna o ambiente insalubre e prejudicial à saúde dos que ali trabalham e revela o não comprometimento da gestão municipal com o patrimônio cultural da cidade. No relatório da situação da Casa Grande, antes da restauração de 2010-2012, foram apresentados grandes problemas no local, dentre eles a umidade (Figura 49), que continua a existir em diversos pontos da edificação e na fachada (Figura 53), além das texturas, que sofreram com a despigmentação.

Ao restaurar ou adaptar uma edificação histórica sempre são encontradas algumas dificuldades para implantar novos elementos, como as instalações de ar-condicionado, que necessitam de condensadores e de um espaço para os acomodar, no caso uma área técnica. Na Casa Grande essa área está localizada no terceiro pavimento, acima dos banheiros (FIGURA 54), apesar de ter sido uma boa solução arquitetônica, ocasiona muito barulho em uma das salas do pavimento, por isso este deve ser um ambiente com pouca movimentação diária. Além disso, ainda podemos afirmar que a instalação de um ar-condicionado no local danificou a parede com fissuras.

Problemas de gestão provocam a ausência de manutenção predial, visível a quaisquer públicos que visitem a Casa Grande, luminárias completamente danificadas, mesmo com base metálica, sem fechamento de vidro e lâmpadas (Figura 55), diversas esquadrias com fechaduras arrancadas (Figura 56 e 57), em alguns casos bem danificadas não sendo possível abrir facilmente. No projeto de restauro houve a tentativa de fazer com que o espaço fosse acessível, mas as rampas móveis para a acesso de pessoas com mobilidade reduzida não são usadas. Os espaços internos foram preparados para acesso dessas pessoas, mas a inabilidade da gestão transforma esses acessos em risco eminente, voltamos a citar o caso do acesso ao elevador, no qual há áreas molhadas, sobretudo nos banheiros de piso cerâmico com elementos que perderam aderência. (Figura 58).

Problemas de gestão, ausência de manutenção predial, de cuidados especializados de conservação preventiva do patrimônio cultural são visíveis nos espaços externos e internos da Casa Grande. As patologias são evidentes nas esquadrias, guarda-corpos e paredes (Figura 59) internas e externas. A pintura ainda é original da época da restauração, mas deveria ser mantida e refeita a cada 2 a 4 anos, dependendo das condições de uso e conservação. O guarda-corpos externo, em madeira e ferro, está corroído, não se vê mais o esmalte, além disso, há deterioração da madeira, cada vez mais aparente.

Ainda na parte frontal da Casa Grande dos Dias da Silva, partes da calçada estão cedendo (Figura 60), espaços de cinco a sete centímetros, entre a edificação e o local de passeio, favorecendo o acúmulo de lixo e crescimento de vegetação, trazendo uma impressão de espaço insalubre. No final de 2017, foi implantado um novo elemento na Casa Grande, que passou a se destacar em sua fachada, trata-se de uma antena de internet (Figura 61).

Ainda na fachada, o elemento que mais se destaca é o Oratório (Figura 62) em cantaria portuguesa que, segundo Renato Castelo Branco, é “o esplêndido nicho, trabalho português, em pedra de Lioz, colocado na quina da Casa Grande, onde se abriga a imagem de Cristo, um dos preciosos nichos do gênero existentes no país” (BRANCO, 1981, p.24). A visualização do Oratório está comprometida pela presença de elementos da paisagem urbana, os postes e fios de iluminação externos, que interferem na estética frontal e lateral da edificação.

A Casa Grande com paredão branco e esquadrias com um tom de azul vivo, cede lugar a manchas pretas e diversos tons de azul (Figura 63), a ausência de conservação preventiva é ameaça ao patrimônio cultural.

Ao longo dos estudos e intervenções percebemos que a edificação não recebeu nenhuma ação de conservação ou de simples manutenção predial desde 2012, há problemas de simples resolução, como pintura, dedetização e substituição de lâmpadas e luminárias. Constatamos mau uso dos espaços, três das nove salas existentes são usadas como depósito.

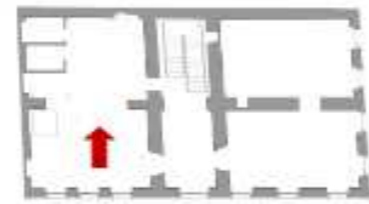


FIGURA 37- Sala do Primeiro Pavimento da Casa Grande, atualmente.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

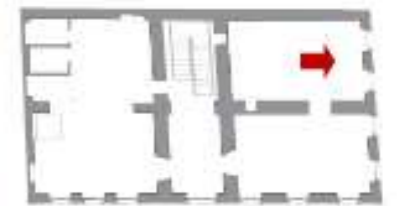


FIGURA 39- Sala do Primeiro Pavimento da Casa Grande, atualmente.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.



FIGURA 38- Sala do Primeiro Pavimento da Casa Grande, atualmente.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.



FIGURA 40- Sala do Primeiro Pavimento da Casa Grande, atualmente.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.



FIGURA 41- Sala do Segundo Pavimento da Casa Grande, atualmente.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

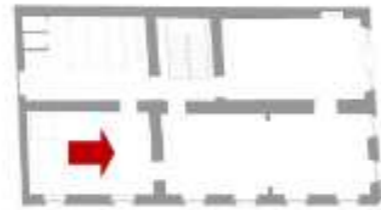


FIGURA 42- Sala do Segundo Pavimento da Casa Grande, atualmente.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

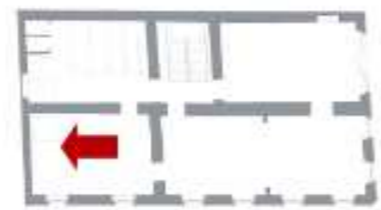


FIGURA 43 – Plataforma de Acesso no Terceiro Pavimento.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

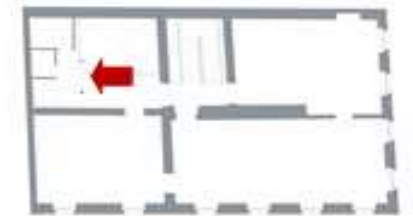


FIGURA 44 – Memorial de Humberto de Campos.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.





FIGURA 45- Memorial de Humberto de Campos.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

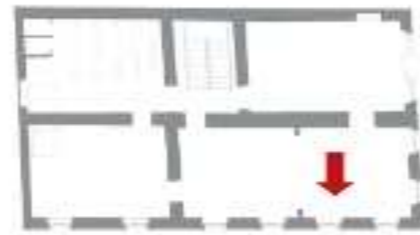


FIGURA 46- Memorial de Humberto de Campos.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

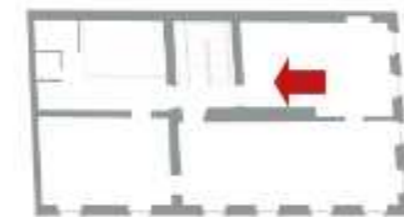
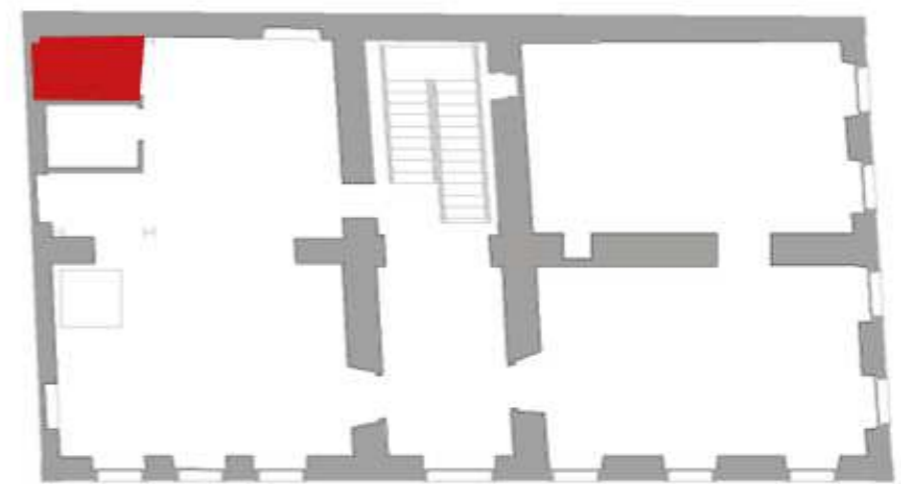
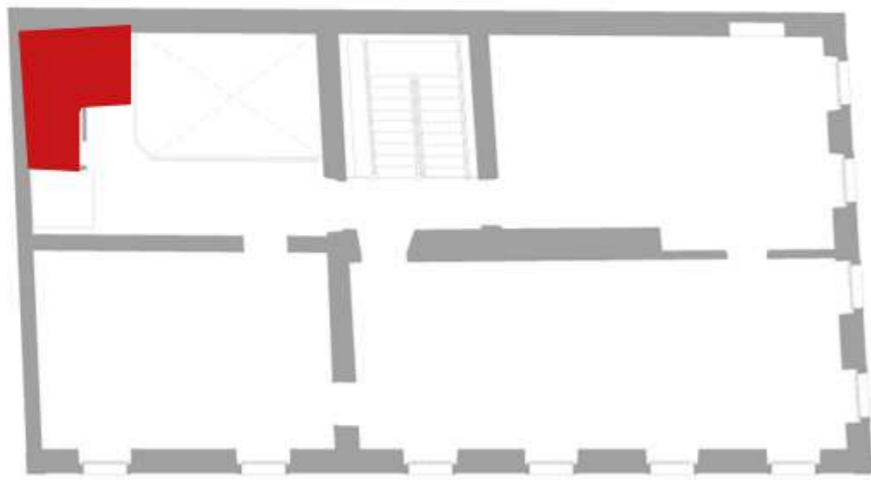


FIGURA 47- Sala do Terceiro Pavimento da Casa Grande, atualmente.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017



Primeiro Pavimento | Térreo

FIGURA 48 – Banheiros do Primeiro Pavimento.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.



Terceiro Pavimento

FIGURA 49- Banheiros do Terceiro Pavimento.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

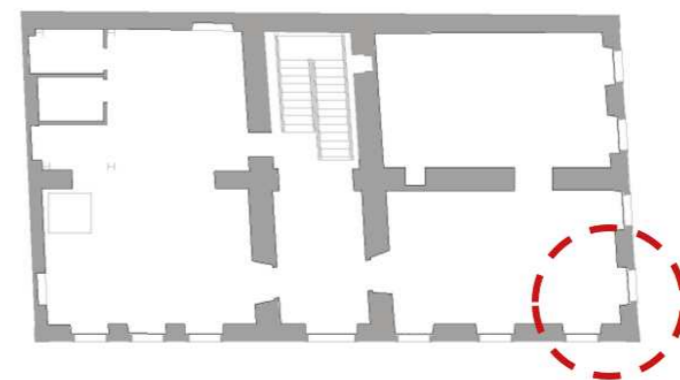


FIGURA 50 – Infiltrações e umidade nas paredes do Primeiro Pavimento.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

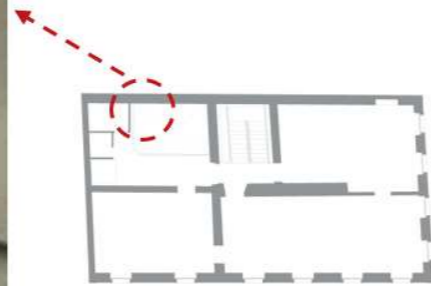


FIGURA 51 – Presença de Microorganismos.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

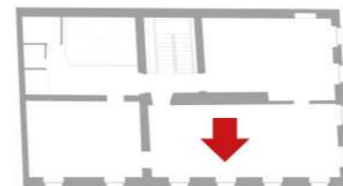


FIGURA 52 – Desgaste do acabamento da parede.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.



FIGURA 53- Umidade em paredes externas e desgaste na pintura de esquadrias.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

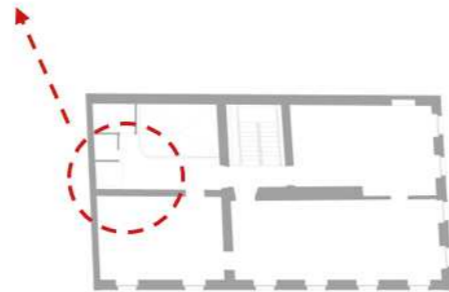


FIGURA 54- Área técnica de condensadores.
 Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

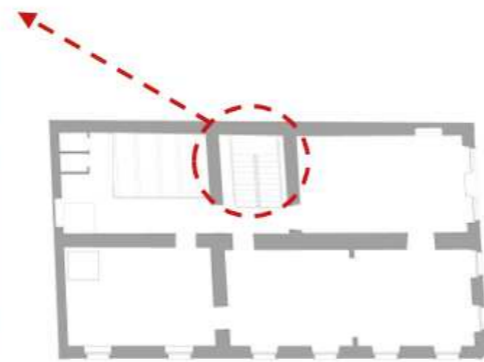


FIGURA 55- Luminárias danificadas.
 Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

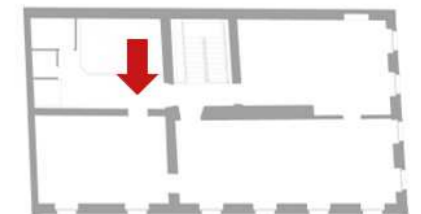


FIGURA 56- Esquadria com fechadura arrancada.
 Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

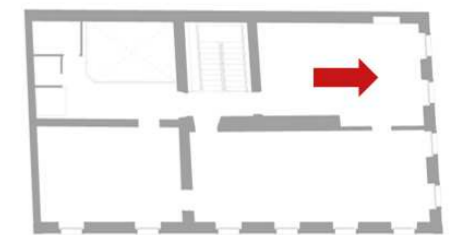


FIGURA 57 – Esquadrias com fechaduras danificadas.
 Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

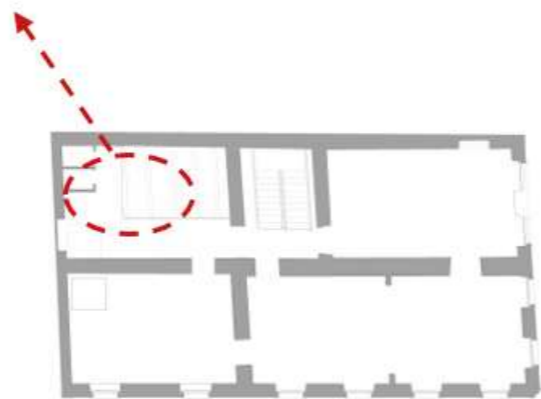


FIGURA 58 – Piso Cerâmico descolado.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.



FIGURA 59- Patologias externas: desgaste de pintura, infiltrações e umidade.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.



FIGURA 60- Calçada da Casa Grande.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.



FIGURA 61- Antena: Novo elemento "acrescentado" à fachada.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.



FIGURA 62 – Oratório de esquina, em cantaria portuguesa.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.



FIGURA 63- Fachada do ano de 2016 e 2017.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2016|2017.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Para compreendermos a proposta de reabilitação para o novo uso da Casa Grande dos Dias da Silva, apresentamos uma revisão de literatura com destaque para os aspectos históricos e conceituais da arquitetura de museus, museologia e museografia, tombamento, patrimônio; incluímos também legislação pertinente, para justificarmos a concepção arquitetônica que construímos para um espaço expositivo, que perpassa pela reabilitação, neste caso, uma edificação histórica, originalmente de uso residencial a fim de na atualidade abrigar um Museu para a cidade de Parnaíba.

3.1 Museu, museologia, arquitetura de museu

A palavra museu tem origem no latim museum, do grego mouseion que, conforme a mitologia grega, era o templo dedicado às nove musas, filhas de Zeus e Mnemosine - a deusa da memória. Cada musa representava uma área da literatura, ciências ou artes. O templo era a casa da memória, dedicada à criações artísticas (VEIGA, 2013). O termo museu sofreu alterações e nos dias atuais o Conselho Internacional de Museus (ICOM) reconhece outras definições para o termo. Em 1946, identificamos a primeira definição oficial:

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite (DESVALLÉES; MAIRESE, 2013, p. 64; HERNANDEZ, 1992, p. 88).

Segundo Hernandez (1992), nessa definição são importantes considerar os seguintes elementos:

[...] a) Los Institutos de conservación y galerías de exposición dependientes de Archivos y Bibliotecas. b) Los lugares y monumentos arqueológicos, etnográficos y naturales y los sitios y monumentos históricos, teniendo la naturaleza de un nuevo museo por sus actividades de adquisición, conservación y comunicación. c) Las Instituciones que presentan especímenes vivientes tales como los jardines botánicos y zoológicos, acuario, vivarium, etcétera. En 1983, la catorce Asamblea General del ICOM, que se celebró en Londres el 1 y 2 de agosto, añade al artículo anterior lo siguiente: d) Los parques naturales, los arqueológicos e históricos. e) Los centros científicos y planetarios. (ICOM, 1946, apud HERNÁNDEZ, 1992, p. 88).

No contexto de uma política museológica, o museu é concebido a partir de seu objeto e soma várias características: um objeto de exposição (coleções), continente (edifício) e pessoal interno (especialistas, administrativo, técnico, subalterno, etc.) e externo (público). Para Giraudy e Bouilhet (1977) há elementos constituintes de um museu: 1. Política museológica, 2. O museu (Programa), 3. Edifício (continente), associados às coleções (conteúdos), às pessoas e ao público (GIRAUDY; BOUILHET; 1977 apud HERNANDEZ, 1992, p 90).

Diretamente relacionada ao museu está a museologia que, segundo Desvallées e Mairesse, na publicação *Conceitos Chave de Museologia*, é o “estudo do museu”. O termo em questão apesar de sua constituição científica recente é um campo do conhecimento que possui uma história antiquíssima e em afirmação. A definição mais usual de museologia é proposta por Georges Rivière, como:

Uma ciência aplicada, a ciência do museu. Ela o estuda em sua história e no seu papel na sociedade, nas suas formas específicas de pesquisa e de conservação física, de apresentação, de animação e de difusão, de organização e de funcionamento, de arquitetura nova ou musealizada, nos sítios herdados ou escolhidos, na tipologia, na deontologia (RIVIÈRE, 1981 apud DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 61).

No decorrer dos anos não só os conceitos sofreram alterações, mas também as edificações que abrigavam as instituições, e com isso, a arquitetura de museus também foi se transformando e criando novos programas de necessidades à medida que as atividades desenvolvidas no espaço foram modificadas e novas temáticas acrescentadas como acontece quando novas tipologias de museus surgem. André Desvallées e François Mairesse definem arquitetura museal como a “arte de conceber, de projetar e de construir um espaço destinado a abrigar as funções específicas de um museu e, mais particularmente, as de uma exposição, da conservação preventiva e ativa, do estudo, da gestão e do acolhimento de visitantes” (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 29).

Uma retrospectiva da evolução dos museus, nos permite destacar três momentos que se constituem na raiz da museologia/museu: o colecionismo (Renascimento, Sec. XIV- XVI), o gabinete das maravilhas (Idade Média- Sec. V ao XV), e a constituição da instituição museológica (entre os séculos XVIII e XIX).

O colecionismo refere-se às grandes coleções de objetos de arte dos faraós e imperadores da Antiguidade, os ‘coleccionadores’ (grifo nosso). Com o Renascimento se conheceu a formação de coleções pelos humanistas, cujo inventário geralmente associava a classificação e a datação como elementos descritivos. Os colecionadores daquele período histórico – príncipes da Igreja e do Estado e eruditos – interessaram-se sobremaneira por espécimes arqueológicos, epigráficos, numismáticos, artísticos, naturais e científicos. As mais famosas iniciativas museológicas do período eram ligadas às figuras ricas da época

(duques, condes, reis, igreja) (BRIGOLA, 2016). O sentido de tais coleções era demonstrar ‘fineza, educação e bom gosto’ sobretudo em relação à cultura grega. O colecionismo entre romanos foi para além da simples demonstração de riqueza e gosto, tinha por fim último ilustrar o poderio e força dos inimigos conquistados por Roma. Segundo Suano (1986), essas coleções funcionavam como símbolo de poder e prestígio social e durante os períodos de guerra funcionavam como reservas econômicas, e os principais colecionadores desse período foram Cícero, Pompeu e Júlio César (SUANO, 1986 apud POLO, 2006).

Na Idade Média, destacaram-se os gabinetes das maravilhas, atualmente “gabinete de curiosidades”, que eram os espaços nos quais, imperadores e personalidades de alto poder colecionavam objetos raros, tesouros procedentes de várias partes do mundo, que eram expostos em gabinetes, jardins e corredores de seus palácios. Apenas convidados poderiam apreciar os objetos expostos de forma a ocuparem completamente todo o gabinete (POLO, 2006).

Posteriormente, destacou-se a Igreja Católica, influenciadora da arte. Em Milão, por volta de 1601, o arcebispo Frederico Borromeo criou a Academia de Belas-Artes, para produções artísticas, espaço para exibir obras de arte, que passou a ser chamada de *museum*. (SUANO, 1986 apud POLO, 2006). O primeiro registro oficial direcionado a exposições de peças de arte data do século XVI, o Cortile de Belvedere no Vaticano, projetado pelo arquiteto Donato Bramante (OLIVEIRA, 2012).

Porém, a edificação que é considerada como a primeira construção para ser um museu na Europa é a Galleria degli Uffizi, projetada pelo pintor e arquiteto Giorgio Vasari. A galeria era associada ao Palazzo Vecchio, o que exprime algo familiar para a época, pois outras galerias no continente eram extensões dos palácios, como: Antiquarium, localizada no Palácio de Albrecht V em Munique e a Galleria de Sabbioneta, que foi projetada por Vincenzo Scamozzi. A Galleria degli Uffizi, em Florença, é considerada um marco na arquitetura, por constituir uma nova tipologia e programa arquitetônico. Além disso, sua estrutura com extensões longitudinais assinalam o comprimento da coleção (percurso) e abundante sistema de iluminação natural, elementos que são considerados fundamentais até os dias atuais e mantidos em algumas exposições. Para muitas abordagens, diminuir a luz é um recurso de recintamento e ambiência (OLIVEIRA, 2012).

Após Degli Uffizi e Sabbioneta, o tratamento dos espaços museológicos evoluiu e o primeiro museu público da Europa, Ashmolean Museum, foi inaugurado em Oxford em 1683 como um museu universitário. Lentamente as coleções particulares foram sendo abertas ao público e novas práticas museológicas e comerciais surgiram como exposições, venda das obras de arte e catalogação das peças. Naquela época, o museu ainda não era um espaço para toda a comunidade, apenas após a revolução francesa surgiu a necessidade de preservar documentos como testemunhos históricos, consagrando os museus como espaços públicos de preservação dos objetos para estudar a história e posteriormente consagrar o museu como um

espaço aberto ao público (VEIGA, 2013).

Como observamos, a “instituição museu — «Templo das Musas», remonta à Antiguidade Clássica, porém foi no século XVIII, com a criação de alguns museus públicos que viriam a tornar-se famosos, que a realidade museológica entrou numa nova era” (MENDES, 1999, p. 667). A partir de então, numerosos museus têm sido criados, porém, foi nas últimas décadas que se verificou uma verdadeira explosão no âmbito da museologia no mundo como um todo, também já apelidada de «museomania» (MENDES, 1999).

Com o museu moderno, os arquitetos passaram a projetar esses espaços de acordo com seu uso específico, pois o mesmo possui um programa de necessidade direcionado e peculiar: uma reserva técnica, oficina de conservação e restauro, além de gabinetes técnicos, dentre outros. Frequentemente, as edificações antigas são requalificadas para abrigar um museu, a arquitetura de museu passa a ter uma relevância ainda maior, pois as edificações “acumulam camadas da história eventual e abrigam objetos para compor exposições-espetáculos” (GUIMARAENS; RANGEL; BERTOTTO, 2015, p. 125). Então além de locais de salvaguarda, uma edificação agrega valor e faz parte das obras de arte que constituem o museu, traz uma significação em relação ao seu entorno e no caso de prédios de centro históricos, uma valorização e conservação dos centros urbanos.

Nas propostas arquitetônicas contemporâneas, a própria arquitetura está em destaque. Assim, apesar das minúcias, a organização das exposições nos interiores dos museus é um segmento de destaque na museografia, pois “envolve desde os processos de elaboração e concepção espacial, curadoria, mediação, comunicação visual e demais elementos que correspondem ao fazer expositivo, inclusive o objeto exposto e o visitante” (SABINO, 2012, p. 43).

O museu e a museologia estão presentes desde a Idade Média, no momento em que o ser humano começou a colecionar e guardar, para si ou seus deuses, objetos de valor em salas construídas especialmente para esse fim e que rege uma dinamização que tinha característica de instituição museológica (KIEFER, 1998). Os museus continuam a se transformarem na teoria e prática, conjuntamente com a arquitetura e museografia. Há exigências no que refere às coleções e programa de necessidade do espaço expositivo. O museu emerge também como tipologia arquitetônica. De acordo com Flávio Kiefer, no artigo *Arquitetura de Museus*:

É só no livro de Durand, que os museus ganham um verbete com alguns desenhos. Segundo ele, os museus deveriam ser erigidos dentro do mesmo espírito das bibliotecas, ou seja, um edifício que guarda um tesouro público e que é, ao mesmo tempo, um templo consagrado aos estudos (KIEFER, 2000, p.13)

Nos desenhos dos primeiros projetos arquitetônicos de museus, percebiam-se que não existiam conhecimentos suficientes para gerar um programa de necessidades (KIEFER, 2000). Essa dificuldade também se deve ao fato de que os museus abrigam diferentes tipos de objetos, então, por mais que inicialmente se comparasse com uma biblioteca, com necessidade de salvaguardar em sua maioria livros, não poderia seguir um tipo de programa de necessidades similar.

Posteriormente, a projeção de instituições museais chegou ao âmbito acadêmico, tornando até mesmo alvo do Prix de Rome, um prêmio para artistas, com a finalidade de encontrar protótipos que ajudassem no desenvolvimento tipológico para arquitetura de museu. Do prêmio em questão surgem dois modelos que possuem “planta quadrada recortada por pátios quadrangulares em perfeita simetria, onde a galeria segue a cruz grega num percurso sequencial e flexível”, além de fazer uso da luz zenital, através da rotunda (OLIVEIRA, 2012, p.23). Percebem-se as influências das galerias nos primeiros projetos de museus e a busca pela iluminação e percurso anteriormente mencionados.

O arquiteto e teórico da arquitetura, Jacques-Nicolas-Louis Durand propunha um modelo para um museu similar aos anteriores, com planta quadrangular e um percurso em torno da rotunda que se localiza ao centro, porém se diferenciava por sua noção de realidade e escala. E como a proposta (Figura 64 e 65), o mesmo defendia a flexibilidade da edificação e obras de diferentes tipos e ainda que as mesmas deveriam se comunicar com o exterior (OLIVEIRA, 2012).

Museus continuam a se destacar no âmbito social, arquitetônico e como equipamento público e cultural. Começamos a perceber uma diferenciação entre o programa arquitetônico desenvolvido em protótipos anteriores e os usados na época. Na segunda metade do século XVIII, as instituições museológicas ganharam autonomia e se instalaram no espaço urbano. Nessa fase, de acordo com Joseh Montaner, havia desentendimento entre museólogos e arquitetos, pela abundância de decoração e policromia que interferia com a leitura pacífica das obras de arte (MONTANER, 1995, p. 7 apud OLIVEIRA, 2012, p. 31).

Tal fato se confirma em um comentário de Ana Cecília Veiga que, para o mesmo século, levanta a importância de os museus apresentarem “[...] não somente um aparelhado de documentos (escritos, manuscritos e objetos) para fins contemplativos, mas também seu alicerce cultural, numa expografia que contivesse visão crítica e contextualizada daqueles objetos” (VEIGA, 2013, p.25).

No pós-guerra (1ª guerra mundial, 1914-1918) a quantidade de museus aumentou consideravelmente, em um contexto no qual as comunidades estavam preocupadas com a preservação de suas culturas e dos objetos que acumulavam camadas de história. Os museus ganharam um papel fundamental na transmissão do conhecimento, os mesmos seriam “lugares apropriados para a fruição do patrimônio cultural de diferentes tipos e natureza” (GUIMARAENS; RANGEL; BERTOTTO, 2015, p. 125). Além disso, nessa fase é notável a

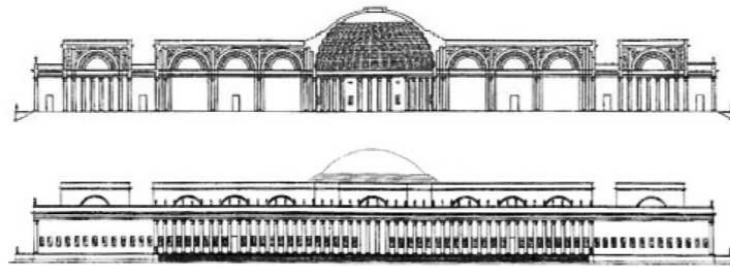


FIGURA 64 - Corte e Fachada propostas para o museu por Jacques Durand.
Fonte: OLIVEIRA, J. C. B.. "O museu contemporâneo: processo de transformação de um equipamento urbano".

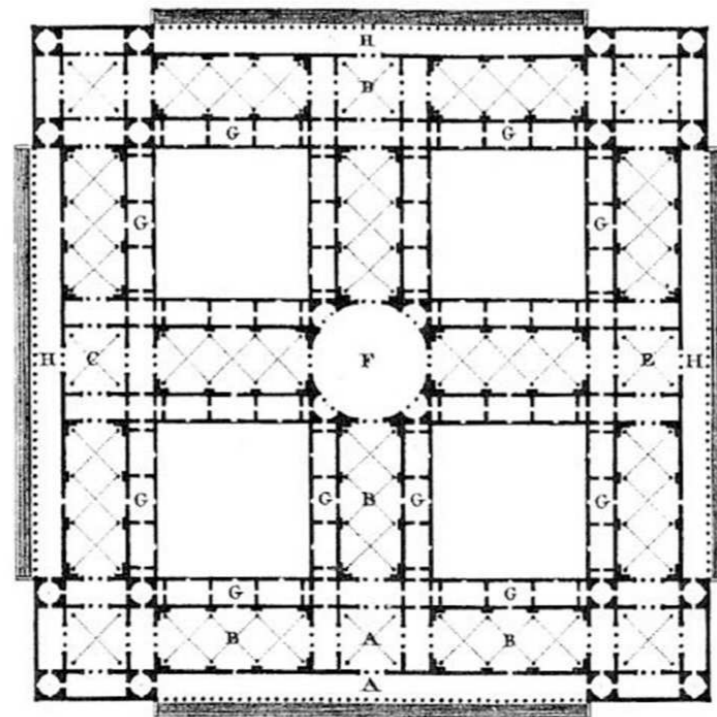


FIGURA 65 - Planta proposta para o museu por Jacques Durand.
Fonte: OLIVEIRA, J.C.B. "O museu contemporâneo: processo de transformação de um equipamento urbano".

influência do uso da tecnologia dentro das exposições, o que trazia uma vertente de entretenimento para o espaço museológico.

Os museus e os centros culturais passaram a transformar o centro das cidades em locais ideais para novas expressões da arquitetura de museus. Essas instituições estariam valorizando os centros históricos das cidades e suas edificações, que permaneciam com características originais apenas indicando novos usos. Diante disso, Guimaraens afirma "que a qualidade da adequação técnica dos espaços históricos destinados às finalidades culturais e museológicas ainda é hoje condição necessária para o exercício da plena função social da arquitetura" (GUIMARAENS; RANGEL; BERTOTTO, 2015, p.127).

Ainda que os museus tenham deixado de ser um espaço divisor, sua arquitetura monumental é predominante, o que pode contribuir na atualidade para atrair o público. Apesar de ter sofrido algumas modificações no seu interior, no qual se observam as galerias divididas em pequenas áreas de exposição, hoje são grandes salões, que se integram a outros ambientes que compõem o museu.

Essa realidade trouxe uma maior liberdade de criação para os curadores e todo o staff do museu. Igualmente aconteceu com o programa e necessidades das instituições museológicas, que de espaços meramente expositivos e de guarda, passam a dinamizar programas de educação e a contribuir para a permanência e uso do público visitante. Inicialmente eram apenas espaços expositivos e atualmente também agregam ambientes para educação, práticas e discussões, além de se afeiçoar em um espaço de estar (FERRARO; SANTOS, 2013).

A arquitetura de museu se modificou de forma considerável em relação às primeiras galerias e protótipos dos espaços museológicos, nos quais essas instituições eram tão desconhecidas que não era possível dar realidade e proporção aos modelos iniciais. Também se deve tal fato às diversas tipologias de museus que foram surgindo.

Além das tipologias museológicas que interferiram na arquitetura, outro fator importante para os museus foi a revolução industrial, que permitiu o avanço tecnológico, a produção em massa e uma "corrida para o progresso". Para demonstrar a chegada da modernização foram utilizadas exposições para mostrar os materiais, as tecnologias e técnicas do modo de trabalhar os materiais. A Inglaterra foi a primeira a realizar este tipo de exposição, quando construiu o Palácio de Cristal, que mostrava como trabalhar com o vidro e o ferro. Posteriormente, a França, em uma dessas amostras chamada Exposição Universal, construiu, em 1889, a Torre Eiffel (MARÇAL, 2010).

Nessa fase as chamadas Exposições Universais tiveram importância para a evolução da museografia, pois para a realização dos eventos eram idealizadas instalações e organização própria. Nas exposições em

questão havia, inclusive, obras de artistas vivos, o que não era comum para a época, e a busca por tecnologias mais avançadas (MARÇAL, 2010).

No modernismo, a instituição museológica não foi constituída apenas de objetos, mas também de novas ideias e conceitos, buscando modificar o museu para dar destaque à arte moderna e transformá-lo em local de experiência. Dessa forma, o mesmo deixa de representar um local para armazenar obras e passa a ser considerado um local de deleite, incorporando inclusive “casas de chá e outros espaços de suporte aos visitantes” (VEIGA, 2013, p. 25).

Apesar da evolução durante os anos e sua abertura para todas as camadas da sociedade, o museu ainda trouxe consigo um caráter monumental, não só arquitetonicamente, mas também dentro da museologia. Pensando em uma instituição museal voltada para a evolução e desenvolvimento da sociedade, principalmente mediante a participação social e da criação na comunidade da vontade de museu, nasce a museologia social ou a nova museologia. Tais pensamentos já eram discutidos na Conferência de Santiago do Chile, que resultou na Declaração de Santiago (1972) e, posteriormente, a Declaração de Quebec (1984), que afirmaram as teorias da nova museologia e da expansão das novas técnicas museográficas. A Declaração de Caracas (1992) afirmou as ideias de museus e a museologia das duas décadas anteriores (DUARTE, 2013).

Com a proposta de uma nova museologia surgiram outros tipos de museus: o Ecomuseu e/ou museu de comunidade, que busca conhecer os problemas da comunidade e realizar um trabalho que auxilia as pessoas no desenvolvimento sustentável (DUARTE, 2013). Essa nova fase da museologia não discute apenas o edifício museu, mas todo seu entorno e as pessoas que vivem nele, sendo assim, busca a defesa do patrimônio cultural e natural. A nova tipologia de museu não é diferenciada apenas pela sua teoria e forma de atuação, mas também pela forma como é implantada. O trabalho da comunidade deve incentivar a vontade de museu, como forma melhorias socioculturais de uma região, o fenômeno museu é anterior à edificação.

Além disso, arquitetonicamente, deve ser um espaço próximo da comunidade e que considere as boas práticas museológicas que estabelecem padrões de conservação, que sofisticam e incrementam as necessidades nessas instituições num contexto que tudo se complexifica quando precisamos guardar e conservar.

3.2 Intervenção em Edificações Históricas: conceitos e evolução

A reutilização de edificações históricas abandonadas ou degradadas para função museológica pode contribuir para a afirmação de identidades em um espaço urbano ou rural e motivar ações de revitalização urbana, agregando valor e significado ao seu entorno, trazendo mais qualidade de vida para os residentes, usuários desses espaços.

A valorização do patrimônio cultural durante o século XX abriu espaço para a reabilitação de edificações pré-existentes na Europa, sobretudo no pós-guerra (BARRANHA, 2012). A partir da Carta de Atenas (1931), uma das “cartas do restauro”, artistas e personalidades ligadas à cultura e arquitetos do movimento moderno constituíram diretrizes para a proteção e conservação do patrimônio. O documento aborda a reabilitação de imóveis históricos, busca a sensibilização para a preservação e importância histórica, não só dos bens imóveis, mas também da sua zona circundante. Dessa maneira, a reabilitação de imóveis históricos torna-se uma afirmação de novas tendências na arquitetura contemporânea.

Além das formas já apresentadas anteriormente, é constante a apropriação de edificações antigas para a criação de instituições culturais, um exemplo de instituição museu e adequação arquitetônica é o Museu Vivo da Memória Candanga, uma edificação destinada a ser o primeiro hospital de onde viria a ser Brasília e que seria destruído após a inauguração da Capital Federal. Preciso de modificações para transformar a estrutura hospitalar em um museu, o projeto foi desenvolvido por um escritório de arquitetura sob orientação do arquiteto Sílvio Cavalcanti. A proposta para o museu contou com restauração de algumas edificações visto que o tombamento era para o espaço urbano e o programa de necessidades foi se adequando às utilizações originais dos ambientes, como a lanchonete, que foi utilizada para área de apoio aos funcionários do museu e eventos existentes na programação da comunidade (VEIGA, 2013; GABRIELE, 2010).

A adaptação e reabilitação de prédios antigos se tornou necessário e frequente nas cidades brasileiras, e sobrevivem às vezes à falta de consciência da sua importância cultural e à especulação imobiliária, além de fundamental visto que patrimônio cultural em nossas cidades brasileiras acaba por se perder pela falta de consciência da comunidade e de políticas públicas efetivas, dentre outros fatores, quanto à interpretação e educação patrimonial. Assim, oferecer novos usos às edificações é de fundamental importância, e os museus como instituições educativas, animadoras e agregadoras são fortes candidatos para a apropriação dos centros históricos. Porém, necessitamos estar abertos para as oportunidades, como afirma Hugues de Varine (2013, p. 84). “[...] todo elemento do patrimônio pode servir a muitas coisas diferentes, segundo o momento e o estágio de desenvolvimento local. Mas é preciso imaginação, uma grande abertura à oportunidade paciência e convicção”.

Diante das discussões sobre restauração surgem inicialmente duas doutrinas, a intervencionista de Viollet-Le-Duc e a anti-intervencionista de Ruskin. Para Viollet-Le-Duc, é permitido intervir em uma edificação

histórica até a sua restituição completa; já para Ruskin, era necessária à fidelidade histórica, em que as marcas do tempo fazem parte da sua essência e uma intervenção neste espaço feria a autenticidade. Dentre os dois posicionamentos contrários surgiu um pensamento intermediário, o Restauro Científico, fundamentado a partir de Camillo Boito e Gustavo Giovannoni. Essa teoria se baseava na consolidação, recomposição e valorização das características originais através de procedimentos científicos e respeitadores do monumento (CHOAY, 2001). Tais teorias ajudaram a fundamentar a elaboração da Carta de Atenas.

Anos após a primeira carta patrimonial, a Carta de Veneza (1964) ampliou o conteúdo e o conceito do que se caracteriza como patrimônio a ser salvaguardado. Inclui a proteção de obras de arte, testemunho e sítios históricos, no caso de reconstituições que sejam realizadas de forma harmônica e distinguível as marcas do tempo, além de baseados em documentos autênticos. Uma característica importante e que fundamenta este trabalho de intervenção é a manutenção após o processo de restauração por meio da transformação do bem em algo útil para a sociedade, desde que seja levado em consideração a estrutura e a função inicial da edificação.

Após a Carta de Veneza, considerada uma das mais importantes cartas de restauro, outros documentos relacionados à defesa do patrimônio foram surgindo e a conceituação do que era considerado um bem patrimonial se expandiu. Dentre esses outros documentos estão a Carta de Florença (1981), a Carta de Washington (1987) e a Carta de Cracóvia (2000), que serviram para complementar e esclarecer os princípios contidos na Carta de Veneza, apesar das cartas não terem um princípio normativo, consideradas em grande parte do mundo, como legislações que orientam a salvaguarda do patrimônio cultural.

Também é referido como importante instrumento nesse contexto a Carta de Lisboa (1995) que define “reabilitação urbana como uma estratégia de gestão urbana que procura requalificar a cidade pelas intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, econômicas e funcionais, melhorando assim a qualidade de vida das populações residentes”. Isso supõe também melhoria das condições físicas da área a ser reabilitada, porém procurando sempre manter a identidade e as características locais, para que não ocorram situações de valorização demasiada da área e consequente retirada da população local. Cita ainda que no âmbito da edificação, reabilitação é o processo pelo qual um edifício é adaptado para um novo uso ou função, sem alterar as partes que são significativas ao seu valor histórico (PUCCIONI, 2001; DIAS; AFONSO, 2005; CARTA DE LISBOA, 1995).²

Para Lanzinha et al., a reabilitação de edifícios é um mercado em expansão, onde na Europa já representam 33% do setor da construção, sendo que em Portugal a reabilitação de edifícios supera os investimentos na construção de novos (LANZINHA, et al., 2000, apud SILVA; QUALHARINI, 2004), uma valorização do que se tem de existência passada e preconizando sua preservação para manutenção e existência futura, com o

mesmo ou novo uso, visando à preservação do patrimônio histórico e cultural de um povo.

Na contemporaneidade, nas teorias de restauração, o patrimônio é visto de uma forma objetiva, em que se observa cada caso em particular, respeitando o bem como uma obra de arte, buscando a originalidade e aproveitamento com uso para a coletividade.

Brandi (2004), cita que “qualquer comportamento em relação à obra de arte, nisso compreendendo a intervenção de restauro, depende de que ocorra o reconhecimento ou não da obra de arte como obra de arte” (BRANDI, 2004, p.28, apud CARBONARA, 2006).

Giovanni Carbonara, mestre da Scuola Romana de restauro e um dos mais renomados teóricos da atualidade, tem a sua teoria baseada na definição de restauro transcrita:

S'intende per 'restauro' qualsiasi intervento volto a conservare e a trasmettere al futuro, facilitandone la lettura e senza cancellarne le tracce del passaggio nel tempo, le opere d'interesse storico, artistico e ambientale; esso si fonda sul rispetto della sostanza antica e delle documentazioni autentiche costituite da tali opere, proponendosi, inoltre, come atto d'interpretazione critica non verbale ma espressa nel concreto operare. in Giovanni Carbonara, in Che cos'è il restauro? Nove studiosi a confronto, (da un'idea di B. Paolo Torsello), Venezia, Marsilio, 2005) (CARBONARA, 2006).

² CARTA DE LISBOA SOBRE A REABILITAÇÃO URBANA INTEGRADA 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa, outubro de 1995. Nesta consta o interesse manifestado por algumas cidades brasileiras, do início de uma reflexão conjunta que, iniciada no I Encontro de Reabilitação Urbana em Lisboa, em março de 1993, foi continuada no Rio de Janeiro em abril de 1994, constituído uma etapa que permitiu chegar a conclusões úteis para os dois países quando de uma proposta segundo a qual foram consagradas na Carta da Reabilitação Urbana Integrada- Carta de Lisboa. Esta Carta tem por finalidade, para além de foliar uma linguagem comum, com as necessárias adaptações nacionais, o estabelecimento de definições e conceitos, identidade histórica luso-brasileira, economia sustentável, dentre outros princípios que deverão nortear as intervenções, bem como dos caminhos para a sua aplicação.

3.3 Patrimônio e reabilitação de espaços tombados: definições e aspectos legais

No Brasil, as normativas voltadas ao patrimônio existem desde 1937, em que o decreto de Lei nº25, de 30 de novembro de 1937, definiu o que era considerado patrimônio histórico e artístico nacional, o tombamento com seus efeitos e penalidades, como está descrito no Art. 17: [...] as coisas tombadas não poderão, em caso nenhum, ser destruídas, demolidas ou mutiladas, nem, sem prévia autorização especial do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ser reparadas, pintadas ou restauradas, sob pena de multa (BRASIL, 1937). E ainda no Art.18, percebe-se a preocupação com o entorno do bem em questão, onde há que sem autorização prévia não é possível fazer construções ou intervenções que impossibilitem a visibilidade do bem.

Art. 216- Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 2016, p. 126).

Observamos uma preocupação com o patrimônio cultural brasileiro, com a preservação e normas, inclusive punitivas; porém mesmo com a legislação é necessária a conscientização da população que habita estes bens imóveis.

Em um projeto com edificações históricas, os cuidados devem ser ainda maiores, visto que é um prédio já existente, que pode estar tombado, e por isso tem regras determinadas a seguir, pode conter patologias e materiais distintos. Nesse tipo de trabalho, a intervenção pode ter nomenclaturas diferentes, de acordo com o tipo de atividade a ser realizada, como apresenta o manual do Programa Monumenta (BRASIL, 2005), do Ministério da Cultura, que busca orientar e sistematizar a elaboração de projeto para Preservação do Patrimônio Edificado, assim conceitua:

Conservação - conjunto de ações destinadas a prolongar o tempo de vida de determinado bem cultural. Engloba um ou mais tipos de intervenções.

Manutenção- conjunto de operações preventivas destinadas a manter em bom funcionamento e uso, em especial, a edificação. São exemplos: inspeções rotineiras, a limpeza diária ou periódica, pinturas, imunizações, reposição de telhas danificadas, inspeção nos sistemas hidro sanitário, elétrico e outras.

Reabilitação- conjunto de operações destinadas a tornar apto o edifício a novos usos, diferente para o qual foi concebido.

Restauração ou Restauo- conjunto de operações destinadas a restabelecer a unidade da edificação, relativa à concepção original ou de intervenções significativas na sua história. O restauro deve ser baseado em análises e levantamentos inquestionáveis e a execução permitir a distinção entre o original e a intervenção. A restauração constitui o tipo de conservação que requer o maior número de ações

especializadas.

Revitalização- conjunto de operações desenvolvidas em áreas urbanas degradadas ou conjuntos de edificações de valor histórico de apoio à “reabilitação” das estruturas sociais, econômicas e culturais locais, procurando a consequente melhoria da qualidade geral dessas áreas ou conjuntos urbanos (BRASIL, 2005, p.13 – 14, grifo nosso).

Podemos afirmar que o projeto proposto para a Casa Grande é uma reabilitação, pois são propostas ações para tornar apto o espaço para um novo uso com a intenção de conservar e manter a edificação cumprindo um papel cultural. Além disso, tomando como base as atividades realizadas no diagnóstico do estado da casa, é possível perceber quais adaptações seriam possíveis e necessidade para transformação e novo uso. Destaca-se ser importante a opinião da comunidade quanto a atividades a serem realizadas e desejos para a Casa Grande.

Uma das maneiras eficientes de trabalhar a preservação e a compreensão da população em relação ao patrimônio é demonstrar a utilidade dos mesmos, o que pode ser feito com atividades de educação ou interpretação do patrimônio e com a utilização de edificações históricas como usos sociais, a ressignificação de imóveis preexistentes de forma a demonstrar e cativar não apenas um pequeno espaço, mas toda sua região e pessoas do entorno, e assim chegando inclusive a criar uma “metástase positiva”, produzindo a revitalização até mesmo da cidade, como afirma o arquiteto Ernani Freire (FREIRE, 2014).

A prática de ressignificação de edificações com o intuito de melhorar as condições de uso é uma prática que data da década de 1960, em Bolonha-Itália, com o conceito de conservação integrada, referida nas recomendações de cartas internacionais, como na Declaração de Amsterdã (1975), que tem como um dos princípios a inserção da conservação do patrimônio no planejamento urbano (ZANCHETTI; LAPA, 2012). E ainda quando associados a um bom programa arquitetônico e museológico, que agregue a esses espaços sentimentos de pertença e reconhecimento social, torna-se ainda mais relevante.

A transformação de uma edificação pré-existente, do ponto de vista técnico e projetual, é um desafio para os arquitetos e técnicos convidados a planejar e adaptar um imóvel a um programa museológico e museográfico, pois este também é carregado de memórias e estruturas consideradas importantes na efetivação dos projetos.

Neste contexto, deve-se considerar as recomendações e citações em cartas internacionais e/ou a legislação de cada país e as tecnologias disponíveis para dar origem ao novo equipamento cultural. Dessa forma, novos projetos devem contemplar espaços expositivos com respeito à configuração original do edifício e sua historicidade, buscando sempre que possível evidenciar suas estruturas e intervenções de

maior destaque, permitindo que se trabalhe o antigo, o expositivo e o museológico.

No Brasil há três documentos que são referência quando se trata de museu: o Estatuto de Museus, a Lei 11.904 de 14 de janeiro de 2009 e o Código de Ética para Museus, revisado e aprovado na 21ª Assembleia Geral do ICOM em Seul, 2004.

4 BOAS PRÁTICAS DE REQUALIFICAÇÃO

Apresentamos boas práticas realizadas em edificações para requalificá-las para novo uso, contribuindo para preservação e afirmação cultural, social e física. Nos estudos de caso, apresentamos espaços que inicialmente possuíam uma utilização diferente das atuais, principalmente residenciais, como é o caso da Casa Grande dos Dias da Silva, objeto de estudo e intervenção que apresentamos neste relatório. Portanto, são edificações que foram requalificadas para novas funções e usos, com programa de necessidades específicas. Assim, são referências para o projeto de reabilitação para a Casa Grande e transformação do edifício em um ambiente com função social.

4.1 Centro Histórico-Cultural Santa Casa | Porto Alegre

Dentre as atividades do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia está o estágio em instituições culturais. Realizamos esta atividade no Centro Histórico-Cultural Santa Casa, localizado no complexo de hospitais da Santa Casa de Misericórdia, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Trata-se do primeiro estudo de boa prática que apresentamos neste texto; o local foi escolhido pela possibilidade de sermos acompanhadas de forma sistemática e realizarmos um trabalho que atendesse aos nossos objetivos e expectativas, mesmo cientes do jogo de escala entre o nosso trabalho com a Casa Grande em Parnaíba e a referida instituição cultural. O estágio foi de grande valia, principalmente para o entendimento do programa de necessidades de um museu na prática e as dinâmicas internas que envolvem recursos humanos e gestão do equipamento cultural. É fundamental conhecermos as funções e atividades realizadas no dia a dia de um espaço dessa natureza, para refletirmos sobre o saber-fazer entrecruzado entre museologia e arquitetura.

O Centro Histórico-Cultural Santa Casa associa-se à história da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, que tem como pessoa de referência o Irmão Joaquim Francisco do Livramento, natural da cidade atualmente conhecida como Florianópolis. No final dos anos de 1700 partiu em evangelização e em busca de fundos para criar instituições para os necessitados. Com esse intuito, o religioso chegou à capital do Rio Grande do Sul, onde constatou que não havia locais próprios para o tratamento de doentes, apenas hospitais militares e alguns abrigos administrados por civis que atendiam aos enfermos de forma precária (FRANCO; STIGGER, 2003).

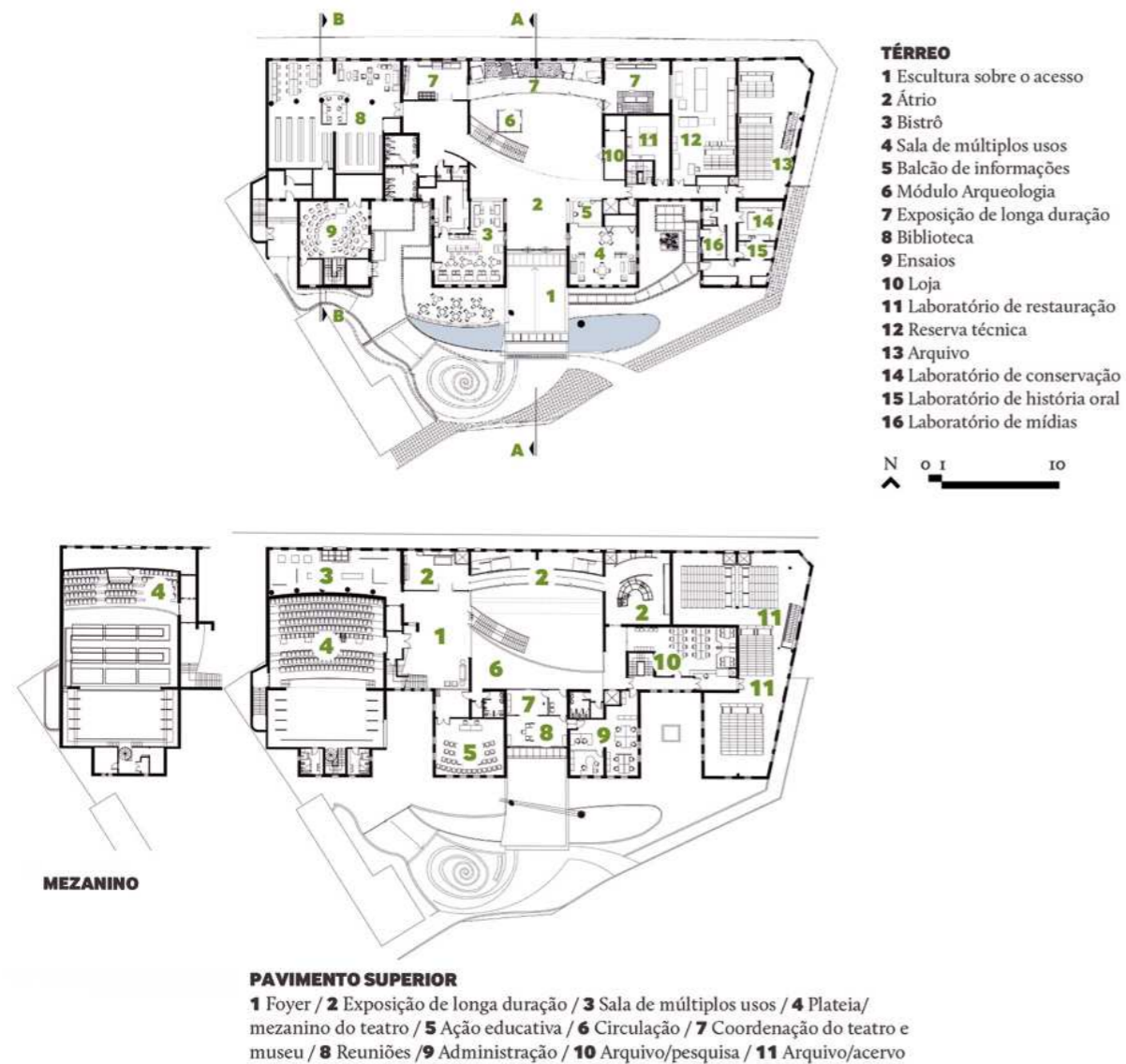


FIGURA 66- Projeto do Centro Histórico-Cultural Santa Casa. Fonte: MELENDEZ, Adilson, 2015. Tangram Arquitetura e Design: Centro Histórico-Cultural Santa Casa, Porto Alegre.

O religioso solicitou à coroa Portuguesa a fundação de dois hospitais de caridade ligados à Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, um destes em Porto Alegre e o outro em Florianópolis. Essas Casas de Saúde foram empreendimentos de caridade realizados pela coroa portuguesa, através da rainha Dona Leonor; foram criadas diversas instituições em Portugal e em várias de suas colônias. A instituição deveria ser sustentada através da caridade do povo e no caso de Porto Alegre também e contar com a ajuda do governador Paulo José da Silva Gama, que deveria proteger e animar o empreendimento (FRANCO; STIGGER, 2003).

Posteriormente foi construído o primeiro hospital da Santa Casa de Misericórdia e respectivamente a Capela do Senhor Morto, como era solicitado pela Irmandade de Lisboa. Com o passar dos anos, a instituição cumpriu múltiplas funções na sociedade, dentre elas: curar os doentes, amparando inclusive a população mais pobre e os escravos, acolher as crianças (através da criação da Roda dos Expostos), amparar os idosos, socorrer nas epidemias e enterrar os mortos (BARROSO, [s.d.]).

Com os anos, o hospital passou a ser ampliado, foi criado inclusive a própria botica. Em 1893, as Irmãs Franciscanas passam a administrar o hospital o que proporcionou um maior dinamismo e preocupação com o cuidado dos pacientes que procuravam a casa de saúde. Daí em diante a Santa Casa ampliou ainda mais as suas funções, quando fundou outros hospitais, maternidades e ainda transformou o cenário educacional na área da saúde, criando diversos cursos superiores como medicina, enfermagem e farmácia, que atualmente não pertencem mais à instituição (BARROSO, [s.d.]).

A Instituição se transformou em um complexo de hospitais dedicado a diversas especialidades diferentes, atuando tanto no setor público como privado. Dentre os hospitais hoje existentes estão: Hospital São Francisco (1930), Pavilhão Daltro Filho – Maternidade Mário Totta (1940); Hospital São José para Neurocirurgia (1946); Pavilhão São Lucas voltado para Hematologia (1948); Pavilhão Cristo Redentor, destinado a enfermarias e serviços (1948); Hospital da Criança Santo Antônio, especializado em pediatria (1953); Pavilhão Pereira Filho, focado em Pneumologia (1965); Hospital Santa Rita, destinado para o tratamento na área da oncologia (1967) e, para trabalhar com transplantes, o Hospital Dom Vicente Scherer (2001).

A Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre é um símbolo de pioneirismo, prosperidade, qualificação e avanços tecnológicos. Possui grande parte da sua história documentada, principalmente após a chegada das Irmãs Franciscanas, que mantinham registros do que acontecia na instituição. Ainda possui há mais de duas décadas o Centro de Documentação e Pesquisa da Santa Casa (CEDOP), que deu origem ao Centro Histórico-Cultural Santa Casa, buscando abrir portas para que a sociedade possa ter acesso à cultural e às memórias ligadas à instituição, que exerceu e exerce um papel muito significativo em Porto Alegre.

Foram introduzidas oito casas geminadas da Av. Independência, que fazem parte do complexo da Santa Casa, que são sobreviventes do conjunto edificado em 1906. As oito casinhas geminadas se localizam próximas às instalações do Hospital São Francisco de 1930, da Capela do Senhor dos Passos e do Prédio Centenário, que constituem a área histórica do conjunto da Santa Casa (MELENDEZ, 2015). Na década de 90, foram iniciadas conversas para propor a construção do Centro Histórico-Cultural Santa Casa; a Arquiteta Ceres Storchi foi convidada pelo arquiteto Paulo Cassino e engenheiro Waldir Konzen, que já coordenavam obras anteriores dentro da Santa Casa, para propor um projeto para esta instituição cultural, que estaria vinculado ao CEDOP³ (STORCHI, 2015).

As casinhas ao longo dos anos foram alteradas, possuíam uso residencial e foram adaptadas à realidade dos moradores. Por anos a Santa Casa tentou desocupá-las e, à medida que os inquilinos se retiravam, as edificações eram utilizadas para serviços da Instituição, como creche, necrotério, sede da Associação de Funcionários e depósito, o que também acarretou conexões internas (STORCHI, 2015). As edificações possuíam como características:

Dois pavimentos, porão alto no nível do quintal, e pavimento térreo elevado em relação ao nível da rua, acessado a partir do exterior por uma escada situada no vestíbulo com abertura diretamente sobre o passeio. Compartilhavam a estrutura das paredes principais que estabeleciam o eixo de simetria entre as unidades. Possui cobertura de telhas portuguesas tipo capa e canal sobre estrutura de telhado em barrotes e caibros de madeira. As coberturas das áreas frontais acontecem em duas águas para cada uma das unidades, limitadas por platibandas na fachada frontal e na lateral leste do conjunto [...] As paredes externas e as que dividem as unidades eram em alvenaria de tijolos maciços. (STORCHI, 2015, p.35).

Após estudos, em 1998, foi apresentada uma primeira proposta para o Centro Cultural: arquivo, museu, biblioteca e auditório, o primeiro espaço era a maior área requisitada no projeto. Entre 1998 e 2004, o projeto sofreu modificações, devido a novas demandas que foram surgindo até que foi constituído o projeto atualmente executado⁴ (Figura 66).

O estágio no Centro Cultural nos permitiu acompanhar as dinâmicas de um equipamento cultural, perceber a complexidade de captação de recursos e a sustentabilidade desta natureza de instituição, o que inclui arrendamento dos seus espaços e venda de produtos. Destacamos a produção bibliográfica que registra histórias e memórias do espaço, das pessoas e do patrimônio cultural.

3 Nesta época, Luiz Antônio Custódio foi convidado para compor a equipe.

4 Em 2006 a arquiteta Laura Hagel (Sócia do Escritório Tangram Arquitetura e Design) passou a trabalhar no projeto e permaneceu até a inauguração, em 2014.

No quesito conceitual e de legislação, a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, determina que um espaço para ser considerado museu deve ser uma instituição:

[...] sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

O Centro Histórico-Cultural Santa Casa possui essas características, há espaço para conservação do acervo (uma reserva técnica e um arquivo), possui uma equipe para pesquisa e documentação, há um grupo de marketing responsável pela comunicação com a comunidade: informar sobre os eventos da instituição e ainda realizar atividades culturais. O discurso expográfico apresenta a história da Santa Casa, Irmandades, no contexto da história de Porto Alegre, há ainda as exposições de curta duração. Ademais, ainda possui um plano de mediação cultural que envolve os funcionários e inclui visitas guiadas com públicos diversos, o que demonstra uma preocupação com a educação museal.

Porém, apesar dos setores bem divididos, possui poucos funcionários, a exemplo, o próprio museu, que conta apenas com uma funcionária efetiva, que não é museóloga, e duas estagiárias do curso de Museologia. A instituição possui um plano museológico definido, iniciado em 2016 e concluído em 2017.

O Museu atende ao plano de necessidades de instituições dessa natureza, principalmente por se tratar de reabilitação para novo uso de uma edificação histórica, que tem protegida apenas a sua fachada. É possível distinguir o que seria original e o que foi implementado pelo projeto do centro cultural, como na Figura 67, onde ao fundo há a estrutura em tijolos maciços exposta e avante pilares e vigas em estrutura metálica com fechamento de vidro, que se trata da nova parte do museu. Além da escada, que faz parte do hall principal e tem estrutura de concreto e em formato orgânico, o que diferencia da técnica inicialmente existente nas edificações, algo que também chama atenção no projeto é a solução quanto ao desnível das casas, que seguiam o relevo da via, portanto estavam em alturas diversas. Assim era possível perceber na extremidade da sala da exposição de longa duração do pavimento térreo um desnível de trinta centímetros, já na biblioteca este era de mais de um metro.

Apesar das soluções encontradas para execução do projeto, em uma edificação que possui uma relevância histórica, ao analisar o Centro Cultural internamente, é visível que pouco foi conservado, o que acaba por diferenciar este estudo de caso do objeto deste trabalho, além do fato de se tratar de um estudo de proporções maiores, porém foi de grande crescimento devido à inserção da pesquisadora e à compreensão do funcionamento diário de um centro cultural e sua relação com o projeto arquitetônico idealizado.

FIGURA 67 - Foto com Vista para a Sala de Exposição de Longa Duração.

Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

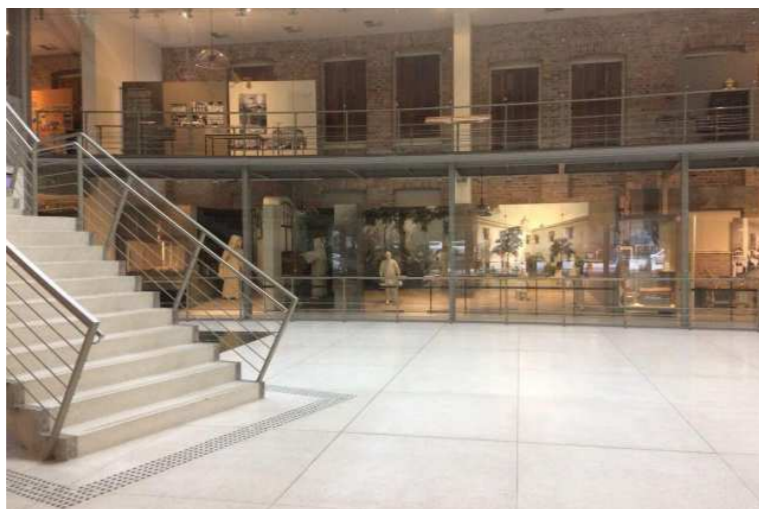


FIGURA 68 – Planta Baixa em Acrílico. Fonte: Arquivo Ellaine Martins, 2017.



FIGURA 69 – Placas de Sinalização Interna. Fonte: Arquivo Ellaine Martins, 2017.

Além do projeto arquitetônico, os projetos complementares têm destaque na estrutura do museu, como o projeto de iluminação, comunicação interna e acessibilidade. A iluminação foi elaborada para focar os objetos do acervo e ajudar na criação dos cenários, sendo em sua maioria iluminação de destaque, que busca conduzir o olhar do visitante. Já quanto à sinalização, buscou a inclusão, visto que em cada pavimento havia a planta baixa do mesmo, com um pequeno relevo (Figura 68) e possuía nomes dos ambientes também em braile. Algumas placas de sinalização não continham apenas palavras, mas imagens (Figura 69), tornando a arte minimalista e inclusiva (levando em consideração pessoas com pouca escolaridade).

Mas o que mais chama atenção é o projeto de acessibilidade, idealizado por Amanda Eltz, Ceres Storchi e Emily Borghetti, que não se constitui apenas de rampas e elevadores para deficientes físicos, mas de áudio-guias para que pessoas com deficiência visual possam acompanhar mediações. Sendo assim, é possível afirmar que deficientes físicos e visuais foram contemplados.

O programa de necessidades do Centro Cultural, é dividido em parte administrativa separada da aberta ao público, bem como dentro da área restrita aos funcionários, possui salas para marketing, diretoria, pesquisa, arquivo, sala de história oral, laboratório de mídias, depósito, sala de museologia, copa, laboratório de conservação e restauro (voltado fundamentalmente para papel e documentos) e sala de reunião.

Na área aberta ao público, o Centro Histórico-Cultural Santa Casa é composto de uma cafeteria, que torna o local ainda mais convidativo, biblioteca que, apesar de bem estruturada, acaba por ter livros bem voltados para a saúde, principalmente para medicina o que limita seu público de forma exagerada; salas de múltiplos usos, que podem ser utilizados para reuniões, eventos e até mesmo exposições de curta duração; banheiros, que estão presentes em ambos os andares da instituição. Há um teatro que, além de receber um estudo acústico, possui uma área técnica equipada com depósitos e camarins, o que proporciona a realização de eventos bem diversos.

Apesar do programa ser bem específico para o uso, alguns detalhes foram esquecidos na reserva técnica, pois, apesar de ser bem grande e ter as condições ideais de armazenamento e preservação, não possui um espaço para expositores que não estão sendo utilizados e nem para quarentena, onde os objetos novos do acervo devem ficar até serem analisados e reunidos a todos os objetos que compõem a reserva.

Enfim, o Centro Histórico-Cultural Santa Casa é um espaço moderno dentro de antigas casinhas que cumprem seu papel tanto teórico, como prático e pode ser chamado de museu, pois permite a contemplação, pesquisa, interpretação, turismo, conservação e preservação, proporcionando o crescimento da sociedade de Porto Alegre. Portanto, apesar das diferenças estruturais, tornou-se um estudo de boa prática o Museu da Cidade de Parnaíba.

4.2 Casa dos Contos | Ouro Preto

Ouro Preto, a Antiga Vila Rica, é uma cidade que apresenta muitos bons exemplos de museu em casas históricas. A Casa dos Contos, por exemplo, trata-se de uma construção realizada entre os anos 1782 e 1784, com a finalidade de residência e administração dos reais contratos, do banqueiro João Rodrigues Macedo. Sua divisão espacial, que contava com salões decorados, quartos de hóspedes e senzala, demonstram a importância de seu primeiro proprietário. Algumas de suas dependências foram inclusive revetidas em prisão nobre, durante a Inconfidência Mineira. Em virtude das dívidas de João Rodrigues Macedo com a Real Fazenda, a residência foi transformada em Sede da Administração e Contabilidade Pública da Capitania de Minas Gerais (FERRAZ, 2004).

Durante anos sofreu diversas intervenções em diferentes tipos de ocupação, como o Correio e Telégrafo e a Prefeitura Municipal, como acréscimos e o desabamento do Mirante (na sua reconstrução começa a introdução do concreto armado, através de duas vigas de sustentação). Em 1973, o Ministério da Fazenda instala-se no local novamente, e aqui a retomada de suas possíveis características físicas originais, porém a parte estrutural não é revisada. Anos depois ocorreram problemas com a estrutura do telhado, fungos e infiltração causados pelas intervenções que não analisaram toda a situação da casa. A partir daí, na década de 80, a Divisão de Obras do Departamento de Administração do Ministério da Fazenda resolveu realizar uma restauração completa na Casa dos Contos. Na Figura 70 é possível visualizar a planta baixa atual da Casa dos Contos.

Atualmente a Casa dos Contos foi transformada em Museu e conta com salas de exposição de curta duração, no pavimento térreo, onde é possível visualizar em seu forro pinturas artísticas originais (Figura 71). Além de um pátio interno, hall de entrada (que pode abrigar pequenos eventos culturais) e uma sala que se chama “Senzala”, abriga objetos relacionados à escravidão. Já no segundo pavimento encontram-se diversas salas de exposição de longa duração, que são divididas em: sala de exposição de mobiliários; sala nobre, que é um ambiente de exposição que possui pinturas artísticas restauradas em 1983; espaços destinados para trabalhos, documentos antigos e biblioteca; sanitários; varanda interna; sala de exposição de documentos históricos e a exposição sobre a história da moeda e do fisco.

A Casa dos Contos, provavelmente é a instituição que mais se aproxima do Museu da Cidade de Parnaíba, porém também possui uma estrutura maior que a encontrada na Casa Grande. Aqui é visível como os espaços expositivos podem se adaptar a esse tipo de estrutura (Figura 70), com expositores móveis, com iluminação através de pendentes e sempre buscando não interferir diretamente nas paredes. Enfim, os estudos de casos positivos são de fundamental importância para entender o programa de necessidades apropriado para um museu e ainda as estratégias que foram utilizadas no caso de edificações históricas que não podem suportar toda a estrutura necessária para a execução de uma instituição cultural e social de tamanha importância. No caso da Casa dos Contos, o estudo foi realizado pessoalmente pela pesquisadora.

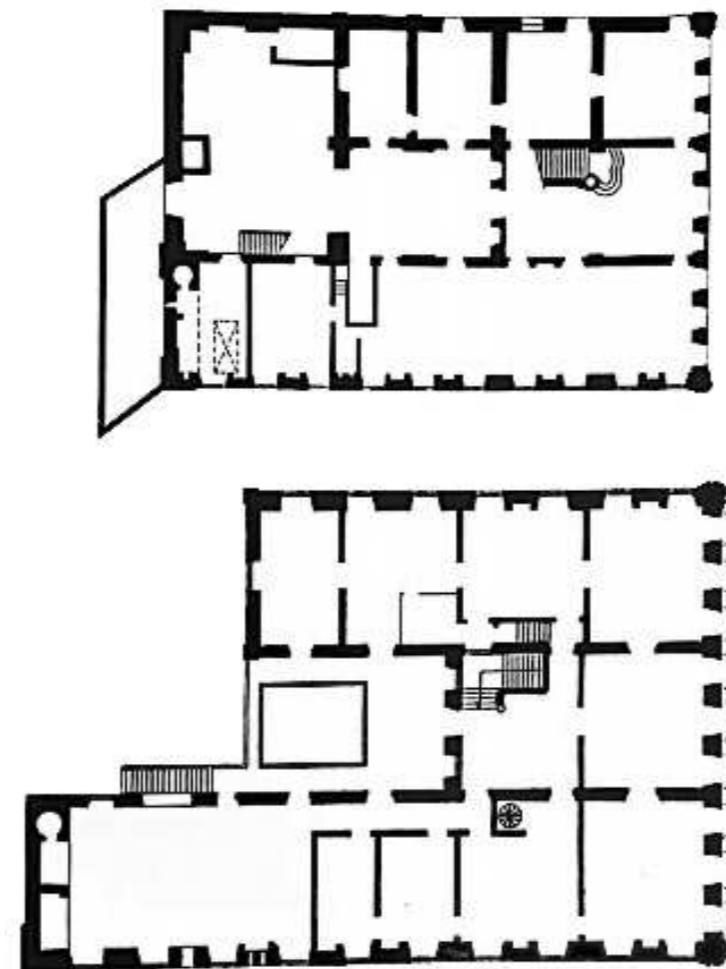


FIGURA 70 – Plantas 1º e 2º Pavimentos | Casa Dos Contos.
Fonte: FERRAZ, 2007. A Restauração da Casa dos Contos de Ouro Preto.



FIGURA 71 – Sala de Exposição da Casa dos Contos.
Fonte: UNIVERSIDADE FERAL DE VIÇOSA, 2017.

4.3 Paço do Frevo | Recife

O Paço do Frevo é um museu que conta a história do ritmo mais famoso de Pernambuco, o Frevo. Localizado na cidade de Recife, instalado no antigo prédio da Western Telegraph Company, que é tombado pelo IPHAN, próximo à Praça do Arsenal, no Recife Antigo. Este espaço cultural é dedicado à preservação, pesquisa da cultura e história do frevo, como forma de propagar sua prática nas gerações futuras.

Na antiga sede da companhia inglesa foi realizado um projeto de restauração e adaptação, que procurou definir cada espaço de acordo com um planejamento do museu e com os programas de exposição. De acordo com o plano museológico (CARVALHO, 2013) do Paço do Frevo, foram respeitadas as necessidades do público, acervo, acessibilidade e serviços. Visto que se trata de um espaço tombado, cuidados foram tomados, já que este instrumento não significa proibição, mais proteção. Sendo assim foi levado em conta:

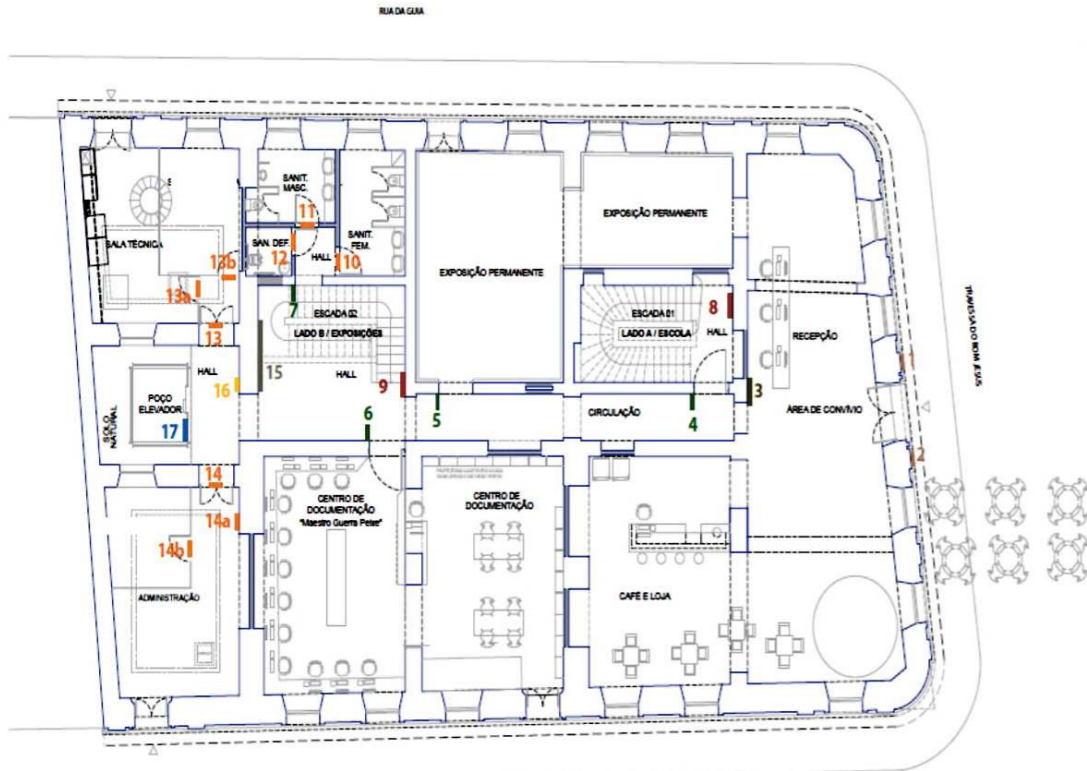
Considerar primeiro as medidas que evitem ou minimizem a necessidade de alterações; Evitar alterações que afetem negativamente o caráter do edifício; Planejar alterações reversíveis sempre que possível; Consultar previamente os órgãos de preservação e planejamento competentes, para garantir que o plano de acesso ao edifício possa ser desenvolvido, juntamente com eles ou com sua supervisão, com a finalidade de obtenção de alvará de funcionamento (CARVALHO, 2013, p.34).

O pavimento térreo é um espaço público para circulação, cafeteria, bilheteria e venda de produtos, sala de exposição de longa duração “Linha do Tempo” e Núcleo de Pesquisa e Documentação, sala técnica, administração e banheiros. Sendo assim, é um andar de uso misto, expositivo e administrativo (Figura 72). O primeiro pavimento possui uma utilização educacional (Figura 73), onde se encontra a Escola de Música, que é constituída de estúdio de gravação, diretoria, lavatórios, copa, depósitos e cinco salas de ensaio com tratamento acústico, salas de aula e rádio (CARVALHO, 2013). O segundo pavimento se divide em uso educacional e expositivo, onde está a Escola de Dança e uma sala de exposição de longa duração. A constituição deste piso se dá: em duas salas de dança, camarim feminino, camarim masculino, sala de professores, oficina e administração (Figura 74). O último pavimento foi reservado para uma exposição de longa duração (Figura 74) “que dispõe de vitrines no piso com 56 estandartes das agremiações, 353 *backlights* de imagens apresentando a cultura do frevo, 46 *backlights* (Figura 75) apresentando o cordel de Honório Cordelista, com o título “Recife- Carnaval, Frevo e Passo”” (CARVALHO, 2013, p. 40).

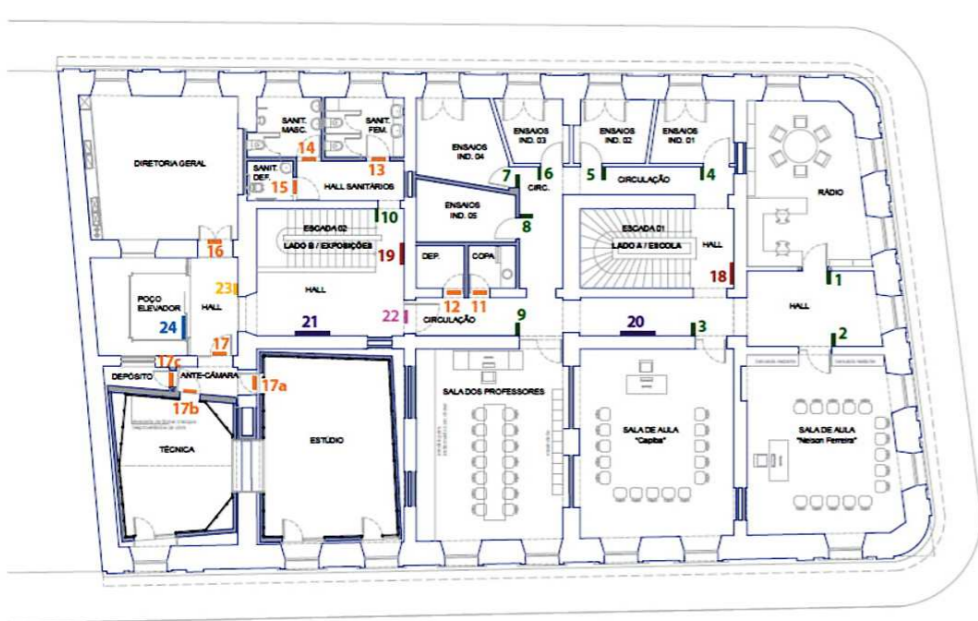
Apesar de possuir uma divisão espacial diferente do proposto neste trabalho para a Casa Grande, pois parte da sua administração fica no pavimento térreo, juntamente com a recepção dos visitantes. É no último pavimento que o Paço do Frevo vai ser utilizado como inspiração para o Museu da Cidade de Parnaíba, onde em sua exposição de longa duração, a edificação vai interagir com o seu entorno, através das janelas de vidro que dão vista para o Recife Antigo. Assim, a cidade acaba por fazer parte da exposição, enriquecendo ainda mais o acervo.



FIGURA 72- Sala de Exposição | Paço do Frevo.
Fonte: CARVALHO, 2013. Plano Museológico do Paço do Frevo – Recife.

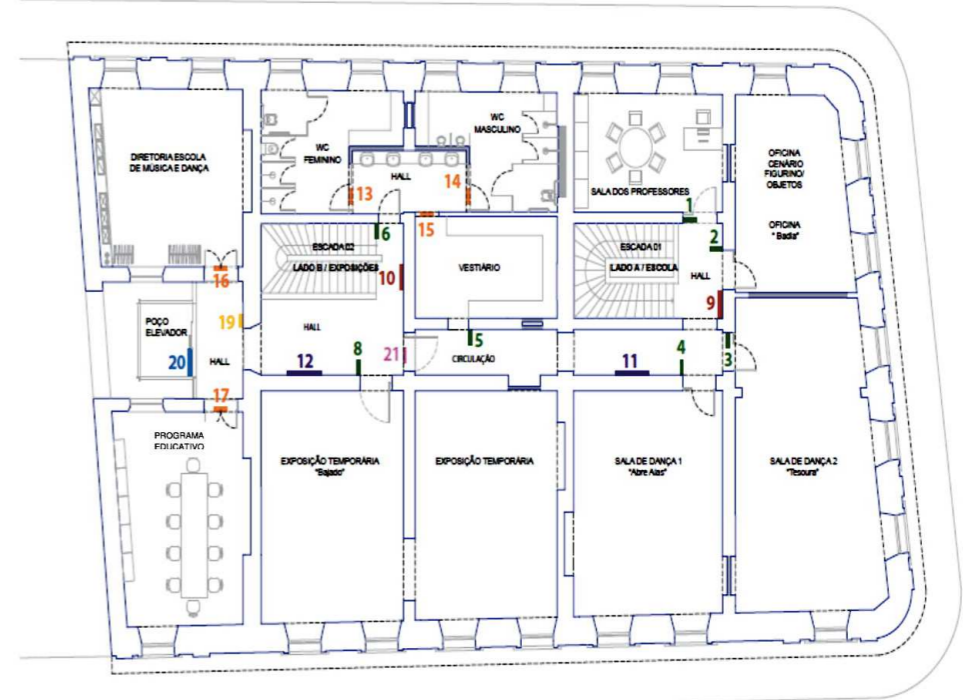


Planta do térreo com a ocupação

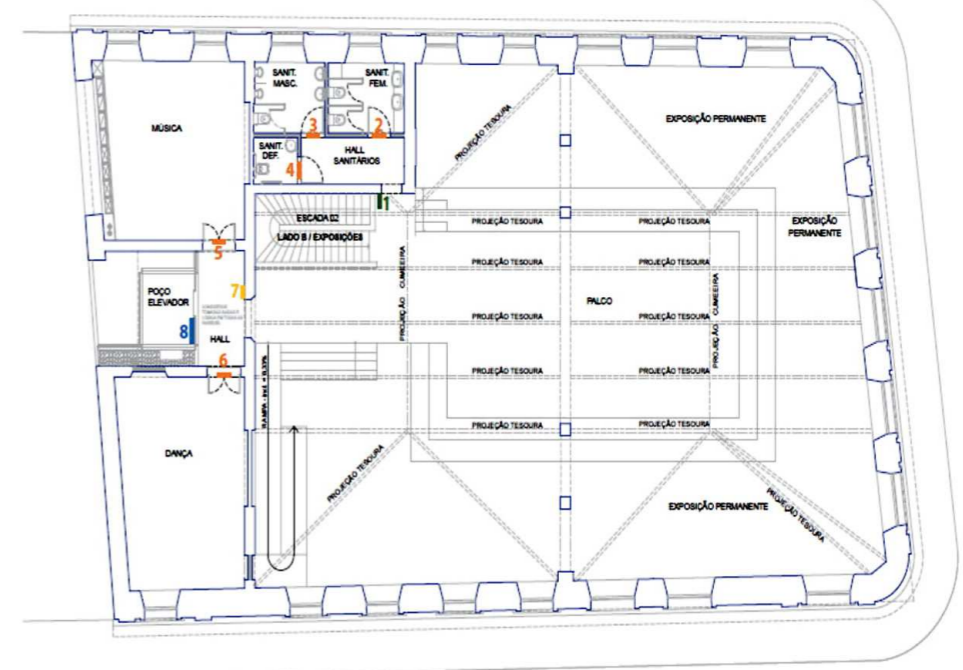


Primeiro pavimento planta de implantação

FIGURA 73 – Planta Baixa | Paço do Frevo.
Fonte: CARVALHO, 2013. Plano Museológico do Paço do Frevo – Recife.



Segundo pavimento planta de implantação



Terceiro pavimento planta de implantação

FIGURA 74 – Planta Baixa | Paço do Frevo.
Fonte: CARVALHO, 2013. Plano Museológico do Paço do Frevo – Recife.



5 MÉTODOS E TÉCNICAS

O objetivo deste trabalho foi a construção de um projeto de reabilitação e novo uso para Casa Grande dos Dias da Silva, com a proposta de criação e instalação do Museu da Cidade de Parnaíba. Para tanto, realizamos estudos e intervenções a fim de conceber um equipamento cultural para os residentes da cidade (usuários) e visitantes (turistas).

Como método de abordagem foi usada a pesquisa social aplicada, nomeadamente a pesquisa-ação, que permite a aproximação do investigador dos beneficiários diretos de um projeto social; neste caso os residentes da cidade de Parnaíba, dos quais nos aproximamos para apresentação de uma ideia, proposta, troca de informações, conhecimento de seus desejos e necessidades. Ao longo da pesquisa de campo, buscamos capturar e registrar as imagens e representações sobre a Casa Grande e as possibilidades de a transformar em equipamento cultural, como função social, de acesso a públicos diversos, residentes e não residentes.

A pesquisa-ação é uma tipologia de pesquisa social qualitativa, que requer ação tanto nas áreas da prática quanto da pesquisa. De acordo com David Tripp, “[...] a pesquisa-ação é um tipo de investigação-ação, que é um termo geral para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela” (TRIPP, 2005, p. 446).

5.1 Etapas de coleta e análise de dados

A pesquisa-ação permitiu a construção de relações efetivas entre teoria-prática, avaliação da execução do projeto inicial de reabilitação da Casa Grande em museu e a valorização da opinião pública. O trabalho foi construído em três etapas principais:

- 1) Estudo sobre os conceitos de museu, museologia e arquitetura de museu, patrimônio e legislações existentes e relacionadas, além de discussões preliminares no âmbito do mestrado e da Universidade Federal do Piauí sobre a Casa Grande dos Dias da Silva, uso atual e possível destino;
- 2) Diagnóstico situacional da Casa Grande; e
- 3) Estudos e pesquisa de opinião sobre o patrimônio cultural da cidade de Parnaíba e, principalmente, sobre a Casa Grande. Nesta etapa, foi realizado:

- Exposição Itinerante “Casa Grande dos Dias da Silva: rendilhar o passado, construir o futuro”, um instrumento de comunicação, divulgação e aproximação da sociedade, no qual foram apresentados temas como museu, patrimônio, preservação e realizadas algumas entrevistas para captar a percepção e os desejos dos participantes em relação à Casa Grande.

A exposição ocorreu entre os dias 7 e 11 de janeiro de 2018. Os três espaços selecionados têm localização geográfica estratégica, por serem locais de grande circulação de pessoas ou que já possuíam alguma atividade cultural ou de lazer, o que permitiu atingir públicos diversificados:

1. Praça Mandu Ladino, popularmente conhecida como Quadrilhódromo, onde acontecem atividades para crianças e adultos durante os sábados e domingos, tendo assim se consagrado como um espaço de lazer aos finais de semana, no dia 07 de janeiro de 2018;

- Praça principal do Parnaíba Shopping, um dos principais centros comerciais da cidade, nos dias 8 e 9 de janeiro de 2018, e

- Centro Cultural Ministro Reis Veloso- SESC Caixeiral- equipamento cultural de referência na cidade, por se tratar de um exemplo de prédio antigo com novo uso e um lugar de efervescência cultural no Centro Histórico e entorno. Nos dias de 10 a 16 de janeiro de 2018. Ao final da exposição foi realizado uma Roda de Conversa com pessoas e instituições públicas e privadas para discutir e apresentar as intenções desta atividade.

- Criação de duas redes sociais nas plataformas Instagram e Facebook e de um questionário on-line (APÊNDICE C), que foi aplicado via WhatsApp, e-mails e pessoalmente (entrevistas), a partir do link criado pela pesquisadora, o qual permitia o seu uso por celulares, tablets e/ou, computadores. Questionário semiestruturado, com 20 questões abertas e fechadas sobre Parnaíba, patrimônio local, opinião sobre o Casarão e função adequada para o mesmo. Link para o questionário (file:///f:\mestrado ellaine\google formulários): Google formulários, disponível: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe-Jqvn-4dV865CbTGvH2myb1vhe_8enpNtCcuzDaTKXmTfaA/viewform>.

- Pesquisa de opinião com públicos diversos, tais como universitários, visitantes da exposição, comerciantes, historiadores, dentre outros que visitaram ou não a Exposição, uma vez que o mesmo poderia ser respondido de forma física e/ou on-line; A aplicação do questionário se deu de forma on-line e através das duas redes sociais (Instagram e Facebook), e aplicado pessoalmente durante as exposições; e anteriormente na Praça da Graça (dia 11 de dezembro de 2017), visto que, apesar da idealização da exposição neste espaço, não houve resposta ao requerimento de solicitação junto à Prefeitura Municipal de Parnaíba para realização do evento também neste local.

Assim, a partir dos dados coletados e compilados, das observações e dos resultados analisados e confrontados com a literatura, foi idealizado o Projeto de Reabilitação da Casa Grande dos Dias da Silva para uso social- Museu da Cidade de Parnaíba, tendo o anteprojeto como produto deste trabalho de mestrado. O projeto de reabilitação idealizado, segue uma metodologia similar ao projeto de interiores, no qual foram seguidas as seguintes etapas:

- 1) Estudo preliminar, com o levantamento técnico (dimensionamento existente) e das necessidades, assim iniciando a composição dos ambientes através de um zoneamento e estudo de fluxos;

- 2) Anteprojeto com a definição do que desejávamos obter como resultado, seus elementos e materiais utilizados, de acordo com o projeto arquitetônico e complementar já existente.

- 3) Produto - com idealização e feitura de um anteprojeto, que consta de planta baixa e de layout, iluminação, planta de pintura e revestimento, fluxos e zoneamento, vista, lista preliminar de materiais idealizados e imagens tridimensionais.

5.1.1 Descrição das etapas de coleta e análise de dados

A edificação escolhida como objeto de estudo desta pesquisa é um casarão do século XVIII, que foi criado para uso residencial da família Dias da Silva. Posteriormente foi utilizado para serviços, onde funcionou um bar até ser restaurado em 2012, pelo IPHAN, como foi citado anteriormente. A Casa Grande encontra-se em uso institucional, onde funciona a Superintendência de Cultura Municipal e um escritório do IPHAN.

No segundo semestre de 2016, iniciamos uma avaliação situacional na Casa Grande com um plano mínimo de necessidades de um futuro museu. Dessa vivência, observamos que, de fato é possível ocupar a edificação que tem características do período colonial, constituída de três pavimentos com parede de adobe e pedras e cobertura de telha cerâmica com estrutura de madeira. Ao longo dos anos, a edificação teve seu pavimento térreo modificado, mas foi conservado na esquina do prédio um oratório em cantaria portuguesa com refinados detalhes, único no Piauí (IPHAN, 2009), símbolo da casa.

No decorrer da pesquisa realizamos um estudo mais completo (literatura, documentos existentes, registros em site, legislação local, tombamento e espaço que se constitui) sobre o objeto em estudo, para perceber a relação da comunidade com o Centro Histórico de Parnaíba, buscar conhecimentos sobre as memórias da Casa Grande dos Dias da Silva e da relação com a história da cidade. Informações importantes para o anteprojeto arquitetônico, compreender o que foi realizado pelos técnicos responsáveis pela restauração (2010-2012) e realizar um diagnóstico atual da edificação, para assim encontrar parâmetros e

discutir o futuro da Casa Grande.

Após o diagnóstico, realizamos exposições itinerantes, para atingir um maior e mais diversificado público. As exposições aconteceram em cinco dias e em três locais diferentes da cidade e foram concluídas com uma Roda de Conversas aberta ao público, em que foi discutida com instituições e comunidade local a situação atual da edificação e o que pode ser feito nela.

As exposições permitiram o contato direto com diversos públicos, e os questionários serviram como instrumentos de pesquisa, cujos resultados constam no Apêndice A. Para facilitar a tabulação de dados e realização da pesquisa, fizemos uso da ferramenta da internet com aplicação do questionário via Google (questionário on-line), no qual as pessoas poderiam explicar sua opinião sobre o estado atual da cidade de Parnaíba, o que mais se destaca no município de acordo com a sua opinião e questões relacionadas ao patrimônio local e à Casa Grande.

O questionário foi importante instrumento de pesquisa e de interação com a comunidade local e uma forma de inserção da pesquisadora no espaço de intervenção, visto que o mesmo começou a ser aplicado antes do início das Exposições, em caráter virtual e físico, durante um dia na Praça da Graça, local considerado importante ponto de coleta de dados, pois situa-se nas proximidades da edificação estudada. As redes sociais criadas e intituladas “Museu da Cidade de Parnaíba” permitiram o crescente contato e diálogo com populares, entendendo que esta é uma importante ferramenta nos dias atuais.

Além da coleta de dados e inserção na comunidade, foram realizados estudos técnicos e participativos para assim conceber um plano de uso, em que, inicialmente foi elaborado um projeto de reabilitação ou de ambiência, em caráter de anteprojeto, para definir a utilização dos espaços da edificação, a criação de um andar institucional e de serviços e outro expositivo. E ainda um pavimento misto, voltado tanto para exposições, como para atividades educacionais e de lazer, que será a porta para o novo espaço cultural.

No projeto procuramos adequar a edificação existente aos aspectos da arquitetura e da museologia. Este produto final que consiste em um projeto no nível de anteprojeto, que é, de acordo com a NBR 6492 (ABNT, 1994, p.5) a “definição de partido arquitetônico e dos elementos construtivos, considerando os projetos complementares (estrutura e instalações)”, ou seja, é a definição das diretrizes básicas da proposta. Para alcançar esse estágio, antes foi realizado o estudo preliminar do espaço e das necessidades.

Vale ressaltar, no caso em questão, que já existia um projeto arquitetônico de restauração (IPHAN, 2012) que foi executado, porém as etapas de ambiência não existiam no projeto inicial. Sendo assim, o primeiro estudo realizado foi a verificação dos dados arquitetônicos e o estudo do programa de necessidades para um museu, que contém “o levantamento das informações necessárias, incluindo a relação dos setores que o

compõem, suas ligações, necessidades de área, características gerais e requisitos especiais, códigos e normas pertinentes” (ABNT, 1994, p.2). Como se tratava de uma reabilitação foi realizada a compatibilidade dos ambientes necessários para um museu, buscando adequar a edificação existente ao novo uso.

Enfim, foram aplicadas diferentes metodologias neste trabalho, inicialmente a pesquisa-ação com a inserção na comunidade para melhor estudo do contexto e, posteriormente, o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos profissionais associado com os aspectos da museologia, a fim de constituir um projeto de reabilitação para a Casa Grande, que apesar de ser uma importante edificação local, não possui uma íntima relação com a sociedade do seu entorno.

Assim, a idealização do Museu da Cidade tem a intenção de estreitar laços, chamando a comunidade a considerar aquele local como um espaço de pesquisa, lazer, educação e informação, de forma a modificar a realidade local, pretendendo desenvolver inclusive efeitos sociais e no espaço urbano.

Observamos que as atividades e projetos desenvolvidos através deste projeto-ação tiveram a intenção de iniciar uma transformação não só na edificação do século dezoito, mas também na cidade de Parnaíba, visto que a revitalização de um espaço pode influenciar a requalificação de todo o seu entorno. O objetivo deste Projeto foi planejar e significar a Casa Grande dos Dias da Silva, entendendo os anseios dos residentes da cidade. Dessa maneira, o projeto visou aproximar a comunidade de seu entorno e colocar em prática a museologia social, voltada para a transformação de vidas e realidades, através do novo espaço expositivo e cultural.

5.2 Considerações éticas

Consideramos que os preceitos éticos de pesquisa foram respeitados, pois os questionários foram respondidos pelo próprio participante, on-line, caracterizando sua aceitação em participar e autorizar o uso dos dados. Também não houve a identificação dos participantes nos resultados, mantendo-se o sigilo e o respeito dos que responderam aos questionários.

Na reunião, foi feito o registro, através de uma lista, no qual os participantes assinaram que estavam cientes do objetivo da reunião, do projeto de mestrado e da pesquisa.

Foi feita a solicitação oficial ao IPHAN, para disponibilizar o projeto de restauração da Casa Grande e de seu relatório de restauro. Através desta documentação, foi possível identificar a planta baixa da edificação e assim entender melhor a disposição de alguns elementos que existem atualmente dentro do Sobrado.



6 MEMÓRIA DESCRITIVA | RESULTADOS

O espaço escolhido para estudos e intervenções foi a Casa Grande dos Dias da Silva, uma edificação colonial de construção datada do século XIX. Identificamos problemas no uso social do imóvel. Realizamos estudos sobre museologia, museus, arquitetura de museu e intervenção em edificações históricas. Desenvolvemos atividades de natureza participativa para elaborar um anteprojeto arquitetônico. Partimos do diagnóstico da edificação, aproximação dos residentes do entorno da Casa Grande e comunidade em geral, para interagir, buscar elaborar uma proposta de reabilitação com participação social.

Os resultados se materializam nos dados coletados e analisados, em um projeto de reabilitação para novo uso da Casa Grande, uma proposição para que a edificação passe a abrigar um Museu da Cidade de Parnaíba.

6.1 Exposição Itinerante “Casa Grande Simplício Dias: Rendilhar o passado, construir o futuro”

Realizamos exposição de natureza itinerante, percorremos espaços diversos da cidade e acessamos públicos variados, de forma a capturar opiniões distintas, em tempo real, de residentes de idade, sexo e ponto de vista diferenciados. Nas atividades associadas à exposição, interagimos e dialogamos com diversos públicos sobre as noções de museu, patrimônio cultural, tombamento, preservação, reabilitação e reabilitação de espaços urbanos protegidos, de forma a permitir uma conexão desses públicos com uma edificação específica, objeto deste estudo, a Casa Grande dos Dias da Silva, localizada no Centro Histórico da cidade de Parnaíba, Piauí.

Ao suscitarmos diálogos e interação com residentes e visitantes de Parnaíba, o que incluiu estudantes, professores, artistas, comerciantes e comerciários, empresários, agentes públicos e privados, conseguimos significar e ressignificar os olhares sobre a cidade de Parnaíba, Patrimônio Nacional desde 2008.

Conseguimos provocar o interesse pela função social, educativa e cultural de uma exposição, de um museu, de um centro cultural, uma discussão recorrentes no campo de estudos da museologia, do museu contemporâneo, que “passou a estar menos voltado para si próprio e mais voltado para o público — outra das tendências das últimas décadas —, começou igualmente a dedicar-se mais atenção ao papel educativo dos museus”[...] (MENDES, 1999, p.678).

Pelo caráter itinerante, a exposição foi planejada de forma a facilitar seu deslocamento e mobilidade-montagem e desmontagem. Sendo assim, foi desenhada uma exposição com suportes para banner, retangular de 1,80 metros por 70 centímetros em metal cor preta (Figura 76). As estruturas se encaixaram permitindo um livre desenho da exposição a considerar o local. Para realizarmos a exposição de forma simples e com poucos recursos, idealizamos desenhos com cordas em cada uma das bases de metal e desenhos fixados com pequenos pregadores, dando assim uma aparência similar a um varal.

O material didático exposto foi construído a partir de três fotografias, de nossa autoria, no tamanho de 70x70 centímetros, dez fichas em tamanho A3 (297x420mm) contemplavam de forma dinâmica os conceitos de patrimônio, preservação, museu, memória, conservação e tombamento (APÊNDICE D).

Da expografia fez parte também um mural com monóculos de fotografias antigas da Casa Grande (Figura 78), em tamanho de 15x21centímetros, que foram elaborados a partir de fotografias da edificação no início do século XX e outras dos dias atuais, porém sem data definida. Esse material fotográfico foi disponibilizado pelo fotógrafo Helder Fontenele pelos autores e coordenadores do projeto Rendilhando Memórias⁵. No final da exposição ainda era possível perceber um mural de recados, com a pergunta “O que você deseja para a Casa Grande?”. A intenção foi trazer mais um elemento para o repertório dos residentes, para o espaço de comunicação com os visitantes e registro da percepção sobre o tema. Porém, os registros não foram contabilizados como resultado no estudo, pois se tratava, na sua maioria, de felicitações pela realização do evento.

Exposição e questionários permitiram que os públicos expressassem suas percepções sobre o Centro Histórico, os usos sociais das edificações protegidas e indicassem formas de uso para esses espaços, para que, com base nas opiniões e nas diretrizes da arquitetura e museologia, idealizássemos um projeto de reabilitação da Casa Grande, com o intuito de transformá-la em Museu da Cidade de Parnaíba.

O primeiro dia da exposição foi na Praça Mandu Ladino, popularmente conhecida como Quadrilhódromo (Figuras 77, 78 e 79), no dia 07 de janeiro de 2018, e foi um dos locais escolhidos devidos à frequência de pessoas durante o final de semana, quando acontecem atividades recreativas principalmente para crianças. Desta maneira, o evento buscou chamar atenção das pessoas que se encontravam naquele espaço, até mesmo convidando os mesmos a visitar a exposição.

⁵ Rendilhando Memórias é um projeto que trabalha com a interpretação e educação para o patrimônio. Teve sua primeira edição em 2016 e segunda em 2017, no qual trabalhou temas como resgate das edificações históricas (o passado e o presente), educação patrimonial e interpretação do patrimônio da cidade de Parnaíba. Tem como fundadoras as arquitetas Anik Assunção, Ellaine Martins e Gardênia Angelim.

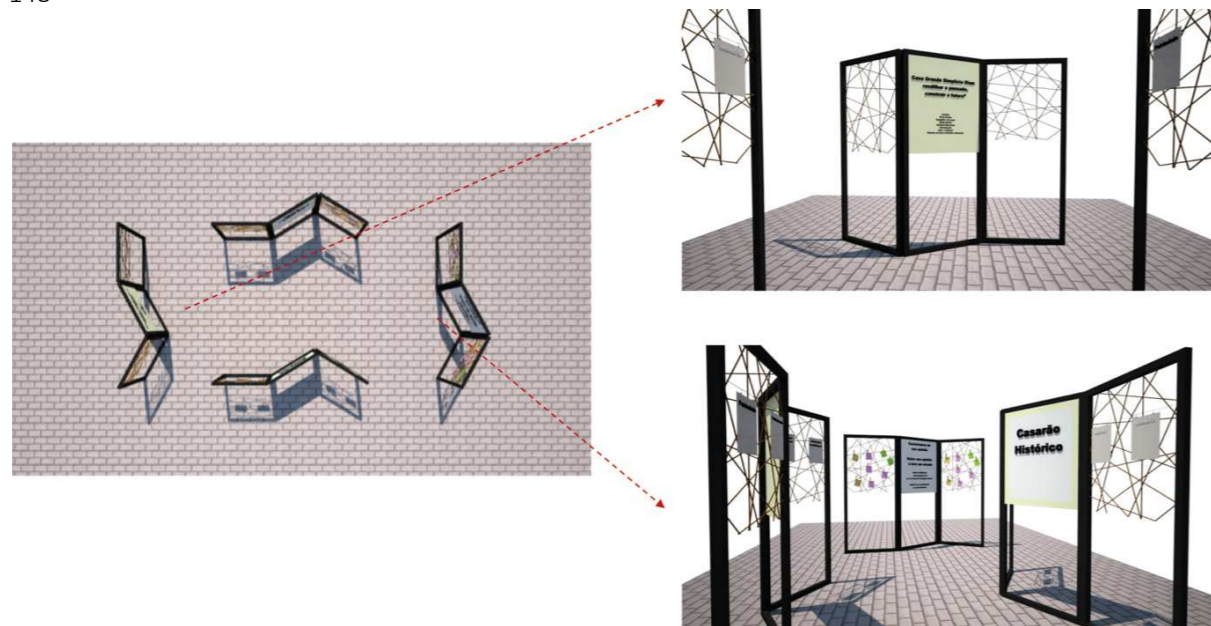


FIGURA 75- Projeto da Exposição Itinerante.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

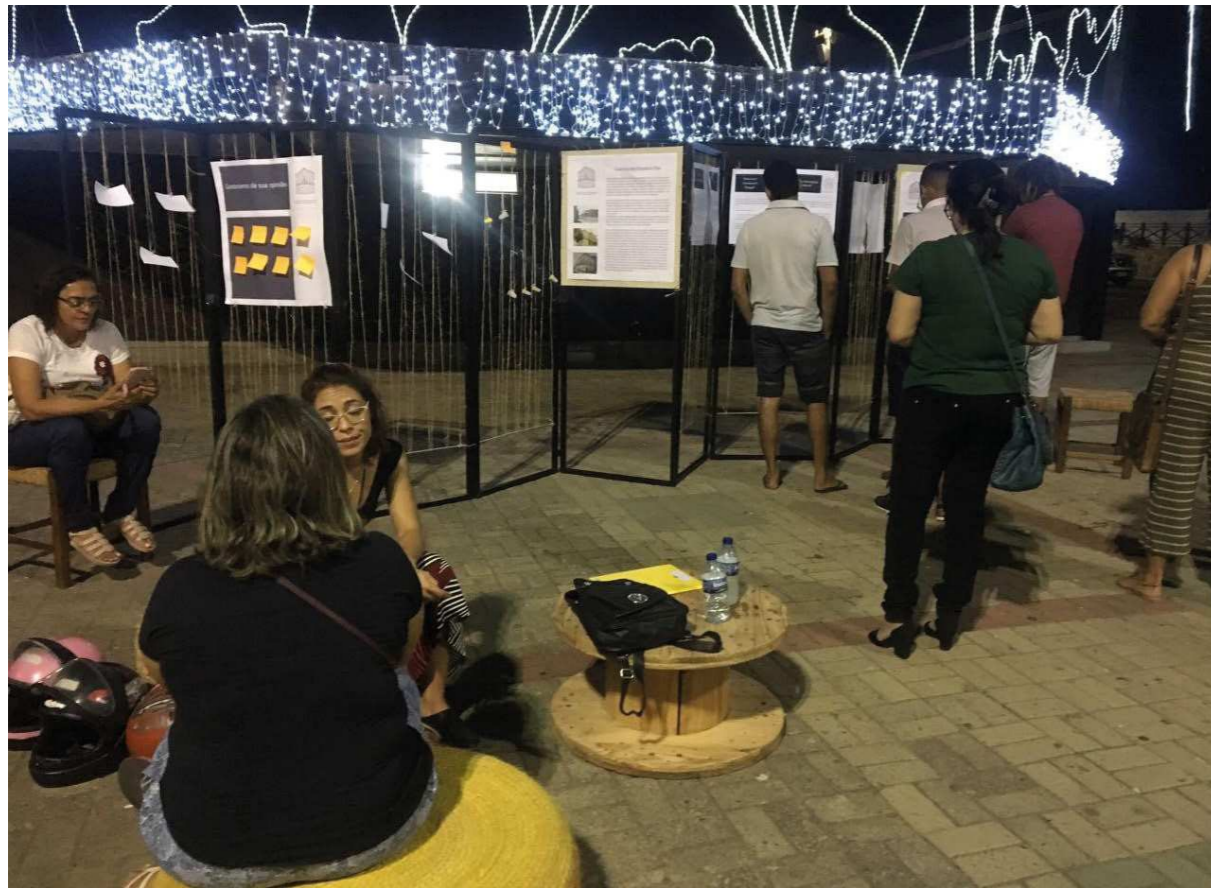


FIGURA 76- Exposição sobre a Casa Grande de Simplicio Dias na Praça Mandu Ladino.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.



FIGURA 77- Exposição sobre a Casa Grande de Simplicio Dias na Praça Mandu Ladino. FIGURA 78- Exposição – Uso de monóculos, na Praça Mandu Ladino.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

O segundo dia foi na praça central do Parnaíba Shopping, principal centro comercial de Parnaíba. O evento aconteceu entre os dias 08 e 09 de janeiro de 2018, funcionou durante todo o expediente do shopping, que era das 9 às 22 horas (Figura 79). Nesta fase do evento, devido à época de feiras e pela parceria com o projeto “Rendilhando Memórias”, foi possível realizar ações com as crianças. Foram distribuídos convites para elas durante o primeiro dia de exposição e no segundo foram realizadas atividades de pintura em um desenho da Casa Grande (Figura 80), e montagem do quebra-cabeça da edificação, como uma forma de estimular a participação de crianças e jovens no evento. Esta etapa também foi divulgada através do site do Parnaíba Shopping e por meio de entrevista dada à TV Costa Norte e TV Delta.

O último espaço escolhido para abrigar a exposição “Casa Grande Simplício Dias: Rendilhar o passado, construir o futuro”, foi no SESC Caixeiral, que recebeu o evento entre os dias 10 e 16 de janeiro de 2018. O espaço do hall (Figuras 81, 82 e 83) dá acesso ao cinema da Instituição e deu espaço ao evento simples e acolhedor, que chamava os visitantes a pensar mais na cidade onde vivem. Por se tratar de um espaço cultural, que é um exemplo local como instituição desta finalidade, e de uma edificação histórica, que ganhou um novo uso, o prédio torna-se o ambiente ideal para finalizar os diálogos.

Ao final da exposição, no dia 11 de janeiro realizamos ainda uma Roda de Conversa (Figuras 84 e 85) que buscou estabelecer diálogos sobre o patrimônio local, seu estado atual e possíveis soluções de uso para a Casa Grande dos Dias da Silva. Convidamos a comparecer à exposição o CAU-PI, CREA-PI, OAB, UFPI, UESPI, Iphan e Superintendência de Cultura do Município de Parnaíba, e toda a comunidade local. As instituições se fizeram presentes e a atividade gerou uma interação entre instituições, programa de mestrado e população, que demonstraram seus desejos por um uso social, cultural e educacional para a Casa dos Dias da Silva, não apenas por um novo uso, mas por se fazer necessário um espaço que contemple a história da cidade de Parnaíba. A Roda de Conversa não foi objeto de avaliação e resultado, foi apenas mais uma forma de contato e interação da pesquisadora com participantes, além de se constituir como uma forma de sensibilizar e divulgar para as instituições locais o objeto desta pesquisa.

Além do compartilhamento de ideias para buscar um melhor aproveitamento do patrimônio e do espaço do Centro Histórico e suas edificações, a exposição foi fundamental para a pesquisa, pois permitiu a inserção da pesquisadora que, como arquiteta, busca compreender as necessidades dos usuários do espaço a ser projetado.

O evento também foi bem recebido pela comunidade que expressou através de recados, que poderiam ser deixados no final da exposição, felicitações pela atividade e ainda houve o interesse em outras edificações. A partir desta ação, parcerias com órgãos importantes foram firmadas, como com o CAU-PI, que também se mostrou sensível à causa.



FIGURA 79- Exposição sobre à Casa Grande de Simplício Dias no Parnaíba Shopping. Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



FIGURA 80- Exposição sobre à Casa Grande de Simplício Dias no Parnaíba Shopping. Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



FIGURA 81- Vista da Exposição.
 Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.

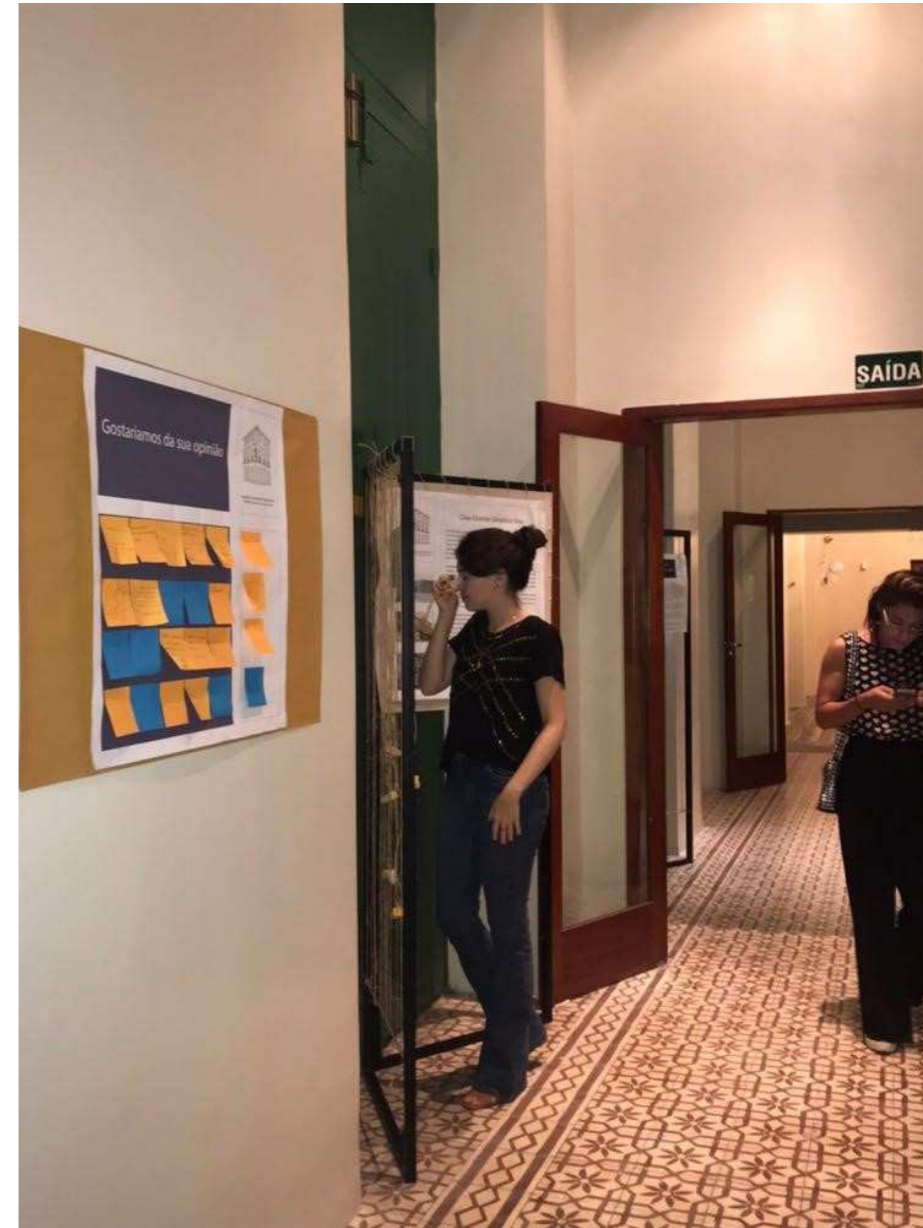


FIGURA 82- Vista da Exposição.
 Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2017.



FIGURA 83- Vista da Exposição.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



FIGURA 84- Roda de Conversa "Casa Grande Simplicio Dias- Rendilhar o passado, construir o futuro". Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



FIGURA 85- Roda de Conversa "Casa Grande Simplicio Dias- Rendilhar o passado, construir o futuro". Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

6.2 Pesquisa de opinião sobre conhecimento e uso da “Casa Grande Simplício Dias”

O questionário continha 20 questões semiestruturadas (APÊNDICE A) sobre Parnaíba, patrimônio local, uso e função para o sobrado. Foram coletados cerca de 200 (duzentos) questionários. A maioria dos entrevistados tem a faixa etária de 26 a 40 anos ou 18 a 25 anos, são procedentes de Parnaíba, Ilha Grande e Teresina, demonstrando que a pesquisa atingiu tanto a comunidade local quanto turistas.

Dentre os habitantes do município, o questionário contabilizou pessoas de diversos bairros, como Frei Higino, Joaz Sousa, Ceará, Nova Parnaíba, Ministro Reis Veloso, Centro, Fátima e Pindorama, o que mostra que pessoas de diferentes pontos da cidade responderam ao instrumento. Quando indagadas sobre o fato de Parnaíba ser um patrimônio cultural, 95,8% afirmaram acreditar em tal assertiva (Gráfico 01), o que passa a ideia de que a população entende a importância da cidade onde vivem. Já quando responderam à pergunta se conheciam a Casa Grande, 70,9% afirmaram que sim (Gráfico 02), porém apenas 53,3% afirmaram saber o que funciona lá atualmente (Gráfico 03).

Outro dado relacionado ao Centro Histórico de Parnaíba ficou conhecido ao perguntar se as pessoas acreditam que podem colaborar com a preservação do patrimônio e 94,5% afirmaram que sim. Porém na interrogação seguinte, quando são questionados se saberiam como auxiliar nesta preservação, apenas 66,7% indica uma resposta afirmativa. Sendo assim, há uma clara necessidade de atividades voltadas para a educação patrimonial e uma inserção da comunidade nesta ação, visando não apenas informar como seria a ajuda, mas fazê-las parte deste trabalho, tornando assim algo continuado e enraizado.

De acordo com a pesquisa, é senso comum que o Sobrado dos Dias da Silva deveria ser um bom local para atividades sociais, educativas e culturais (Gráfico 05), pois quando interpeladas se o ambiente seria um bom local para atividades sociais, culturais e educativas, 97,6% afirmaram que seria sim o sobrado um bom local para tais eventos.

Durante a busca por conhecimento no território ainda foi discutido um novo uso para a edificação histórica em questão, no qual os entrevistados deveriam indicar uma finalidade para o Casarão de Simplício Dias. As duas opções mais indicadas foram “Museu da Cidade de Parnaíba” e “Museu da Cidade” com 61,8% e 32,1%, respectivamente. Outras atribuições também aparecem (Gráfico 04).

Neste contexto é importante ressaltar que a opção “repartição pública”, que é o uso atual da edificação, foi citada por apenas 2,4% dos entrevistados. Assim, percebe-se que as atividades hoje exercidas no espaço foram referidas apenas por uma minoria da população local e por visitantes.

Em contrapartida um dado lamentável foi o fato que 59,4% (Gráfico 06) dos entrevistados afirmaram não ter nenhuma memória relacionada à Casa Grande, o que demonstra que o prédio não se relaciona com seu entorno e as pessoas que ali habitam.

A cidade de Parnaíba é patrimônio cultural. Esta afirmação tem algum significado para você?

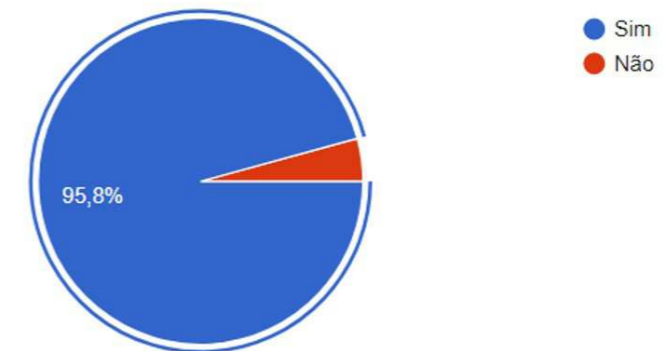


GRÁFICO 01- Parnaíba como patrimônio cultural.
Fonte: Arquivo Google – Ellaine Martins, 2018.

Você conhece a Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Simplício Dias?

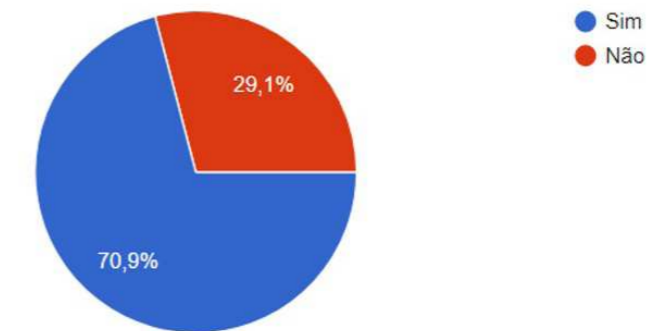


GRÁFICO 02 – Conhecimento sobre a Casa Grande dos Dias da Silva.
Fonte: Arquivo Google – Ellaine Martins, 2018.

Você sabe o que funciona hoje na Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Simplício Dias?

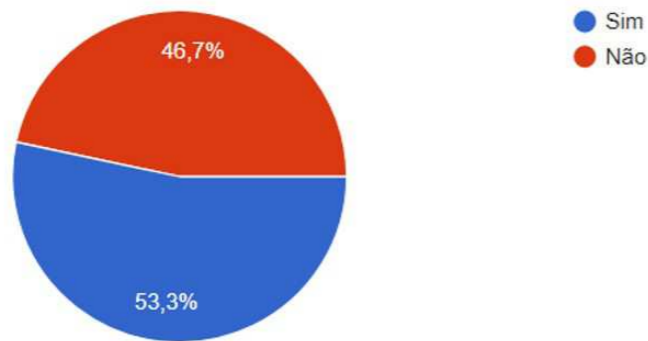


GRÁFICO 03- Conhecimento sobre o que funciona na Casa Grande atualmente.
Fonte: Arquivo Google – Ellaine Martins, 2018.

Quais atividades você gostaria que fossem realizadas na Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Simplício Dias?

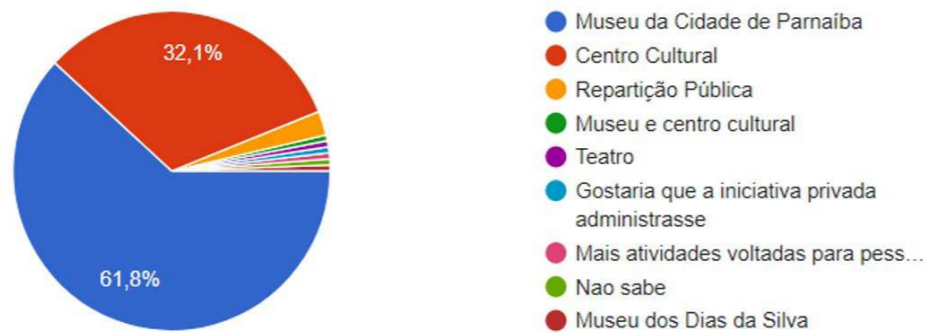


GRÁFICO 04- A atividades que gostariam que fossem realizadas na Casa Grande.
Fonte: Arquivo Google – Ellaine Martins, 2018.

Você acredita que a Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Simplício Dias seria um bom local para a realização de atividades sociais, culturais, educativas?

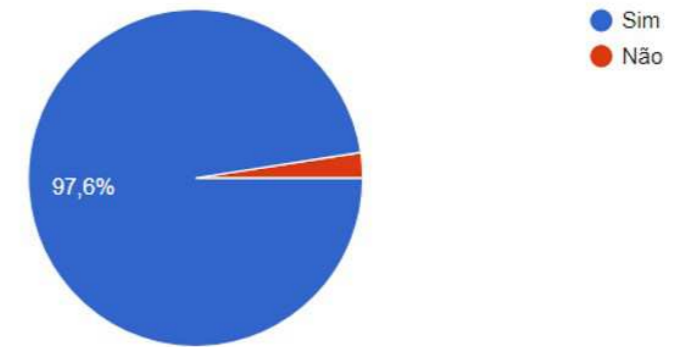


GRÁFICO 05- Percepção sobre a realização de atividades sociais, educacionais e culturais no Sobrado de Simplício Dias. Fonte: Arquivo Google – Ellaine Martins, 2018.

Você possui memórias relacionadas à Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Simplício Dias?

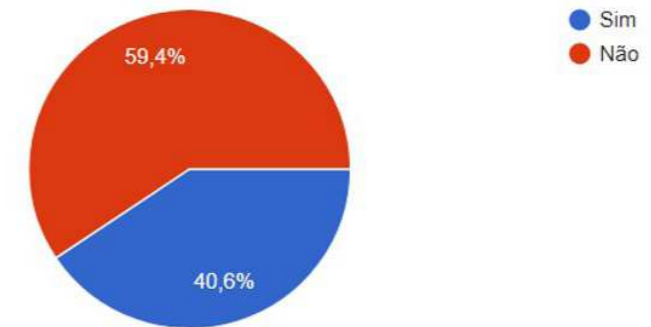


GRÁFICO 06- Memórias relacionadas à Casa Grande dos Dias da Silva.
Fonte: Arquivo Google – Ellaine Martins, 2018.

Você acredita que pode colaborar com a preservação do patrimônio cultural da cidade onde mora?

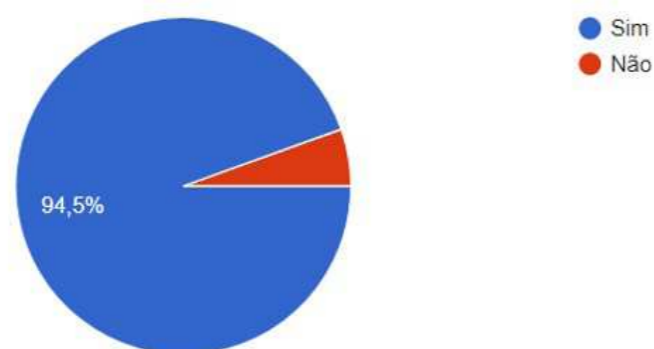


GRÁFICO 07- Possibilidade de colaborar com a preservação do patrimônio da Cidade de Parnaíba. Fonte: Arquivo Google – Ellaine Martins, 2018.

Você sabe como pode colaborar com a preservação do patrimônio cultural da cidade onde mora?

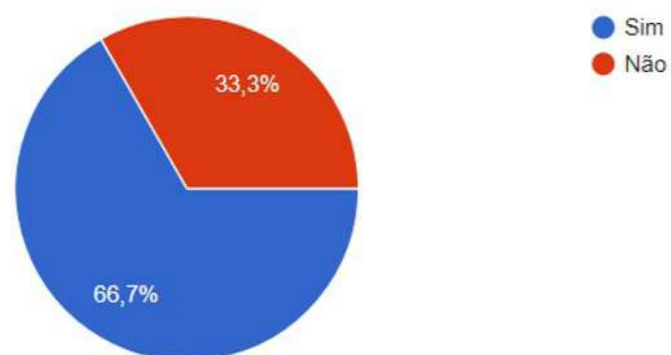


GRÁFICO 08- Como colaborar com a preservação do patrimônio da Cidade de Parnaíba. Fonte: Arquivo Google – Ellaine Martins, 2018.

6.3 Museu da cidade de Parnaíba: Estudos iniciais e Projeto de Reabilitação

Ao iniciar um projeto tanto arquitetônico, como de interiores, reabilitação ou ambiência é necessário que os primeiros passos sejam conhecer o espaço que irá ser planejado, as necessidades dos usuários ou das empresas e as normas que orientariam a execução da proposta. Esta etapa do projeto é conhecida como estudo preliminar e é definida como o “estudo técnico, baseado em dados levantados e programa de uso, para determinar a viabilidade e a escolha de soluções que melhor atendam aos objetivos propostos” (BRASIL, 2005, p.14).

A etapa final, que é o objetivo deste tópico, apresenta o projeto de reabilitação finalizado, e se encontra em nível de anteprojeto ou projeto básico, que trata do “conjunto de elementos e informações necessárias e suficientes, com nível de precisão adequado para caracterizar a intervenção, elaborado com base nas indicações dos estudos técnicos preliminares” (BRASIL, 2005, p.14).

6.3.1 Elaboração do programa de necessidades, fluxograma e zoneamento

A primeira atividade para realização de um projeto é o levantamento de dados, que consiste no registro do espaço a ser trabalhado, de forma pertinente à arquitetura. Na primeira parte deste estudo, foi realizado o levantamento métrico da edificação, pesquisa sobre o programa de necessidades para um museu, legislações pertinentes ao caso e pesquisa da história que envolve a edificação, já que se trata de um ambiente que se encontra construído pelo menos há 250 anos.

Inicialmente foi feito um programa de necessidades, que é a parte inicial de um projeto de arquitetura, interiores ou reabilitação, que trata de elencar os ambientes que deverão existir no projeto, dependendo da tipologia da edificação. Tomando por base os programas existentes em um plano museológico e percebendo assim os espaços necessários para um museu e seu melhor funcionamento, foi elaborado o programa de necessidades do Museu da Cidade de Parnaíba (Quadro 02).

Ainda incluindo como referência para a divisão do equipamento cultural, foram observadas as indicações dos “Critérios para elaboração do plano museológico” do Ministério da Cultura da Espanha que divide o museu em quatro zonas, sendo estas: espaço público sem coleção, espaço público com coleção, espaço controlado com coleção e espaço controlado sem coleção (GOBIERNO DE ESPAÑA, [s.d.]). Tal visão auxilia a distribuição das atividades do museu em zonas e assim facilita a distribuição das salas, inclusive em uma edificação histórica, visto que a mesma tem ambientes limitados já que se encontra construída e restaurada recentemente.

QUADRO 02- Programa de Necessidades do Museu da Cidade de Parnaíba

PROGRAMA DE NECESSIDADES – MUSEU DA CIDADE DE PARNAÍBA	
Primeiro Pavimento Ambiente	Área
Recepção	30,95 m ²
Café Bar	68,10 m ²
Banheiro Acessível 01	4,00 m ²
Banheiro Acessível 02	3,44 m ²
Sala de Exposição de Curta Duração	40,15 m ²
Sala Múltiplos Usos	39,45 m ²
Segundo Pavimento Ambiente	Área
Hall 01	5,34 m ²
Hall 02	19,56 m ²
Sala de Exposição de Longa Duração [Casa Grande]	39,00 m ²
Sala de Exposição de Longa Duração [Parnaíba]	59,47 m ²
Sala de Exposição de Longa Duração [Humberto de Campos]	36,78 m ²
Banheiro 01	1,35 m ²
Banheiro 02	1,35 m ²
Terceiro Pavimento Ambiente	Área
Hall 01	5,35 m ²
Hall 02	17,18 m ²
Banheiro Acessível	4,30 m ²
Banheiro	2,30 m ²
Escritório Colaborativo	59,90 m ²
Laboratório de História Oral	22,95 m ²
Escritório do IPHAN	19,14 m ²
Laboratório de Conservação Preventiva	24,12 m ²
Reserva Técnica	12,70 m ²

Fonte: ????????

Assim como os critérios espanhóis, Neufert, autor alemão, conhecido mundialmente, no livro “A arte de projetar em Arquitetura”, ao explicar sobre projetos de museu, aponta um esquema que deve dividir a instituição museológica em “espaço público controlado”, onde deve estar o setor de entrada, guarda-volumes, cafeterias, espaço de exposição, banheiros, biblioteca e auditórios, e o outro espaço seria o “fechado ao público”, constando administração, direção, arquivo, depósito (Reserva técnica) e Oficina de Restauro e Conservação (Figura 86). Desta maneira, é possível perceber uma similaridade nos ambientes e forma de divisão de um museu, até mesmo quando são observadas referências nacionais como internacionais.

Após examinar a similaridade dos programas de necessidades de museus, foi realizada a distribuição dos ambientes e seguindo a indicação de divisão da instituição cultural em quatro partes, dentre espaço público e controlado, com e sem acesso ao acervo, onde as salas expositivas eram localizadas no espaço público com acervo, cafeteria, banheiros e recepção, no espaço público sem coleção. Ainda a parte administrativa, que se localiza no terceiro pavimento da edificação, foi dividida em espaço controlado com acervo, quando se trata da reserva técnica e laboratório de conservação preventiva, ou seja, região destinada à documentação e preservação do acervo e controlado sem coleção para definir o escritório colaborativo e escritório do IPHAN, como locais ligados à gestão do museu.

Tal divisão espacial foi fundamental para entender os itens essenciais para constituição de fato de um Museu, com todas as suas funções indicadas na parte referencial deste trabalho, que afirma a necessidade de um espaço voltado para educação, exposição, pesquisa, conservação e preservação, além de ser um lugar que permita a interação com o público, incentivando a relação do mesmo com o acervo, dando vida a este patrimônio.

Ainda foi elaborado um fluxograma, esquema gráfico criado para indicar os fluxos e comunicação entre os espaços da edificação, que foram predefinidos através do programa de necessidades. A partir do fluxograma (Figura 87), é possível perceber como as zonas públicas e controladas, com e sem acervo estão ligadas e divididas dentro da edificação, demonstrando um zoneamento (Figura 88) de acordo com as funções a ser desenvolvidas em cada local, no caso do projeto em cada espaço ter sido bem definido e dividido para criar fluxos e acesso facilitado ao público, projetando ambientes com contexto.

6.3.2 Estudo de acessos e fluxos

No projeto do Museu da Cidade de Parnaíba é pretendido um acesso principal à instituição, que é a entrada para a recepção, de onde todos os fluxos partem. Da recepção, logo no primeiro pavimento, é possível acessar a sala de exposição de curta duração, e a partir da mesma é a de múltiplos usos, que podem

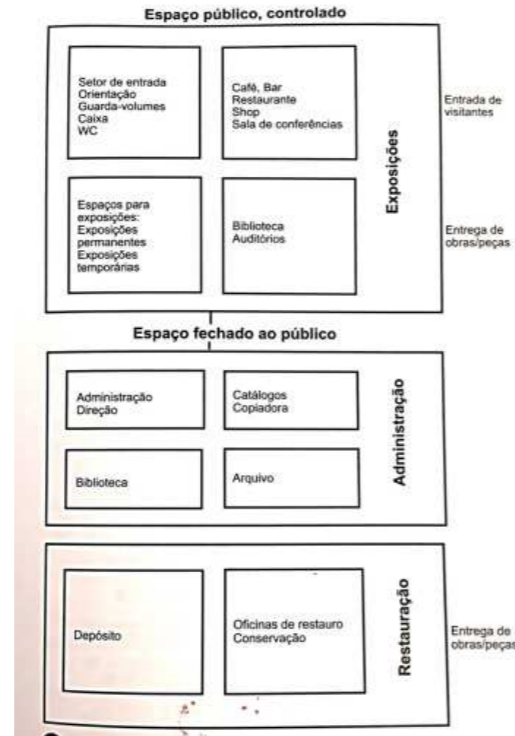


FIGURA 86- Programa de Necessidades de Museu – Neufert. Fonte: NEUFER, Ernst. AArte de Projetar em Arquitetura. Tradução Benelisa Franco. 18 ed. São Paulo: Gustavo GILI, 2013.

FLUXOGRAMA

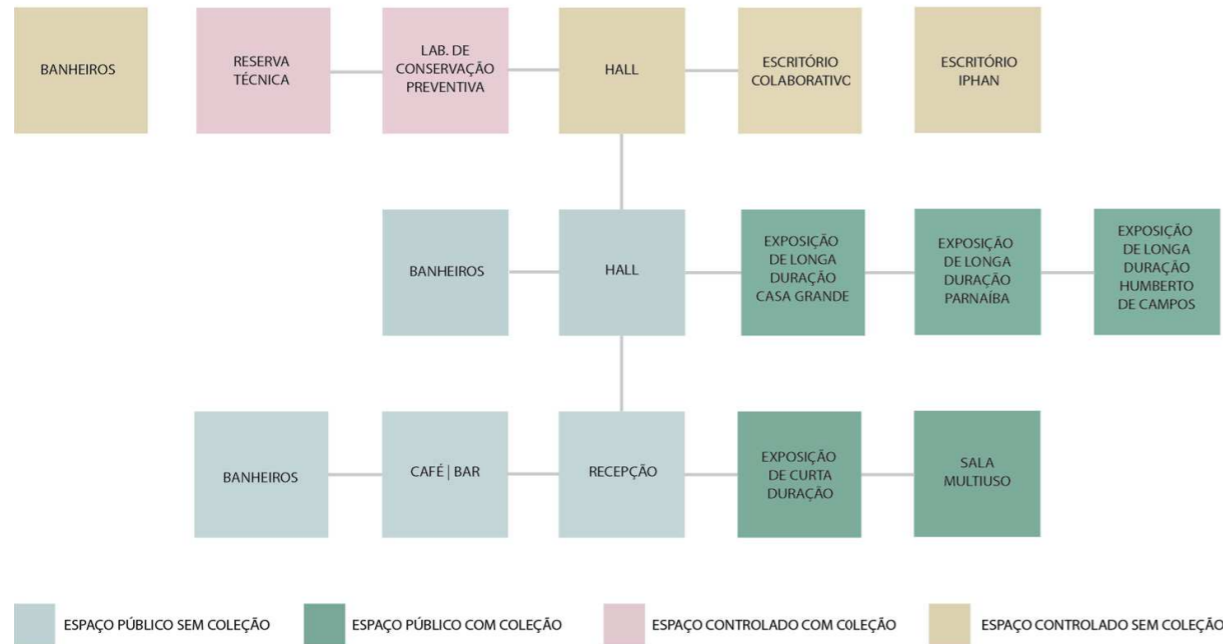


FIGURA 87- Fluxograma. Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

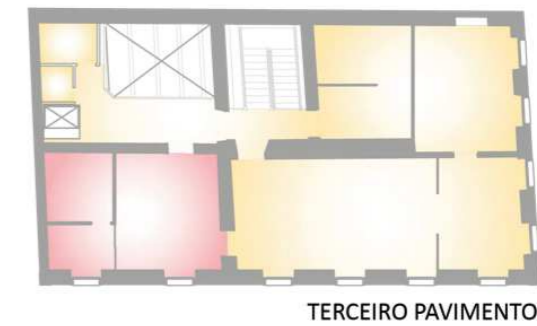
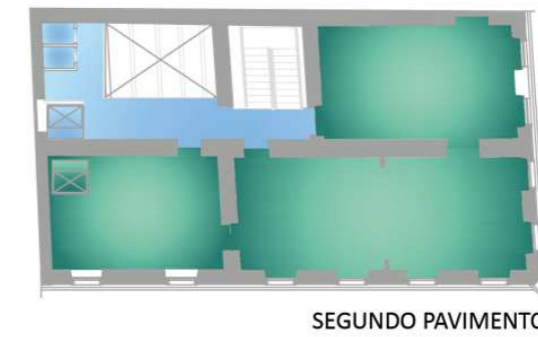


FIGURA 88- Zoneamento do Museu da Cidade de Parnaíba. Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

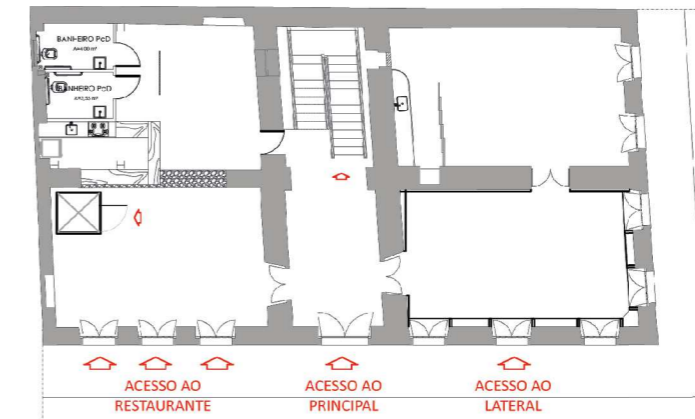
ser tanto para exposições como para atividades educativas, dentre outras. Ainda nesta parte inicial há o café, que pode ser adentrado tanto pela fachada principal, onde se encontram três portas de entrada para o mesmo, como pela recepção principal (Figura 89).

Do primeiro ao segundo pavimento há o acesso através da escada, que fica ao fundo da recepção principal. Já no segundo pavimento há logo um hall, que dá passagem a duas das três salas do andar, que serão todas salas de exposição, com temas como A família dos Dias da Silva, Parnaíba e Humberto de Campos (personagem ilustre que morou em Parnaíba). O pavimento ainda conta com estrutura de toaletes, ambos com acesso através da segunda circulação no recinto. Esta parte do sobrado foi destinada apenas a exposições de longa duração e possui estrutura para duas opções de fluxos, variando a partir da ordem definida pela história que ali deve ser exposta, além de assim seguir possivelmente uma ordem cronológica da narrativa prevista (Figura 90).

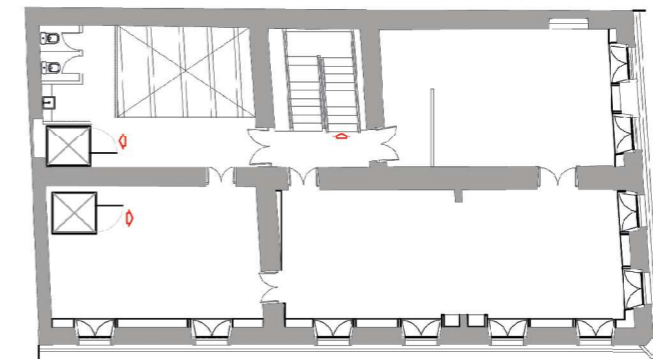
No terceiro pavimento o acesso ao público é restrito ou de pouco fluxo, por se tratar de um espaço administrativo, onde se encontra ainda ambiente de pesquisa, conservação e salvaguarda do acervo do museu. Apesar do caráter de pouco movimento, pela tipologia de uso, não há nenhuma limitação para impedir o acesso do público ao andar. As três salas e banheiros deste piso têm entradas independentes, apenas o laboratório de história oral que se encontra com acesso interno, através do escritório colaborativo e a reserva técnica, que está locada dentro do laboratório de conservação preventiva, será melhor explanado na apresentação do projeto. Em ambos os casos, foi realizado desta forma, para que não houvesse intervenções maiores na edificação, o que acarretaria uma descaracterização, por conta disso as divisórias propostas são em vidro ou drywall (estrutura metálica com fechamento em gesso acartonado).

Quanto ao fluxo das exposições, foram realizados dois estudos, um voltado para a sala de exposição de curta duração, onde há duas opções de uso, uma com apenas um ambiente (que é definido do programa de necessidades como espaço de exposições) ou com dois, onde são utilizadas tanto a sala de núcleo expositivo como a de múltiplos usos (Figura 90). O estudo foi realizado na tentativa de prever como funcionaria a disposição do local, porém não é algo engessado, por se tratar de um lugar que irá receber diferentes tipos de acervos. Assim o ideal não é limitar a criatividade do curador e sua equipe, mas apenas de fortalecer a existência de um ponto de partida que consiga abranger um maior número de possibilidades.

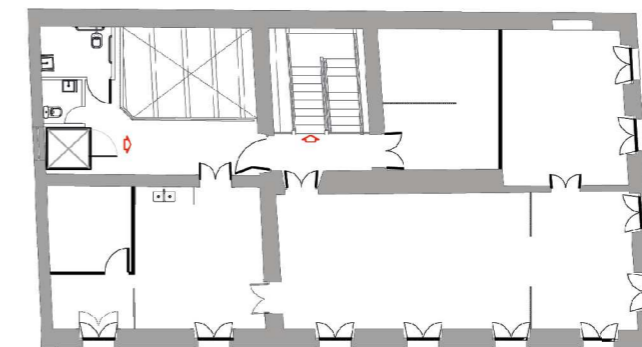
No segundo pavimento, ao realizar o estudo de fluxos foram definidas duas formas de utilização do espaço; a primeira contava com todas as salas criando um sentido contínuo, onde está a primeira sala de exposição de longa duração, a sala “Os Dias da Silva e a Casa Grande de Parnaíba”, que conta a história da edificação e da família que a construiu. Seguida pela exposição “Parnaíba: Da Vila São João da Parnaíba aos Dias Atuais” (explana a história da cidade de Parnaíba através de personagens que ali viveram), que por sua



ESTUDO DE ACESSOS | PRIMEIRO PAVIMENTO



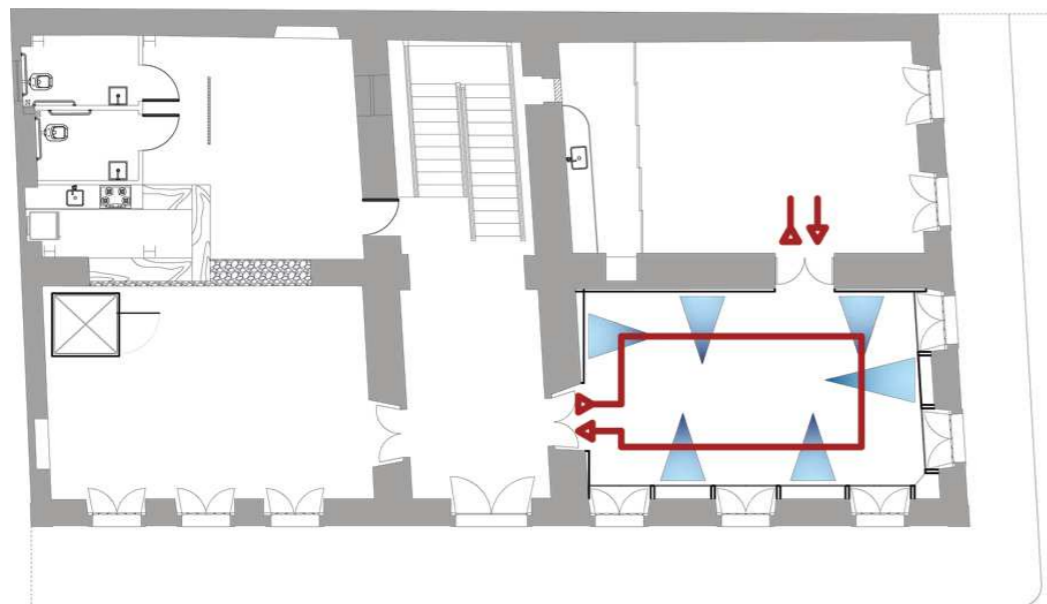
ESTUDO DE ACESSOS | SEGUNDO PAVIMENTO



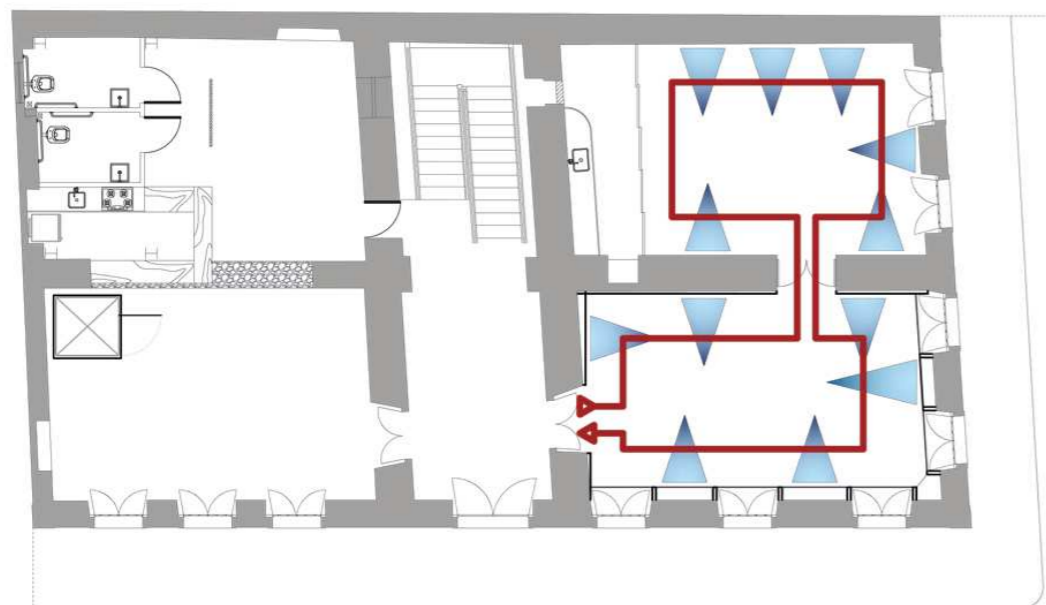
ESTUDO DE ACESSOS | TERCEIRO PAVIMENTO

 ACESSOS





ESTUDO DE FLUXOS | PRIMEIRO PAVIMENTO
EXPOSIÇÃO DE CURTA DURAÇÃO | PROPOSTA 01



ESTUDO DE FLUXOS | PRIMEIRO PAVIMENTO
EXPOSIÇÃO DE CURTA DURAÇÃO | PROPOSTA 02



FIGURA 90- Estudo de Fluxo | Primeiro Pavimento.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

vez se comunica com o último ambiente expositivo do andar, a exposição de “Humberto de Campos: Vida e Obra” (Figura 91). Já em outro sentido de fluxo estudado, é realizada a separação da última exposição proposta para o andar, já que a mesma apesar de ser um acervo importante, pode acabar não sendo entendida, dependendo da proposta das mostras anteriores.

Enfim, este estudo busca auxiliar a concepção deste projeto de reabilitação, mas é cabível dizer que este trabalho apenas define os temas e propõe ideias para as exposições, mas como não há um acervo constituído para todas e nem um estudo curatorial e museográfico, o que é ilustrado aqui é de forma propositiva, já que o estudo aprofundado sobre as exposições deve ser realizado por outros alunos do programa de mestrado.

6.3.3 Projeto de Reabilitação

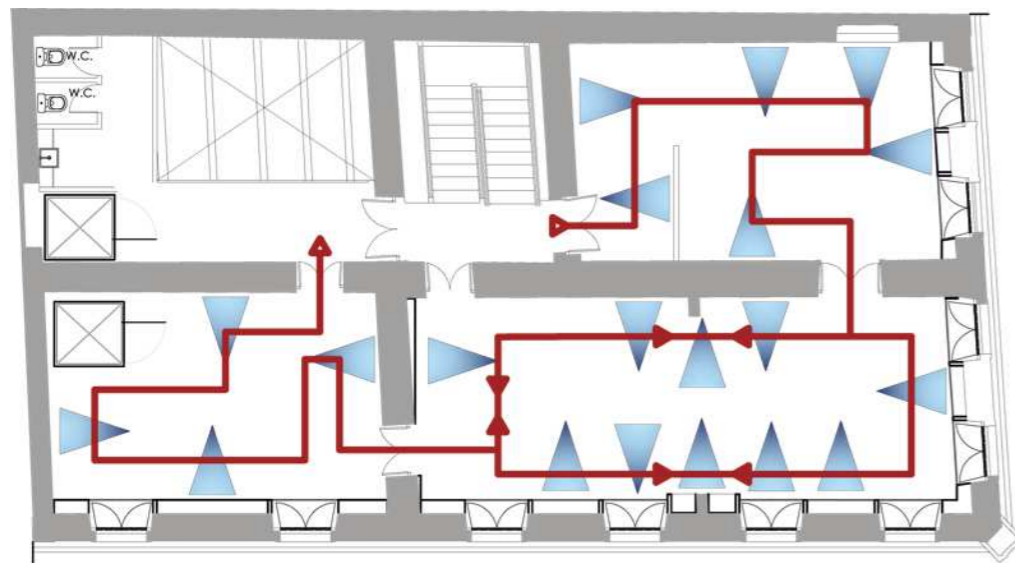
A arquitetura é a arte de organizar espaços, transformar um determinado local em um ambiente habitável. Tomando esta afirmação como ponto inicial, a arquitetura neste projeto foi ponto de mudança e reabilitação para que a Casa Grande fosse dividida e reabilitada para receber um novo uso, que desse vida e função à edificação.

O projeto em questão foi dividido em três etapas de constituição, primeiro o estudo preliminar, onde foi estudada a história da casa e do seu entorno (o território em que se enquadra) e levantamento métrico. Posteriormente foi realizada uma análise do modo como era o sobrado, antes e depois da restauração, além da forma como se encontra atualmente (Diagnóstico), buscando entender como se encontra a casa após quase seis anos da restauração e utilização para um uso diferente do projetado inicialmente. Por fim, encontra-se a fase do desenho arquitetônico, que é constituído em nível de anteprojeto

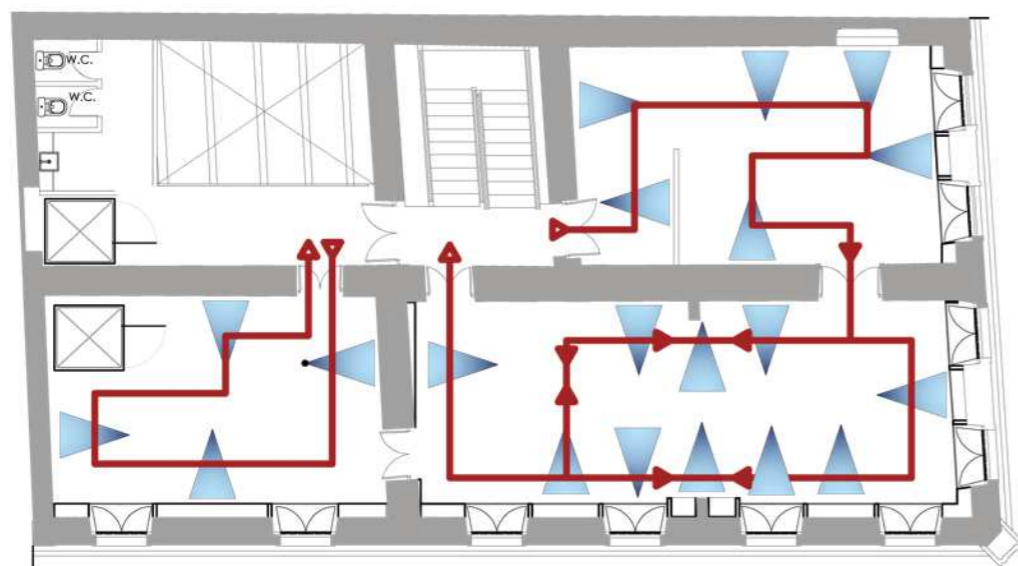
No anteprojeto da proposta de reabilitação da Casa Grande de Simplicio Dias para Museu da Cidade de Parnaíba consta: Planta Baixa, Planta de Layout, Cortes apresentando soluções utilizadas para aplicação de nova divisão espacial, Fachada, Planta de Iluminação, Análise de Fluxos e Acessos.

6.3.3.1 Diretrizes de Intervenção

A reabilitação em uma edificação histórica necessita de uma fundamentação baseada nos estudos do espaço a sofrer interferência e entender a legislação pertinente a este. De acordo com a ficha de gestão e planejamento do Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão do Ministério da Cultura, é necessária a “preservação de características essenciais do conjunto quanto à forma, gabarito, implantação, materiais e



ESTUDO DE FLUXOS | SEGUNDO PAVIMENTO
EXPOSIÇÕES DE LONGA DURAÇÃO | PROPOSTA 01



ESTUDO DE FLUXOS | SEGUNDO PAVIMENTO
EXPOSIÇÕES DE LONGA DURAÇÃO | PROPOSTA 02



forma de cobertura, materiais e forma de vedação e revestimento” além da “manutenção das características originais do imóvel quanto à implantação no lote, área construída, gabarito, materiais de revestimento, adornos, materiais e forma da cobertura, forma e materiais de vedação dos vãos” e há a “proibição de desmembramentos e remembramentos”.

Tais fatos combinados à importância e grau de proteção instituída pelo IPHAN através do tombamento do Centro Histórico de Parnaíba, instituíram ao Sobrado dos Dias da Silva um cuidado ao intervir nele. Como foi indicado, sua fachada não pode ser modificada ou alterada. Tendo tal item em mente e a intenção de solucionar o uso de instrumentos para a climatização interna, foi planejada a criação de uma estrutura interna constituída de madeira e vidro, para que fossem feitas portas de vidros auxiliando a completa vedação para climatização e ainda possibilitando que as portas fiquem abertas como forma de convidar a comunidade a visitar o espaço, visto que perceberiam que o mesmo constitui um ambiente expositivo (Figuras 92 e 93).

A partir desta nova estrutura foram idealizadas placas de acrílico possibilitando adesivar a parede para exposições (Figura 94), pois, devido à pintura em cal que constitui as paredes da edificação, não é possível realizar pinturas e aplicação de adesivos neste local. Além disso, para não danificar a parede original com furos ou aplicação de materiais diversos a depender da exposição, foi idealizada uma estrutura de compensado para sobrepor as paredes, permitindo assim maiores possibilidades criativas à museografia da exposição de curta duração. Esta solução é repetida também no segundo pavimento.

No terceiro pavimento, para abrigar os funcionários necessários para melhor realizarem as atividades do museu, foram sugeridas divisões de salas para abrigar mais ambientes. Esta divisão foi planejada com *drywall*⁶, material que interfere tanto no ambiente e é de fácil reversão. Além disso, é necessária a ampliação de instalações elétricas e hidráulicas, devido ao novo layout aplicado e ao acréscimo de uma bancada com pia no laboratório de conservação preventiva. A solução pretendida são as instalações aparentes mimetizadas por móveis de madeira (Figura 95).

Já para a criação de uma reserva técnica pequena, visto que a edificação não possui muitas salas, foi pensada uma estrutura também em *drywall* e vidro, para isolar parte da área do espaço onde estará também o Laboratório de conservação preventiva. Esta estrutura, por ter que ficar em local climatizado, foi idealizada com uma altura média de 2,8 metros e com um forro de gesso (Figura 97 e Apêndice E), para que assim possa ser feita a instalação de refrigeradores. O terceiro pavimento inteiro não possui forro, encontrando-se diretamente na estrutura da cobertura, que é um dos elementos de destaque da casa. Além disso, o

⁶ Drywall é uma solução para construção de paredes, que não são de alvenaria, possuem uma estrutura metálica e são revestidas de gesso acartonado



FIGURA 92- Detalhe Painel | Primeiro Pavimento- Térreo.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

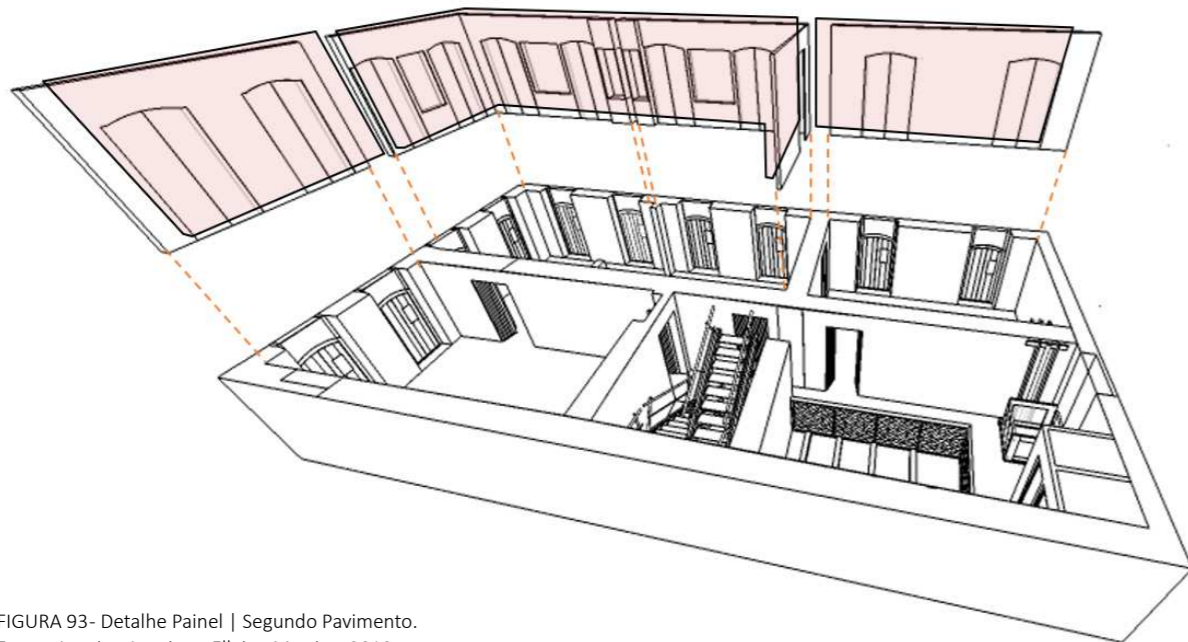
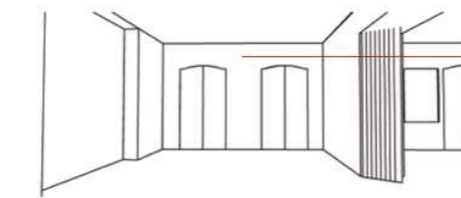
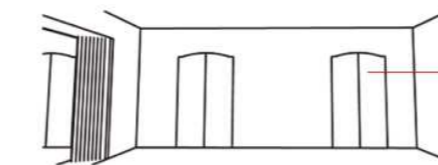


FIGURA 93- Detalhe Painel | Segundo Pavimento.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



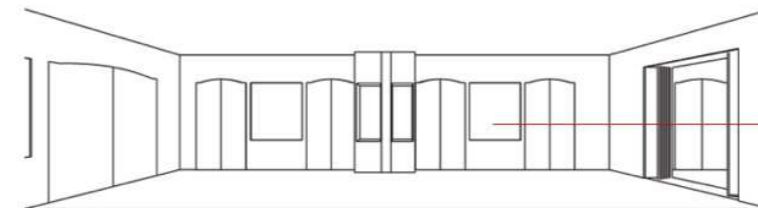
MDF NA COR BRANCO

VISTA SALA DE EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO
CASARÃO SIMPLÍCIO DIAS



VIDRO INCOLOR TEMPERADO 10 MM

VISTA SALA DE EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO
HUMBERTO DE CAMPOS: VIDA E OBRA



ACRÍLICO

VISTA SALA DE EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO
PARNAÍBA: DA VILA SÃO JOÃO DO PARNAÍBA ATÉ OS DIAS ATUAIS

FIGURA 94- Detalhe Painel.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



FIGURA 95 – Estruturas acrescentadas para reabilitação.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

fechamento desta infraestrutura descaracterizaria por completo esta parte do sobrado. Assim todas as paredes de drywall idealizadas para este andar não podem avançar até o madeiramento do telhado, o que também acontece junto ao lugar proposto para o escritório técnico do IPHAN, onde a altura da divisória também foi pensada para haver alguma ventilação. Todas as estruturas acrescentadas podem ser melhor percebidas nos cortes da edificação, devido à possibilidade de visualização da altura das divisórias e painéis adicionados (Figura 96 e Apêndice E).

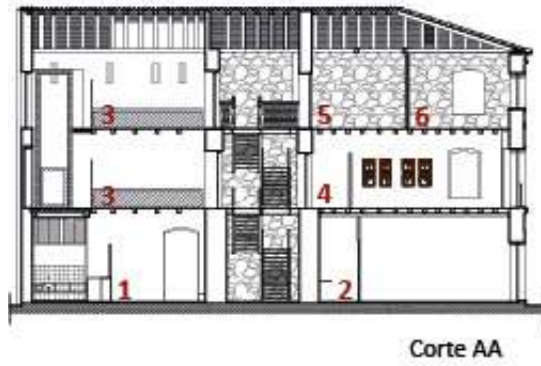
Quanto aos projetos complementares, como de iluminação (Apêndice E), buscou-se aproveitar ao máximo as acomodações existentes, visto que, como as instalações elétricas encontram-se embutidas poderiam causar algum tipo de interferência na estrutura física da edificação. Sendo assim, foram mantidos, na maior parte do projeto, os pontos, porém foram modificadas as luminárias. Nas salas de exposição foram propostos trilhos com 3 a 4 spots para lâmpadas PAR 30, em todos os casos de LED.

Já a fachada é o ponto de maior interferência no projeto, como devem ser locadas luminárias de piso para lâmpadas de AR111 de LED, todas com temperatura de cor quente (2.7000k), na tonalidade amarelada, serão locadas na calçada. Esta iluminação foi escolhida para dar mais destaque à edificação, por sua cor, visto que os projetores existentes atualmente possuem uma tonalidade de roxo, o que acaba por ofuscar as cores e os detalhes da Casa Grande. Para o letreiro do museu, é proposta uma pequena placa de aço inox com o nome e logotipo vazados. Tal fato, deve vir acompanhado de uma autorização do IPHAN.

Enfim, nesta etapa, as características e arquitetura já existentes moldaram as soluções de projeto para a reabilitação do Sobrado em Museu da Cidade de Parnaíba, mas não impediram o processo criativo da pesquisadora como arquiteta.

6.3.3.2 Primeiro Pavimento | Térreo – Acesso ao Museu

Na proposta de revitalização, previmos a divisão de pavimentos por diferentes usos e serviços. Através da Planta Baixa e Planta de Layout (Figura 97), é possível entender que o andar possui uma utilização mista, entre serviço e cultura, onde há previsão do núcleo expositivo ou exposição de curta duração (Figura 98) e uma sala de múltiplos usos (Figuras 99 e 100), que pode ser usada para atividades educacionais, assim recebendo um mobiliário com mesas e cadeiras onde podem acontecer cursos ou pequenas palestras e mediação (Figura 100). Ou ainda uma função expositiva, no caso de uma grande exposição temporária que utilizaria dois cômodos do Sobrado, referentes ao ambiente 3 e 4 da figura 97 (Figura 97).



1. CAFÉ DA CASA
2. SALA MÚLTIPLOS USOS
3. CIRCULAÇÃO
4. EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO
OS DIAS DA SILVA E A CASA GRANDE DE PARNAÍBA
5. ESCRITÓRIO TÉCNICO DO IPHAN
6. LAB. DE HISTÓRIA ORAL
7. RESERVA TÉCNICA
8. LAB. CONSERVAÇÃO PREVENTIVA
9. ESCRITÓRIO COLABORATIVO | EQUIPE MUSEU
10. EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO
HUMBERTO DE CAMPOS: VIDA E OBRA
11. EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO
PARNAÍBA: DA VILA SÃO JOÃO DA PARNAÍBA ATÉ OS DIAS ATUAIS
12. RECEPÇÃO
13. EXPOSIÇÃO DE CURTA DURAÇÃO
14. BANHEIRO FEMININO E MASCULINO

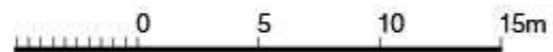
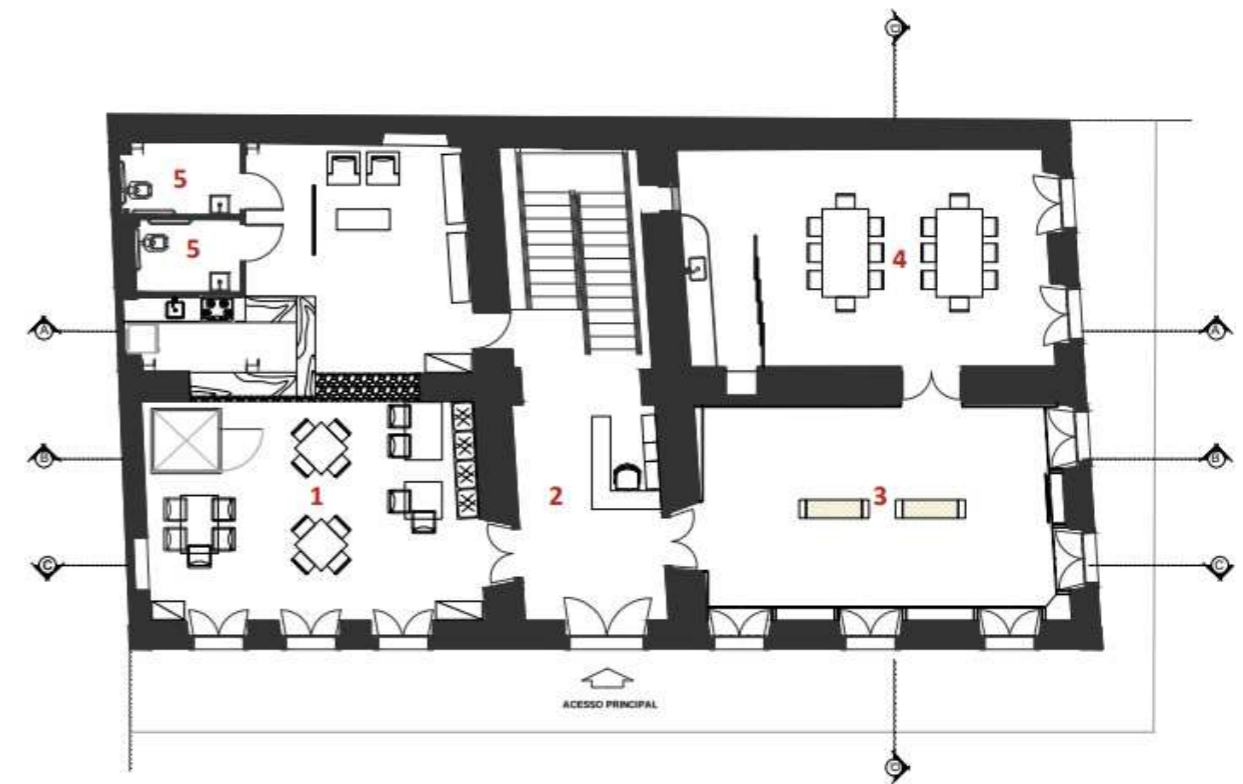


FIGURA 96 – Cortes do Museu da Cidade de Parnaíba.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



1. CAFÉ DA CASA
2. RECEPÇÃO
3. EXPOSIÇÃO DE CURTA DURAÇÃO
4. SALA DE MÚLTIPLOS USOS
5. BANHEIRO PCD



FIGURA 97 - Planta Baixa do Primeiro Pavimento | Proposta.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



FIGURA 98- Sala de Exposição de Curta Duração | Proposta
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

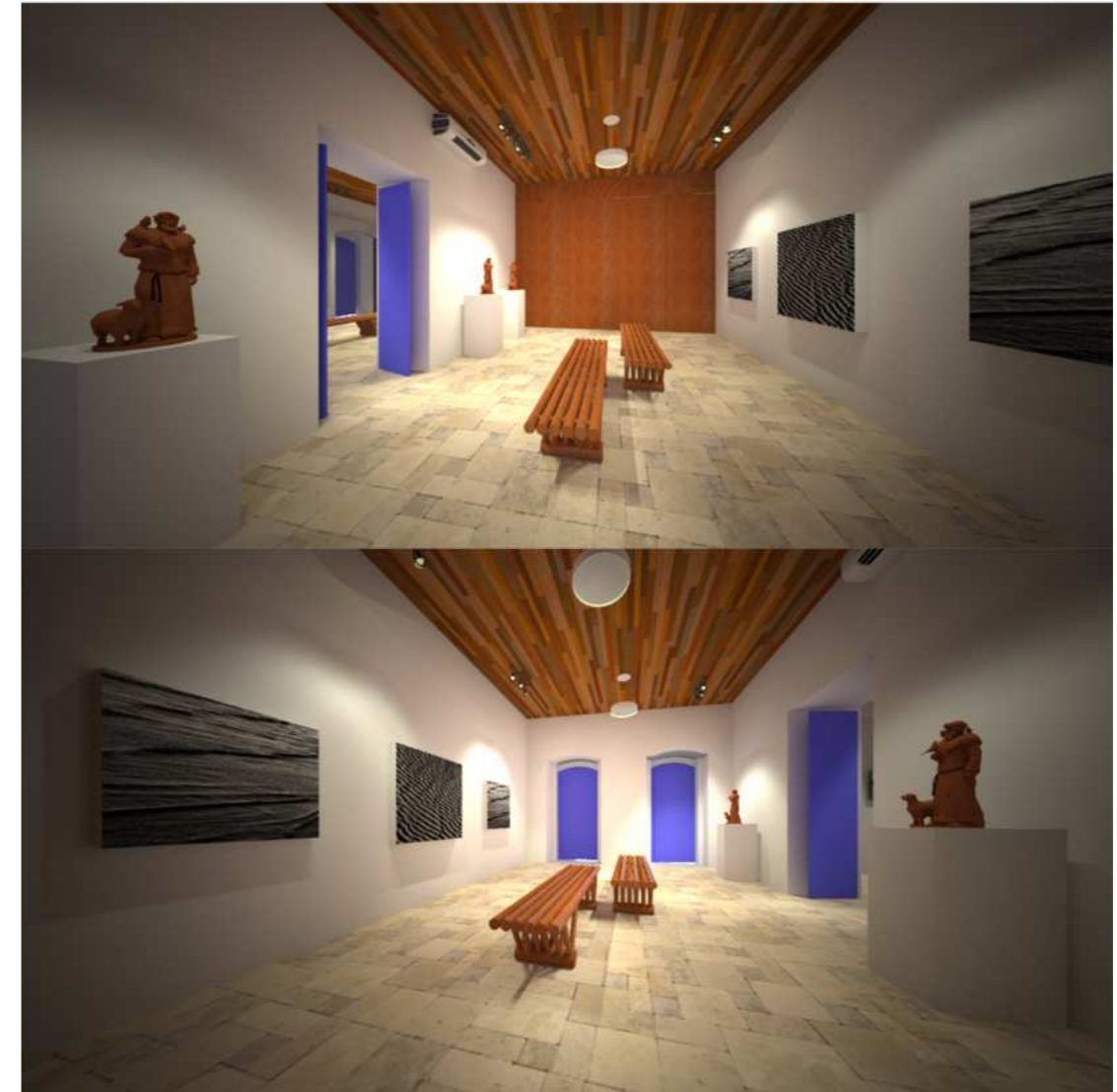


FIGURA 99- Sala de Múltiplos usos- Exposição | Proposta
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

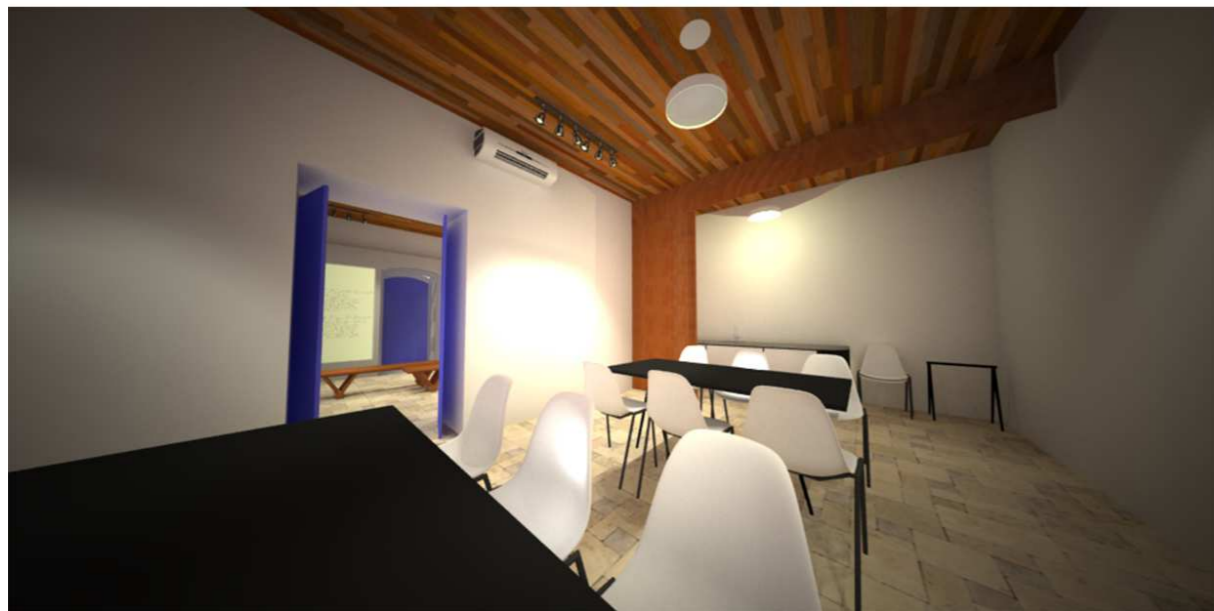


FIGURA 100- Sala de Múltiplos usos- Educacional | Proposta.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



FIGURA 101- Café da Casa | Proposta.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

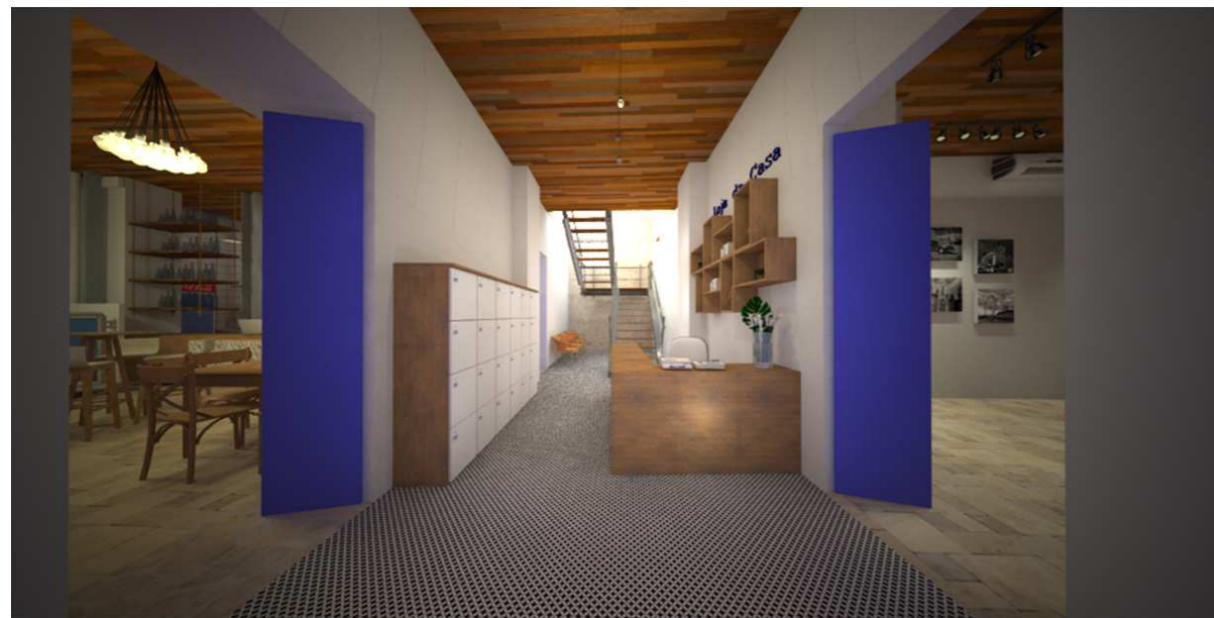
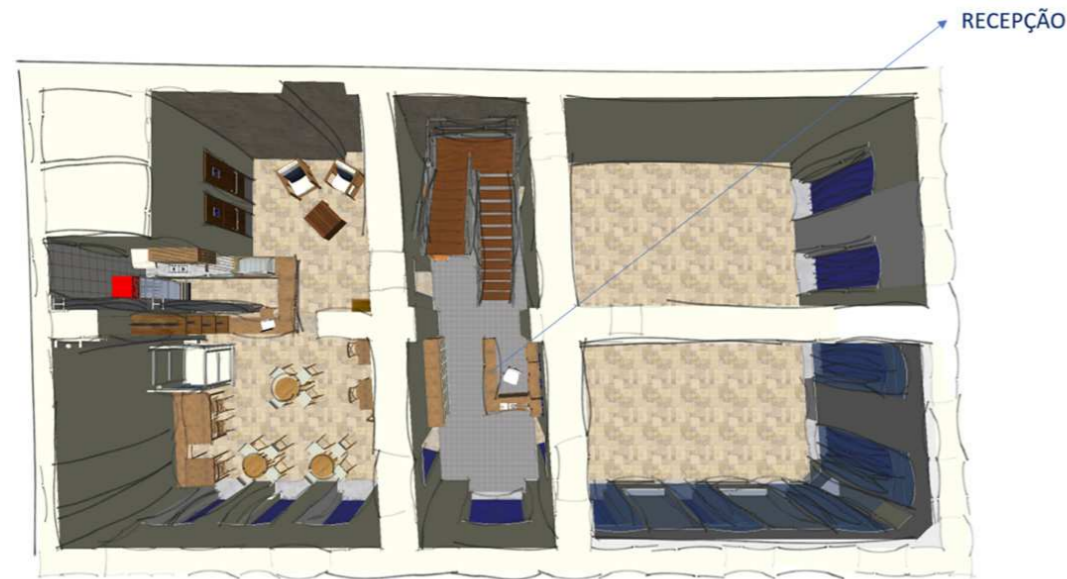


FIGURA 102- Recepção | Proposta.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

No ambiente equivalente tem como nome proposto “Café da Casa” (Figura 101) e seria o cartão de visitas do Museu, visto que acaba por ser um espaço mais convidativo e espontâneo, ou seja, mesmo não entendendo ou buscando uma instituição cultural, as pessoas podem adentrar a edificação. Assim como a cafeteria, há um hall principal de acesso ao museu, onde é prevista uma recepção que contaria com guarda-volumes, seguranças, informações e itens para venda, constituindo assim a loja do Museu da Cidade de Parnaíba (Figura 102).

O térreo foi idealizado como uma área de introdução ao museu, onde a sala da esquina é utilizada para uma exposição de curta duração, buscando informar às pessoas que estão transitando nas proximidades que ali é um espaço cultural e que pode ser visitado. Já o café tem a função de fazer essa iniciação de uma maneira ainda mais sutil, visto que é um ambiente descontraído e que pode até mesmo ser utilizado para eventos mais abrangentes. Assim, este andar foi projetado para trazer à comunidade para o ambiente cultural, social e educativo, ajudando o Museu a cumprir com o seu papel na sociedade.

6.3.3.3 Segundo Pavimento – Exposições

O segundo pavimento será o espaço das exposições como mostra a Planta Baixa e de Layout (Figura 103), destinado unicamente às exposições de longa duração, criando um fluxo sobre a história da Casa Grande de Simplício Dias, de Parnaíba e de Humberto de Campos, acervo já existente no espaço e é um dos pontos que tornam possível a criação do Museu da Cidade na edificação, o que justifica a permanência da exposição neste projeto.

Para as exposições eram necessários estudos mais aprofundados de cada tema a ser comunicado, o que não foi abordado neste trabalho, apenas foi criada uma proposta de tema e de disposição, para duas das três exposições propostas das quais ainda não há acervo constituído, pois outros mestrandos poderão executar tais funções posteriormente.

A proposta para a primeira exposição de longa duração (sala 3 da Figura 103) tem por base a história da Casa Grande e seus habitantes (Figura 104), que foram de fundamental importância para o desenvolvimento local. Na ilustração na exposição, é proposta a apresentação da maquete da casa, que já existe hoje na edificação, quadros e fotos sobre a mesma e seus habitantes. A partir daí o visitante se encaminharia para a narrativa a respeito da cidade de Parnaíba (Figura 105), que estaria no salão ao lado, onde atualmente se encontra a exposição de Humberto de Campos.

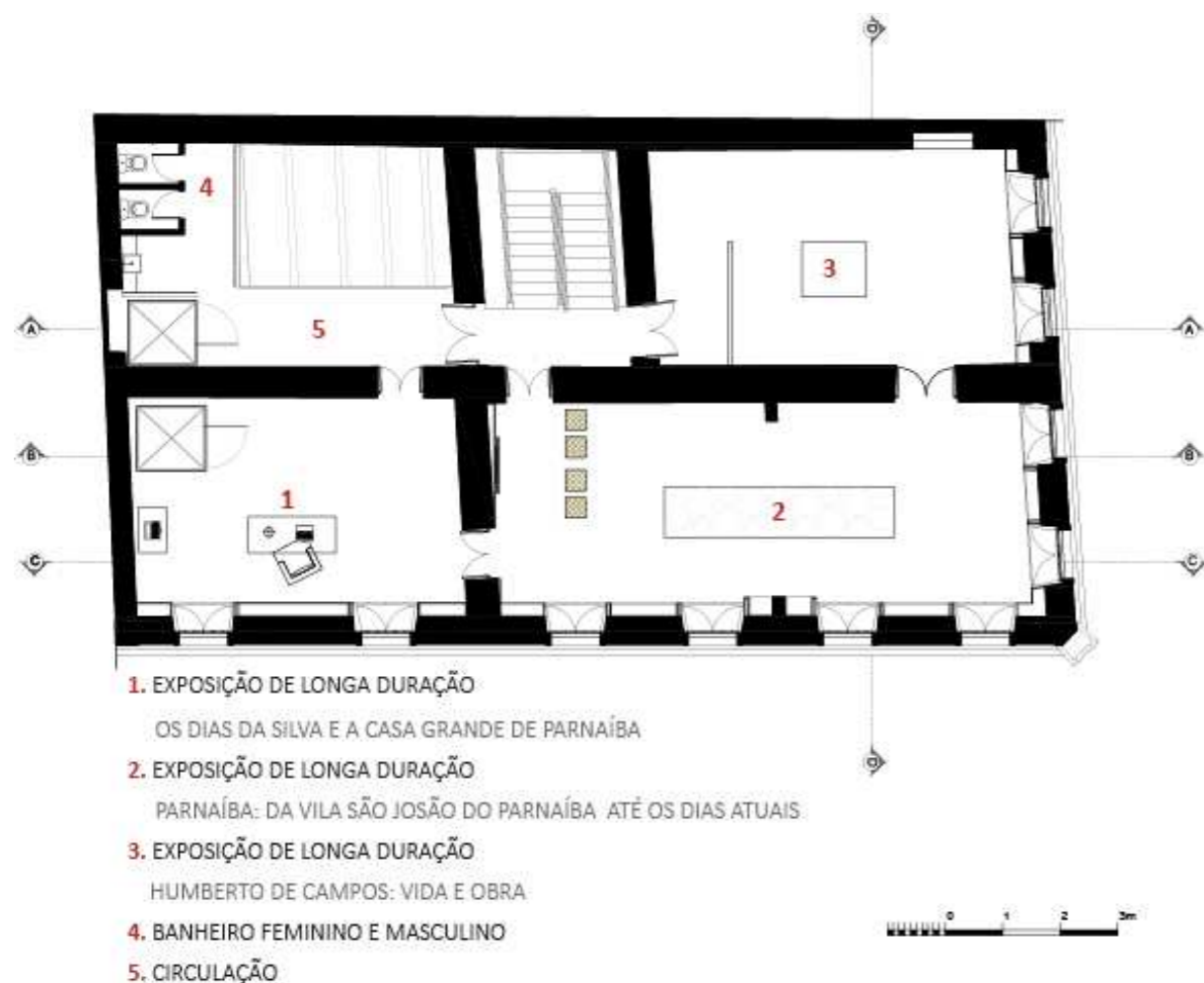


FIGURA 103- Planta Baixa do Segundo Pavimento | Proposta.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

Esta história tanto se daria com uma linha do tempo que permitiria a abertura para visitar outras edificações do entorno, como contaria com a memória de personagens diversos para, assim juntos, constituírem as memórias daquele território e permitirem que comunidade e visitantes passem a entender melhor aquele lugar.

Na concepção ilustrativa destas memórias é indicada a utilização de elementos que caracterizem o objeto da narrativa, que é Parnaíba, sendo assim fazendo uso de expositores que remetam à carnaúba, que é o símbolo do estado do Piauí e árvore que existe em abundância neste litoral. Assim no tablado central, da sala 2 da figura 103 (Figura 103), foram idealizados expositores com a base de alumínio na cor bronze em forma de um cilindro, que representaria o tronco, e o topo na forma circular, como é o topo da carnaúba (Figura 105). E a junção de diversos dessas pequenas unidades formariam os carnaubais, que são tão presentes no caminho do Centro de Parnaíba até a Pedra do Sal (Praia que se encontra no território do município). Desta maneira, o mobiliário inspirando nesta árvore típica estaria representando a localização territorial.

Além deste expositor, o banco selecionado para encontrar-se avante a televisão possui uma curva que é similar ao casco de uma canoa, simbolizando assim o rio e o mar, representando respectivamente o Rio Igarauçu e o Litoral Piauiense, por onde tantos navegaram e desta forma remetendo também ao Delta do Parnaíba (Figura 106). Assim se buscou trazer a identidade local não apenas no conteúdo, mas nos objetos que o exibem.

A estrutura de painel que foi explicada no item 6.5.1 permitiria que as janelas ficassem abertas e que o próprio entorno fizesse parte do acervo sobre a exposição de Parnaíba, tornando não apenas a casa parte da história ali contada, mas todo o contexto em que ela está introduzida, além de permitir uma reflexão para o estado em que se encontram as edificações envoltas do Casarão, que mostram um descaso com a “Cidade Tombada”. Sendo assim, estas duas exposições cheias de significados e memórias, ainda são propostas para nomear a primeira exposição “Os Dias da Silva e a Casa Grande de Parnaíba” e a segunda “Parnaíba: Da Vila São João da Parnaíba até os Dias Atuais”.

Após a exposição sobre a história de Parnaíba, seguiria para a última sala do andar, onde estaria o acervo de Humberto de Campos⁷ (Figura 107), que será retratado como jornalista e escritor, desta maneira, a concepção deste espaço se daria idealizando o escritório do mesmo, visto que, através de seus bens, é possível constituir este cenário.

⁷ Humberto de Campos era jornalista, crítico, contista e memorialista, nasceu em Miritiba, hoje Humberto de Campos, MA, em 25 de outubro de 1886, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de dezembro de 1934. (ABL, [s.d.]).

*Morou em Parnaíba dos 10 aos 13 anos, ali chegando em 1896 (CARVALHO, 2016). É bastante conhecido em Parnaíba pelo Cajueiro de Humberto de Campos, o qual ele descreve em suas obras, como um local de onde tem boas lembranças.



FIGURA 104- Exposição "Os Dias da Silva e a Casa Grande de Parnaíba" | Proposta.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

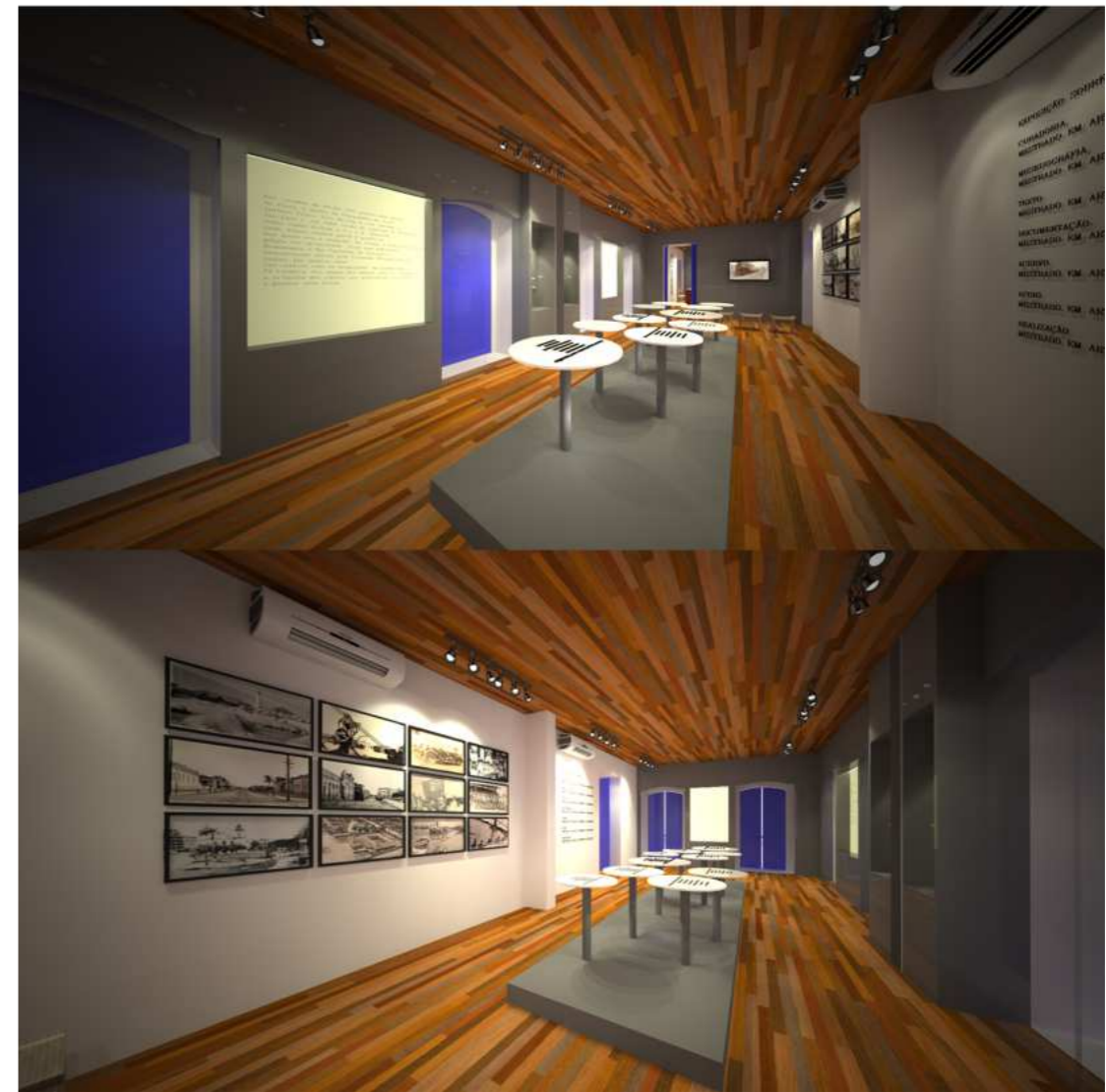
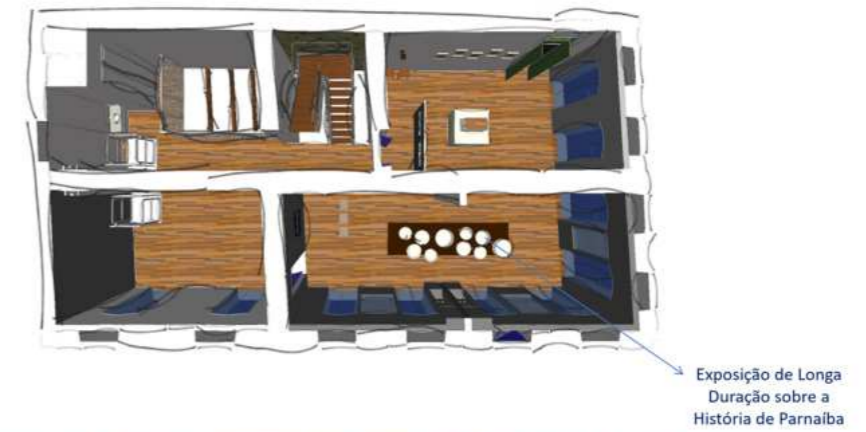
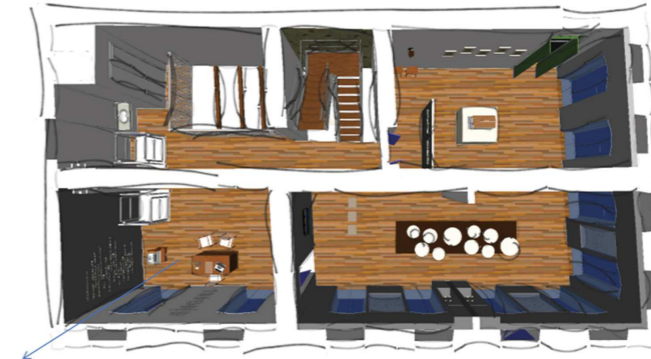


FIGURA 105- Exposição "Parnaíba: Da Vila São João da Parnaíba até os Dias Atuais" | Proposta.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



FIGURA 106 - Exposição de Parnaíba com foco em expositores inspirados na carnaúba e no casco da canoa. Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



Exposição de Longa
Duração sobre
Humberto de Campos



FIGURA 107 - Exposição "Humberto de Campos: Vida e Obra" | Proposta.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

Após ter acesso à documentação do acervo, que foi realizada pela mestrandia Inegla Cardoso Brito, foram selecionadas fotos da infância e da família de H.C., a máquina de escrever, a indumentária da Academia Nacional de Letras da qual a personalidade fazia parte e alguns textos escritos por ele, sendo estes itens que poderão ser utilizados na futura mostra. No cenário da exposição foi pensando que estes elementos poderiam ser dispostos como se estivessem em uso, como no caso na máquina de escrever sobre a mesa de trabalho e da roupa da Academia de Letras em um manequim representando o escritor.

Para idealizar o fluxo do espaço, as fotografias do acervo seriam separadas em ordem cronológica em quadros na parede como se também fizessem parte do espaço (Figura 107) e juntamente com elas textos breves sobre a história de Humberto de Campos, provocando um caminho desde as fotos da infância do personagem. Em seguida, estaria seu instrumento de trabalho e ao fundo o nome de suas obras. Por fim, haveria quadros com fotos dos familiares, com que a exposição seria concluída. O nome proposto para este ambiente é “Humberto de Campos: Vida e Obra”, representando-o não apenas pelo seu cajueiro (forma como atualmente é retratado), que foi plantado quando ainda era criança na casa onde morou em Parnaíba, mas pela sua vida profissional e pessoal, permitindo que a população conheça mais este personagem local.

6.3.3.4 Terceiro Pavimento – Setor Administrativo e de Serviço

O último andar do Sobrado foi idealizado como o setor administrativo ou institucional, seria um espaço para os funcionários ou locais que não precisassem de um uso constante, como é possível visualizar na Planta Baixa e Layout (Figura 108). Neste pavimento se encontrará um escritório colaborativo (Figura 109), onde todos os funcionários do museu trabalhariam em conjunto, o escritório técnico do IPHAN (Figura 110) e o laboratório de Conservação preventiva, que dividiria o espaço com uma pequena reserva técnica (Figura 112). A reserva funcionaria apenas para o acervo do Museu, onde mobiliários e elementos maiores do acervo (caso houvesse dificuldade de armazenamento) deveriam ser encaminhados para outra instituição cultural que estivesse dentro da rede de museu que está sendo idealizada a partir do projeto matriz “Parnaíba: Patrimônio Vivo, Cidade Viva”, como foi explanado no início deste trabalho. Pois como se trata de um sobrado histórico, que não pode sofrer muitas modificações e que possui seu entorno com outras edificações implantadas, encontra-se na rede uma solução para a questão do espaço físico reduzido.

O escritório colaborativo também possui uma função de pesquisa, visto que contará com uma cabine acústica para documentação de vídeo e áudio, tornando assim o espaço uma espécie de laboratório de história oral em pequenas proporções. Assim como o laboratório de Conservação Preventiva, pode ganhar o intuito educacional, promovendo cursos relacionados à conservação e restauração de bens móveis (assim tendo a necessidade de um restaurador ou parcerias com instituições que possuam este técnico especializado), o que

pode até mesmo se tornar um auxílio financeiro ao Museu.

Devido ao fato do laboratório de Conservação Preventiva (Figura 111) necessitar de uma bancada com pia, o que requer uma instalação hidráulica que não existe atualmente no local, ao definir o ambiente que seria transformado neste laboratório, foi escolhida a sala que possuía uma maior proximidade com o banheiro (único local no andar com instalações que pudessem ser a base para abertura de outros pontos), trocando assim esta intervenção menos nociva à edificação e esteticamente mais agradável.

Além de um laboratório voltado para conservação, o último pavimento da Casa Grande teria também um laboratório de História Oral, voltado para pesquisas com Áudio Visual, onde poderiam assim utilizar o espaço para pesquisas com a comunidade, visto que o local contaria com uma cabine com tratamento acústico. Este ambiente também contaria com espaço para funcionários do museu.

Enfim, no projeto de reabilitação buscamos dividir a Casa Grande Dos Dias da Silva por setores e funções para facilitar o funcionamento da nova instituição cultural, criando fluxos coesos em cada pavimento. O planejamento aplicou as atividades, como preservação e conservação, educação, pesquisa e uso expositivo, adequando ao espaço existente, mas procurando aplicá-las de forma coerente, criando um ambiente que trabalhará em prol da comunidade local e que pode não apenas dar um novo uso para uma edificação, que estava novamente apresentando problemas de deterioração, mas dando uma sustentabilidade ao patrimônio local.

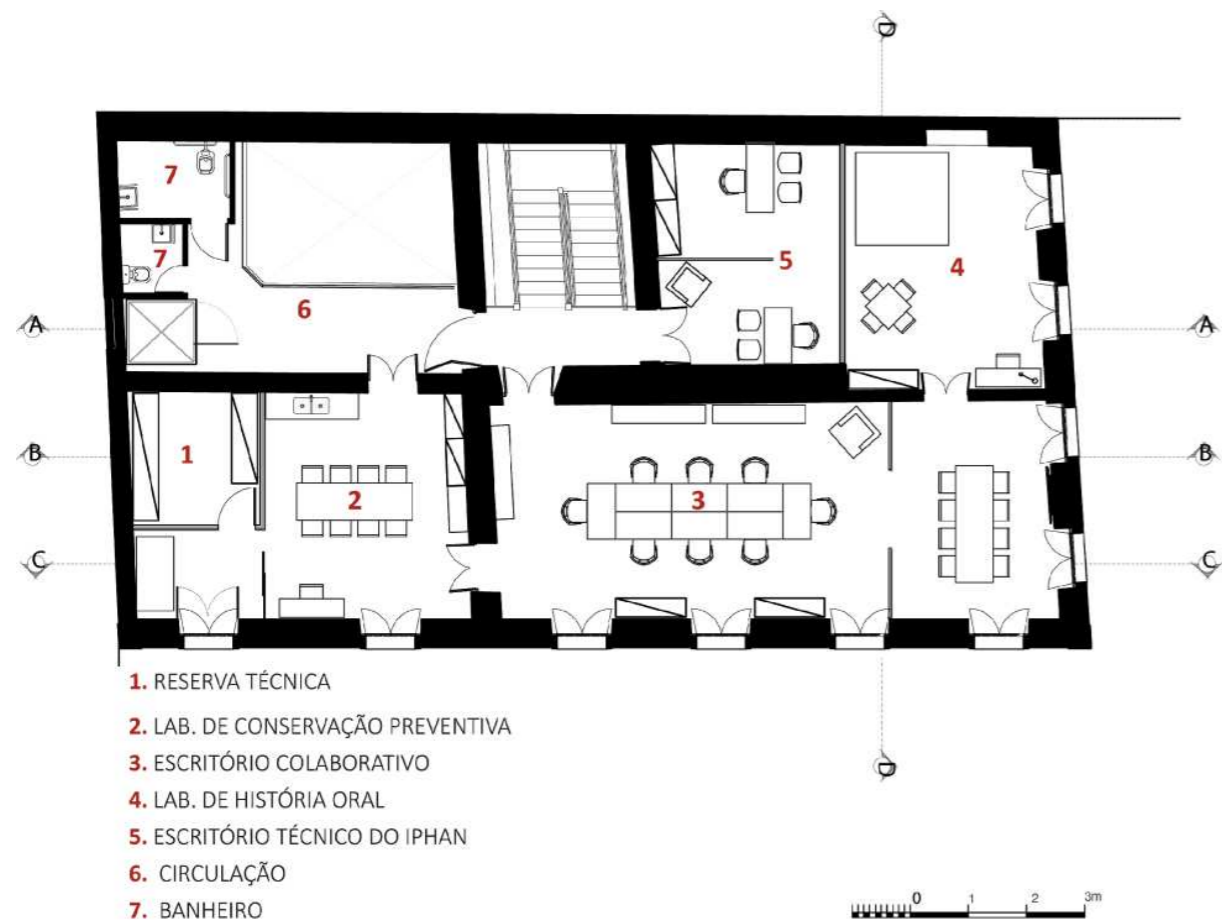
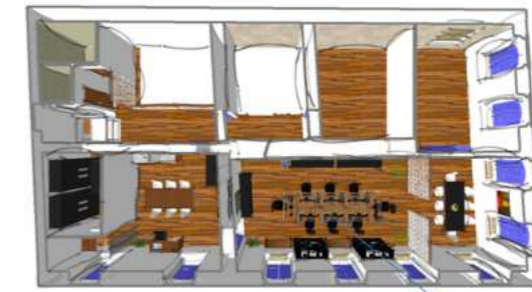


FIGURA 108- Planta Baixa do Terceiro Pavimento | Proposta.
 Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



Escritório Colaborativo
 +
 Sala de Reunião

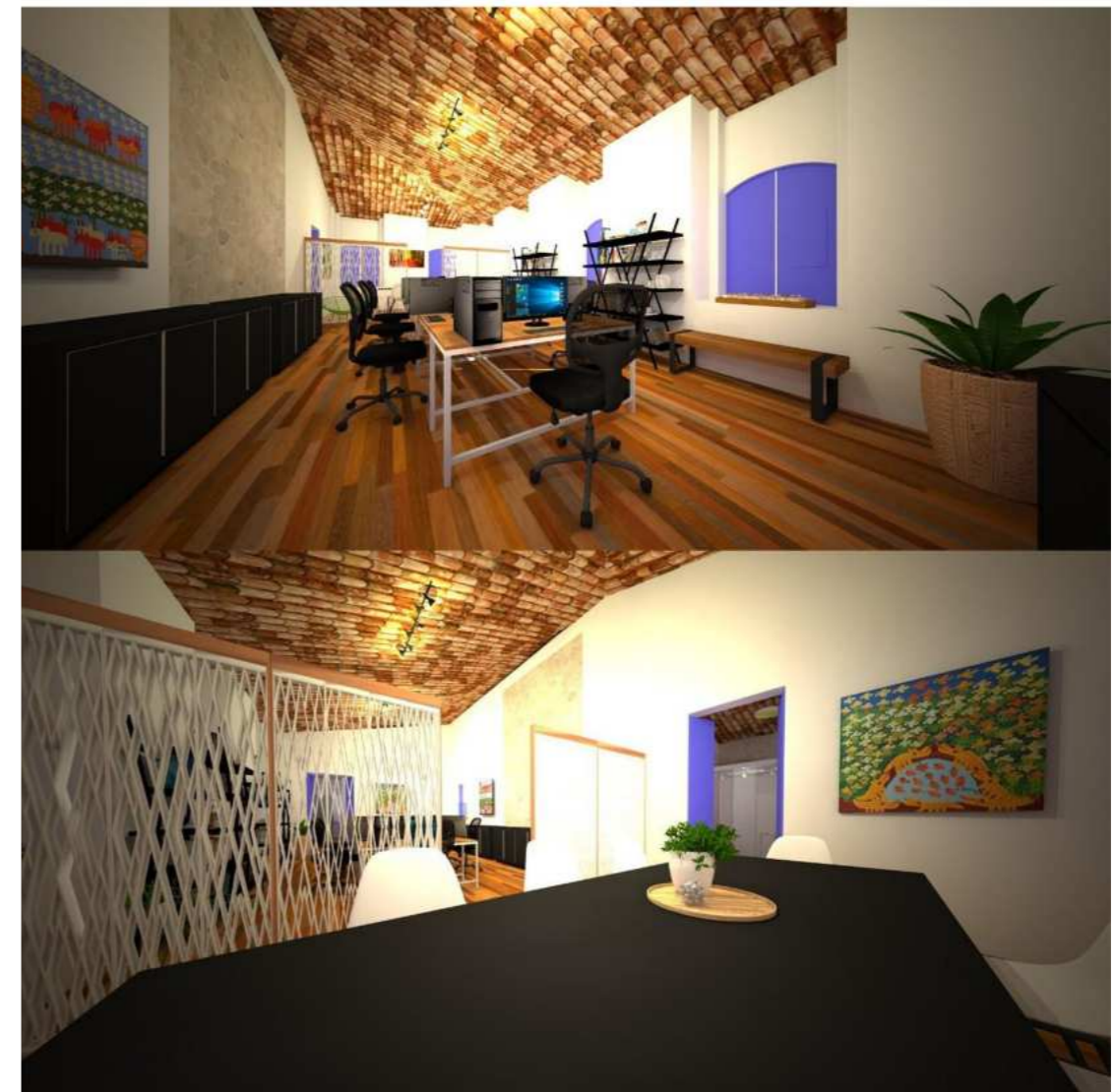


FIGURA 109- Escritório Colaborativo | Proposta.
 Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

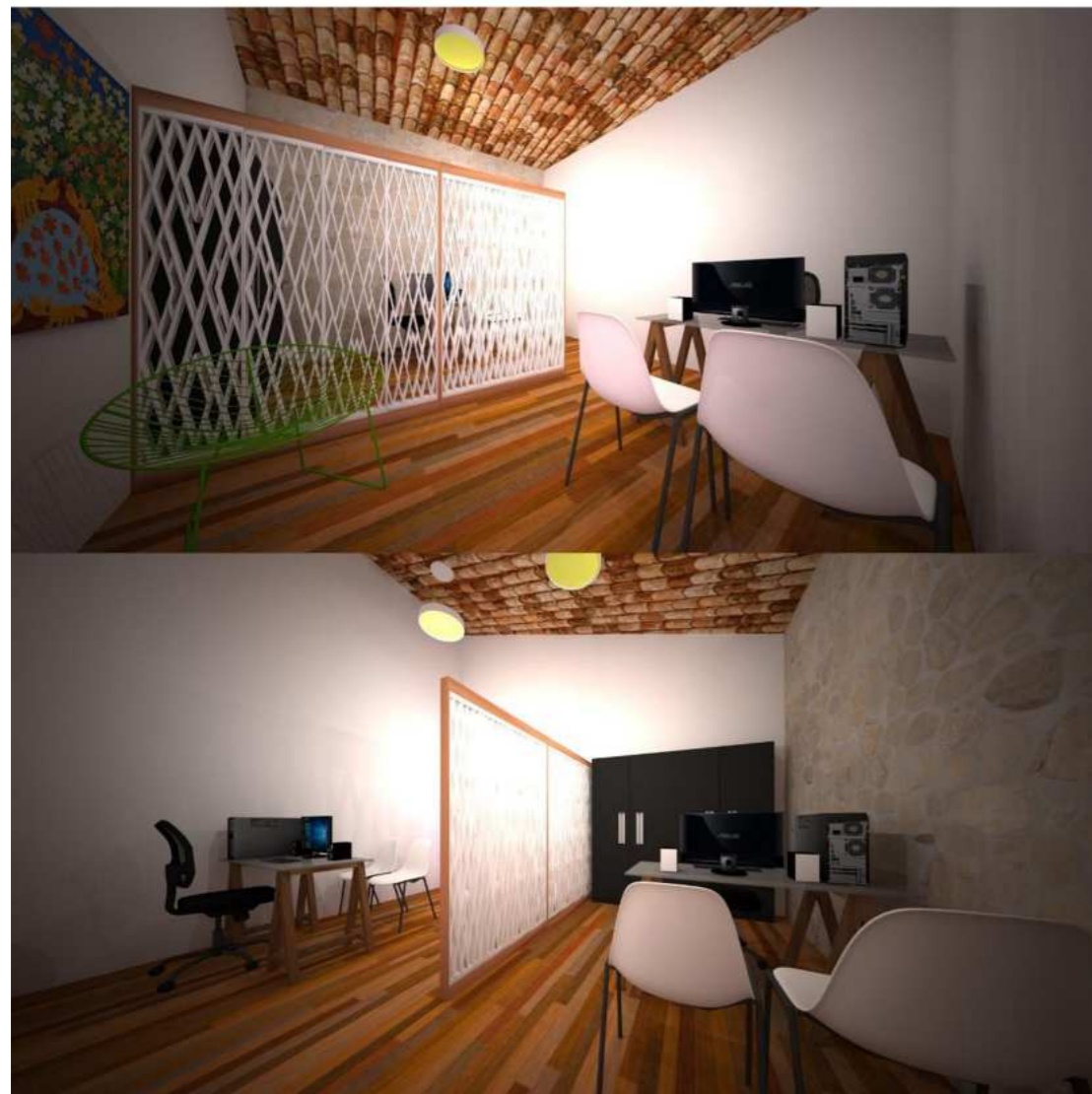
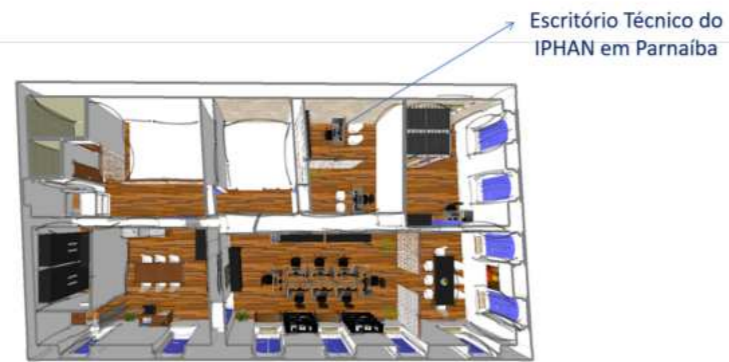


FIGURA 110- Escritório do IPHAN | Proposta.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

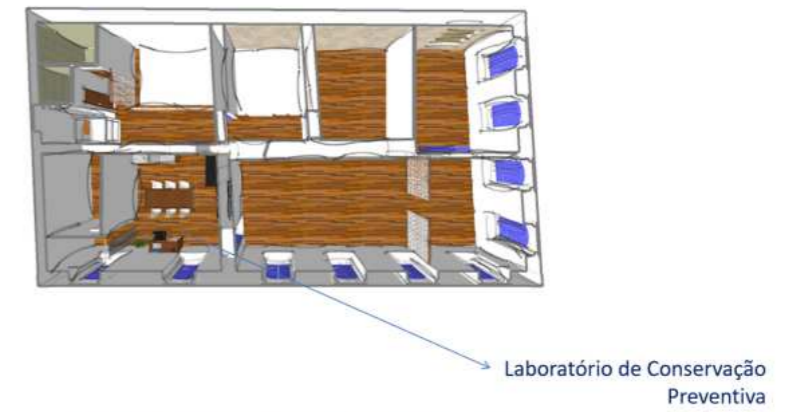
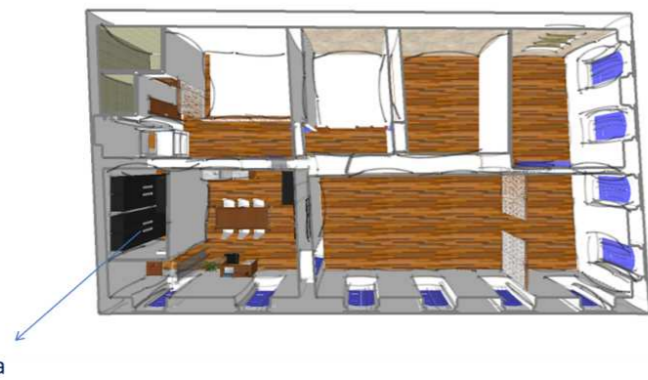


FIGURA 111- Laboratório de Conservação Preventiva | Proposta.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



Reserva Técnica

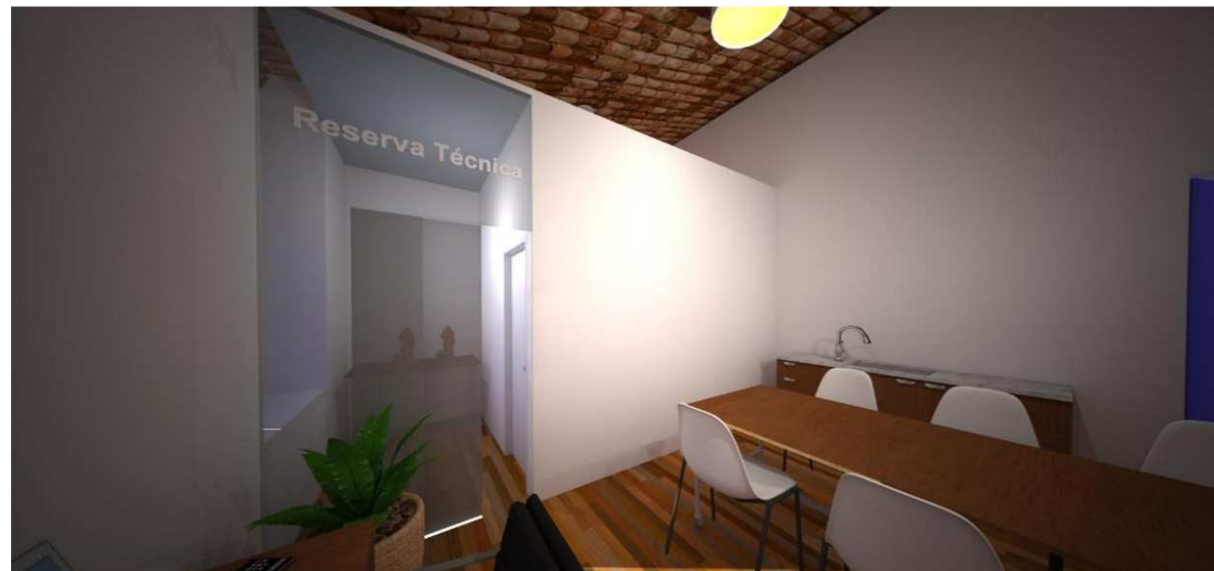


Figura 112- Reserva Técnica | Proposta.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

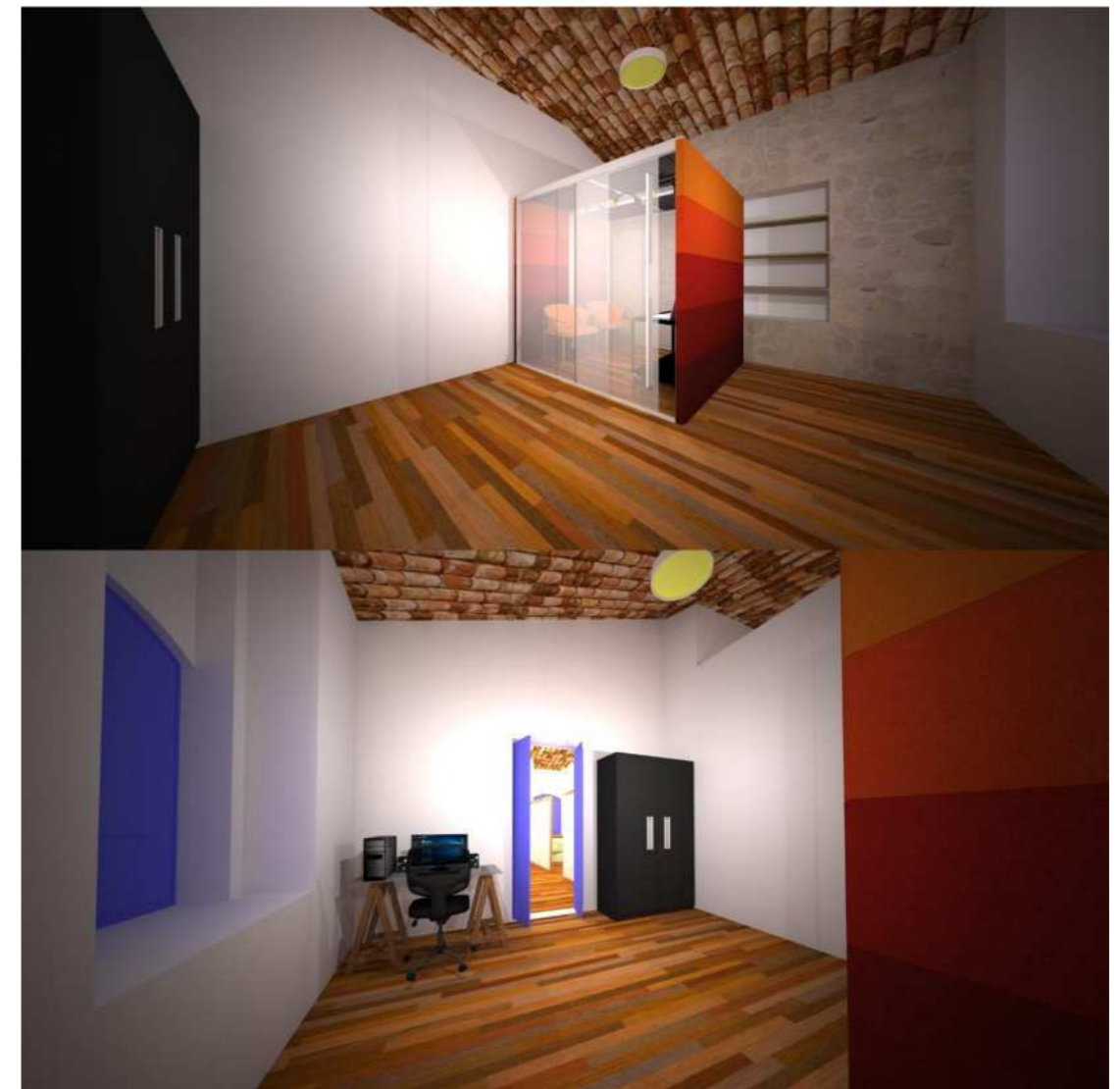


FIGURA 113- Laboratório de História Oral | Proposta.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.

6.4 Identidade Visual

A considerar o projeto de reabilitação para novo uso da Casa Grande dos Dias da Silva- Museu da Cidade de Parnaíba, criamos uma identidade visual para o equipamento cultural; buscamos uma associação entre edificação e elementos identitários locais. Por meio de questionário on-line e ações presenciais, como a exposição itinerante, foi possível entendermos que parte significativa dos residentes conhece a edificação, o que não significa que se identifiquem com a Casa Grande, mas a têm como referência, fato comprovado ao longo da pesquisa com auxílio de uma fotografia do espaço, que nos serviu de instrumento para perceber os símbolos e significados que se destacavam nas entrevistas, o que nos permitiu desenvolver uma identidade visual com destaque para a edificação e o detalhe do oratório em cantaria portuguesa para um futuro Museu da Cidade de Parnaíba.

Mas por que transformar o croqui da Casa Grande em símbolo do Museu da Cidade de Parnaíba? O sobrado do século XVIII foi um importante eixo formador da cidade, que se desenvolveu a partir e no sentido da antiga Rua Grande, onde fica a casa que já aparecia na cartografia da cidade em 1809, como já foi citado anteriormente. Comerciantes e Políticos ilustres habitaram no casarão e um deles, Simplício Dias da Silva, foi o responsável pela proclamação da independência do Brasil em relação à Coroa Portuguesa, no Piauí. Sendo assim, possivelmente decisões políticas importantes para o estado podem ter sido realizadas no interior da edificação, o que acabam por torna-la um marco. Por fim, o seu construtor, Domingos Dias da Silva, foi um dos grandes comerciantes de charque, nacionalmente e internacionalmente, o que levou a cidade de Parnaíba a ser uma Vila muito rica e assim incentivou sua configuração atual. Apesar de ser apenas uma edificação, ela possui muito significado e histórias, que estão diretamente ligadas à memória de Parnaíba.

A população local reconhece a fachada do casarão que possui um elemento que a diferencia das outras edificações da região, o oratório em cantaria portuguesa que se encontra na esquina do sobrado. Sendo assim, inicialmente foi desenvolvida uma logomarca que buscou redesenhar as duas partes frontais a partir da quina do casarão. O desenho foi desenvolvido pelas Mestrandas em Artes, Patrimônio e Museologia, Bárbara Freire, a partir de uma fotografia (Figura 114) da pesquisadora em questão.

O desenho desenvolvido por Bárbara Freire (Figura 115) foi testado com diversas fontes e foi selecionada a letra *BankGothicBT - Light*, que tem uma característica mais contemporânea que acaba por trazer um efeito de revitalização, onde o antigo se encontra com o novo, o que é de fato realizado na reabilitação (Figura 116). Além da foto, foram adicionadas duas linhas contínuas, que fazem referência a esta edificação ter sido um dos vetores de crescimento da cidade de Parnaíba, assim acrescentando mais simbolismo ao logotipo proposto.

Além dos itens citados, o croqui da Casa Grande, aqui apresentado, acompanhou parte do desenvolvimento deste trabalho, tendo sido utilizado na Exposição: “Casa Grande dos Dias da Silva: Rendirhar o Passado, Construir o Futuro”, questionário on-line e redes sociais, assim já iniciada uma introdução da



FIGURA 114 - Foto do Sobrado de Simplício Dias Atualmente.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2016.

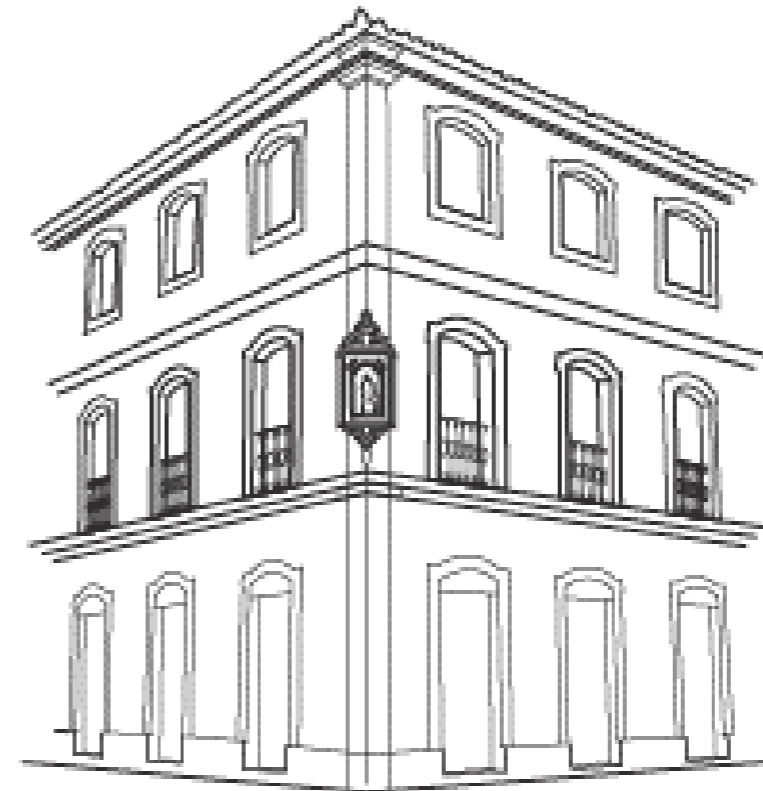


FIGURA 115 - Croqui na Casa Grande feito por Bárbara Freire.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2016.

marca junto à comunidade, que demonstrou aceitação ao que foi proposto. Enfim, procuramos criar uma identidade visual que fosse carregada de memória, não apenas da edificação, mas que instigasse lembranças ao observador, tornando assim um item com significado e marcante.



MUSEU DA CIDADE DE PARNAÍBA

Figura 116- Logotipo do Museu da Cidade de Parnaíba.
Fonte: Arquivo Arquiteta Ellaine Martins, 2018.



7 PARCEIROS | COLABORADORES

Para a execução deste trabalho, foi necessário o apoio da Universidade Federal do Piauí, por meio do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, Mestrado Profissional quanto à disponibilização de infraestrutura e recursos humanos- orientações e apoio técnico, materiais diversos; SESC (Serviço Social do Comércio) Caixeiral e Parnaíba Shopping, que cederam espaços para a exposição itinerante “Casa Grande Simplício Dias: rendilhar o passado, construir o futuro” e Roda de Conversa e discussão sobre a temática do patrimônio e da Casa Grande dos Dias da Silva. Quanto ao aporte financeiro, a pesquisa e exposição foram realizadas com recursos próprios e das instituições citadas, o que inclui as despesas com recursos humanos e materiais e uso dos espaços.

Do planejamento à execução do projeto houve um longo percurso de sensibilização, captação de recursos, impulsionados pela publicação dos resultados da pesquisa, além da apresentação do trabalho à Câmara de Vereadores de Parnaíba e Prefeitura Municipal de Parnaíba, para apoio, investimento em centros culturais e museu dessa natureza, de cunho social e educacional, na intenção da valorização do Centro Histórico de Parnaíba.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o projeto de reabilitação da Casa Grande de Simplício Dias para uso de um futuro Museu da Cidade de Parnaíba buscamos não apenas valorizar uma edificação, mas seu entorno, visto que o espaço pode ser a base para a comunidade conhecer o patrimônio cultural, reconhecê-lo e valorizá-lo, construindo o sentimento de identidade e pertencimento, pois “só se preserva o que se ama e só se ama o que se conhece” (MAGALHÃES apud NERY; KROHN, 2010).

Ressaltamos que, para os estudos e intervenções realizados, contamos com parcela da população da cidade, pessoas que expressaram suas opiniões sobre novo uso para a Casa Grande como um espaço para abrigar um museu, sentimento expresso pelos entrevistados. Nesse contexto, é importante ressaltar que ao questionarmos o uso do espaço como “repartição pública”, uso atual, apenas 2,4% dos entrevistados concordam com esse uso, o que nos faz crer que a população deseja ver o espaço abrigar outra natureza de equipamento público; 59,4% dos entrevistados afirmam não ter nenhuma memória relacionada à Casa Grande de Simplício Dias, não há, portanto, uma relação de identidade com a edificação.

O projeto de reabilitação da Casa Grande tem importância para a cidade, pode contribuir para um repertório de novo uso do espaço, que se aproxime do desejo da população, que seja um equipamento de cultura e educação para residentes e visitantes. Parnaíba é uma cidade com atributos turísticos, poderá contar com um espaço de lazer para aqueles que a visitam, que desejam conhecer a história da cidade e de seus habitantes; a Casa Grande é parte dessa história e memórias. A edificação é parte do acervo de um futuro museu, abre possibilidades diversas de conceber um equipamento como um museu, de forma a permitir educação e ação cultural, um Museu da Cidade, em um lugar onde não há museus.

REFERÊNCIAS

ABNT- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6492**: Representação de Projetos de Arquitetura. Rio de Janeiro, 1992.

ABL- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Perfil do Acadêmico**: Humberto de Campos. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/humberto-de-campos>>. Acesso em: maio de 2018.

BARRANHA, Helena. **Os museus como requalificação do patrimônio**. Patrimonio.pt, 2012. Disponível em: <<http://www.patrimonio.pt/index.php/por-dentro/390-os-museus-como-requalificacao-do-patrimonio>>. Acesso em: maio 2017.

BARROSO, Vera Lúcia Maciel. **História**. Disponível em: <<http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/chc-santa-casa/historia/>>. Acesso em: fevereiro 2018.

BRASIL. Decreto – Lei nº25, de 30 de novembro de 1937. Organização a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm>. Acesso em: maio 2017.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009- institui o Estatuto de Museus, cria o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), e legislação correlata. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.sistemademuseus.rs.gov.br/wp-content/midia//Legislacao-sobre-Museus.pdf>>. Acesso em outubro 2017.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Programa Monumenta. GOMIDE, José Hailon; SILVA, Patrícia Reis da; BRAGA, Sylvia Maria Nelo (Elabor.). **Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural**. Brasília, DF, 2005.

BRASIL. Ministério da Cultura. JÚNIOR, José do Nascimento; CHAGAS, Mário de Souza. **Política Nacional de Museus**. (Org. e autores dos textos). Brasília, DF, 2007. 184 p. Disponível em:< https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica_nacional_museus.pdf>. Acesso em: outubro 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: outubro 2017.

BRANCO, Renato Castelo. **Tomei um Ita no Norte**: Memórias. São Paulo: Lr, 1981.

BRIGOLA, João. **MUSEUS, PATRIMÔNIO E CIÊNCIA. ENSAIOS DE HISTÓRIA DA CULTURA**. Parte I – A museologia enquanto história da cultura. 2016, p. 61-70. Disponível em: <<http://books.openedition.org/cidehus/1155>>. Acesso em: outubro 2017.



CARBONARA, Giovanni. Brandi e a Restauração arquitetônica hoje. Tradução de Beatriz Mugayar Kuhl. São Paulo: **Designio**, 2006, p. 35-47.

CARTA DE LISBOA. **Carta de Lisboa- sobre a reabilitação urbana integrada** - 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa, 21 a 27 de outubro 1995. Disponível em: <https://www.culturanorte.pt/fotos/editor2/1995__carta_de_lisboa_sobre_a_reabilitacao_urbana_integrada-1%C2%BA_encontro_luso-brasileiro_de_reabilitacao_urbana.pdf>. Acesso em: maio 2018.

CARTA DE VENEZA. **Portal do IPHAN**. 1964. Disponível em : <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>. Acesso em: março 2017.

ROSSONE, Jéssica. Carbonara fala sobre conservação e restauro no Brasil. **Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo**. Disponível em: <<http://othaudoblog.blogspot.com/2013/12/giovanni-carbonara-fala-sobre.html>>. Acesso em: maio 2018.

CARVALHO, Rosane Maria Rocha. **Plano Museológico do Paço do Frevo**. Recife, 2013. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/wp-content/uploads/Anexo-A-TR-Plano-Museol%C3%B3gico-Pa%C3%A7o-do-Frevo.pdf>>. Acesso em: maio 2018.

CARVALHO, Antônio Cesar Perri de. **Humberto de Campos**: em Parnaíba e como expressão nacional. Disponível em: <<http://www.agendaespiritabrazil.com.br/2016/03/02/humberto-de-campos-em-parnaiba-e-como-expressao-nacional/>>. Acesso em: maio de 2018.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

DEBARBA, André Luís; GREGORY, Angéllis; FRANKEN, Angela Pulga; BRUXEL, Daniela Cristina. **Período Colonial**. Arquitracobrasil, 2010. Disponível em: <<http://arquitracobrasil.wordpress.com/periodo-colonial-1530-a-1830>>. Acesso em: março 2017.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de museologia**. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca de Estado de São Paulo: Secretária de Estado da Cultura, 2013.

DIAS, Adriana Fabre; AFONSO, Sônia. **A reutilização do patrimônio edificado como mecanismo de proteção**: uma proposta para os conjuntos tombados de Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo/ PÓSARQ) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2005.

DUARTE, Aline. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. **Revista Museologia e Patrimônio. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS Unirio | MAST. v.6, n. 1, p. 99-117, 2013.

FERRARO, Luiza Helena; SANTOS, Maria das Graças Rodrigues. Tipos na arquitetura contemporânea: organização de projetos de referência – museus e centros culturais. In: **IV ENCONTRO DE PESQUISA E INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE POSITIVO** – EPIC, 2013.

FERRAZ, Eugênio. **A Casa dos Contos de Ouro Preto**: ensaio histórico e memória da restauração no ano do seu bicentenário (Ocorrido em 1984). 2 ed. Belo Horizonte: C\Arte, 2004.

FERRAZ, Eugênio. **A Restauração da Casa Dos Contos de Ouro Preto. Estrutura Madeireira**. 2 ed. Belo Horizonte: C\Arte, 2007.

FIGUEIREDO, Diva M. F. **O monumento habitado**: a preservação de sítios históricos na visão dos moradores e dos arquitetos especialistas em patrimônio. O caso de Parnaíba. Recife: UFPE, 2001. Disponível em: <<http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20030916093927.pdf>>. Acesso em: janeiro 2017.

FRANCO, Sérgio da Costa; STIGGER, Ivo. **Santa Casa 200 anos**: caridade e ciência. Porto Alegre: Ed. da ISCMPA, 2003.

FREIRE, Ernani. **Intervenções em imóveis geram “metástase positiva” e revitalizam a cidade, diz Ernani Freire**. Casa Oswaldo Cruz, 2014. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/todas-as-noticias/764-intervencoes-em-imoveis-geram-metastase-positiva-e-revitalizam-a-cidade-diz-ernani-freire#.V_zqVYWcHmL>. Acesso em: janeiro 2017.

FUNDAC- FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ. **Bens Tombados e Registrados do Piauí**. 2012. Disponível em: <http://www.fundac.pi.gov.br/download/201206/FUNDAC19_481c2d8eaa.pdf>. Acesso em: março 2017.

GABRIELE, Maria Cecília Filgueiras Lima. **Museu Vivo da Memória Candanga**: a musealização do patrimônio arquitetônico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO – ENANPARQ. Rio de Janeiro, 2010.

GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-Beira**. Tese (Doutorado). Brasília: UNB, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/Downloads/2008_GercinairSilverioGandara.pdf>. Acesso em: janeiro 2017.

GUIMARAENS, Cêça; RANGEL, Vera; BERTOTTO, Márcia. **Museologia Social e Cultural**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2015.

GOBIERNO DE ESPAÑA. Ministério de Cultura y Deporte. **Critérios para la elaboración del Plan Museológico**. Disponível em: <<http://www.mecd.gob.es/cultura-mecd/areas-cultura/museos/mc/pm/pm/anexos.html>>. Acesso em: março 2018.

HERNANDEZ, Francisca. **Evolución del concepto de museo**. Revista General de Información y Documentación, Vol. 2(l), 85-97. Edir. Complutense, Madrid, 1992. Disponível em: <[dhttp://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/view/RGID9292120085A/11902](http://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/view/RGID9292120085A/11902)>. Acesso em: maio 2018.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=220770&search=piaui%7Cparnaiba>>. Acesso em: maio 2017.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/parnaiba/panorama>>. Acesso em: abril 2018.

IPHAN. **Cidades do Piauí testemunhas da ocupação do interior do Brasil durante o século XVIII**. Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba. Teresina: IPHAN, 2008.

IPHAN. **Módulo 3 - Cadastro**: Arquitetura/Caracterização Interna. Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão. 2009.

IPHAN. **O Sobrado Simplício Dias será inaugurado na próxima semana, em Parnaíba – Pi**. Portal do Iphan, 2012. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/916/sobrado-simplicio-dias-sera-inaugurado-na-proxima-semana-em-parnaiba-pi>>. Acesso em: outubro 2017.

IPHAN. **Parnaíba (PI)**. Portal do Iphan. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/280>>. Acesso em: junho 2017.

KANITZ, Heidi Gracielle; RIBEIRO, Flora Maria Serejo Neves. Puxando pela memória: a Casa Grande Simplício Dias como ponto de compreensão entre as relações dos habitantes da cidade de Parnaíba/PI e seu patrimônio histórico. **Turismo: Estudos & Práticas** (RTEP/UERN), Mossoró/RN, vol. 3, p. 41-55, 2014 (Número especial). Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/turismo/article/viewFile/1241/690>>. Acessado em: janeiro 2017.

KIEFER, Flávio. **MAM Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro MASP Museu de Arte de São Paulo**: paradigmas brasileiros na arquitetura de museus. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.

KIEFER, Flávio. **Arquitetura de Museus**. ArqTextos. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_1/1_Kiefer.pdf>. Acesso em: janeiro 2017.

KISHIMOTO, Deborah Padula. **Gestão do patrimônio cultural**: estratégias de preservação do patrimônio cultural na cidade de Parnaíba – PI. 86 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2012.

MARÇAL, Alexandra O.; CAMPANHOL, E. M. **A expografia museal**: da coleção pessoal ao novo museu. In: IV CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – Uni-FACEF, 2010, Franca. Caderno de Resumos do IV Congresso de Iniciação Científica, 2010. p. 27-28.

MELENDEZ, Adilson. Tangram: Centro Histórico-Cultural Santa Casa, Porto Alegre. **Revista Projeto Design**, n 421, 2015. Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/interiores/tangram-centro-historico-cultural-santa-casa-porto-alegre>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2018.

MENDES, José Amado. **O papel educativo dos museus**: evolução histórica e tendências atuais. Didaskalia: Lisboa, 1999, p.667-692. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18468/1/V0290102-667-692.pdf>>. Acesso em: março 2018.

MELO, Neuza Brito de Arêa Leão. **O Ecletismo Parnaibano**: Hibridismo e tradução cultural na paisagem da cidade na primeira metade do século XX. Teresina: EDUFPI, 2012.

NEUFERT, Ernst. **Arte de Projetar em Arquitetura**. Tradução Benelisa Franco. 18 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

NERY, Mariana; KROHN, Ellen. **“Só se preserva aquilo que se ama, só se ama aquilo que se conhece”**. Disponível em: <<https://patrimoniojovem.wordpress.com/2010/10/27/so-se-preserva-aquilo-que-se-ama-so-se-ama-aquilo-que-se-conhece-aloisio-magalhaes/>>. Acesso em: março de 2017.

OLIVEIRA, Joana Catarina Brito. **O Museu contemporâneo**: processo de transformação de um equipamento urbano. 238 f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto, 2012.

OLIVEIRA, Wellington Romão; SILVA, Vicente Edson. Geografia e Educação ambiental na prática do turismo sustentável: A APA do Delta do Parnaíba. **Revista Equador** – UFPI, v. 5, n. 2, p.67, 2016.

PECLY, Mateus Henrique da Silva; ARAÚJO, Ronaldo de Sousa. A casa brasileira do período colonial à arquitetura moderna. Perspectiva online: **Ciências hum e sociais aplicada**. 2014, p. 1-14. Disponível em: <http://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas_sociais_e_aplicadas/article/viewFile/554/476>.

PIAUÍ (Prefeitura de Parnaíba). Lei nº 2.457, de 10 de dezembro de 2008. Art. 3º. **Diário Oficial** de Parnaíba, Piauí, a. X, n. 538, 2008.

PIAUÍ (Prefeitura de Parnaíba). Lei Ordinária Nº 1908, de 11 de março de 2003. **Leis Municipais**, 2003. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pi/p/parnaiba/lei-ordinaria/2003/191/1908/lei-ordinaria-n-1908-2003-institui-o-sistema-de-tombamento-do-patrimonio-historico-artistico-e-natural-do-municipio-de-parnaiba-cria-o-conselho-consultivo-municipal-do-patrimonio-cultural-e-natural-de-parnaiba-conspac-revoga-as-leis-1413-93-e-1775-01-e-da-outras-providevancias>>. Acesso em: janeiro 2017.

PIAUÍ (Prefeitura de Parnaíba). **O Município**. [s.d.]. Disponível em: <<http://parnaiba.pi.gov.br/phb/o-municipio/>>. Acesso em: junho 2017.

PINHEIRO, Áurea da Paz; MOURA, Cássia. **Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba**. Teresina: Superintendência do IPHAN no Piauí, 2010.

POLO, Maria Violeta. **Estudo sobre expografia**: quatro exposições paulista do século XX. 326 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual Paulista, 2006.

PUCCIONI, Silvia. **Recomendações para Análise, Conservação e Restauração Estrutural do Patrimônio Arquitetônico**. Paris: Comitê Científico Internacional para Análise e Restauração de Estruturas do Patrimônio Arquitetônico – ISCARSAH. 13 set. 2001. 42 p.

REGO, Juniar Motta Antonaccio Napoleão do. **Dos Sertões aos Mares**: História do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700 a 1950). Tese (Doutorado) - Niterói, 2010. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1279.pdf>>. Acesso em: janeiro 2017.

SABINO, Paulo Roberto. **Arquitetura e expografia**: um estudo de suas relações em museus e instituições culturais. Series Iberoamericas de Museología, v. 8, p. 43-51, 2012.

SILVA, Maria da Penha Fonte. **Parnaíba, Minha Terra**: Crônicas. Parnaíba, 1987.

SILVA, Rosani da Rocha; QUALHARINI, Eduardo L. Requisitos para Projetos de adaptação de edifícios preservados. In: I CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL E X ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO. São Paulo, 2004. p. 18- 21. Disponível em: <ftp://ip20017719.eng.ufjf.br/Public/AnaisEventosCientificos/ENTAC_2004/trabalhos/PAP1074d.pdf>. Acesso em: outubro 2017.

STORCHI, Ceres. Pequenas em dimensão, enormes como memórias. In: **As casinhas da Misericórdia de Porto Alegre**. 2015. p. 31-68.

SUANO, Marlene. **Que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, p. 443-466, set/dez 2005.

VARINE, Hungues. **As Raízes do Futuro**: O patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

VEIGA, Ana Cecília Rocha. **Gestão de projetos de museus e exposições**. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.

ZANCHETI, Silvio Mendes; LAPA, Tomás. Conservação Integrada: Evolução Conceitual. In: **Plano de Gestão da Conservação Urbana**: Conceitos e Métodos. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2012, cap. 1, p. 18- 31.

APÊNDICES



APÊNDICE A – MAPA DO PROJETO MATRIZ DO PROGRAMA DE MESTRADO EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA, “PARNAÍBA, PATRIMÔNIO VIVO, CIDADE, VIVA”

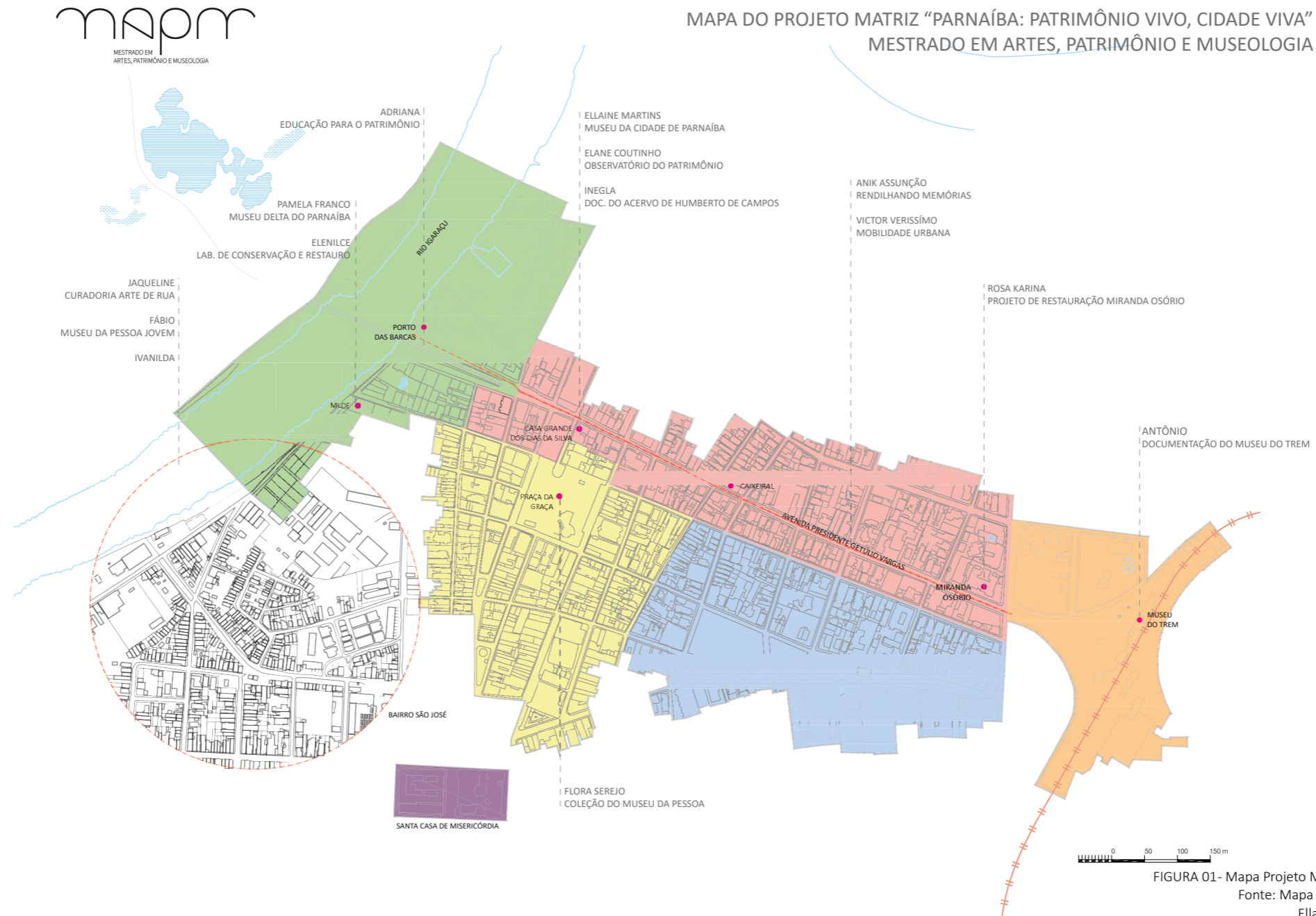


FIGURA 01- Mapa Projeto Matriz “Parnaíba: Patrimônio Vivo, Cidade Viva”.
Fonte: Mapa Idealizado por Áurea Pinheiro, Anik Assunção e Ellaine Martins. Editado por Ellaine Martins, 2018.

APÊNDICE B – MAPA DO PROJETO CONJUNTO TOMBADO DE PARNAÍBA

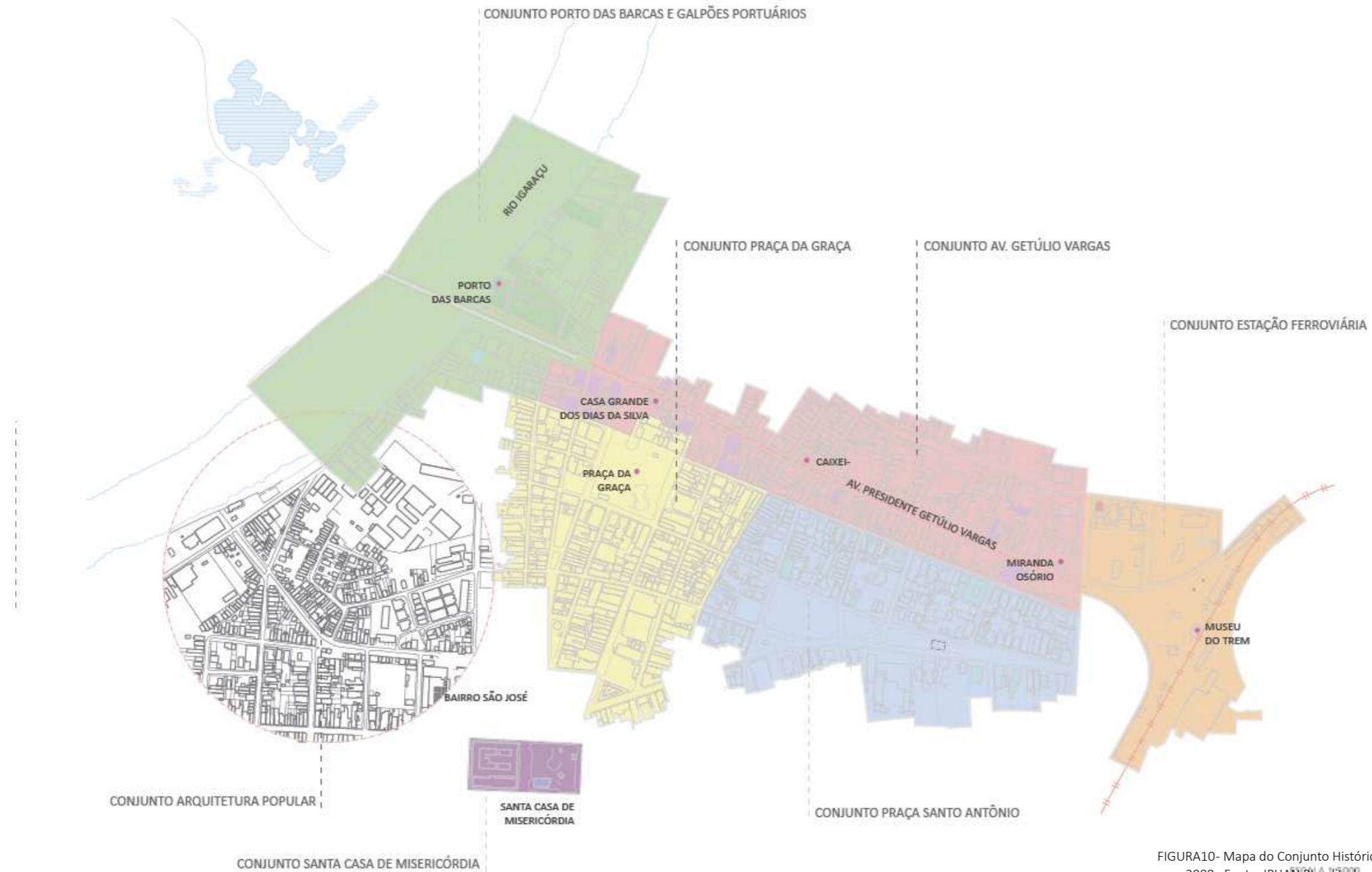


FIGURA10- Mapa do Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba tombado em 2008. Fonte: IPHAN PI, editado por Ellaine Martins e Anik Assunção, 2018.

APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DA EXPOSIÇÃO ITINERANTE “CASA GRANDE SIMPLÍCIO DIAS: RENDILHAR O PASSADO, CONSTRUIR O FUTURO”

22/03/2018

Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Simplicio Dias: rendilhar o passado, construir o futuro.

Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Simplicio Dias: rendilhar o passado, construir o futuro.

Após responder as perguntas que seguem, você estará contribuindo com o Projeto-ação sob o título “Casa Grande dos Dias da Silva: estudos para adaptação e implantação do Museu da Cidade de Parnaíba, Meio Norte do Brasil”. Trata-se de Trabalho Final de Mestrado associado ao Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí, Câmpus Ministro Reis Veioso, Parnaíba, de autoria da mestranda Elaine Martins Oliveira da Rocha. Você estará, igualmente, a contribuir com a Exposição Itinerante “Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Simplicio Dias: rendilhar o passado no presente, construir o futuro”.

*Obrigatório

mapm
MESTRADO EM
ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA



1. Nome (Opcativo)

22/02/2018 Casa Grande dos Dias de Silva ou Casarão Símplicio Dias: renhitar o passado, construir o futuro.

2. Idade *

Marcar apenas uma oval.

- Menor de 18 anos
 18 a 25 anos
 26 a 40 anos
 41 a 59 anos
 60 anos ou mais

3. Sexo *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
 Masculino

4. Profissão *

5. Cidade *

Marcar apenas uma oval.

- Parnaíba
 Ilha Grande
 Luís Correia
 Buriti
 Teresina
 Outro: _____

6. Estado *

Marcar apenas uma oval.

- Piauí
 Ceará
 Maranhão
 Outro: _____

7. Se reside em Parnaíba, informe o Bairro

8. Caso tenha residência na cidade de Parnaíba, responda: há quanto tempo?

22/02/2018 Casa Grande dos Dias de Silva ou Casarão Símplicio Dias: renhitar o passado, construir o futuro.

9. O que você considera patrimônio? (Pode marcar quantos itens quiser) *

Marque todas que se aplicam.

- Uma Casa
 Um Veículo
 Objetos Pessoais
 Outro: _____

10. O que você considera patrimônio cultural de uma cidade? (Pode marcar quantos itens quiser) *

Marque todas que se aplicam.

- Praças
 Igrejas
 Edificações Antigas
 Rio
 Mar
 Experiências de Vida
 Profissões
 Celebrações Religiosas
 Outro: _____

11. Quais lugares da cidade de Parnaíba chamam mais a sua atenção? *

12. A cidade de Parnaíba é patrimônio cultural. Esta afirmação tem algum significado para você? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

13. Você conhece a Casa Grande dos Dias de Silva ou Casarão Símplicio Dias? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

14. Caso não conheça, qual motivo?

22/03/2018 Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Símplico Dias: revivificar o passado, construir o futuro.

15. **Você gostaria de conhecer a Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Símplico Dias? ***
 Marcar apenas uma oval.

Sim
 Não
 Já conheço

16. **Há alguma relação entre a História da Cidade de Parnaíba e a Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Símplico Dias? ***
 Marcar apenas uma oval.

Sim
 Não
 Não sei

17. **Você sabe o que funciona hoje na Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Símplico Dias? ***
 Marcar apenas uma oval.

Sim
 Não

18. **Quais atividades você gostaria que fossem realizadas na Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Símplico Dias? ***
 Marcar apenas uma oval.

Museu da Cidade de Parnaíba
 Centro Cultural
 Repartição Pública
 Outro: _____

19. **Você acredita que a Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Símplico Dias seria um bom local para a realização de atividades sociais, culturais, educativas? ***
 Marcar apenas uma oval.

Sim
 Não

20. **Você acredita que pode colaborar com a preservação do patrimônio cultural da cidade onde mora? ***
 Marcar apenas uma oval.

Sim
 Não

21. **Você sabe como pode colaborar com a preservação do patrimônio cultural da cidade onde mora? ***
 Marcar apenas uma oval.


Sim
 Não

22/03/2018 Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Símplico Dias: revivificar o passado, construir o futuro.

22. **Você possui memórias relacionadas à Casa Grande dos Dias da Silva ou Casarão Símplico Dias? ***
 Marcar apenas uma oval.

Sim
 Não

Obrigada por responder às perguntas! Sua contribuição foi muito importante e valiosa para o nosso trabalho!

Powered by


https://docs.google.com/forms/d/1ba5g8FvWUfMoc163_ZvPTZlhmno3ZLguU079UVDeoYied17ta#5e256363

APÊNDICE D – FICHAS DA EXPOSIÇÃO “CASA GRANDE DOS DIAS DA SILVA: RENDILHAR O PASSADO, CONSTRUIR O FUTURO”

1. FICHA DE ABERTURA



Exposição Casa Grande Simplicio Dias

Rendilhar o passado, Construir o futuro

A exposição “Projeto de Adaptação da Casa Grande Simplicio Dias: estudos para implantação do Museu da Cidade de Parnaíba, Meio Norte do Brasil”, com curadoria da mestrandia Ellaine Martins Oliveira da Rocha, sob orientação da Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro, é parte dos produtos e serviços associados ao Trabalho Final de Mestrado | Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Reis Veloso, Parnaíba, Piauí.

A exposição é itinerante e pretende ser um instrumento de interação, diálogo com diversos públicos sobre as noções de museu, patrimônio cultural, tombamento, preservação, reabilitação e adaptação de espaços urbanos protegidos, de forma a permitir uma conexão com uma edificação específica, tombada e localizada no Centro Histórico da cidade de Parnaíba, Piauí - a Casa Grande dos Dias da Silva, mais conhecida como Casarão Simplicio Dias.

Pretendemos suscitar diálogos e interagir com residentes e visitantes de Parnaíba, o que inclui estudantes, professores, artistas, comerciantes e comerciários, empresários, agentes públicos e privados etc., com o desejo de significar e ressignificar os olhares sobre a cidade de Parnaíba, Patrimônio Nacional desde 2008.

Ellaine Martins | Áurea Pinheiro

Expografia
Ellaine Martins
Anik Assunção

Curadoria
Ellaine Martins
Anik Assunção
Áurea Pinheiro


Realização
Ellaine Martins
Anik Assunção

Apoio
Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia - UFPi
Sesc - União Caixeiral
Parnaíba Shopping

2. FICHA MEMÓRIA

Pressione para sair do modo tela cheia

Memória



Exposição Casa Grande Símplicio Dias
Rendilhar o passado, Construir o futuro


É a capacidade que qualquer pessoa tem de atualizar lembranças de tempos passados no presente. A memória está em constante trabalho.

A atualização da memória está relacionada a constituição do patrimônio cultural e ao seu reconhecimento como de relevância para a comunidade. Os bens culturais marcas da memória, que permitem que o passado interaja com o presente, permitindo a afirmação de identidades.

3. FICHA MUSEU

Museu?!

Você conhece algum?



Exposição Casa Grande Símplicio Dias
Rendilhar o passado, Construir o futuro

Consideram-se museus as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Museu não é um espaço apenas de objetos antigos sem uso, mas um espaço de lazer, memória, aprendizado e desenvolvimento social, econômico e educativo.

Sendo assim, você conhece algum Museu em Parnaíba?

Seria possível um local assim na cidade?

4. FICHA PATRIMÔNIO CULTURAL

O que é Patrimônio Cultural?



Exposição Casa Grande Simplicio Dias
Rendilhar o passado, Construir o futuro

A palavra Patrimônio tem origem do latim "pater", que significa "pai" e está relacionada ao que é passado de pai para filho, bens e riquezas de uma pessoa ou família.

Ao longo do tempo, o conceito de patrimônio passou do individual para o coletivo; hoje é entendido como patrimônio cultural - um conjunto de bens materiais e imaterial que fazem sentido para as pessoas de uma dada sociedade, um conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade de uma comunidade, bens, materiais e imateriais, naturais ou construídos, que uma comunidade possui e consegue preservar.

5. FICHA PRESERVAÇÃO X CONSERVAÇÃO

Preservar?! Conservar?! Porque?



Exposição Casa Grande Simplicio Dias
Rendilhar o passado, Construir o futuro

Preservar é manter um bem no estado físico em que se encontra e buscar a desaceleração de sua degradação, visando prolongar e salvaguardar o patrimônio cultural.

Mas porque preservar?

A memória coletiva se materializa em lembranças que as pessoas têm de suas vivências em comunidade, transmitidas de geração a geração.

A preservação permite a atualização das memórias garantindo às gerações o direito à memória, à cultura, à educação, a melhores condições de vida.

"Só se preserva aquilo que se ama e só se ama aquilo que se conhece"

6. FICHA TOMBAMENTO

Tombamento O que significa?



Exposição Casa Grande Simplicio Dias
Rendilhar o passado, Construir o futuro

Tombamento é um instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal. Esta ação consiste no registro e salvaguarda de bens que são considerados patrimônio cultural de uma comunidade.

O tombamento pode acontecer não apenas em um bem, mas também em um sítio histórico, como acontece com a cidade de Parnaíba. Onde uma determinada zona foi definida como área de importância histórica nacional.

Você sabe qual limite deste tombamento na cidade de Parnaíba?

7. FICHA CONJUNTOS DO TOMBAMENTO DE PARNAÍBA



8. FICHA CASA GRANDE SIMPLÍCIO DIAS



Casa Grande Simplício Dias

Em Parnaíba, a segunda metade do século XVIII marcou o início de seu desenvolvimento econômico nos moldes europeus, associado diretamente à economia do charque trazida pelo comerciante português Domingos Dias da Silva, fundador do Porto das Barcas, antigo Porto Salgado, ancoradouro de embarcações que levavam e traziam produtos internos, nacionais e estrangeiros. Os Dias da Silva foram exploradores pioneiros da região às margens do rio Igarauçu, sobretudo, nos ramos comercial e agrícola.

Simplício Dias da Silva, filho de Domingos Dias da Silva, se tornou rico fazendeiro e dominou a cena política e econômica da antiga Vila de São João da Parnaíba. Chegou a Presidente da Província do Piauí e destacou-se como maçom. Era proprietário de terras e de escravos, construiu um complexo patrimonial familiar, dentre eles um Sobrado em estilo português, onde residiu com a família.

A edificação em estilo colonial, data do século XVIII e é considerada uma das mais antigas, emblemáticas da cidade e já estava presente na cartografia de 1809. O Sobrado foi construído em três pavimentos: o térreo destinado ao comércio e os andares superiores ao convívio da família.

Assim como outras edificações de seu tempo, segue o padrão de alinhamento rente ao passeio e sem afastamento dos lotes vizinhos. A espessura das paredes demonstra o uso da pedra na estruturação da alvenaria. No telhado, a estrutura é em carnaúba com cobertura em telha cerâmica do tipo canal. Destaca-se, incrustada na quinta da edificação, o oratório em estilo rococó fabricado em pedra lioz portuguesa. Apesar de seu primeiro uso ter sido residencial, o Sobrado foi utilizado de outras maneiras no decorrer dos anos, desde o uso comercial até a compra para ser restaurado com recursos públicos federais (2010-2012), por meio de um convênio firmado entre o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, Ministério da Cultura - MinC, Prefeitura Municipal de Parnaíba, com recursos do Plano de Aceleração do Crescimento - Cidades Históricas - PACH, e entregue à gestão da Prefeitura de Parnaíba (2013). O intuito inicial da restauração era transformar a edificação em "Sobrado do Museu Simplício Dias". Hoje, o edifício é usado como sede da Superintendência de Cultura do Município de Parnaíba e Escritório Técnico da Superintendência do Iphan no Piauí.

9. FICHA PARNAÍBA: PATRIMÔNIO VIVO, CIDADE VIVA

Pressione **Esc** para sair do modo tela cheia

Parnaíba: Patrimônio Vivo, Cidade Viva

MAPOM
MAPA PROJETO MATRIZ
MPAFM

Exposição Casa Grande Simplício Dias
Rendilhar o passado, Construir o futuro

A cidade de Parnaíba possui um rico e complexo conjunto histórico e paisagístico, que a credencia a ser um museu a céu aberto; são casarões datados de meados do século XVIII, modos de saber-fazer, lugares, celebrações, formas de expressão que caracterizam a paisagem cultural do território. O Centro Histórico de Parnaíba abriga aproximadamente 800 edificações dentro do perímetro de tombamento.

A região possui uma importância não apenas por seu conjunto patrimonial, mas também por sua relevância ambiental, patrimônio natural protegido por se tratar de uma Área de Proteção Ambiental - APA Delta do Parnaíba.

O projeto "Parnaíba: patrimônio vivo, cidade viva" é idealizado e coordenado pelo Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM). O substrato do trabalho firma-se em um conjunto de projetos, programas e ações para intervenções de natureza social, educativa e cultural no Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba.

Os projetos que constituem o projeto matriz, exemplificado no mapa acima, têm como objetivo sensibilizar os residentes e visitantes para a importância e riqueza do patrimônio cultural, oferecendo meios para o conhecerem, de forma a possibilitar o despertar de sentimentos de afetividade e pertença.

Entendemos que propor mudanças no que refere à preservação do patrimônio cultural é oferecer qualidade de vida para as pessoas que residem ou poderão residir, trabalhar e se divertir no Centro da Cidade de Parnaíba.

10. PATRIMÔNIO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Patrimônio como recurso X Desenvolvimento Local



Exposição Casa Grande Simplicio Dias
Resolvido o passado, Construído o futuro.



Para Hugues de Varine (2013, p.19), o território é produto da história natural e humana do lugar, e as condições para o seu desenvolvimento e de seus componentes patrimoniais decorrem dessa história. Esses componentes compreendem a paisagem, os fatores favoráveis e desfavoráveis à vida dos homens, suas atividades sociais e econômicas, a linguagem, as crenças, e os ritmos da vida cotidiana do lugar.

11. PATRIMÔNIO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Patrimônio como recurso X Desenvolvimento Local



Exposição Casa Grande Simplicio Dias
Resolvido o passado, Construído o futuro.

O patrimônio, seja ele natural ou cultural, é um recurso local, que está ao alcance de todos, um capital herdado, que todos temos o dever de fazer viver, produzir, transformar, e transmitir às futuras gerações. Nosso patrimônio pertenceu ao passado, tem história, memória e conhecimento de nossos antepassados; faz parte do presente, na medida em que fazemos/damos novos usos a ele, mantendo-o vivo; e deve ser conservado para que as futuras gerações conheçam e possam tirar proveito deste.

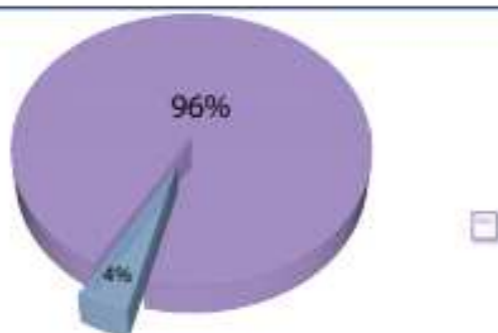
“O desenvolvimento local, mesmo considerado em sua dimensão econômica, é antes de tudo um assunto de atores, e, sobretudo, de **atores locais**: políticos e funcionários, trabalhadores, quadros e dirigentes de empresas que são membros de uma comunidade de vida e de cultura da qual compartilham - mesmo quando chegados há pouco ou quando são “veranistas”, ou residentes temporários.” (VARINE, 2013, p.18).

12. PATRIMÔNIO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Patrimônio como recurso X Desenvolvimento Local



Exposição Casa Grande Simplicio Dias
Rendê-lo o passado, Construa o futuro



Segundo dados levantados em diagnóstico realizado pela 3ª turma do Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia (2017), 96% dos usuários/residentes do Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba se sentem **responsáveis** pela preservação do Patrimônio da cidade. Frente a essa realidade, e tendo em vista a importância do envolvimento da comunidade para o desenvolvimento local e a gestão do patrimônio, **o que você propõe como estratégia para o uso do patrimônio como recurso para esse desenvolvimento?**

13. PARNAÍBA, PAISAGEM CULTURAL

Parnaíba, Paisagem Cultural?



Exposição Casa Grande Simplicio Dias
Rendê-lo o passado, Construa o futuro

Segundo o órgão de proteção federal, IPHAN, a Paisagem Cultural é a porção territorial onde é possível estabelecer um convívio harmonioso entre o ser humano e a natureza, entre o espaço edificado de vivência humana, os modos de saber-fazer, as manifestações culturais e sociais em sentido amplo, havendo uma convivência integrada e intimamente conectada, que permite a construção e reconhecimento de identidades.

Ao caminharmos pelas ruas estreitas e de traçado reticulado de Parnaíba, percebemos a relação entre a morfologia da cidade e sua história. Em cada esquina é possível nos transportarmos para um passado longínquo, aguçando nossa memória e imaginação, nos fazendo reviver hábitos e costumes esquecidos ao longo do tempo.

E você? Consegue ver Parnaíba como uma Paisagem Cultural?

CONVITE PARA EXPOSIÇÃO

CONVITE



O Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí - Campus Parnaíba convida para Exposição "Casa Grande Simplicio Dias: rendilhar o passado, construir o futuro, que acontecerá entre os dias 07 e 11 de Janeiro de 2018.

Quadrilhódromo: dia 07 de Janeiro de 2018, de 17:00 às 20:00.
 Parnaíba Shopping: dias 08 e 09 de Janeiro de 2018, de 10:00 às 21:00.
 Sesc Caixeiral: dias 10 e 11 de Janeiro de 2018, de 09:00 às 19:00.

Aguardamos a todos.

napm
 MESTRADO EM
 ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

CONVITE PARA RODA DE CONVERSA

CONVITE

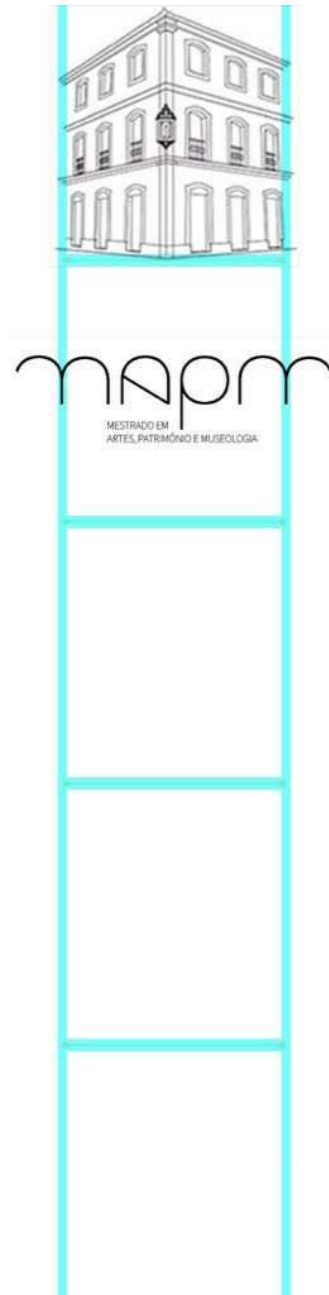


O Programa de Pós-graduação em Artes Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí - Campus Parnaíba tem o prazer de convidar a Vossa Senhoria para a roda de conversa da Exposição "Casa Grande Simplicio Dias: rendilhar o passado, construir o futuro, que acontecerá no café do Sesc Caixeiral dia 11 de Janeiro de 2018 às 18:00.

Contamos com sua presença.

napm
 MESTRADO EM
 ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA

CONVITE PARA ATIVIDADE COM CRIANÇAS



CONVITE

QUER CONHECER UM POUCO MAIS SOBRE A HISTÓRIA DE PARNAÍBA E SE DIVERTIR AO MESMO TEMPO? QUE TAL DESENHAR E DESCOBRIR UM POUCO DA SUA CIDADE? VENHA NOS AJUDAR A RENDILHAR ESSA HISTÓRIA!!!!

A EXPOSIÇÃO "CASA GRANDE SIMPLÍCIO DIAS: RENDILHAR O PASSADO, CONSTRUIR O FUTURO" PROMOVIDA PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS PARNAÍBA CONVIDA AS CRIANÇAS DA CIDADE PARA CONHECER UM POUCO MAIS SOBRE A SUA HISTÓRIA.

**LOCAL: PARNAÍBA SHOPPING
DIAS 08 E 09 DE JANEIRO, DE 17:00 às 18:00.**

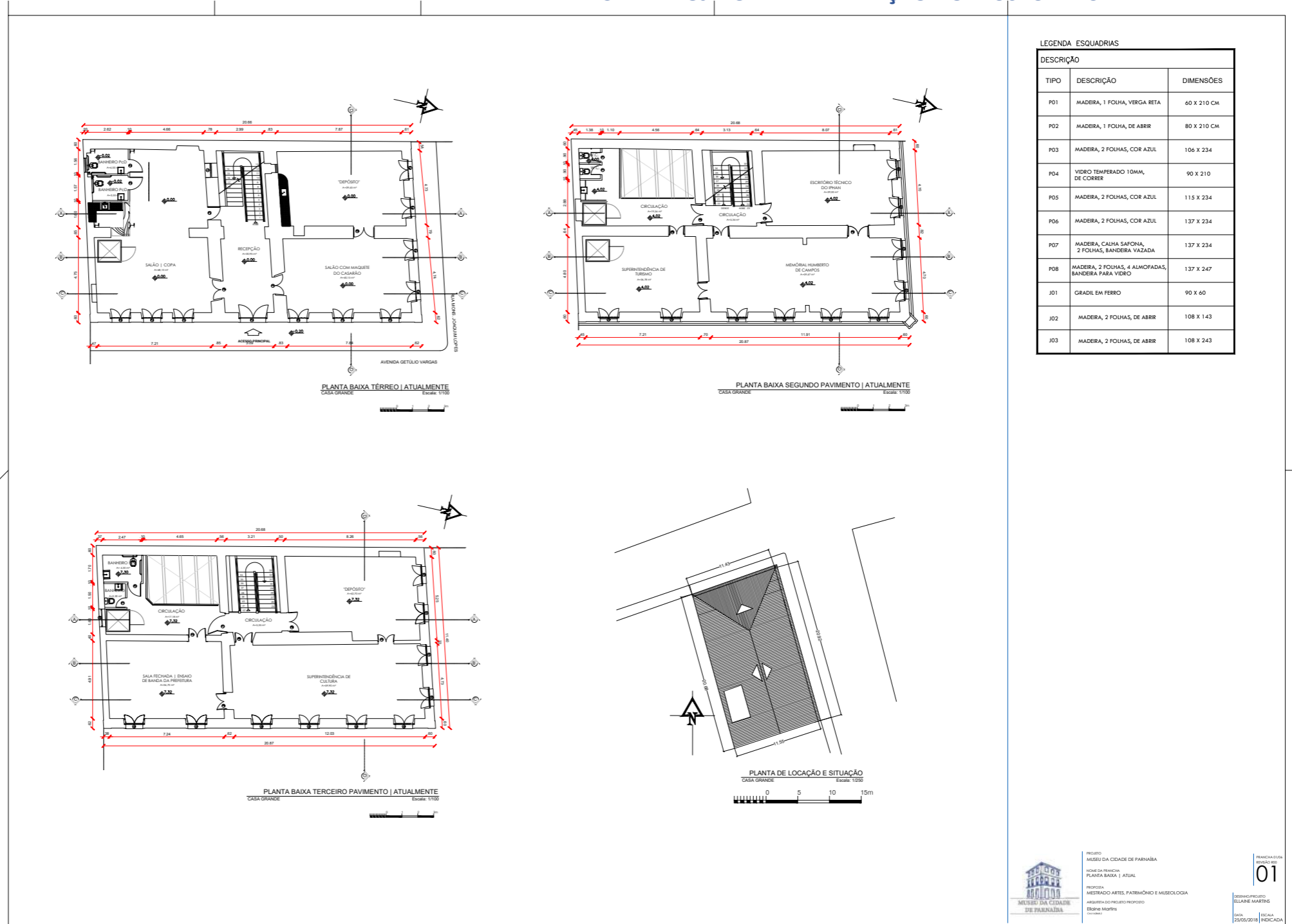
Arte por Ellaine Martins e Anik Assunção

FOTOS UTILIZADAS NA EXPOSIÇÃO



Fonte: Grupo Parnaíba das Antigas | Disponibilizados por Helder Fontenele.

APÊNDICE E - PROJETO DE REABILITAÇÃO DO MUSEU DA CIDADE DE PARNAÍBA



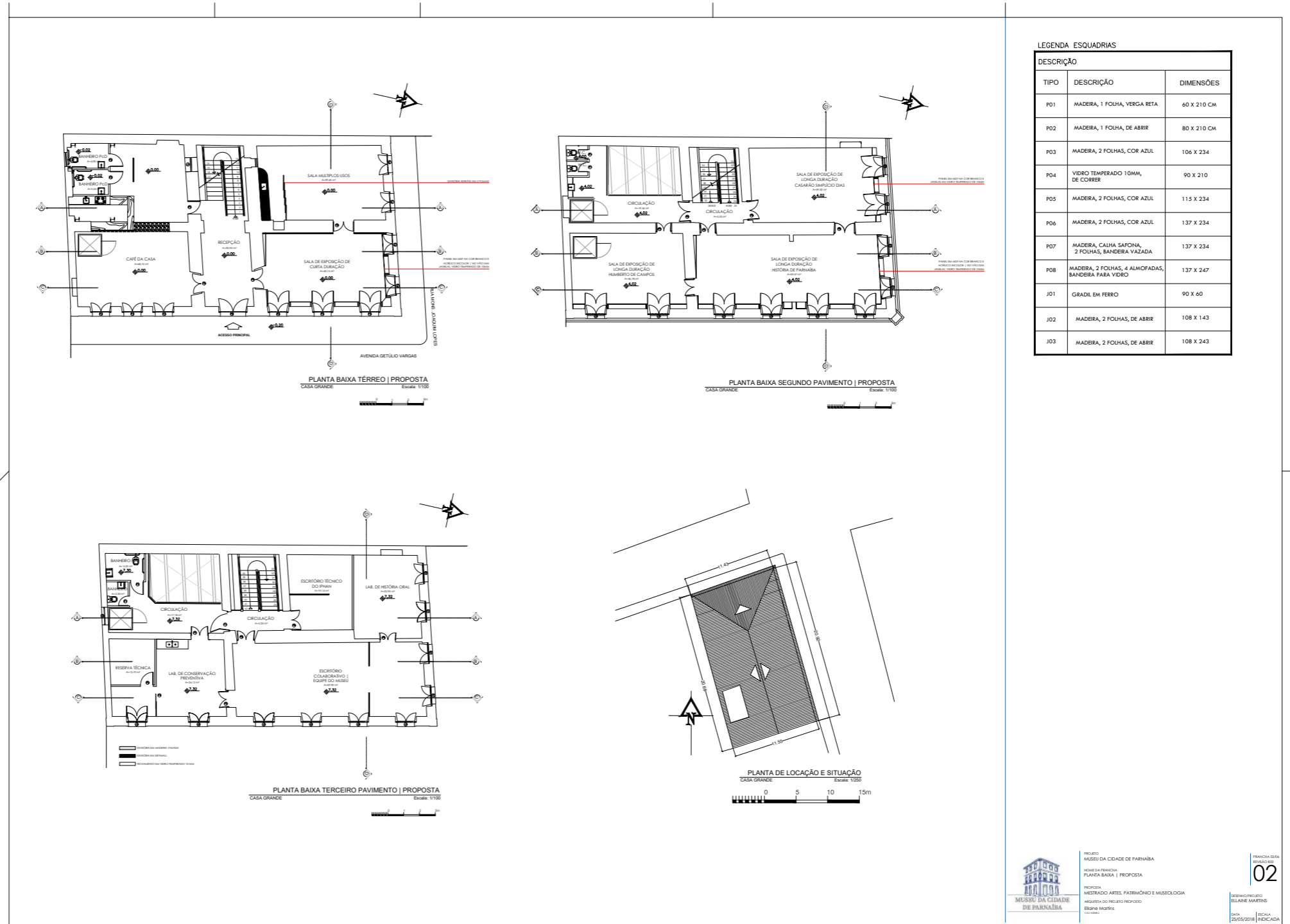
LEGENDA ESQUADRIAS

DESCRIÇÃO		
TIPO	DESCRIÇÃO	DIMENSÕES
P01	MADERA, 1 FOLHA, VERGA RETA	60 X 210 CM
P02	MADERA, 1 FOLHA, DE ABRIR	80 X 210 CM
P03	MADERA, 2 FOLHAS, COR AZUL	106 X 234
P04	VIDRO TEMPERADO 10MM, DE CORRER	90 X 210
P05	MADERA, 2 FOLHAS, COR AZUL	115 X 234
P06	MADERA, 2 FOLHAS, COR AZUL	137 X 234
P07	MADERA, CALHA SAFONA, 2 FOLHAS, BANDERA VAZADA	137 X 234
P08	MADERA, 2 FOLHAS, 4 ALMOFADAS, BANDERA PARA VIDRO	137 X 247
J01	GRADIL EM FERRO	90 X 60
J02	MADERA, 2 FOLHAS, DE ABRIR	108 X 143
J03	MADERA, 2 FOLHAS, DE ABRIR	108 X 243



PROJETO
MUSEU DA CIDADE DE PARNAÍBA
SITIO DA FRANCHA
PLANTA BAIXA | ATUAL
PROPOSTA
ABRILHADO ARTEL, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
Eliane Martins

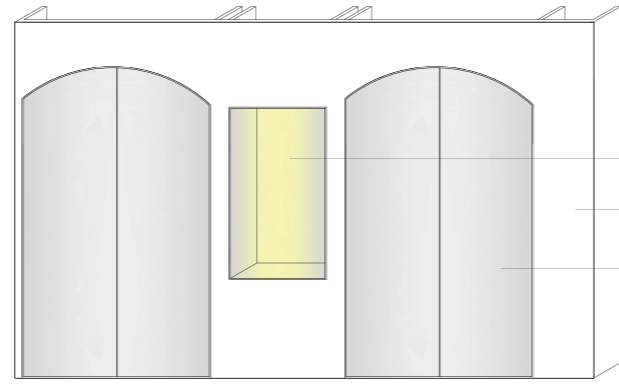
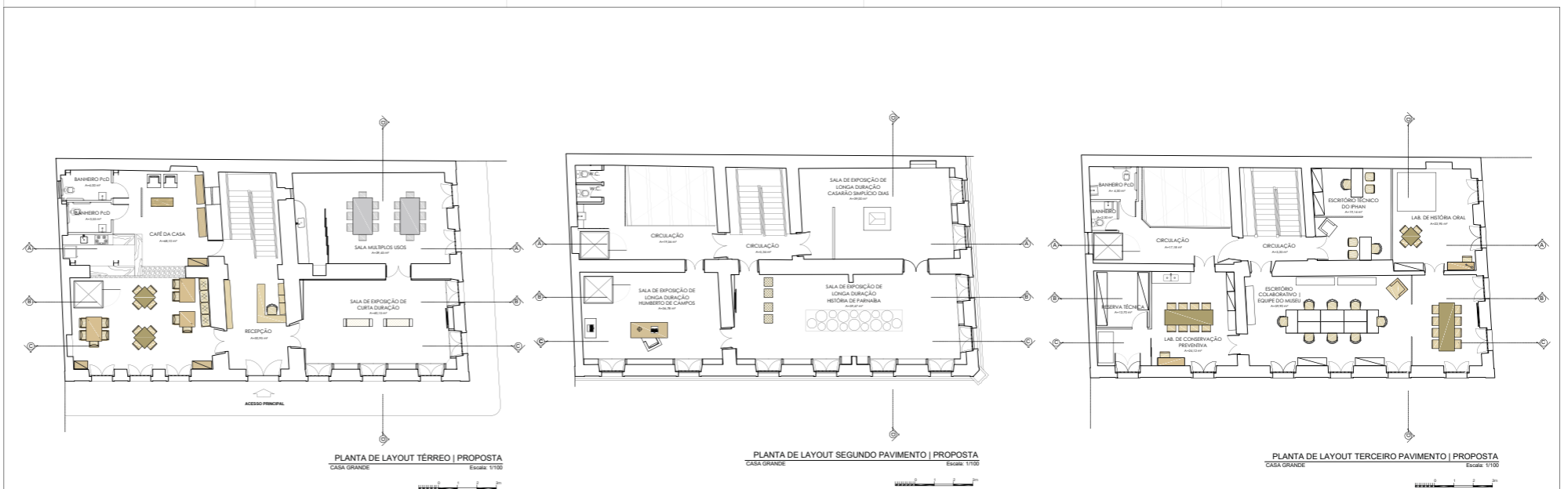
FRANCHA 01
01
DATA: 25/03/2018
SITIO: INDICADA



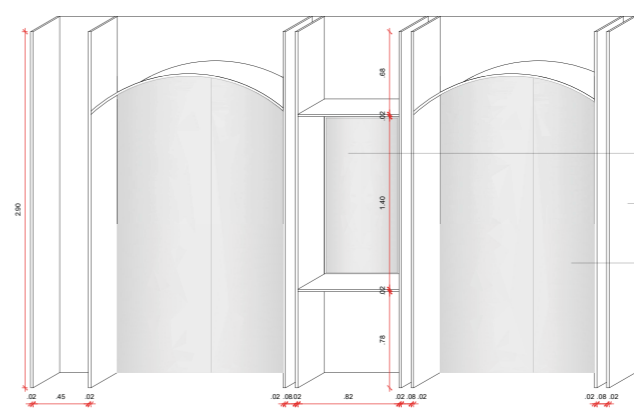
LEGENDA ESQUADRIAS		
DESCRIÇÃO		
TIPO	DESCRIÇÃO	DIMENSÕES
P01	MADERA, 1 FOLHA, VERGA RETA	60 X 210 CM
P02	MADERA, 1 FOLHA, DE ABRIR	80 X 210 CM
P03	MADERA, 2 FOLHAS, COR AZUL	106 X 234
P04	VIDRO TEMPERADO 10MM, DE CORRER	90 X 210
P05	MADERA, 2 FOLHAS, COR AZUL	115 X 234
P06	MADERA, 2 FOLHAS, COR AZUL	137 X 234
P07	MADERA, CALHA SAFONA, 2 FOLHAS, BANDEIRA VAZADA	137 X 234
P08	MADERA, 2 FOLHAS, 4 ALMOFADAS, BANDEIRA PARA VIDRO	137 X 247
J01	GRADIL EM FERRO	90 X 60
J02	MADERA, 2 FOLHAS, DE ABRIR	108 X 143
J03	MADERA, 2 FOLHAS, DE ABRIR	108 X 243



PROJETO: MUSEU DA CIDADE DE PARNÁIBA
 NOME DA PRONOME: PLANTA BAIXA | PROPOSTA
 PROPOSTA: MESTRADO ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
 AQUISIÇÃO DO PROJETO PROPOSTO: Elaine Martins
 DATA: 24/05/2018



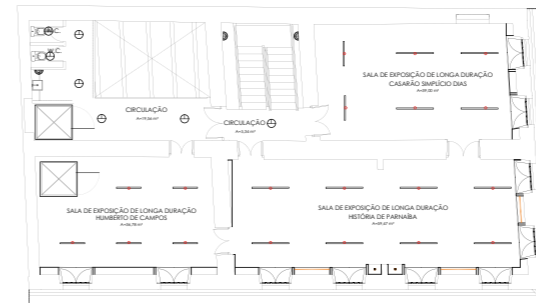
DETALHES DA PARTE EXTERNA DO PAINEL
SALA DE EXPOSIÇÕES Escala: 1/25



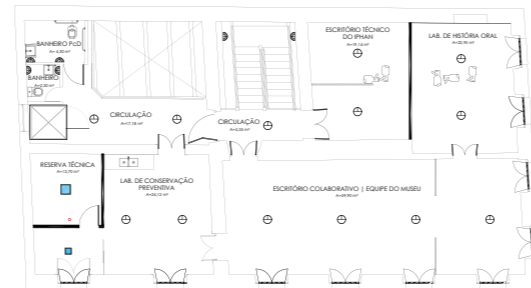
DETALHES DA PARTE INTERNA DO PAINEL
SALA DE EXPOSIÇÕES Escala: 1/25



PLANTA DE ILUMINAÇÃO TÉRREO | PROPOSTA
CASA GRANDE Escala: 1/100



PLANTA DE ILUMINAÇÃO SEGUNDO PAVIMENTO | PROPOSTA
CASA GRANDE Escala: 1/100



PLANTA DE ILUMINAÇÃO TERCEIRO PAVIMENTO | PROPOSTA
CASA GRANDE Escala: 1/100

LEGENDA LUMINÁRIAS

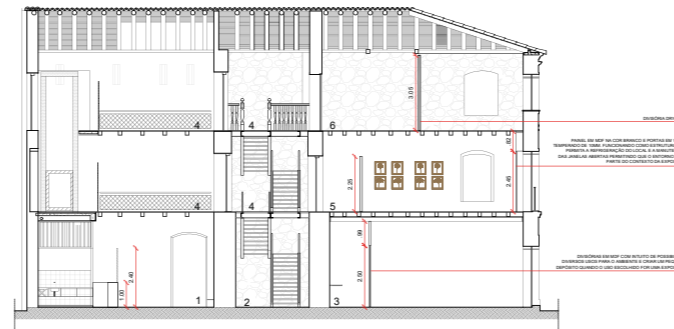
DESCRIÇÃO	SÍMBOLO	LUMINÁRIAS/ LÂMPADAS
		PENDETE JÁ EXISTENTE
		PENDETES A SEREM ACRESCENTADOS
		LUMINÁRIA FIXADA EM BARROTE JÁ EXISTENTE
		ABANDELA JÁ EXISTENTE
		PONTO DE ILUMINAÇÃO EXISTENTE QUE FOI RELOCADO
		TRILHO DE 1,5 M COM 3 SPOTS PARA PAR 30 OU AR 111 DE LED
		TRILHO 1,0 M COM 3 SPOTS PARA PAR 30 OU AR 111 DE LED
		LUMINÁRIA DE LED EMBUTIR 30X30 QUADRADA 24W 3000K
		LUMINÁRIA DE LED EMBUTIR 22,5X22,5 QUADRADA 18W 3000K
		LUMINÁRIA DE PISO DE LED AR111
		PENDETE DECORATIVO
		RITA DE LED DIMENSIONAR DRIVERS E CONECTORES
		SPOT DE EMBUTIR MINIDICROICA LED 3,5W 2700K



PROJETO: MUSEU DA CIDADE DE PARNAÍBA
SOLICITAÇÃO: PLANTA DE ILUMINAÇÃO | PROPOSTA
PROPOSTA: MESTRADO ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
AUTORIA DO PROJETO PROPOSTO: Elaine Martins

FRANCIADORA
PROJETO: 04

DESENVOLVIDO POR: ELAINE MARTINS
DATA: 25/05/2018
ESCALA: INDICADA



1. CAFÉ DA CASA
2. RECEPÇÃO
3. SALA MULTIPLOS USOS
4. CIRCULAÇÃO
5. SALA DE EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO | CASA GRANDE
6. ESCRITÓRIO TÉCNICO DO IPHAN
7. LAB. DE HISTÓRIA ORAL | PESQUISA

CORTE AA
CASA GRANDE | Escala: 1/100



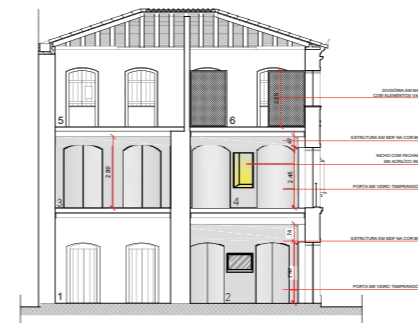
1. CAFÉ DA CASA
2. RECEPÇÃO
3. SALA DE EXPOSIÇÃO DE CURTA DURAÇÃO
4. SALA DE EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO | HUMBERTO DE CAMPOS
5. SALA DE EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO | PARNAIBA
6. RESERVA TÉCNICA
7. LAB. DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA
8. ESCRITÓRIO COLABORATIVO | EQUIPE MUSEU

CORTE BB
CASA GRANDE | Escala: 1/100



1. SALA DE EXPOSIÇÃO DE CURTA DURAÇÃO
2. RECEPÇÃO
3. CAFÉ DA CASA
4. SALA DE EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO | PARNAIBA
5. SALA DE EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO | HUMBERTO DE CAMPOS
6. ESCRITÓRIO COLABORATIVO | EQUIPE MUSEU
7. LAB. DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA
8. RESERVA TÉCNICA | QUARENTENA

CORTE CC
CASA GRANDE | Escala: 1/100



1. SALA DE MULTIPLOS USOS
2. SALA DE EXPOSIÇÃO DE CURTA DURAÇÃO
3. SALA DE EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO | CASA GRANDE
4. SALA DE EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO | PARNAIBA
5. LAB. DE HISTÓRIA ORAL
6. ESCRITÓRIO COLABORATIVO | REUNIÃO

CORTE DD
CASA GRANDE | Escala: 1/100



- TODAS AS PAREDES CANTAS DE BRANCO
- PLACA DE ACRILICO COM NOME DO MUSEU C/BS. NECESSARIO AUTORIZAÇÃO DO IPHAN PARA EXECUÇÃO
- TODAS AS PORTAS E JANELAS COM ACABAMENTO EMALTE NA COR AZUL MAR - UNIVERSO DE FICHOE COM PROJETO DE RESTAURAÇÃO DA CASA

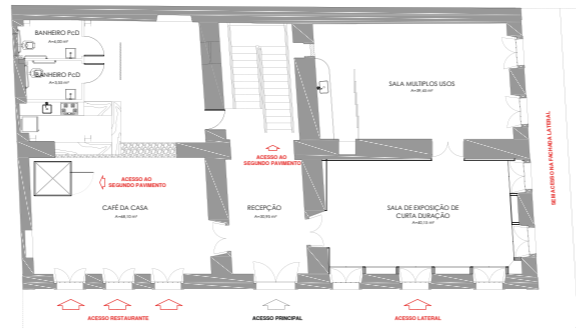
FACHADA PRINCIPAL
CASA GRANDE | Escala: 1/100



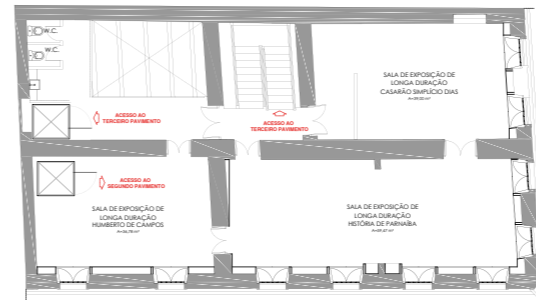
PROJETO:
MUSEU DA CIDADE DE PARNAIBA
NOME DA FACHADA:
CORTE AA | BB | CC | DD | FACHADA PRINCIPAL
PROPOSTA:
MESTRADO ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
AUTORIA DO PROJETO PROPOSTO:
Elaine Martins
DATA:
25/05/2018
ESCALA:
INDICADA

FRANCISSCA
PROJETO
05

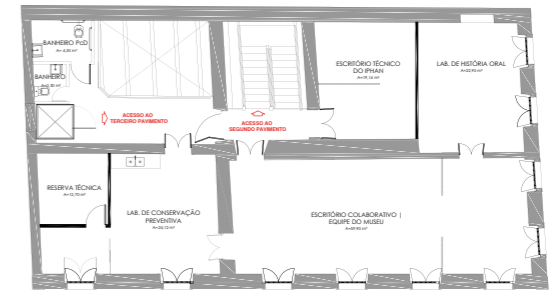
REVISÃO PROJETO
ELIANE MARTINS
DATA:
25/05/2018
ESCALA:
INDICADA



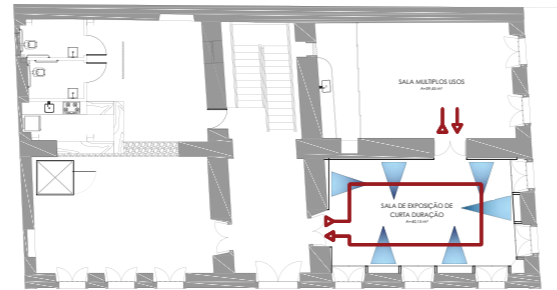
PLANTA DE ACESSO TÉRREO | PROPOSTA
CASA GRANDE
Escala: 1/100



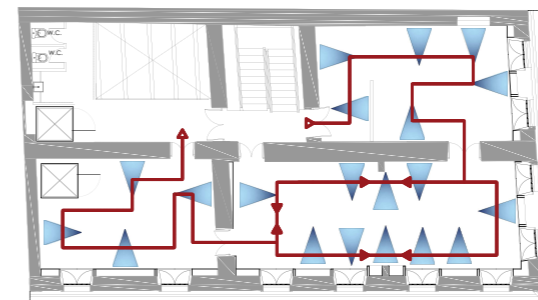
PLANTA DE ACESSO SEGUNDO PAVIMENTO | PROPOSTA
CASA GRANDE
Escala: 1/100



PLANTA DE ACESSO TERCEIRO PAVIMENTO | PROPOSTA
CASA GRANDE
Escala: 1/100



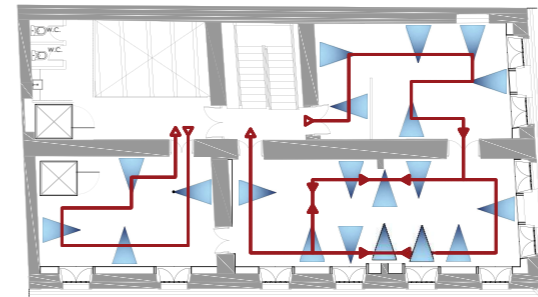
ESTUDO DE FLUXOS TÉRREO | PROPOSTA 01
CASA GRANDE
Escala: 1/100



ESTUDO DE FLUXOS SEGUNDO PAVIMENTO | PROPOSTA 01
CASA GRANDE
Escala: 1/100



ESTUDO DE FLUXOS TÉRREO | PROPOSTA 02
CASA GRANDE
Escala: 1/100



ESTUDO DE FLUXOS SEGUNDO PAVIMENTO | PROPOSTA 02
CASA GRANDE
Escala: 1/100



PROJETO
MUSEU DA CIDADE DE PARNAÍBA
ÁREA DA TRINCHA
PLANTA DE ACESSOS | ESTUDO DE FLUXOS
PROPOSTA
MESTRADO ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA
ANÁLISE DO PROJETO PROPOSTO
Elaine Magalhães

06

DESIGN GRÁFICO
ELLIANE MARTINS
DATA
24/05/2018 | INDICADA

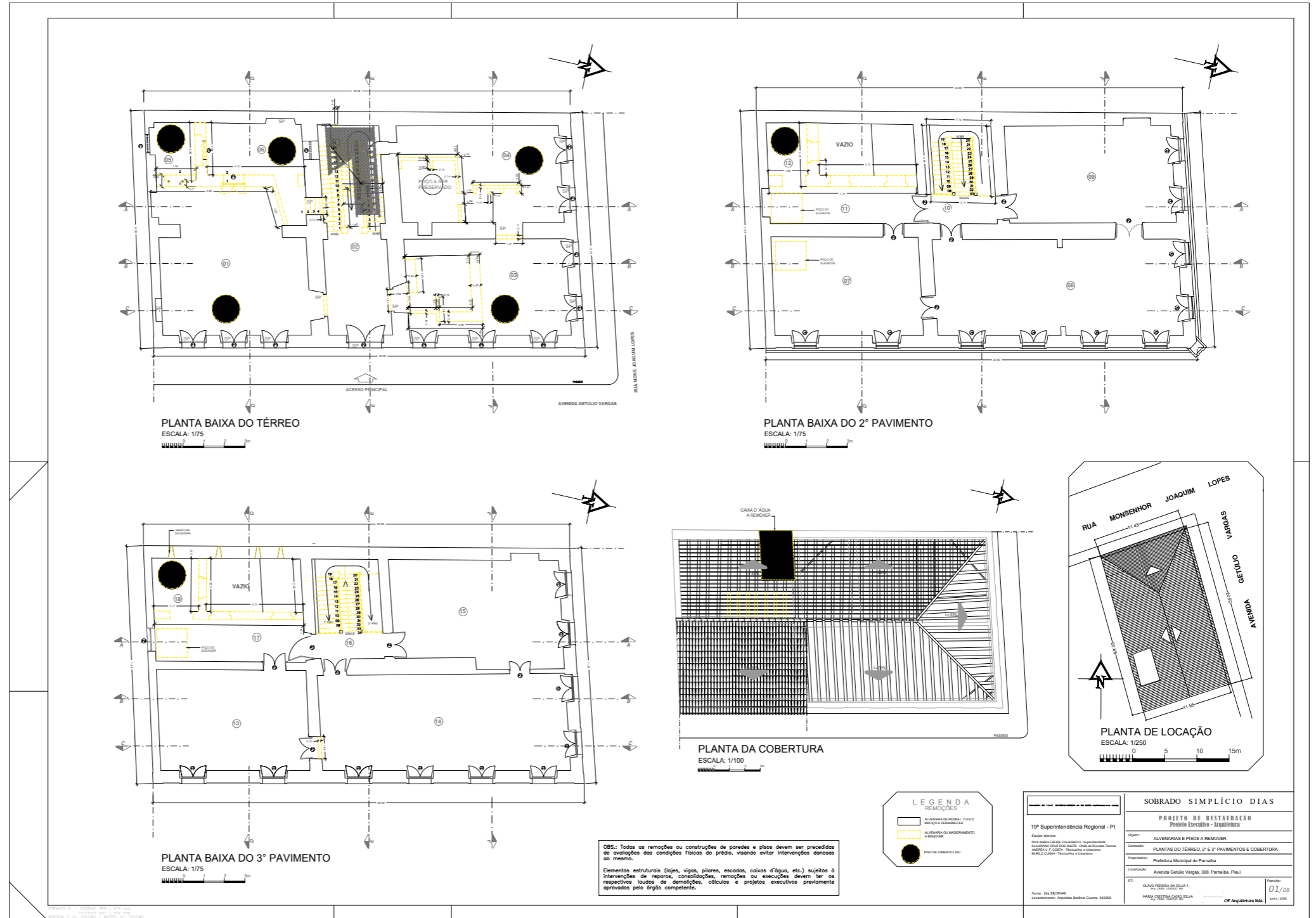
**APÊNDICE F - IMAGENS 3D E PROJETO DE REABILITAÇÃO DO MUSEU DA CIDADE
DE PARNAÍBA**

[arquivo separado- CD]

ANEXOS



ANEXO 01 – PLANTA DE DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO CASA GRANDE – IPHAN



ANEXO 02 – PLANTA BAIXA DO MUSEU E ARQUIVO NA CASA GRANDE – IPHAN

PLANTA BAIXA DO TÉRREO
ESCALA: 1/75

PLANTA BAIXA DO 2º PAVIMENTO
ESCALA: 1/75

PLANTA BAIXA DO 3º PAVIMENTO
ESCALA: 1/75

CORTE AA
ESCALA: 1/75

CORTE BB
ESCALA: 1/75

PLACAS DE SINALIZAÇÃO
ESCALA: 1/3

PLACAS DE FERRO ESMALTADO COM FUNDO AZUL DEL REY E LETRAS BRANCAS

SOBRADO SIMPLÍCIO DIAS	
PROJETO DE RESTAURAÇÃO	
Projeto Executivo - MUSEU/ARQUIVO	
19ª Superintendência Regional - PI Rua Manoel Ribeiro Figueiredo - Superintendência CLAUDIOMAR CRUZ DOS ANJOS - Chefe de Divisão Técnica REGINA V. COSTA - Técnica de Engenharia MARCELO CUNHA - Técnico de Arquitetura e Urbanismo	Objeto: SETORIZAÇÃO / COMUNICAÇÃO VISUAL Conteúdo: PLANTAS DO TÉRREO, 2º E 3º PVTO. E CORTES AA E BB Responsável: Prefeitura Municipal de Parnaíba Localização: Avenida Getúlio Vargas, 308, Parnaíba - Piauí ET: DUPLICADO PARA PLATAFORMA 1 Arquiteto: MARIELLA COLMAGO C. PIRES Escala: 01/01 Data: 10/2008

ANEXO 03 – PLANTA DE CIRCULAÇÃO DO MUSEU E ARQUIVO NA

CASA GRANDE – IRHAN

CASA SIMPLÍCIO DIAS

PROJETO DE RESTAURAÇÃO - MUSEOGRÁFICO

CIRCULAÇÃO

19ª Superintendência Regional - PI

Equipe técnica:

DIVA MARIA FREIRE FIGUEIREDO - Superintendente
CLAUDIANA CRUZ DOS ANJOS - Chefe da Divisão Técnica
MURILO CUNHA - Arquiteto

RT: OLAVO PEREIRA DA SILVA f.
Arq. CREA: 10503/D. MG

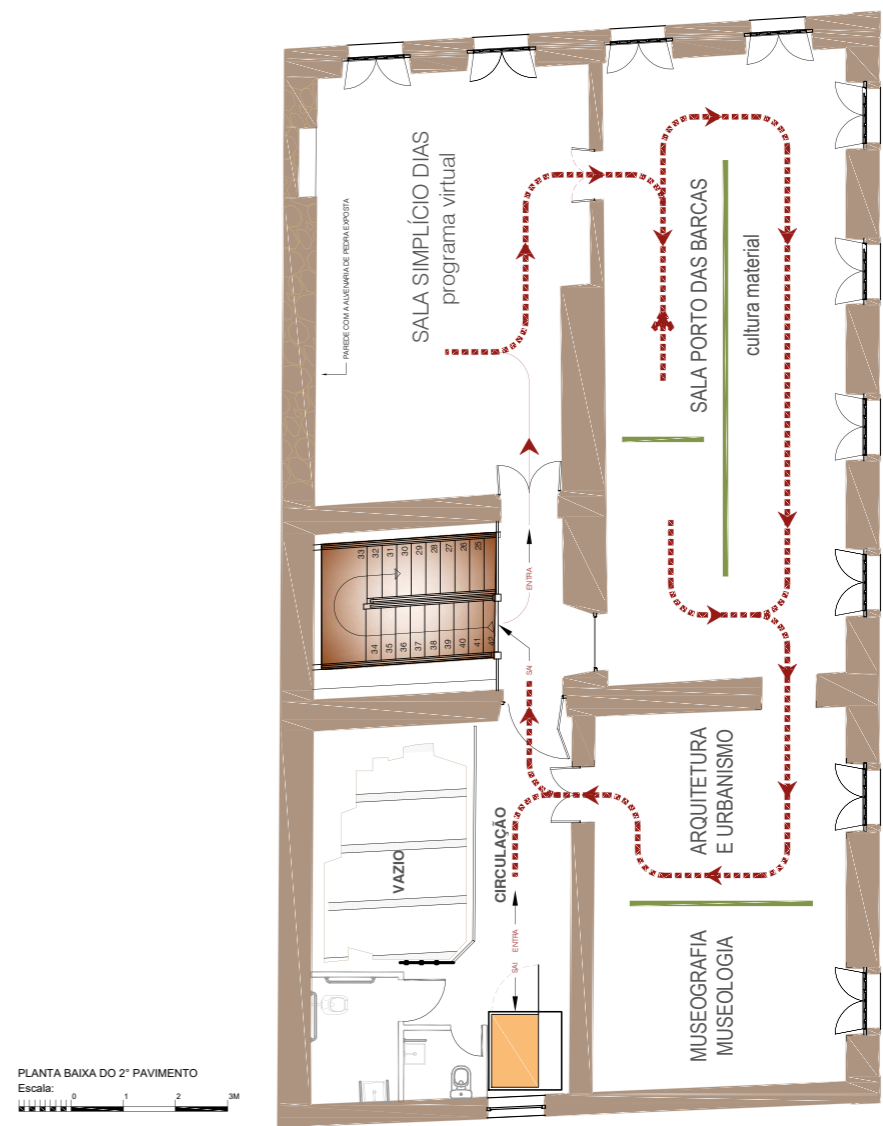
Arqueologia: MARÍLIA COLNAGO COELHO PIRES

OP Arquitetura Ltda.

Prancha:

03 / 04

janeiro / 2009



ANEXO 04 – TERMO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA ENTRE A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ E PREFEITURA MUNICIPAL DE PARNAÍBA.



4 Diário Oficial do Município de Parnaíba - ANO XVIII - Nº 1619 - Caderno Único - 31 de Maio de 2016

EDITAL

ART. 20 - A Análise de Apresentação de cada Quilômetro Quadrado será de 30 minutos, em sessão, e no máximo de 30 minutos. Cada grupo terá um representante de 15 minutos, a serem pagos separadamente.

Parágrafo Único - A Quilômetro Quadrado que permanecer no tempo previsto (15) terá prazo por sessão seguinte.

ART. 21 - Todos os atos de apresentação ao público (em até 20 (vinte) minutos de apresentação de cada Quilômetro Quadrado) e a análise de cada Quilômetro Quadrado serão realizados em 01 (um) dia.

ART. 22 - A comissão será composta por membros de cada Quilômetro Quadrado e de cada Quilômetro Quadrado.

Capítulo V - Das Disposições Gerais

Art. 26 - O prazo de apresentação e entrega de documentos e demais atos necessários para a participação no Edital será de 30 (trinta) dias, a contar da publicação do Edital no Diário Oficial do Município de Parnaíba.

Art. 27 - A comissão será composta por membros de cada Quilômetro Quadrado e de cada Quilômetro Quadrado.

Parágrafo Único - Caso o Edital seja publicado em 01 (um) dia, o prazo de apresentação e entrega de documentos e demais atos necessários para a participação no Edital será de 30 (trinta) dias, a contar da publicação do Edital no Diário Oficial do Município de Parnaíba.

ART. 28 - O Edital será publicado em 01 (um) dia, o prazo de apresentação e entrega de documentos e demais atos necessários para a participação no Edital será de 30 (trinta) dias, a contar da publicação do Edital no Diário Oficial do Município de Parnaíba.

ART. 29 - O Edital será publicado em 01 (um) dia, o prazo de apresentação e entrega de documentos e demais atos necessários para a participação no Edital será de 30 (trinta) dias, a contar da publicação do Edital no Diário Oficial do Município de Parnaíba.

ART. 30 - O Edital será publicado em 01 (um) dia, o prazo de apresentação e entrega de documentos e demais atos necessários para a participação no Edital será de 30 (trinta) dias, a contar da publicação do Edital no Diário Oficial do Município de Parnaíba.

Capítulo VI - Das Disposições Finais

ART. 31 - A comissão será composta por membros de cada Quilômetro Quadrado e de cada Quilômetro Quadrado.

ART. 32 - A comissão será composta por membros de cada Quilômetro Quadrado e de cada Quilômetro Quadrado.

Parnaíba, 27 de maio de 2016.

Márcio José Sousa do Nascimento
Supervisor Municipal de Obras e Serviços

Francisco Filipe dos Santos Bastos
Presidente do I. G. P. Municipal de Parnaíba, Piauí

ACORDO DE COOPERAÇÃO

ESTADO DO PIAUÍ
PREFEITURA MUNICIPAL DE PARNAÍBA
CABINETE DO PREFEITO

ESTADO DO PIAUÍ
PREFEITURA MUNICIPAL DE PARNAÍBA
CABINETE DO PREFEITO

CLÁUSULA PRIMEIRA - OBJETIVO
O presente Acordo de Cooperação Técnica, Científica e Cultural tem por objetivo estabelecer um mecanismo de cooperação técnica, científica e cultural entre a Prefeitura Municipal de Parnaíba e a Universidade Federal do Piauí, visando ao desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão universitária, bem como a realização de eventos acadêmicos, culturais e esportivos.

Parágrafo Único - Este Acordo de Cooperação Técnica, Científica e Cultural não gera vínculo de natureza funcional, nem de emprego, nem de vínculo empregatício, nem de natureza previdenciária, nem de natureza previdenciária, nem de natureza previdenciária.

CLÁUSULA SEGUNDA - ATRIBUIÇÕES DA PREFEITURA MUNICIPAL DE PARNAÍBA
A Prefeitura Municipal de Parnaíba, por meio do Supervisor Municipal de Obras e Serviços, ficará responsável por fornecer a infraestrutura necessária para a realização dos trabalhos de pesquisa, ensino e extensão universitária, bem como a realização de eventos acadêmicos, culturais e esportivos.

CLÁUSULA TERCEIRA - ATRIBUIÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
A Universidade Federal do Piauí, por meio do Departamento de Engenharia Civil, ficará responsável por fornecer a expertise técnica, científica e cultural necessária para a realização dos trabalhos de pesquisa, ensino e extensão universitária, bem como a realização de eventos acadêmicos, culturais e esportivos.

CLÁUSULA QUARTA - RECURSOS FINANCEIROS
O presente Acordo de Cooperação Técnica, Científica e Cultural não gera vínculo de natureza funcional, nem de emprego, nem de vínculo empregatício, nem de natureza previdenciária, nem de natureza previdenciária.

CLÁUSULA QUINTA - VIGÊNCIA
Este Acordo de Cooperação Técnica, Científica e Cultural terá vigência a partir da data de assinatura do presente Acordo de Cooperação Técnica, Científica e Cultural, até o término do prazo de validade do presente Acordo de Cooperação Técnica, Científica e Cultural, ou até o término do prazo de validade do presente Acordo de Cooperação Técnica, Científica e Cultural, ou até o término do prazo de validade do presente Acordo de Cooperação Técnica, Científica e Cultural.

CLÁUSULA SEXTA - DA RESCISÃO DA OBRIGAÇÃO
Este Acordo de Cooperação Técnica, Científica e Cultural poderá ser rescindido a qualquer tempo, sem necessidade de justificativa, por qualquer das partes, sem prejuízo das obrigações já cumpridas.

CLÁUSULA SÉTIMA - FÓRMULA
Este Acordo de Cooperação Técnica, Científica e Cultural foi celebrado em duas vias, de igual teor e forma, uma das quais ficará em poder da Prefeitura Municipal de Parnaíba, e a outra em poder da Universidade Federal do Piauí.

O Prefeito do Município de Parnaíba, Estado do Piauí, em 27 de maio de 2016.

Produto do:

The logo consists of the lowercase letters 'mapm' in a white, elegant, rounded script font. The letters are interconnected, with the 'a' and 'p' sharing a common vertical stem, and the 'm' and 'p' also sharing a common vertical stem. The 'a' and 'm' have a slight upward curve at their top, while the 'p' has a small loop at its top.

MESTRADO
ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA